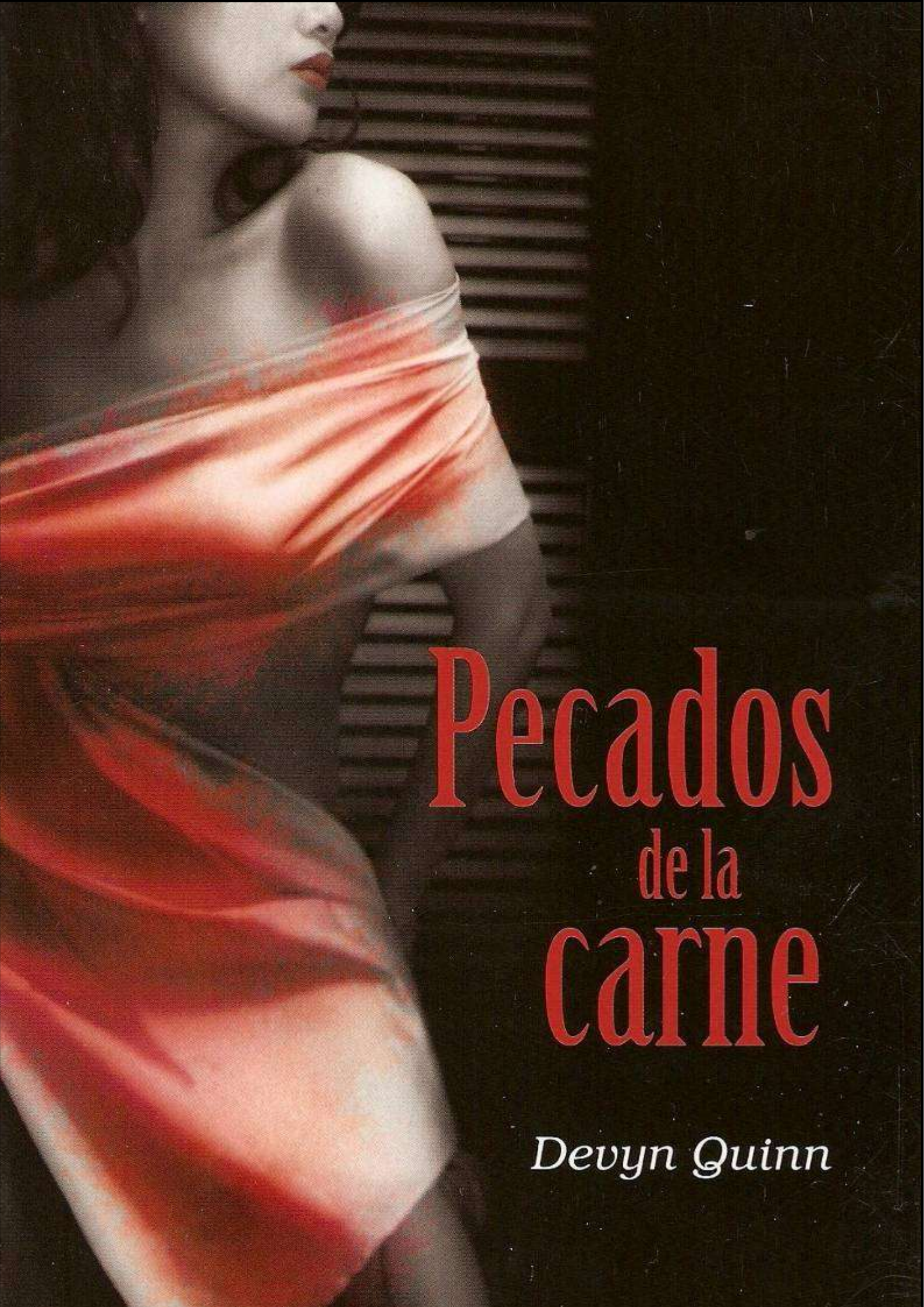


A woman is shown from the chest up, wearing a vibrant red, off-the-shoulder dress. She is looking down and to the right. The background is dark with horizontal lines, possibly a window blind. The overall mood is sensual and mysterious.

Pecados de la carne

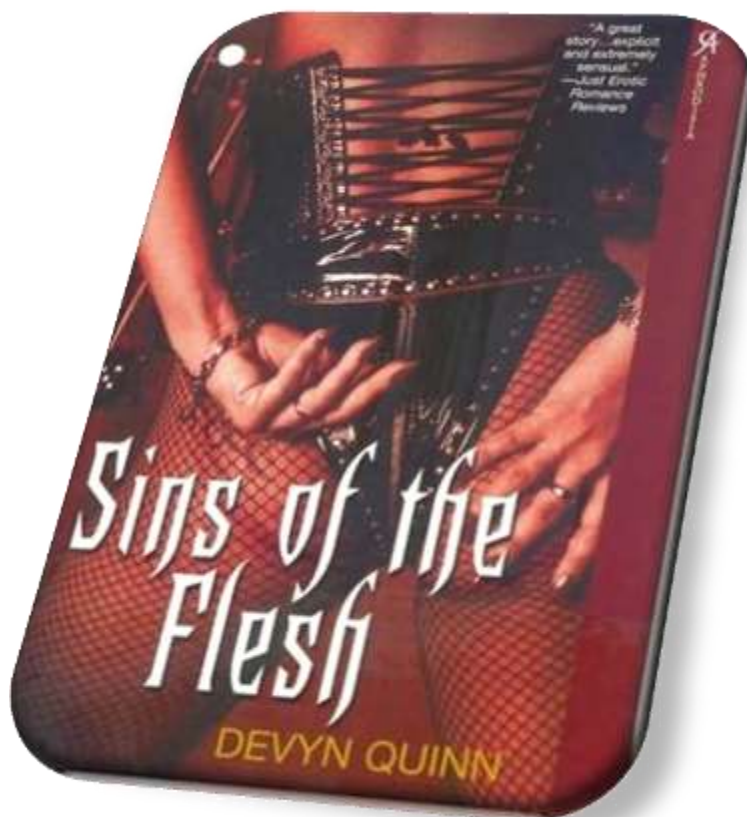
Devyn Quinn





Tiamat World

Devyn Quinn
Pecados da Carne



Pecados da Carne – Devyn Quinn

Quando Rachel Marks deve fechar sua pequena livraria por culpa das dívidas, não tem tempo de chorar, já que os credores não são conhecidos por sua paciência. Quando vê que um clube da moda da cidade está à procura de uma garçonete, entra decidida a conseguir o cargo. Com o que não contava era que seu chefe fosse o misterioso e terrivelmente sexy Devon Carnavorn.

O Místico é um clube gótico e está caindo em decadência. O frenesi sexual bate ao ritmo da música desenfreada e delirante. Antes de se dar conta, o sangue de Rachel se esquenta e acelera. O culpado é Devon. É um amante criativo, dominante, que desperta nela prazeres físicos que nunca imaginou, o coração dispara cada vez que se roçam. Mas, cada clímax tem seu preço, logo Devon reclamará que Rachel pague todas suas dívidas... Com algo mais que paixão.





“Notinha” da revisora Rosilene: Eita, de novo bibliotecária... kkk. Esta aí é prá lá de safadinha... Gente quem foi que disse que este livro é de ménage??? Está mais para triagem, quadriagem, quinquagem... (isso existe?). Agora a sério... tudo bem que livro Hot tem muita cena de sexo, mas não dava para criar pelo menos um pequeno conflito? Um misteriozinho que fosse? Alguma coisa para dar mais um brilho a história? Tudo se baseia apenas nas tramas do vampirão (pasmem!!! Ele não tem presas... que horror!!! Usa uma navalha...) para seduzir sua alma gêmea e levá-la para o “outro lado”.

Comentário da revisora Livia: Legal, a história, gostei de revisar este livro, muito bom! Vcs vão gostar, meninas.

Prólogo

Warwickshire, Inglaterra, 1895

A imortalidade estava ao seu alcance, somente tinha que estender a mão.

Devon Carnavon olhou fixamente as duas mulheres que o esperavam nuas na cama. A tênue luz das velas acariciava seus corpos cobrindo a pele de um quente e sensual rubor. Luzes e sombras se mesclavam no quarto, criando uma valsa lenta, ao som dos constantes relâmpagos que anunciavam uma tormenta.

Devon sorriu hipnotizado por aquela imagem. A expectativa espessava o ambiente. Seu desejo crescia e os impulsos primitivos básicos se multiplicavam em seu interior.

Ser. Pertencer.

Na noite passada, seus olhos tinham se fechado ao mundo que o rodeava. Seu coração deixou de bater, deixou de entrar ar em seus pulmões, sua vida mortal simplesmente terminou. O ar de uma criatura imortal o havia despertado de seu breve sonho; o sangue das veias de sua senhora e o sabor de seu profano beijo apagaram os últimos vestígios de sua vida mortal.

Nunca mais voltaria a ser um humano entre os humanos. Já não. Havia desejado esse aspecto, esse mordaz manto decadente; o havia abandonado do mesmo modo que uma lagarta se desfazia de seu casulo para transformar-se em uma linda borboleta. De repente a tormenta envolveu a mansão a isolando do resto do mundo. Um estranho frio, quase glacial, insistia em perambular nas esquinas do quarto, ignorando o fogo que ardia na lareira. O vento do lado de fora estava em um momento de maior intensidade; um eco surdo da tormenta que estava a ponto de começar no interior de sua alma.

A pele picava; Devon tocou na palma da frente da mão: estava gelada. A mão tremia. Tinha travado uma dura batalha para escapar das garras da morte. Os ombros estavam tensos e as costas completamente rígidas; não podia relaxar. Os segundos passavam; convertendo-se em minutos. Tinham-no despertado e agora sabia que tinha que se alimentar repor as energias que seu corpo havia perdido ao renascer.

A voz de Ariel devolveu a consciência.

—Estamos esperando carinho.

A respiração de Devon normalizou; a tensão que agarrava seus músculos desapareceu automaticamente. Ariel havia prometido trazer sua primeira vítima e havia cumprido. A imagem



das mulheres desatou uma onda de excitação que percorreu as veias. Seu apetite aumentava. Por debaixo dos jeans, sua ereção crescia.

“Essa noite me alimentarei bem.”

Ariel sorriu e procurou os olhos de Devon com seus prateados e brilhantes olhos azuis. O impacto de seu olhar penetrante acelerou o coração de Devon. Uma abundante cabeleira preta rodeava o precioso rosto de Ariel. Um brilho azulado emanava de seus suaves cachos, realçando ainda mais sua aura sobrenatural. Seios firmes, cintura pequena e pernas esbeltas. O rosto de um anjo. O corpo de uma prostituta. A alma de um súcubo¹.

—Essa é Hannah – Satisfeita Ariel acariciou despreocupadamente a loira cabeleira da menina de modo íntimo e familiar – Essa será a sua primeira.

Devon percorreu o corpo da menina com o olhar. Era muito jovem. Não tinha mais que dezoito anos, dezenove no máximo. Seus delicados cílios combinavam com as rosadas bochechas cada vez que fechava os olhos. Tinha os lábios úmidos e ligeiramente separados. A palidez de seus redondos descobertos seios estava rosada estavam coroados por uns tentadores mamilos rosados. Perdida em um ligeiro transe a menina lembraria muito pouco da experiência.

O impacto de seu exuberante corpo secou a boca de Devon. A demanda carnal retorcia suas vísceras. Tinha o pênis tão duro que doía. Queria possuir a menina. Não. Precisava possuí-la.

—De onde as tirou?

Ariel estava se divertindo muito, sorriu misteriosamente.

—Ninguém sentirá falta, se é isso que o preocupa lorde Carnavon – pronunciou as duas últimas palavras como se zombasse do título. A valiosíssima posição social de Devon não significava nada para ela. Confiava nos encantos de sua feminilidade completamente e não dava importância a nada que não fossem suas próprias necessidades e desejos. O mundo estava a sua inteira disposição.

Devon sentia o suave e regular batimento de seu coração nas veias; palpitava com força instigada pela adrenalina que seu corpo havia liberado durante a conversa. Provavelmente, a jovem havia sido selecionada de um dos fumadores de ópio² da arte da cidade que Ariel gostava de frequentar.

—Perdão minha senhora. Sempre confiei em você

Enquanto falava, uma pontada atravessou a cabeça. A besta tinha despertado. De pé e meio cambaleando, pressionou os dedos nas têmporas.

Ariel deslizou a mão suavemente pelo ventre plano de Hannah, enquanto oferecia seu perdão a Devon, colocando a faneca³.

-Tome-a carinho. É para você – Seu tom era muito persuasivo.

A consciência descartou automaticamente a moralidade. A culpa era um sentimento que não tinha nenhuma dificuldade em evitar. Nesse momento se sentia incompleto.

Ser. Pertencer.

¹ É um demônio de aparência feminina que invade os sonhos dos homens para ter relações sexuais com eles. Alimenta-se da energia sexual deles. Feminino de Incubus.

² O ópio é apresentado em barras de cor marrom e gosto amargo que podem ser reduzidas a pó.

³ Pessoa magra.



Enterrando a virtude embaixo do manto do desprezo, Devon começou a desnudar-se. Com as mãos tremendo e uma dura palpação de sua ereção, desabotoou os inoportunos botões. Com muita pressa, conseguiu desfazer-se da camisa e do jaleco, os atirou no chão. Depois foram as botas e as calças.

O mercenário olhar de Ariel devorou sua elegante e musculosa estrutura.

—Sabia que era um dos nossos – O convite escureceu seu olhar – Vem com a gente Devon.

Ele se meteu na cama e deitou ao seu lado. A seda suave dos lençóis emitia um leve tritramento, ao entrar em contato com sua pele faminta. Cada um dos objetos que havia no quarto estava especialmente desenhado para criar uma atmosfera luxuosa que desprendia certo ar decadente. As paredes pintadas em um tom escarlate estavam cobertas por tapeçaria cor marfim combinando com a madeira.

O flexível corpo de Hannah se fundiu com o seu, com total naturalidade. Somente o corpo de uma mulher podia se encaixar assim. Sua ereção pressionou a coxa da jovem. Poderia ter a possuído imediatamente, mas uma mão invisível retorceu seus pulmões. Precisou de toda sua força de vontade para manter o desejo a raia.

—Vai mais devagar – ele se lembrou – Essa não é a maneira de fazê-lo.

Ariel sorriu.

—Toca-a.

Sua mão desceu até os quadris de Hannah, seus dedos se fundiram na suave carne. Ao sentir sua carícia, girou os olhos e sorriu distraidamente.

—Deus meu – murmurou arrastando as palavras com um inconfundível acento de bairro baixo de Londres.

Sentiu um lento e regular zumbido debaixo da pele de Hannah. Ao tocá-la notou como a eletricidade circulava livremente entre seu corpo e o da menina.

Pura energia humana.

Devon pressionou com mais firmeza. Sentiu o bater de uma força vibrante. A tensão aumentou. De algum modo, sua carícia parecia estar alcançando as reservas dinâmicas de seu corpo. As sensações eram impressionantes. Alucinantes.

Fechou os olhos e se deixou levar pelas estimulantes sensações. O efeito se entendeu por todo seu corpo como um vírus: invadia e reestruturava seu organismo. Quando era mortal, apenas havia sido consciente disso. Agora, como Kynn, seu corpo reconhecia de forma natural a necessidade se nutrir-se das energias geradas pelos humanos. O desejo açoitava seus sentidos e o pênis se erguia de novo em sinal de precisão.

—Sente-o? – As palavras de Ariel eram um sussurro que encerrava um maravilhoso segredo compartilhado somente entre eles dois.

Nervosos e envoltos em um manto de temerosa necessidade, Devon assentiu.

—O que estou experimentando – murmurou – demonstra que a dor valeu a pena.

Uma poderosa e feminina gargalhada retumbou nas paredes do quarto.

—O preço que pagamos por desafiar a Deus, nos permite viver como deuses.

Ariel afastou de lado a longa cabeleira de Hannah e beijou seu esbelto pescoço. Acariciou a pele nua do ombro e logo a parte inferior do ventre, justo por cima do pequeno triângulo de delicados cachos.

Ariel sentia afinidade por ambos os sexos e satisfazia seus desejos livremente sem censura.

—Já tem feito isso muitas vezes antes de sua conversão. Somente tem que fazer o que sonha fazer quando tem uma mulher linda a sua disposição – Deslizou a mão para baixo e sem



necessidade de receber instruções, as pernas de Hannah se separaram mostrando seu delicioso sexo.

A umidade do véu púbico da jovem indicava que já estava preparada. Reagiu as carícias de Ariel com lentos e plácidos movimentos. Era evidente que estava desfrutando da mão que acariciava a úmida carne. Seu ar se transformou em um doce gemido que escapava de seus lábios, suave e lentamente. O óleo de banho perfumado na qual havia se banhado cobria a pele com um sensual brilho.

Os olhos de Ariel se cruzaram com os de Devon, enquanto colocava os dedos na boca e esfregou os lábios naquele suco almiscarado.

—Está tão úmida... E firme. Tome-a, prove.

Ao mesmo tempo em que recobrava sua postura para colocar-se em cima de Hannah, Devon pegou a cabeça da menina entre as mãos e procurou seus lábios. Ela aceitou seu beijo, movia a língua rapidamente enredando-a com a de Devon. Era evidente que não estava acontecendo nada de mal. Os lábios de ambos se fundiram em uma quente dança que logo os deixou ofegando de desejo.

As mãos de Devon exploraram o corpo esbelto e firme de Hannah. A tensão a fazia tremer, um delicado rubor subia pelo pescoço realçando o azul dos olhos com expressão de pura vulnerabilidade.

Hannah deixou escapar um gemido de prazer.

—Toca-me – Retrocedeu por baixo dele roçando a bochecha no ombro – Por todo o corpo.

Devon acariciou com suavidade aqueles sedosos cachos, logo, lentamente, deslizou a mão entre suas pernas e explorou seu sexo com delicadeza. A úmida evidência de seu prazer potenciou o de Devon. A rigidez apreendeu nas suas coxas e seus quadris.

Hannah se agarrou nas barras da cabeceira da cama e abriu mais as pernas, cada um de seus deliciosos centímetros de seu sexo ficou aberto e preparado para que ele o enchesse. Devon acariciou os lábios da vagina de cima a abaixo, desfrutando dos gemidos que escapavam dos lábios de Hannah, que se entendeu e empurrou o corpo contra o colchão. Ele baixou a cabeça e colocou seus lábios sobre um dos mamilos. Moveu a língua rapidamente sobre o pequeno e duro botão, e logo sugou com força ao mesmo tempo em que desenhava úmidos círculos em cima. Cada uma das linguadas se unia com a energia que fluía embaixo da pele de Hannah e transmitia ondas de intensa necessidade ao seu corpo. Aquelas sensações que iam mais além de mera luxúria, se concentraram na virilha de Devon, e o mareou de dor. Ele ansiava por cobrir sua necessidade lhe provocava um tremor que sacudia todo seu corpo, a transpiração cobria sua pele com um ligeiro brilho.

Seu pênis estava cada vez mais duro e uma neblina vermelha cruzou seus olhos. Queria estar dentro de sua vagina, fundir-se até ao fundo, sentir como Hannah estremecia de prazer, enquanto ele absorvia a energia que emanava de seu corpo. Excitado. Frustrado. Queria mais. Era o momento

—Preciso.

Ariel sorriu, enquanto passava os dedos pela velha jóia que estava em seu pescoço. Era um amuleto de prata em forma de tridente celta, três triângulos entrecruzados que simbolizavam os três aspectos da dominação Kynn, a comunicação entre o sangue, à carne e o sexo. As laterais do amuleto estavam o suficientemente afiadas para cortar carne humana. Para dizer a verdade, havia usado para isso muitas vezes. Tirou dele com força, a corrente rompeu. Esboçou um sorriso satisfeito e ofereceu o amuleto a Devon.



Ele, totalmente fora de controle, aceitou o amuleto. Ficou petrificado um momento, hesitava e sentia apreensão. Para estabelecer conexão com sua vítima, tinha que tomar seu sangue. Baixou a cabeça e olhou o corpo. Seu torso estava coberto com pequenas cicatrizes. Uma profunda e fria sensação de medo agarrou seu peito. Formou-se um nó em sua garganta. Sentia como se cravasse as espinhas em sua abandonada religião. Os Kynn tinham que ter uma comunicação com sua vítima. Sabia desde que havia decidido aceitar o convite que Ariel fez quando lhe propôs unir-se ao seu mundo proibido. Os Kynn, caídos do céu e sem poder entrar no inferno, eram seres desprezados por ambos os mundos.

Ariel percebeu suas dúvidas.

—Quando cortar faça-o rápido – Um sorriso se desenhou em seus lábios – Não fará tanto mal.

Duvidando, Devon apertou os dentes e engoliu a saliva. Sua mão somente tremeu um momento quando fundiu um dos afiados caninos na suave pele do peito esquerdo de Hannah, logo o deslizou bruscamente para baixo. Sua pele se abriu a íntima invasão e a fez gritar de susto. O sangue saiu pelo fino corte vermelho.

Ariel se inclinou sobre Hannah e apagou sua dor sussurrando palavras suaves de consolo e com delicados beijos. As bocas das meninas se uniram e devoraram os lábios mutuamente. O amuleto passou nos dedos relaxados de Devon e caiu no chão. Ao perceber a presença do sangue, a besta escondida no mais profundo de sua mente tomou o controle. Uma antiga e primitiva criatura lhe afastou de seus pensamentos e tomou o controle. Invadiu-o um instinto ferozmente animal, um apetite proibido por Deus e desprezado pelo outro.

Devon o sentiu dentro de sua cabeça, baixando as costas e introduzindo-se em seu corpo até chegar a seus ossos, parecia que o fosse partir na metade. Ardendo incontrolavelmente, o ser que havia se liberado era imparável. Negar sua presença tinha sido inútil. Devon tremia, uma forte sensação de ansiedade tinha crescido nele. Apertou os lábios contra a ferida e o sangue quente cobriu a língua. O sabor não era tão desagradável como havia imaginado. Bebeu deleitando-se na doçura que deslizava suavemente por sua garganta. O sabor era como de mel recém-extraído da colmeia.

—Somente precisa beber um pouco para alcançar a conexão – lhe disse Ariel – Agora pode extrair de seu corpo as energias que sustentariam as suas.

Devon se pôs de joelhos e se colocou entre as pernas abertas de Hannah. Sem apenas atrever a respirar, deslizou suas mãos pela parte interior de suas coxas. Tocá-las o intoxicou. Seu efeito o invadiu como um trago de bom uísque em uma fria noite de inverno. Provocou-lhe uma sensação de instantânea satisfação. Baixou os olhos e viu o precioso sexo de Hannah. Seu pênis, uma besta ansiosa por ser alimentada, se arqueou rumo ao seu estômago.

Como um maestro guiando a orquestra, Ariel mudou de posição e ficou atrás de Devon. Ele a sentiu as suas costas: desenhava lentos círculos ao redor de seus escuros mamilos com os dedos. Devon notou as frias e suaves mãos de Ariel sobre sua quente pele. O contraste entre o frio e o calor o enlouquecia.

—O está fazendo muito bem meu amor. Tome-a, possua.

Devo gemeu e em seu rosto se desenhou uma careta; parecia de dor.

—Oh Deus meu! Posso senti-lo dentro de mim.

Um sussurro lhe acariciou docemente a orelha.

—Deixa-se guiar. Seu corpo sabe o que deve fazer.



Devon apertou os dentes. O desejava com ardente e feroz necessidade; nunca havia sentido nada igual.

Agarrou os quadris de Hannah e empurrou para frente, metendo-se dentro dela com uma única e forte investida, sentindo a lustrosa e suave pele de suas desnudas coxas roçando-lhe no quadril. Devon deixou escapar um profundo gemido ao mesmo tempo em que Hannah emitia um pequeno grito. Uma sedosa envoltura lhe abraçava o pênis com força.

Sua ereção palpitou. Ainda não. Suas reações eram mais instintivas que racionais.

Devon fechou os olhos. Saiu do corpo de Hannah com lentidão quase tormentosa e voltou a investir observando como desaparecia toda sua longitude dentro do corpo da menina.

Tirou. Outro empurrão.

As sensações se multiplicaram em dez. Os tensos músculos internos de Hannah o envolviam como uma luva de pelos quentes e líquida.

Oh Deus meu!

Acelerou o ritmo e seu autocontrole começou a desaparecer. Perdendo a concentração, levantou os quadris de Hannah, pegou pelo pescoço e investiu outra vez. Uma onda de calor lhe invadiu a virilha e, cada empurrão, o ardor se entendia pelas cremosas profundidades da jovem.

O tempo deixou de existir. Uma nova força percorreu seu corpo. Cada vez que investia alcançava o centro da energia mais pura; a energia que sustentava a vida.

Enquanto, penetrava-a, Devon apenas podia distinguir a forma exata do corpo de Hannah, cujos desesperados gemidos transportava sua paixão rumo ao terreno febril.

Hannah gemia, tremia e logo perdia o ritmo. Primeiro se assustava e depois sentia prazer, seus gemidos se tornavam primitivos gritos guturais. O caminho rumo ao clímax ia se construindo, seguro e forte.

O ar lhe queimava os pulmões e seus quadris eram imparáveis. Devon se retirou e logo voltou a entrar com força, até ao fundo. Dessa vez sentiu os resultados físicos da fricção entre ambos, o ponto da energia em estado puro, abandonando o corpo de Hannah para entrar no seu. A essência da menina o encheu.

O ar tremeu ao seu redor, uma estranha picada passava por sua pele e se deslizava por suas costas. Não as viu exatamente, mas sentiu como estranhas distorções se arrastavam sigilosamente pelas as esquinas do quarto. No interior de sua mente, a desfiguração era puro fogo, girava ao seu redor e acelerava a uma velocidade alarmante. Um rugido distante chegou aos seus ouvidos. A sensação produziu uma suave tontura que lhe nublou a vista e logo lhe escureceu a visão. Todo o peso da eternidade ameaçava com desmaiá-lo e ressuscitá-lo ao mesmo tempo. Uma força superior lhe destruía a mente e se mesclava com um tormentoso prazer infinito. Energia em estado puro percorria seu corpo. Tinha a sensação de que a sobrecarga lhe faria explodir.

Uma explosão luminosa visível aconteceu numa cor laranja e um vermelho cegador. A energia de toda a vida, a intensidade de toda criação, percorreu seu corpo como um raio. Nesse momento, o tempo e espaço eram a única entidade de puro poder e majestade. Sem dúvida havia desfrutado do principio, do fim, e da transição do momento. Hannah levantou o peito e arqueou o pescoço, seu corpo se sacudiu e estremeceu. O pulso acelerado golpeava a garganta e batia baixo na pele como o batimento de um pássaro. Gemeu. Seus olhos ardiam devido ao calor produzido pela conexão que havia alcançado com Devon, não podia parar de ofegar.

Estremeceu e tirou o pênis do corpo da menina. Um branco e quente prazer fez pressão em seu ventre e o percorreu um rio de fogo desde a cabeça até a ponta dos pés. Uma explosão de sensações se amontoava em seu cérebro fazendo barulho até o último de seus pensamentos. Não



podia pensar, tampouco, respirar, mas não importava. Baixou seu corpo, a cama tremia e havia agitado. Depois voltou a ficar calmo.

Fazendo um grande esforço, conseguiu estabilizar o ritmo de sua respiração.

Pouco a pouco, seu corpo foi relaxando e a tensão de seus músculos diminuiu. A estranha letargia, que tão ferozmente havia se acrescentado nele, começava a desaparecer.

A respiração de Hannah era muito fraca. O que acabava de acontecer a tinha deixado abatida. Lentamente seu rosto começou a recuperar a cor que havia perdido. Um suave gemido escapou de seus pálidos lábios e fechou os olhos.

Ariel orgulhosa da atuação de seu amante cobriu de beijos os ombros de Devon.

—O fez muito bem meu amor — Rodeou a cintura com os braços e possessivamente, colocou as mãos sobre seu peito, enquanto, cúmplice e entusiasta, mordiscava a pele úmida.

Quando a terrível febre e seu ritmo sanguíneo tinham restabelecido, notou que seus sentidos voltavam a funcionar com normalidade. Devon pode saborear as sensações placidamente agradecido com a renovada vitalidade que começava a sentir. Sentia-se leve, como se flutuasse. Sim era novo, e o havia deixado atônito era a convicção de que aquele primitivo ato era a antessala de uma longa e feliz eternidade.

Alucinante.

Capítulo 1

Warren, Califórnia. Atualmente.

Uma vez mais a noite havia chegado ao seu fim. As garras da alvorada se acentuavam no horizonte da terra, negando-se a ceder nem uma hora mais a escuridão. Lentamente, a borda do escuro céu noturno tinha um rosa pálido. Logo, o impiedoso sol reinaria de novo.

Devon Carnavon, encostado sobre uma longa espreguiçadeira, tomando o último copo de seu xerez.

—Uma noite mais — murmurou para si — estragada.

Com a roupa mal colocada e cheirando a sexo, lançou um olhar ao redor. Estava rodeado de uma proliferação de corpos nus. O cheiro corporal que desprendia se mesclava com o intenso aroma de incenso de sândalo que flutuava no quarto. Os sexos se mesclavam se fundiam. Aquela noite não soou música e, contudo, muitos deles dançaram juntos desenhados ritmicamente em lentos movimentos. Outros mais cegos pelo prazer se juntaram no sofá, cadeiras e inclusive no chão e se deixaram levar pela paixão de ardentes práticas amorais. Fundidos em íntimos abraços, se exploraram centímetros a centímetros com as mãos e a boca.

Devon franziu o cenho desgostoso.

—Já não sou capaz de distinguir uma noite da outra — Sua vida havia se convertido em uma nuvem borrada. Não estava vivendo de verdade. Simplesmente existia.

Aborrecido, se levantou, quase tropeça nas mulheres nuas que estavam encostadas sobre a almofada. Registrou uma vaga lembrança. Havia fodido uma delas. Mais de uma vez, analmente, oralmente e em todas as posturas que podia imaginar.

Fechou os olhos e tentou resgatar uma lembrança que não tinha nenhum interesse na lembrança, em sua boca se desenhava uma careta de desgosto. A imagem do corpo nu daquela



menina não conseguia fazê-lo reagir. Perguntava-se se já havia visto ela além de uma merda ferramenta para saciar seu apetite. Emitiu um profundo grunhido – Nada maldita seja. Nada.

Em lugar de sentir-se satisfeito, sentia-se vazio. Aquela mulher não significava nada, não havia causado nem a mínima impressão nele. Nem sequer sabia seu nome. Dentro de algumas horas não lembraria nem de seu rosto.

—Que Deus me perdoe – disse esboçando um malvado sorriso – Nunca pensei que me aborreceria com a imortalidade.

Triste, mas verdadeiro.

Devon apertou os lábios. Tudo o que devia ir bem a sua vida ia mal. Muito mal.

Sentiu-se preso entre aquelas paredes, agoniado pela respiração de todas aquelas pessoas, precisava sair. Se não saísse, começaria a gritar e não pararia de fazê-lo nunca mais. Deteve-se um momento para encher o copo de água que, ultimamente, se esvaziava com muita regularidade e se encaminhou rumo às portas francesas que davam aos jardins traseiros.

Quando saiu, sentiu mais aliviado sentindo o cheiro fresco e perfumado do ar da manhã, mas continuava doendo sua cabeça. Enquanto, bebia xerez, observou como o dia se abriu entre as sombras. Aquelas silenciosas horas, quando o mundo ainda dormia, eram as mais duras, a solidão se apoderava dele e sentia que sua alma estava vazia. Logo teria que procurar um refúgio. Durante o dia, suas energias e habilidades paranormais se debilitavam. Mantinha-se escondido, podia ir a qualquer lugar com bastante liberdade. Quando saía, ao descer ao carro, devia apressar-se para esconder-se do sol. Contudo, ultimamente, havia flertado com a ideia de expor-se a luz do sol.

O suicídio o tentava, mas sempre havia se contido. E não por que fosse o bastante forte, não precisava ser forte para expor-se a luz do sol. Somente devia caminhar até que se queimasse a carne e sua pele se convertesse em pó. Sem dúvida, uma morte como essa seria dolorosa. Talvez fosse uma punição bem merecida.

Ariel morreu e ele havia sobrevivido.

Devon deu um passo para frente e logo outro, mas se sentiu incapaz de dar o terceiro.

Parou. Enterrou a ideia de autoimolação no mais profundo de sua mente. Os Kynn estavam escassos. Os Amhais, destruidores das sombras, operavam com eficiência. Os caçadores de vampiros, empurrados pelo fanatismo religioso, não desistiam jamais. Ele mesmo havia estado a ponto de cair em suas redes várias vezes. Aqueles humanos eram experts assassinos e estavam mais que dispostos a morrer por essa causa.

Para os Amhais, um vampiro era um vampiro. E os vampiros deviam ser assassinados.

Formou-se um nó na garganta de Devon. Um gelado calafrio percorreu as costas. Já havia passado quase um século desde que perdeu Ariel por culpa desses estúpidos ignorantes. Apesar de que nunca foi um homem que se deixava levar pela tristeza, caiu em uma profunda depressão, sua existência parecia uma maldição. A imortalidade não significava nada quando se tinha que passar em solidão, e a morte de sua senhora era mais difícil de suportar sabendo que tinha toda a eternidade pela frente. Acreditava que havia progredido desde então, mas não era assim.

Fechou os olhos. Lembrar a morte de Ariel lhe provocou uma forte dor de cabeça; suas mãos começaram a tremer. Temendo desmaiar passou os dedos frios pelos olhos e pressionou as pálpebras com força. Ele e Ariel não haviam estado juntos durante muito tempo, mas a cicatriz deixada ficou inquebrável em seu cérebro.

Ariel havia sido sua senhora. Sua amante. Ela havia sido tudo para ele.

Haviam planejado uma eternidade juntos e tiveram menos de uma década. Nunca encontraria uma mulher que pudesse substituí-la. Na verdade, as mulheres que havia atualmente



em sua vida somente eram corpo bonitos, passavam logo e não deixavam cicatriz alguma nem em sua mente, e nem no seu coração.

Antes era um hedonista⁴ no mais amplo sentido da palavra. Houve um tempo em sua vida em que ele não podia parar de procurar o pecado, era sua natureza. A vida era feita para desfrutar e tinha tentações demais.

Contudo, havia passado muito tempo. O mundo tinha mudado. Os humanos cresciam, envelheciam e morriam ao seu redor. A tecnologia havia evoluído, a geografia havia mudado, as culturas se encontravam e se fundiam. Manter-se à superfície nunca havia sido um suposto problema para ele.

Até agora.

Em algum momento que Devon não podia precisar com clareza, a entropia havia retornado a sua vida. A raiz do veneno que aninhado em seus sentidos tomou posse de todo seu ser. Finalmente, os dois monstros da sua vida, a luxúria e a ganância estavam contra ele. A soma de ambos os fatores não aumentava sua qualidade, mas sim a detinha. Tinha trinta e quatro anos quando deixou de cumpri-los, agora estava iniciando a primeira metade de seu segundo século. A vida, que um dia jurou conseguir, agora o aborrecia terrivelmente.

Merda! Tinha a sensação de que nem tudo ia mal. Supunha que os imortais padeciam de uma crise de meio século? Não sabia por que, mas tinha o pressentimento de que não solucionaria esse baque comprando centenas de ouro e uma Lamborghini.

Devon observou o perigoso sol. De repente se remexeu o estômago e fraquejavam os joelhos. Fazia tão somente uns minutos seu corpo ardia de desejo; agora estava completamente gelado. O suor empapava sua camiseta e escorria pela frente.

“Você e eu talvez voltamos a nos encontrar”

A suas costas uma voz interrompeu seus pensamentos.

—Senhor?

Devon se voltou. Simpson, seu criado e confidente, estava de pé atrás dele. Era um homem discreto e completamente confiável, podia confiar em Simpson para que fizesse seu trabalho e para que mantivesse os olhos abertos e a boca fechada.

Devon engoliu com força, mas supôs se sentia aliviado ou desiludido. Sua reunião com o brilhante astro teria que esperar. Talvez amanhã. Mas, definitivamente, não seria hoje.

—Já se foram?

Simpson, cuja aura era sombria e serio, assentiu energicamente.

—Todos foram embora.

Devon assentiu. Não havia nada que odiasse mais que uma casa cheia de corpos exaustos. Uma vez concluída a orgia, queria que o deixasse sozinho.

—E a juvenzinha? – perguntou referindo-se a sua amante mais recente.

Simpson franziu o cenho.

—Paguei e já se foi – Suas palavras destilavam desaprovação.

Devon tomou outro gole de xerez, enquanto pensava que tinha pouca vontade de dizer o que ia dizer.

—Suponho que não deveria trazer para casa a todos esses canalhas – Em nenhum momento pretendeu dar um tom interrogativo a sua frase.

⁴ Indivíduo que considera o prazer individual e imediato o prazer da vida.



—Se me permite dizer senhor – retrucou o criado – é perigoso que siga expondo-se a essa gente. Sua reputação não está em muita alta consideração. Qualquer dia destes...

—Me darão alguma surpresa desagradável – o interrompeu Devon incomodado – Eu sei – Ultimamente não estava sendo precisamente discreto.

Simpson resmungou, olhando-o bastante desgostoso.

—Um pouco mais de... Como lhe diria? Moderação da sua parte poderia ajudar muito a sua reputação.

Estava falando demais sobre o que acontece nessa casa. Devon enrugou a fronte e encolheu os ombros sentindo-se incapaz de protestar. Tudo o que Simpson estava dizendo era verdade. Provavelmente, chegado ao ponto em que estava tentar salvar sua reputação era inútil. Como Kynn, havia elegido não limitar sua inclinação pela aventura sexual. Na verdade, Havia feito tudo ao contrário. Explorou a mitologia vampírica abrindo êxitos clubes noturnos de temática gótica. Ao fazê-lo, havia reconstruído sua fortuna em várias ocasiões. Quando tinha algum problema, utilizava uma solução de homem rico: o dinheiro.

O único que o dinheiro não podia comprar era sua paz interior. O amor.

“Algo que não voltou a ter desde que Ariel morreu.” Havia começado a duvidar de se alguma vez voltaria a ter a oportunidade de encontrar um segundo casal.

Tentando esquecer esse assunto, acabando com o conteúdo do copo. A sensação de vazia o estava comendo por dentro.

—Não quero seguir falando desse assunto – Suas palavras significavam: essa conversa havia acabado.

—Claro lorde Carnavon – Simpson somente usava o título de Devon quando estava incomodado. Com os lábios apertados, Devon massageou as temporas. Foda! Que ficasse chateado se quisesse! A dor de cabeça voltou com força, tinha a sensação de que os olhos iam sair de órbita. Havia bebido e fodido muito, mas se sentia como uma merda. O esgotamento havia se apoderado dele e nem sequer havia se dado conta. No lugar de sentir-se revigorado obrigado a seu recente alimento, se sentia como um bloqueio de formigamento. Pesado, cinza e inerte.

Um raio de sol se pôs sobre sua pele e ele voltou às protetoras sombras. Simpson o seguiu. Como se intuisse os últimos pensamentos de seu senhor, o criado baixou as persianas. Fecharam-se emitindo um enérgico ruído, podiam protegê-lo do mundo exterior, mas não de seus pensamentos.

Devon desejou poder fechar os olhos e escapar a algum lugar indeterminado, viver em paz no limbo para sempre.

Simpson ficou na frente dele, mantendo a distância deliberadamente.

—Você está bem senhor?

Devon tinha a mandíbula rígida. Doíam-lhe muito os ombros e o pescoço.

—Estarei bem.

Pelo menos isso esperava.

Os excessos da noite anterior começavam a passar a fatura, pressionou os olhos com as mãos. Talvez se pudesse esfregar com força o cérebro, destruiria os neurônios de seu cérebro e deixaria de pensar. De respirar. De existir.

Pensar na cama vazia que o esperava ainda mais depressão. Ultimamente dormia muito pouco, principalmente por que odiava a essa deserta extensão de lençóis frios. Apesar da multidão preciosa mulheres que havia tido na mão recentemente, ia para cama sozinho.

Outra vez.



Capítulo 02

O atendente virou o cartaz “Aberto” e pode ler “Fechado”.

—Não posso acreditar que seja a última vez que vamos fazer isso.

Rachel Marks estava absorta contabilizando as vendas do dia, levantou o olhar.

—Nos tentamos Ginny. Mas, não vendemos o suficiente como para manter a livraria aberta – disse franzindo o cenho – O problema é que a loja não está situada nas novas instalações que se estavam construindo na outra parte da cidade.

A velha mulher assentiu.

—É uma lástima. O centro comercial estava absorvido os negócios da Rua Main.

Rachel enrugou a testa. Havia ficado sem trabalho por culpa do novo centro comercial, era incapaz de competir com a enorme livraria que estava aberta ali. Teria encantado mudar-se para um lugar melhor, mas não podia permitir o absurdo aluguel que pediam por aqueles lugares. De nada servia que fizesse ofertas, não importava quanto chegasse a baixar os preços, a nova livraria sempre estava um passo na frente dela. Além disso, eles tinham uma cafeteria, com isso não podia competir. Por que ia alguém ir a sua pequena loja quando lhe esperava uma cornucópia⁵ na outra parte da cidade?

Ginny enxugou as lágrimas.

—Gostaria tanto de continuar trabalhando aqui... – Lançou um último olhar as estantes vazias – É uma livraria tão acolhedora.

—É uma livraria muito acolhedora – reforçou Rachel, enquanto escrevia em uma folha os lucros do dia para seu registro. Aquele último mês de liquidação somente havia conseguido ganhar o dinheiro suficiente para cobrir o aluguel do local e do pagamento de Ginny. Não sobrava nada para ela. Deprimente. Se não encontrasse trabalho rápido, não poderia pagar o aluguel de seu próprio apartamento.

Rachel contou o dinheiro correspondente ao pagamento de uma semana de Ginny.

—Aqui está. Sinto que não seja mais...

Ginny negou com a cabeça.

—Não quero o dinheiro.

Rachel sorriu apesar da tristeza. Ginny Smithers nunca queria pegar seu dinheiro. Era uma viúva de sessenta anos que viva de uma pobre pensão da Segurança Social com a que as duras penas conseguia para viver.

Ainda que Ginny protestasse alegando que não precisava do dinheiro, Rachel sempre insistia até que a mulher aceitava. Ginny havia sido a única pessoa trabalhadora que havia podido confiar nos últimos meses. O resto do pessoal tinha ido embora à medida que as vendas diminuía.

Rachel suspirou cansada.

—Por favor, Ginny hoje não. Trabalhou demais essa semana. Pegue o dinheiro, vá para casa e descansa. Foi um dia muito longo.

Ginny colocou o dinheiro em sua carteira cuidadosamente.

—Precisa ajuda para fechar?

⁵ Símbolo representativo da fertilidade, riqueza e abundância.



Rachel negou com a cabeça.

—Não somente tenho que levar essas últimas caixas de livros que não foram vendidos e estará tudo.

Ginny vacilou um momento prolongando a despedida.

—Se está segura...

—Estou segura – Rachel saiu atrás do balcão – Somente quero que me de um abraço e prometa que irá se cuidar – Fundiu-se com a pequena mulher em um abraço.

Ginny deu a Rachel umas carinhosas palmadas na bochecha.

—Passará para me ver algum dia?

Rachel sorriu apesar de que no fundo, não estava muito alegre.

—Pois claro que irei te ver, e espero ter uma de suas deliciosas madalenas de chocolate esperando-me.

Um sincero sorriso iluminou o rosto de Ginny.

—Farei uma grande fornada.

—Perfeito – Rachel acompanhou a anciã até a porta – Vale, vá para casa antes que anoiteça.

Levantou a cabeça e olhou para cima. Anunciava-se uma tormenta. O céu tinha um aspecto plúmbeo:⁶ as nuvens pesadas ameaçavam cair ferozmente. Estava se levantando um vento muito frio procedente do norte, estava claro que o gélido inverno não parecia ter nenhuma intenção de despedir-se logo. Aquele março estava sendo especialmente frio, demais para o calor da Califórnia.

De todas as formas, ela gostava desses dias. Relacionava a chuva com um quente fogo, uma taça de chocolate quente e um bom livro, eram dias para perder-se em outro mundo. Rachel, com os braços cruzados, observou como Ginny arrastava os pés pela rua, enquanto se afastava. Eram as cinco em ponto da tarde e os demais comércios da Rua Main também estavam fechados. Essa parte da cidade normalmente se recolhia com o pôr do sol. Suspirou, fechou a porta atrás de si e passou o ferrolho. Voltou e observou a livraria pela última vez, tão somente fazia umas horas estava cheia de livros. Novidades, ficção, não ficção, biografias, viagens, autoajuda, livros infantis... Sempre tentava ter um pouco de tudo. Para manter contente a clientela, pedia sem falta os últimos bestsellers e também conseguia os títulos mais difíceis de encontrar. Contudo, nunca pode ganhar a batalha dos livreiros com paginas na internet.

Não estava sozinha. Muitos dos pequenos comércios da Rua Main, tampouco haviam podido competir com o centro comercial. Mas, isso não a fazia sentir-se melhor. Seguia sentindo-se como uma fracassada. Tinha se visto obrigada a vender a maioria do gênero a um preço ridículo para que as pessoas os tirassem das suas mãos; Devolveria todos os livros que não havia vendido por se algum livreiro os voltava a pedir no futuro. Apesar de que para ela já não havia futuro, sua livraria havia acabado.

Para sempre.

Era um absurdo ficar ali plantada pensando nisso.

Rachel se apressou até a parte de trás da loja e destrancou a porta para que ficasse aberta, logo abriu o maleiro do carro. Uma rajada de vento levantou um pouco a saia. Ainda não se ouvia trovões, mas os constantes relâmpagos avisavam a iminente tormenta.

⁶ Pesado como chumbo; cor de chumbo.



Pegou a barra da saia antes que levantasse mais e todo mundo visse suas nádegas, e voltou rapidamente à loja para pegar a caixa de livros. Elevou o peso até o carro e meteu no porta-malas. Fez duas viagens e tudo se acabou.

Fechou o porta-malas com um golpe. Doze anos prontos a perder. Os carros subiam pela a Rua Main para a grande zona comercial.

—Todos ao centro comercial – “Ao maldito centro comercial.”

Uma mulher baixa, corpulenta, com uma deslumbrante cabeleira vermelha e as bochechas coloridas saiu da porta de trás do edifício junto ao seu. Frannie Sutter se dirigia rumo a ela a toda velocidade vestida com um dos seus conjuntos de hippies concebido para ignorar abertamente o mundo da moda. Os amuletos que usava pregado no pescoço se batiam quando caminhava, parecia uma capinha balançada pelo vento. O ar apenas lhe machucava o penteado. Aquela massa vermelha sempre tinha o aspecto de ter sido pintada com alguma tintura extra-forte. Usava anéis. Em todos os dedos da mão, inclusive nos polegares, alguns eram caros, mas a maioria somente era bijuteria barata. Frannie tinha uma loja de magia e gostava de dizer que, além de ser vidente, era uma bruxa branca. Ao menos pedia a Rachel as novidades sobre bruxaria e poderes sobrenaturais.

—Já vai querida?

—Sim, já tenho tudo preparado.

Frannie olhou o velho carro oxidado de Rachel e suspirou.

—Sinto muito carinho. Fiz todos os feitiços que pude – encolheu os ombros um pouco envergonhada – Suponho que dessa vez me falhou os poderes.

Rachel fez uma careta com os lábios.

—Não se preocupe. Já esperava. Para dizer a verdade, tinha que ter fechado a loja faz um ano – “Se o tivesse feito ainda ficaria um pouco de dinheiro.” Tal como estavam às coisas naquele momento, não ficava nenhum centavo.

Frannie a atraiu com um grande abraço. O cheiro de gardênia que desprendia daquela mulher se pegou na pele de Rachel.

—Isso não será o mesmo sem você.

Rachel enxugou as lágrimas.

—Odeio isso - sussurrou – Estou perdendo tudo.

De Frannie também escaparam algumas lágrimas, mas tentou sorrir.

—Eu sei – Fazia beicinho enquanto limpava as lágrimas – Posso fazer algo por você?

Em Rachel se formou um nó na garganta. Vacilou durante um longo e tormentoso minuto.

—Acende uma vela por mim.

Frannie encantada com a ideia lhe dedicou um travesso olhar e arqueou a sobrancelha.

—Quer que reze também para que apareça na sua vida um lindo e alto moreno?

Aquela sugestão percorreu o corpo de Rachel como uma gota de água congelada. Definitivamente não. “E que voltem a acabar com minha vida? Nem pense” pensou.

—Preferia saber que número irá sair na loteria, por favor – respondeu.

Frannie piscou um olho.

—Muito melhor. Assim poderia comprar todos os bonecos infláveis que quiser.

Um relâmpago brilhou no céu advertindo que a tormenta avançava.

Frannie deu um último abraço na amiga, se despediu com a mão e voltou correndo a sua loja. Tinha um trabalho, um lugar para ir, clientes a atender.



Justo quando algumas grossas gotas de água começaram a golpear o carro, Rachel deslizou atrás do volante com a vista nublada pelas lágrimas. A chuva começou a castigar a terra com força. Rachel enrugou o nariz e limpou algumas gotas de chuvas do rosto. Não queria ir para casa. Ainda não. Tampouco tinha pressa. Ninguém a estava esperando, exceto seu gato Sleek. E seus pratos de comida e água estavam cheios, tampouco sentiria falta dela.

Sentindo-se uma completa perdedora, Rachel afundou em seu assento. Para ela, fechar a livraria não somente supunha perder sua fonte de vida, mas também significava perder o último dinheiro que tinha.

Como chamavam as jovens empresarias que não tinham aonde cair morta? Jovens ainda que sobriamente preparadas?

Fracassadas.

—Fracassadas, efetivamente – balbuciou – Talvez não tenha trabalho, mas ainda tenho um título. Certo que tem um monte de gente que morre por me contratar. Posso trabalhar ganhando a vida em qualquer lugar.

Valentes palavras. No fundo estava morta de medo. Tinha o estômago enjoado, amarga bile⁷ que subia por sua garganta. Havia voltado a ficar na rua com o nariz pregado na janela da fortuna. Sentia-se como se a vida houvesse acabado. Havia se desiludido. Outra vez!

As lágrimas se juntaram em seus olhos. Piscou e uma delas desceu pela bochecha. Outra a seguiu. Limpando-as agarrou o volante com as mãos.

—Maldita seja, tenho trinta e três anos! Sou velha demais para voltar a começar.

O monte de faturas que ocupava o assento do passageiro atraiu sua atenção. Esboçou uma careta de dor, enquanto as enumerava mentalmente.

O aluguel, a água, a luz, o gás, o telefone, o seguro do carro... O visa no máximo. O Master Card também. Quase mil dólares em faturas, sem contar os três meses que ainda devia do aluguel da loja. Havia sido uma autêntica estúpida e firmou contrato que a comprometia a pagar o semestre inteiro, tanto se a loja estava aberta como se estivesse fechada. Tinha que pagar o maldito lugar até junho. Quase doze mil dólares.

Um gélido calafrio percorreu seu corpo. “Não tenho suficiente dinheiro.”

Remexeu no bolso e pegou o livro. O balance era desmoralizador. Duzentos dólares em dinheiro e outros oitocentos na poupança. Depois de pagar os novecentos dólares do aluguel lhe ficariam somente cem dólares. E apesar de que pagasse esses novecentos dólares, nem sequer se aproximaria de liquidar a dívida que tinha pela loja.

—Brilhante – Atirou o livro – É um gênio de merda com o dinheiro.

Começou a deprimir-se. A chuva começou a golpear o para-brisas com mais força fazendo eco nos pensamentos que golpeavam sua mente.

Rachel esfregou os olhos. Estava exausta. Nesse momento desejava sumir, deixar de existir. Sua vida não havia sido nem linda, nem interessante. Certamente, ninguém ia sentir falta dela. Fazia já muitos anos que seus pais haviam morrido. Tinha algumas tias e tios longes e alguns primos, pessoas que apenas conhecia e que fazia anos que não via. Se desaparecesse na manhã, alguém a procuraria?

—Não

Ao pensar franziu o cenho.

Sozinha. Assim é como estava na vida.

⁷ Flúido produzido pelo fígado.



Cuidava de si mesma. Ponto. E nesse momento cuidar de si mesma significava encontrar outro trabalho.

Rápido.

—Assim são as coisas – Apertou os dentes com raiva – A partir de agora vou pensar somente me mim.

Capítulo 03

Sentada na frente de um jornal aberto na página de classificados, Rachel tomava um café com leite duplo com nata batida: seu capricho favorito. Apesar de que estivesse arruinada e não ficasse nada para comer na geladeira, não estava disposta a renunciar a única alegria que tinha na vida. Seria capaz de deixar de comer, em troca do prazer de poder continuar tomando aquele café caro demais em um copo de desenho.

Caneta na mão marcou alguns anúncios de trabalhos que queria optar. Na maioria deles somente oferecia salário mínimo e eram postos que estavam bastante abaixo dos cargos que ela havia ocupado. Já havia solicitado todos os postos de direção, secretaria e escrevente que estavam dignamente remunerados, inclusive tinha engolido o orgulho e havia solicitado o posto de segundo comando da livraria do comercio central. Mas, a economia estava pelo chão e a taça do desemprego pelas nuvens, por que não era a única pessoa procurando trabalho. Os empresários podiam se permitir o luxo de escolher entre uma grande variedade de candidatos.

Rachel não tinha tempo suficiente para encontrar o trabalho que realmente queria. Aceitaria qualquer coisa para poder pagar a fatura até que surgisse algo melhor. Bom, quase qualquer coisa. Por pior que fosse a situação, havia coisas que eram inaceitáveis. Negava-se redundantemente a trabalhar em estabelecimentos de comida rápida, e tampouco, pensava em lavar carros ou trabalhar como faxineira ou auxiliar de enfermeira. Não tinha caído tão baixo. Ainda.

Enrugou o nariz, enquanto abandonava a sessão de escreventes e lançou um olhar aos anúncios alimentícios. Justo quando ia passar, seus olhos pararam em um anuncio.

Dizia: “PROCURA-SE HOSTESS⁸ DISCOTECA MISTICO. TAMBÉM PROCURA GARÇONETES E PROFISSIONAL DE COZINHA. VALORIZARÁ MUITO POSITIVAMENTE A EXPRIÊNCIA.”

Não leu mais, ficou pensativa massageando o queixo com a caneta, enquanto decidia se marcava o anuncio ou não.

O Místico era o melhor local ao que ir. Era uma discoteca de temática gótica que havia aberto fazia mais ou menos um ano. Atraia a uma interessante mescla de pessoas: desde pessoas normais quem iam tomar um copo e dançar, até psicopatas que pareciam ter um problema com a realidade. Além disso, contava com um numero coletivo de homossexuais, Warren também tinha uma grande comunidade pagã. De dia tinha trabalhos normais como qualquer outra pessoa. Pelas noites rodavam vestidos com índigo, fingindo serem criaturas sobrenaturais.

—De verdade quero trabalhar em um lugar desses?

Rachel golpeou o anuncio com a caneta rodeando com pequenos pontos vermelhos. Havia algo naquele anuncio que lhe atraia. Trabalhar em uma discoteca? Não era o tipo de pessoa a que gostasse de estar em um local repleto de pessoas. O Místico era um lugar ruidoso e selvagem, e

⁸ Espécie de recepcionista de restaurante, bares, eventos, festas ou boates.



atraia ao tipo de pessoas com as que ela não se misturava. Contudo, na agência de empregos, Havia ouvido dizer que as meninas que trabalhavam ali ganhavam bastante dinheiro. Uma garçonete podia ganhar mais de cem dólares em gorjetas em uma só noite. Tinha claro que esse tipo de ingresso não ia contra seus princípios.

Utilizando as cifras que havia escutado naquela conversa, fez uns cálculos rápidos na esquina do papel. Esse tipo de emprego a ajudaria a acabar com as dívidas mais que depressa. Voltou a golpear o queixo com a caneta. Supunha que seria perfeitamente capaz de aguentar toda aquela gente que frequenta ao clube, em troca de quantidade decente de dinheiro. Já havia trabalhado de garçonete quando ia à faculdade. Tampouco, podia ser muito complicado levar bebidas do ponto A ao B.

Somente havia um pequeno problema.

O dono do O Místico unicamente contratava certo tipo de mulheres. Somente as autênticas belezas passavam ao exigente exame do chefe. As meninas que trabalhava no Místico eram todas lindas, tinham enormes seios, o traseiro firme, levavam um estupenda e permanente dentes brancos (eram atrizes que pretendiam chegar a Hollywood). A triste realidade era que a maioria delas não tinha verdadeiro talento. De fato, comparadas com algumas delas, as estrelas de pornô pareciam inteligentes. Normalmente, as maiorias dessas meninas acabavam trabalhando como prostitutas.

Vale, ela não tinha uma longa cabeleira tingida de loiro nem um enorme par de seios. Ela tinha um corpo B em dianteira, e umas matadoras pernas longas (consequência mais evidente de ser uma girafa de quase um metro e oitenta de estatura). Como não pretendia ser a próxima atriz a ganhar um Oscar, talvez trabalhar no Místico a ajudaria a conseguir um equilíbrio financeiro até que pudesse encontrar uma posição mais estável.

O posto de Hostess não parecia de tudo mal. O único que faziam aquelas meninas era passar de um lado ao outro, dar uma mão aos clientes, assegurar de que todo mundo estava contente, vigiar que ninguém levasse gorjeta das mesas e organizar mesas para grupos. Não parecia precisar muitos de seus neurônios para fazer essas coisas. Esteve um bom tempo desenhando pequenos círculos ao redor do anúncio, logo acabou rapidamente o café, meteu o copo na pia e atirou o guardanapo na lixeira.

—Por que não?

O Místico estava fora de Warren, era uma das últimas coisas que via a gente quando saía da cidade. O edifício representava um castelo medieval, inclusive tinha torres e ponte levadiça. A ponte, em lugar de estar sobre a água, unia o edifício com o estacionamento.

Rachel lançou um olhar a sua maquiagem e arrumou o cabelo antes de sair do carro. Não se incomodou em fechá-lo. Não tinha anda que pudesse roubar somente um jornal e um monte de copo de café vazio. Colocou a bolsa no ombro e se dirigiu a entrada principal do clube. Aquele lugar era impressionante inclusive a luz do dia. Rodeado de um bosque de quatro mil metros quadrados, o terreno circundante estava coberto por um manto de arbustos que sempre crescia verde e os galhos estavam perfeitamente podados, na verdade era um dos lugares mais bonito da cidade. O dono não havia economizado em gastos.

Eram dez da manhã e o estacionamento quase vazio. O clube não abria as portas ao público antes do meio dia. Havia carros suficientes para que Rachel deduzisse que alguns empregados já haviam começado sua jornada diária.

Respirou fundo e imaginou para mostrar sua melhor face “pública”, alongou os braços e abriu a porta do clube.



Estava um pouco nervosa. Havia se acostumado a estar ao outro lado da mesa durante as entrevistas, já não lembrava como era a entrevista com ela. Aquilo ainda lhe doía, e não sabia se algum dia superaria o profundo sentimento de perda que tinha. Para dizer a verdade, não gostava a ideia de ter que trabalhar para outra pessoa. Desfrutava tendo seu próprio negócio, sendo sua própria chefe, havia lhe encantado trabalhar na tranquila livraria.

Ao entrar ficou atônita pela imensidade do clube, que a deixou sem ar. Era um espaço enorme com vários níveis. Não tinha uma, nem duas, sem três pistas de dança. O local era escuro e estava decorado com um estilo neo-gótico que lembrava uma espécie de estranha idade medieval com certo ar punk. As paredes estavam cobertas por enormes tapeçarias de pano em que foram narradas cenas de brutalidade infernal, se podiam apreciar com maior clareza quando as luzes pretas que tinham em cima iluminavam.

O mundo do Místico, o mal triunfava sobre o bem, a noite vencida o dia, e a morte reinava sobre a vida. Como se de uma lembrança de calabouços de Torquemada se tratava, os escuros cantos estavam decorados com instrumentos de falsas torturas. Do teto tinha jaulas em que dançavam as meninas e havia um anfiteatro com uma cabine enorme para que o DJ pudesse ver a pista de dança. O anfiteatro rodeava o clube todo, proporcionando uma magnífica vista de todos os ângulos. Um das paredes estava cheia de espelhos. Quando o lugar estava em pleno rendimento, um elaborado sistema de iluminação projetava as luzes eletrônicas ao ritmo da música. Era o lugar perfeito para correr.

A zona da barra, vazia, estava tão silenciosa que era assustador. Era estranho não vê-la cheia de gente lutando contra o ensurdecido volume da música para pedir as bebidas. Rachel imaginou que estava andando por um dos sete níveis do mesmo inferno. Perdida nas entradas do purgatório, de que ninguém conseguia voltar.

Era um pensamento estúpido, mas Rachel tinha muita imaginação.

Na verdade o bar estava bem iluminado nesse momento. Havia pessoas trabalhando por toda parte, repondo bebidas atrás do balcão, colocando bem as cadeiras e preparando tudo para noite. Supôs que provavelmente as garçonetes não apareceriam até mais tarde.

Atrás dela, alguém chamou sua atenção.

—Posso ajudá-la senhorita?

Rachel girou os calcanhares.

De pé atrás do balcão havia um menino jovem, vestido informal: uns jeans e uma camiseta do Místico. Na camiseta se via uma vampira feiticeira sugando a vida de um homem meio nu. Rachel sorriu. As meninas no poder, sim senhor.

—Queria ver o encarregado, por favor.

—Veio pedir trabalho?

Rachel assentiu com a cabeça evocando o mais generoso dos sorrisos.

—Sim

—Terá que preencher um requerimento – O jovem passou por debaixo do balcão e levou um papel a ela. Colocou uma cadeira junto à mesa e fez um gesto que sentasse – Preencha-a aqui, e quando acabar me avisa.

A Rachel não lhe passou advertido os impactantes olhos cinza do jovem e como lhe caia despreocupadamente uma mecha do cabelo na frente. Era muito lindo. Mas, jovem, sim, demais para ela, era um cachorrinho de vinte e um ou vinte dois anos. Ela suspirou. Fazia muito tempo que não tinha um homem em sua vida. Tempo demais...



Mexeu na bolsa até que encontrou uma caneta e começou a preencher o requerimento. Escreveu calma, mas com precisão, com cuidado de não cometer nenhum erro para não ter que apagar o que havia escrito.

Quando acabou se levantou e colocou a cadeira no lugar

—E agora o que?

Ele a olhou aborrecido.

—Terminou?

Típico. Lindo, mas sem cérebro. Por que ia incomodar-se não? Rachel sorriu.

—Sim

O tipo bom lhe fez um gesto para que o seguisse.

Rachel correu atrás dele por toda a pista de dança, seus saltos ressoavam na madeira polida. A conduziu até a parte de trás do edifício. Cruzaram uma porta e percorreu o que parecia uma toca que se entrelaçava. As pessoas cruzavam com eles sem olhá-los duas vezes, sem preocupar de que a intrusa infiltrasse em sua organização. Eles tinham um trabalho ali. Ela não. Não sugeria nenhuma ameaça

Pararam diante de uma porta em que havia uma placa: Direção. O jovem bateu na porta, abriu e colocou a cabeça na habitação.

—Rosalie – disse – Aqui tem alguém que quer lhe ver.

—Quem? – Era a voz de uma mulher com tom áspero.

—Nem ideia. Uma menina procura trabalho. Preencheu o requerimento.

O tom da mulher se suavizou.

—Diga que entre.

O jovem se afastou da porta para que Rachel pudesse entrar no lugar. Ela examinou rapidamente o local: um armário arquivador, um par de cadeiras, e algumas placas na parede do cofre, uma decoração bastante normal.

Atrás da mesa, uma mulher usava o teclado e entornava os olhos atrás de seus óculos para ver bem o monitor. Depois de negar com a cabeça o que fosse que estivesse escrevendo, tirou os óculos e levantou estendendo a mão.

—Sou Rosalie Dayton. E você...?

Rachel lhe ofereceu a mão ao mesmo tempo em que observava secretamente a mulher. Rosalie Dayton era uma mulher imponente. Estava tão gorda como um carrapato grudado na orelha de um cachorro, tinha a cara de um bulldog e uns olhos pequenos, cujo frio olhar parecia derreter tudo. Estava claro de que não era linda, nem havia sido nunca, uma de suas qualidades. Tinha a pele enrugada e o cabelo branco, resultava difícil adivinhar se tinha cinquenta ou sessenta anos.

Era um duríssimo cachorro velho. Não parecia fácil impressionar nem tampouco uma pessoa que se rendesse diante do encanto. O melhor que poderia fazer era ser direta e tão dura como ela.

—Rachel Marks

Silêncio.

Rosalie nem resmungou. Rachel lhe entregou a solicitação. A mesa da mulher estava literalmente cheia de solicitações. Muitos dos papéis pareciam ter sido rejeitados por infratores e idiotas. Com um pouco de sorte, sua pura caligrafia lhe ganharia alguns pontos.

—Veio solicitar o posto de Hostess que anunciava o jornal – apontou amavelmente. Rosalie lhe dedicou um curto e sombrio sorriso.

—O senhor Carnavon já cobriu esse cargo. Não é dissuadido.



—Que pena – Rachel esboçou outro sorriso alegre – Que outros processos de seleção tem aberto?

—O único que fica aberto por cobrir são postos de garçoneiro – disse a velha mulher – Precisamos contratar pelo menos duas meninas mais para cobrir as que foram sem avisar.

Rachel se sentiu aliviada.

—Estou interessada

—De verdade? – Rosalie percorreu o corpo de Rachel com incisiva olhada – Não parece ser o tipo;

Ela ergueu os ombros para trás e ficou de pé. Inclusive com um sapato plano era mais alta que a maioria. Era o momento de usar sua estatura em benefício próprio.

—Por quê? Não pareço uma tonta? – respondeu tranquilamente.

Para sua surpresa aquela velha face de guerra sorriu e assentiu...

—Exato.

—Que imagem tenho?

—Parece uma boa mulher que não trabalha em um lugar como esse.

Rachel suspirou decepcionada. Merda. Qual era seu problema? Não lhe haviam chamado para fazer uma oferta de emprego firme de nenhum dos postos para que a haviam entrevistado até então. Parecia ansiosa demais, estúpida demais, desesperada demais?

—Então não irá me contratar?

—Não disse isso. Essa decisão depende do senhor Carnavon – Rosalie baixou o tom de um modo que sugeria que Rachel a estava fazendo perder tempo.

—Vou poder vê-lo ou irá você me enxotar a patadas por não ter vindo vestida como uma vagabunda? – Rachel afiada insinuou que ela também estava ali para perder tempo.

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios da velha mulher.

—Muito bem – Jogou com os óculos que estavam na corrente do pescoço – Se insiste...

Uma pequena vitória. Chupa essa.

—Siga-me.

Capítulo 04

O escritório de Devon Carnavon estava no segundo andar. O adjetivo enorme ficava curto para descrevê-lo. Ocupava uma enorme suíte, desde ali se podia ver perfeitamente o primeiro nível do clube através do vidro do espelho que ocupavam quase uma parede inteira do quarto. Não havia nenhum armário de arquivos, nem nenhum outro artigo de escritório. Diante de sua mesa havia duas cadeiras para visitas. O chão, de madeira polida, estava coberto por enormes tapetes no estilo oriental em encantadores tons dourados, azul e vermelho.

Carnavon estava em primeiro plano atrás de uma enorme, cara e exótica mesa de madeira escura com mármore embutida nos cantos. Estava reclinado para trás e tinha os pés apoiados sobre um dos cantos da mesa. Deixou de lado um documento que estava lendo e esperou que as duas mulheres percorressem a distância que havia para salvar sua ilustre presença.

Rosalie não perdeu nem um minuto

—Devon, essa menina quer falar com você sobre um trabalho – disse deixando o requerimento de Rachel sobre a ampla mesa.



Inclinando-se com elegância, Carnavon esticou o braço e pegou. Seus olhos percorreram rapidamente o papel e logo se concentraram em Rachel.

—Senhorita Marks, obrigada por ter vindo - sua voz tinha um sotaque inglês, evocava imagens de quente café e doce chocolate preto. Delicioso.

Rachel assentiu se sentia um pouco incomodada.

—Obrigada.

Curiosamente ele não ofereceu a mão e nem esboçou o mínimo sorriso. Seu olhar, contudo, estava em todas as partes: percorria-a da cabeça aos pés. Estava desnudando-a com os seus olhos cinza de aço.

“O que estará olhando?” se perguntou.

Então lhe ocorreu. Talvez não fosse o bastante bonita. Havia se vestido muito simples: blusa branca, uma saia azul marinho, meias marrons e uns saltos baixos azul marinho.

Rachel recobrou o ar. Decidida a não deixar-se intimidar pelo evidente olhar sexual daquele homem, devolveu a avaliação física.

Fingindo tirar um pelo da saia, lançou um olhar tímido em sua direção. Era castanho e usava um caríssimo corte de cabelo. Seus olhos eram muito chamativos, tinham um tom cinza escuro que lembrava a cor que adquiria o céu minutos antes que se pusesse o sol. Uma ligeira barba de três dias cobria seu queixo forte. Sua boca estava cheia para beijar, para devorar.

Era alto, pelo menos media um metro e noventa. Estava certa de que aquele homem lhe poderia rodear toda a cintura somente com as mãos. Por baixo daquele traje italiano feito sob medida, tinha intuição de um corpo esbelto e robusto.

Devon empobreceu ligeiramente os olhos e olhou fixamente a Rachel.

—Não sonham passar por aqui muitas mulheres como você senhorita Marks.

Uma repentina onda de calor percorreu o corpo de Rachel, respirou fundo. Os mamilos ficaram em alerta e começou a sentir-se incomodada ao notar que se endureciam contra a suave seda de seu sutiã. Uma interminável série de cenas luxuosas começaram a desfiar sobre sua mente, imaginava que Devon a pegava pelos quadris e se introduzia profundamente em seu sexo.

Rachel se esforçou por deixar de pensar com a entreperna e conseguiu oferecer uma resposta.

—Isso é um insulto senhor Carnavon?

Debaixo de seu demoníaco olhar se desenhou um irônico sorriso.

—É um elogio.

O rubor cobriu as bochechas de Rachel. Inspirou profundamente e se obrigou a aguentar o olhar. Não podia deixar que o magnetismo pessoal de Devon a distraísse. Precisava do trabalho. Se tivesse que permitir que o dono a comesse com os olhos, em frente. Se a queria olhar, estupendo. Isso não significava que a pudesse tocar.

—Obrigada por me receber – disse colocando um tom formal em suas palavras – Acredito que tem alguns lugares de garçonne para cobrir e gostaria de uma entrevista com você para ocupar um deles.

—Muito bem – Deixou de olhar fixamente a Rachel e se dirigiu a Rosalie – Poderíamos oferecer algo a senhorita algo para beber?

A mulher ligeiramente incomodada por receber tratamento de pessoal de serviço, olhou a Rachel.

—Café ou chá?



Ela relaxou um pouco e negou com a cabeça. Sua tensão diminuiu, o voltou a ter tudo embaixo controle.

—Nada. Obrigada

—Você tomara o de sempre Devon? – perguntou Rosalie a seu chefe.

—Por favor – Ele sorriu, mas não lhe agradeceu. Obviamente, deu por certo a boa predisposição de sua empregada.

Rosalie se dirigiu com eficiência a um canto da sala, onde havia uma pequena cozinha americana muito bem servida. Aparentemente, aquele homem não se privava de nenhum luxo, inclusive no trabalho. Naquele lugar podia viver comodamente uma família de quatro pessoas.

Carnavon assinalou uma cadeira.

—Por favor, tome o lugar enquanto leio seu requerimento.

Rachel se sentou se alegrou de ter um motivo para poder agachar um momento a cabeça e não olhá-lo. Lutando contra os nervos, entrelaçou as mãos e esperou a que ele atirasse a primeira pedra. Chegasse o ponto, obrigaria a esse homem a utilizar dinamite para tirá-la de seu escritório. Tampouco ia deixar que a colocasse nervosa. Tinha coisas mais importantes em que pensar que naquele tipo estranho que a estava desnudando com os olhos.

Ele se sentou e começou a ler o requerimento. Depois de passar alguns minutos em silêncio, dirigiu a ela.

—Aqui coloca que dirigiu seu próprio negócio. Fale-me dele.

Rachel esboçou um sorriso diplomático.

—Sim. O Canto do Livro, na Rua Main – Não parecia que o nome soasse em absoluto. Pelo visto, não frequentava pequenas livrarias na outra parte da cidade.

Rosalie voltou ao ataque. Trazia um copo de delicada porcelana china em uma bandeja e aproveitou para apontá-la sua farpa.

—Ouvi que muitos negócios estão fechando nessa rua – comentou secamente.

Rachel um pouco ofendida por sua intromissão, ficou tensa. Seu sorriso desapareceu. Acreditava que Rosalie iria embora, mas estava claro que a velha não pensava em fazer tal coisa.

—Inclusive o meu – explicou Rachel – O centro comercial me afundou.

Carnavon tomando-se o chá, tampouco soltou palavras de simpatia.

—Vejo que tem experiência em hotelaria...

Rachel incomodada mudou de postura. Vender-se a si mesmo era bastante degradante.

—Sim. Na universidade trabalhei como garçom. Faz muito tempo é verdade, mas acredito que não terei nenhum problema com o trabalho.

Rosalie franziu o cenho. Dirigiu a Rachel um feroz olhar e negou ligeiramente com a cabeça.

—Servir mesas em um clube noturno hoje difere bastante do que ter servido na universidade.

Aquelas secas palavras desceram por Rachel. Sua segurança desapareceu e encolheu os ombros.

—É certo – tremeu levemente o queixo e apertou os dentes – Tenho pouca experiência como garçom.

Deus! Sentia-se como uma completa idiota. Havia escapado outro trabalho entre as mãos. Se fosse rápido, poderia seguir procurando sem perder tempo. Pôs as mãos sobre os braços da cadeira e começou a levantar-se.

—Sinto ter-lhes feito perder tempo...

Carnavon lançou um incisivo olhar que a paralisou.



—Espere um momento.

Havia esperança.

Rachel voltou a sentar-se.

Ele fez uma careta com os lábios.

—Aqui coloca que você é licenciada em direção e administração de empresas. Para começar, acredito que você é demais qualificada para o posto de garçone.

Rachel esboçou uma careta. Acreditava que não sabia? Dirigia a ela como se houvesse tirado a carreira ao chão e não como se estivesse falando com uma das melhores alunas de sua sala. Rachel resistiu ao impulso de fulminá-lo com o olhar.

—Sei perfeitamente o que significa trabalhar em um bar. Não tenho estado escondida em uma caverna todos esses anos. Já sei que o Místico é o melhor clube da cidade... E sei que aqui e onde veem mais pessoas.

—E acredita que pode lidar com tantas pessoas?

A ansiedade começou a entrar nela. Não estava certa, mas não tinha nenhuma intenção de admitir. Forçou um sorriso competente.

—Ainda que esse não seja o caminho profissional que escolhi, nesse momento estou procurando outras opções de empregos para poder me manter. Nesse aspecto, não estou qualificada demais. Somente tento procurar para poder pagar minhas dívidas.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Entendo sua situação – Pegou uma cara e elegante caneta e escreveu algumas anotações no requerimento – Preciso urgentemente duas meninas e as pessoas que viram ultimamente deixam muito a desejar.

Rachel se sentiu aliviada.

—Obrigada.

O relaxamento não durou muito tempo.

—Mas serei franco. Se você vai aceitar o trabalho, tenho que advertir que terá que lidar com uma incontrolável multidão de pessoas que põem até a sobrancelha de álcool e de o que sejam que metam no corpo.

Rachel assentiu.

—Entendo.

Carnavon sacudiu a cabeça e passou os dedos por seu estilo do corte de cabelo. Esse voltou a colocar em seu lugar como se não houvesse tocado.

—Não acredito que entenda. As pessoas empurram e tombam sem importar que tenha uma garçone próxima com uma bandeja cheia de bebidas. Os homens, e algumas mulheres, se dedicam a pegar indiscriminadamente qualquer menina que tenham a mão.

A contribuição de Rosalie não foi boa.

—Algumas meninas não aguentam uma hora – disse – E a maioria não duram mais que seis meses. Precisamos de gente que possa confiar e agüente.

Depois de escutar semelhante discurso inflamado, Rachel decidiu dar o melhor de si mesma. Acreditava-se que iam a dissuadir com aqueles argumentos, demonstraria que não podiam estar mais enganados. Não havia dúvida de que aqueles dois não tinham nenhum problema para pagar o aluguel no final do mês. Ela talvez não pudesse. Ainda estava em números vermelhos e passariam muitos meses antes que pudesse pagar todas suas dívidas.

—Fico com o trabalho.

Rosalie Dayton emitiu um grunhido de desgosto. Não parece suficiente boa.



—Até que você se joga em um trabalho administrativo das nove às cinco?

Rachel empalideceu negando com a cabeça.

—Não estaria aqui se não quisesse trabalhar – Mentira. Mentira porca. Se houvesse tido alguma perspectiva melhor, não teria colocado os pés naquele asqueroso lugar. Rosalie prosseguiu com o discurso.

—A mim não engana senhorita Marks. Vá você esta melhor vestida e esta muito mais qualificada que as mulheres que sonham em desfilar em uma passarela. Francamente, não a vejo como uma empregada em longo prazo – Rachel estava à beira da exasperação e a ponto de sofrer um ataque de pânico. Estava entre a espada e a parede somente tinha uma saída.

Inclinou para frente. Ignorando a Rosalie colocou as mãos com força sobre a mesa e se dirigiu a Devon.

—Já pode amarrar seu cachorro! – grunhiu – Uma coisa é uma entrevista e outra muito diferente é um interrogatório. Se esta mulher esta tentando assustar-me, não conseguirá insultando-me.

Arqueando as sobrancelhas surpreso, Devon Carnavon se inclinou para frente e apoiou os cotovelos na mesa.

—De verdade você quer estar aqui?

—Perdão?

—Quanto dia acredita que passará antes que atire a toalha e saia por essa porta?

Rachel negou com a cabeça.

—Não entendo.

—Não acredito que tenha o que seja necessário para trabalhar aqui – disse sem rodeios e direto ao ponto. Pelo menos não a tinha insultado.

Rachel se negou a desistir. Obrigou a manter a calma para que ele não descobrisse o próximo que estava de chorar.

—Olhe, serei sincera. Isso não é o trabalho mais desejável para mim. Já sabe que por cada centro comercial que se abre quebram e desaparecem dez pequenos comércios como o meu. A gente fica sem trabalho e se assusta. Estou assustada. O único que peço é uma oportunidade para ganhar a vida decentemente.

Suas simples palavras pareceram causar impressão.

Fez-se um longo silêncio. Longo demais.

Finalmente Carnavon assentiu satisfeito.

—Pelo menos parece que você é uma pessoa com caráter – Balançou a cabeça ligeiramente e fez sinal a Rosalie Dayton. Deu a impressão de que houvessem estralado os dedos de boa vontade, mas se conteve – Por favor, explique à senhorita Marks como funciona tudo isso. Diga a Gina que a inclua no programa e que começa amanhã as seis em ponto.

Rachel, aliviada, suspirou em silêncio. Alegrava-se muito de não ter que começar naquele mesmo dia. Pelo menos teria vinte e quatro horas para pensar na ideia.

Seguia precisando do trabalho. Praticamente havia suplicado. Já não havia volta.

—Obrigada.

A velha mulher enrugou os lábios, mas guardou o que pensava para ela mesma. Rachel estava certa de que Devon Carnavon escutaria logo a opinião de Rosalie sobre aquela última contratação. “Terei que demonstrar a ambos que estão enganados” pensou.



Depois de ter escutado a descrição das condições de trabalho, tinha a ligeira suspeita de que trabalhar no Místico era algo parecido a ser jogada aos leões. Se não cuidasse de si mesma a comeriam viva.

—Vá com a Rosalie senhorita Marks. Ela se ocupara de seu contrato e lhe dará um uniforme.

—Claro – Rachel assentiu a seu novo chefe. Seu terrível sexy novo chefe. Afastou esse pensamento da mente.

A química sexual que havia percebido sentada ao outro lado da mesa não significava nada agora que ela e que aquele homem estavam iniciando uma relação profissional. A amarga experiência a havia ensinado a não brincar com homens que tinha a manga na camiseta economicamente falando. “Onde tenha o pote não se meta no pênis.” Se recordou a si mesma.

—Obrigada senhor Carnavon.

Uma resposta suave.

—Chame-me Devon, por favor.

Rachel sorriu.

—Obrigada Devon – Se sentiu estranha ao escutar aquele nome de seus próprios lábios, mas gostou como soava – Não se arrependerá de ter me contratado.

—Estou certo que não – disse ele percorrendo seu corpo com os olhos cinza, investigando e dissecando cada centímetro visível. Uma faísca iluminou as profundidades de seus olhos, sugerindo que sua mente escondia todo o tipo de aperitivo primitivo. Aquele olhar resultou mais íntimo que qualquer carícia física e Rachel sentiu que a penetrava até o mais profundo de seu ser.

Uma forte sensação de consciência sexual percorreu as veias, Havia algo em Devon, algo ferozmente masculino, que despertava a fera animal que havia nela. Era impossível ignorar sua silenciosa chamada.

Rachel tentou apagar as luxuosas imagens que se projetavam em sua mente. Não teve sorte. Seu cérebro ganhou a partida e começou a imaginar que sentira deslizando os dedos pelo muscuroso corpo de Devon, o seria colocando seu quente pênis na boca... Ansiosa, faminta. Como seria ter o corpo firme de Devon sobre o seu, o imaginou utilizando seus próprios quadris para abrir as coxas com uma feroz demanda sexual.

Devon esboçou um sorriso, parecia que podia ler a mente. Apesar do espaço que os separava, havia estabelecido entre eles uma estranha e cintilante conexão. O olhar de Devon tornou-se quente e sensual. A pressão crescia à medida que aquela invisível olhada intimidante aumentava.

Rachel começou a sentir-se como se ele houvesse tocado sua pele desnuda com suas famintas mãos e o clitóris palpitou com mais força, sua calcinha começou a umedecer. De seu corpo começou a emanar um calor impossível de ignorar. De repente a roupa lhe pesava, se sentia aprisionada e atada. Um estranho brilho cobriu a pele.

A cabeça de Rachel começou a girar. Tinha a sensação de estar envolta por espirais de pura energia. Sua visão casa vez mais borrada, e teve que separar os lábios para poder respirar. Começou a tremer, sentia que se afundavam as costas. A sensação de calidez aumentava em seu clitóris cada vez mais inchado. Apertaram os dentes e tencionou a coxa, teve que convocar toda a sua força de vontade para não gemer quando o clímax percorreu-a com força de uma avalanche.

De repente aqueles segundos pareciam ter desaparecido

Devon falou de novo

—Você esta bem senhorita Marks?



Rachel se esforçou para recuperar a sensatez. Tinha o olhar desfocado e piscou para voltar à realidade. Inspirou com força. Sentia-se como se a tivessem drogado, como se seu corpo não a pertencesse.

—Estou bem obrigada.

Ainda que assegurasse estar bem, as sirenes continuavam palpitando com muita força. Minha mãe! Aquele homem era capaz de fodê-la com somente olhar! Seu sexo praticamente gotejava.

Rachel ficou de pé colocando bem a saia.

—Suponho que preciso de outra dose de cafeína para me mover.

Havia se estremecido com tanta violência que se havia caído a bolsa no chão e não tinha se dado conta. Agachou-se para pegá-la adorando ter um minuto para esconder sua vergonha. Deus! Não se podia acreditar que houvesse alcançado o clímax somente de olhá-lo.

Devon se levantou e rodeou a mesa, ao andar transmitia muita segurança de si mesmo.

—Claro – Estendeu a mão – Bem-vinda ao Místico senhorita Marks.

Rachel vacilou. O brilho que havia na profundidade dos olhos de Devon indicava que não lhe passado por alto nem um somente segundo do delicioso prazer eu acabava de percorrer seu corpo. Ela acreditava que se o tocasse derreteria, mas haveria sido muito grosseiro da sua parte rejeitar sua mão.

—Por favor, me chame de Rachel – disse ela. Acalmando seu desejo sexual, apertou-lhe a mão.

Aqueles fortes dedos lhe envolveram as mãos como se fosse uma luva, o tamanho da mão de Devon praticamente tragava a sua. A força que imprimiu a seu despreocupado apertão de mãos debilitou seus joelhos e lhe fez um nó no estômago.

—Rachel então – Em sua boca seu nome soou igual a um sedoso ronrono.

Rachel esteve a ponto de perder a compostura.

—Obrigada por dar uma oportunidade – a sua voz soou mais rouca do que de costume.

Ele sorriu.

—O prazer, querida, é todo meu. Espero tê-la próxima durante muito tempo – Suas palavras eram simples e seguras, mas continuou ardendo o olhar.

A Rachel lhe deu uma volta no coração. Habilmente, se livrou do apertão de mãos para colocar a corrente da bolsa nos ombros. Aquela barreira física a ajudou a proteger-se do incrível magnetismo de Devon.

Ele entendeu a indireta e deixou cair à mão. Se se sentiu decepcionado, não demonstrou. Voltou-se a dirigir a Rosalie Dayton.

—Assegura-te de não perder essa menina.

Rosalie esboçou uma careta azeda.

—Claro Devon.

Rachel teve a impressão de que se aquela mulher houvesse podido brincar e resmungar o teria feito encantada. Certo que a Rosalie não tinha passado por alto como Devon a comia com os olhos. Praticamente a havia a desnudado e se a houvesse fodido durante a entrevista!

Ainda que não fosse a primeira vez que um homem a desnudasse com os olhos, no fundo, tinha a ligeira suspeita de que Devon Carnavon desnudava as mulheres com os olhos do mesmo modo que um alcoólico decidisse por uma cerveja gelada. Automaticamente e sem pensar.

Claro que ela, tampouco estava interessada em seu chefe. Na agência de emprego também havia ouvido falar a respeito de suas inclinações sexuais. Tinha o rumor que devorava a mulher



igual um elefante engolia amendoim. Provavelmente ela não era a primeira que havia olhado assim e certo que não seria a última.

Rachel fez exame de consciência, enquanto dava a volta. A margem da atração e a atração definitivamente existiam, não pensava converter-se em algo mais na sua lista. Ela ia trabalhar para ele e lhe mostraria o respeito que lhe devia como empregada. Nada mais.

Por que... Poderiam ser amantes?

“Isso é ridículo.”

Capítulo 05

Rachel observou o vestido preto que Rosalie Dayton lhe havia dado.

O pôs sobre os ombros e olhou ao espelho de corpo inteiro na porta de seu armário.

—O pano é finíssimo – murmurou sujeitando-o contra luz.

O vestido era curto, o tipo de modelito que adoraria uma devoradora de homens. O examinou mais detalhadamente e se deu conta de que na verdade não era um vestido, se parecia mais com um uniforme de animadora. Estupendo. Deu-se conta de que com aquela curtíssima saia não poderia agachar: sem uma calça curta por baixo lhe daria ao mundo um estupendo primeiro plano de seu traseiro.

O logotipo do Místico estava bordado sobre o sedoso tecido do seio esquerdo. Os traços do M e do T eram mais longos: simulavam um par de caninos de vampiro. Era uma boa ideia, mas muito pouco original. Na etiqueta estava o numero M era tinha certeza que era um número menor. Também lhe haviam dado um avental com bolsos e uma placa de identificação. Rosalie havia prometido que se ficasse mais de um mês, lhe dariam mais uniformes.

Contudo, de momento, teria que se arrumar com um. O resto do uniforme, as meias e os sapatos, ela teria que pagar. Havia dito que quanto mais alto fosse o salto do sapato, melhor. Isso não tinha sentido, como demônios esperavam que passasse a noite toda correndo pelo o bar com um par de saltos altos? Afortunadamente, o barman a havia aconselhado que desse mais importância a comodidade da imagem, e lhe disse que era melhor que se pusesse um salto médio. Rachel tinha as pernas longas e não acreditava precisar de dez centímetros de salto para conseguir uma imagem sexy.

Tinha vontade de provar o vestido, assim que o deixou sobre a cama e começou a tirar a roupa até que ficou sem sutiã e calcinha. Colocou-se no conjunto, esticou o tecido até que tudo esteve em seu lugar e alisou as rugas com a mão. Aquele maldito uniforme era muito justo e se grudava como se fosse uma segunda pele. Naquele vestido não tinha espaço para meter nem um grama de gordura e marcava cada uma das curvas de seu corpo. O tecido tinha uma generosa abertura entre os seios. Esboçou uma careta e cobriu o seio. Tinha um corpo B perfeito, nem grande demais e nem pequeno demais. Era muito alta e havia sido beneficiada com uma cintura pequena, um ventre plano e umas coxas esbeltas.

O uniforme não ficava nada mal.

Frente ao espelho, Rachel se olhou por todas as partes. Graças a Deus, seu traseiro não parecia um trem de mercadorias.

—Não está nada mal para uma mulher de trinta e três anos.



Satisfeita, se voltou para direita e depois para esquerda, imprimindo a saia numa onda suave muito sexy. Gostava de como ficava o uniforme.

Até que viu a marca que tinha na coxa esquerda. O vestido tinha cortes de ambos os lados da saia e aquela horrorosa marca se via perfeitamente. Rachel enrugou o nariz.

—Merda. Odeio essa maldita coisa.

Aquela “maldita coisa” era uma marca de nascimento do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos. Era de cor Borgonha e resultava muito em sua pálida pele, tinha uma forma que lembrava uma estrela de cinco pontas. Ela o chamava de “a marca de Cain” dizia que era um estigma que a afastava do resto das pessoas. Quando era mais jovem, esteve considerando fazer uma tatuagem em cima para tampá-la, mas nunca chegou a decidir. Na verdade, tampouco lhe havia suposto nenhum problema, por que raramente usava saias ou calças suficientemente curtas para que vissem. Somente seus amantes sabiam que estava ali, e a maioria deles não havia dito nada ao respeito, somente mostraram mais interesse pelas outras partes do seu corpo.

Tentou esticar a saia para tampá-la, mas enquanto se movia, a saia voltava a seu lugar e a marca se via outra vez. Então pensou que talvez pudesse tapar com um pouco de maquiagem. Pegou um que tinha de um tom suave para que coincidissem com a cor de sua pele e, rapidamente baixou as meias e aplicou encima da marca. Conseguiu esconder um pouco, mas o experimento estava condenado ao fracasso. Enquanto acrescentava um pouco, o roçar do tecido com a sua pele eliminou a maquiagem. Bom. Não poderia fazer nada.

“Suponho que se quero o trabalho terei que viver com essa maldita coisa. É um bar escuro, ninguém se dará conta. As pessoas não ficaram abobadas olhando-me as pernas. Estarão dançando e bebendo, ninguém estará pensando na marca na minha coxa.”

Sentindo-se um pouco melhor, tirou o uniforme e o guardou. Amanhã começava a trabalhar. Como não tinha que estar ali até às seis da tarde, podia ficar acordada até tarde e comemorar. Decidiu tomar um bom banho e logo relaxar com um copo de vinho lendo um bom livro.

Tirou o resto da roupa, sacudiu a cabeça e passou as mãos pelos cabelos. Fazia muito pouco que havia decidido cortar a longa cabeleira que tinha e que lhe chegava até a cintura, havia deixado o cabelo a altura do queixo. Pôs-se tão nervosa tentando salvar seu negócio de um afogamento irremediável que se cansou de brigar com aquele cabelo tão longo. O novo corte de cabelo marcava seu rosto e lhe dava uma imagem moderna e alegre. Em um bom dia podia aparentar facilmente vinte e cinco anos.

Gostava de como lhe ficava. Era a melhor decisão que havia tomado em muito tempo. Abriu o guincho, regulou a temperatura da água até que esteve ao seu gosto e se meteu dentro da banheira. Desfrutando do quente vai-e-vem da água que chocava contra sua pele, se ensaboou e começou a lavar-se. Começou pelos ombros e foi baixando, fez uma pausa quando chegou aos seios. Os pegou e deu aos dois uma longa e deliciosa carícia. De repente, invadiu-a de desejo.

Rachel acariciou as pontas dos mamilos com as pontas dos dedos provocando-se pequenas e deliciosas sacudidas de prazer. Enrugaram-se os mamilos e logo, ao retorcê-los suavemente, se endureceram. O contato era elétrico. Escapou um gemido. O apetite carnal se apoderou dela e lhe endureceu o clitóris.

Sentia uma ligeira picada que continuava precisando de alívio. Definitivamente, Devon havia acendido um fogo em seu interior aquela tarde e as chamas não ia se extinguir com facilidade. A menos que ela tomasse as cartas no assunto. Apoiou as costas contra a banheira e roçou as pontas dos mamilos com as pontas dos dedos beliscando ligeiramente. Não havia nada que ela gostasse



mais que um jogo agressivo para excitar seus mamilos. Sentir os dentes de um homem brincando com eles a deixava louca.

Rachel os beliscou de novo, desfrutando na elétrica sensação que percorria suas costas. Seus mamilos eram grandes e se endureceram embaixo dos dedos. Começou a tremer e escapou um gemido. Com a respiração entrecortada, começou a deslizar as mãos por seu ventre, e se deteve para acariciar o contorno dos quadris, cada vez respirava mais depressa. Pressionou calcanhares contra a banheira de porcelana e abriu as pernas. Perfeito. Depois do gozo mental daquela tarde com Devon, precisava algo que fosse o mais próximo possível da realidade. Por desgraça, sua mão era o único que tinha para satisfazer-se naquele momento. Tomou nota mentalmente de que devia lembrar-se de comprar pilhas para o seu vibrador. Era muito provável que precisasse dele. Logo.

Pôs a mão sobre o monte de Vênus e meteu um dedo entre os suaves lábios vaginais. A carne inchada agradeceu sua carícia. Estava úmida e escorregadia apesar de que a água estava quente. Seu clitóris era o que precisava de uma estimulação lenta. As carícias toscas e bruscas não davam resultados. Para alcançar o orgasmo, precisava longas e prazerosas carícias seguidas de movimentos rápidos.

Fechou os olhos e pressionou a ponta do dedo sobre o pequeno monte. Uma onda de calor percorreu todas suas terminações nervosas. Definitivamente ia por um bom caminho. Rachel gemeu, enquanto se acariciava, colocando uma suave e ligeira pressão e sentindo-se maravilhosamente selvagem e lasciva, percorreu os lábios vaginais apertando com suavidade a tenra carne entre os dedos.

Com a outra mão acariciava o mamilo esquerdo, atirava ele e o retorcia. Tremeu ao sentir como os músculos vaginais se flexionavam e contraíam. Seu sexo ansiava por um pênis longo e duro. Teria que utilizar um substituto. Fechou os olhos. A realidade ficou em preto.

Lembrou-se do intenso olhar de Devon e se imaginou o que poderia ter acontecido se tivessem estado sozinhos. Se houvesse desnudado no escritório, havia encontrado seus firmes seios escondidos atrás de um precioso sutiã branco com encaixes. Se lhe houvesse levantado a saia, teria visto como a calcinha realçava cada centímetro de suas longas pernas.

Aquela mesa que tinha era perfeita para gozar rápido. Foi fácil imaginar que Devon a colocava encima da polida superfície e logo se situava entre suas pernas abertas, atrás baixar a braguilha para liberar seu membro, longo e rígido.

Rachel, com Devon entre as pernas, poderia sentir a pressão de sua ereção, a ponta do pênis palpitando contra seu clitóris. Nunca tinha estado tão excitada. A fantasia desdobrava sua mente e meteu dois dedos, logo os tirou e meteu três. As suaves e rítmicas investidas se voltaram com mais força e mais exigentes. Apesar de que eram suas próprias mãos que lhe davam prazer a seus seios e entre as pernas, era a Devon que queria. O único que desejava.

De repente aquela lasciva necessidade se tornou uma feroz ansiedade. Rachel, aproximando-se do clímax, meteu dois dedos mais profundamente em seu seco. Sua pele palpitou com um doce tremor. Ela pressionou de novo, produziu uma íntima convulsão e lhe começaram a tremer as pernas.

Quando alcançou o clímax, uma onda de calor líquido a inundou a tempo que a escuridão que havia em seus olhos se converteu em esquisitas fitas coloridas. Seus seios subiam e desciam e se arqueou contra a porcelana enquanto um suave e discordante gemido surgia do mais profundo do seu ser.

Pareceu demorar uma eternidade em voltar à realidade.



—Foda! — ofegou Rachel, umedecendo os lábios com a ponta da língua. Tinha a garganta e os lábios secos por causa da pesada respiração. Um doce formigamento percorria seu corpo quando pegou uma toalha da prateleira e se envolveu nela, logo pegou outra para secar os braços e as pernas

—Fazia anos que não me sentia tão bem.

Sorriu

Pelo visto, trabalhar no Místico podia ter algumas vantagens.

Capítulo 06

Trinta minutos antes de começar seu turno, Rachel estacionou o carro na sessão de empregados do estacionamento, e logo se dirigiu a porta pela entrada do pessoal, situada na parte detrás do edifício. Havia colocado um longo suéter por cima do uniforme por que lhe dava um pouco de vergonha aparecer naquele vestido tão curto na rua.

Recebeu-a Rosalie Dayton e a acompanhou por um rápido corredor entre bastidores: mostrou-lhe a sala em que os empregados faziam descansos, detalhou o horário e apresentou os barmans, ajudantes dos barmans e as demais garçonetes. Também recebeu uma rápida lição sobre como devia administrar o dinheiro. Davam-lhe cem dólares de entrada, com esse dinheiro pagaria as bebidas no balcão quando recolhesse e logo cobraria os clientes na mesa.

Às seis da tarde. Começa o espetáculo.

E nem rastro de Devon.

Rachel foi para pista de dança atrás de sua tutora, Lucille, que estaria responsável por ela e a ajudaria se fosse necessário. O clube estava dividido em sessões e cada uma das meninas tinha sido resignada a um grupo de mesas.

Apesar de que a noite acabava de começar e o clube começaria a animar até mais ou menos as nove, o local já estava cheio. Um estranho cheiro flutuava no ambiente, era uma mescla de suor, perfumes, álcool, incenso e fumaça de cigarro. Rachel enjoou. A música soava muito forte, as paredes tremiam, e o local estava repleto de luzes coloridas que se moviam ao ritmo da estranha mescla de gênero gótico técnico, os assuntos clássicos que resultavam curiosamente familiares. Para quem gostasse desse tipo de ambiente, o clube não estava de todo mal.

—Essa é a zona em que irá trabalhar — disse Lucille gritando para que pudesse ouvi-la por cima da música e lhe piscou. Assinalou uma escura fileira de mesas.

Rachel observou a menina com atenção. Uma loira e muito linda, não devia ter muito mais que dezoito anos, tinha os olhos verdes e a pele muito pálida.

Lucille continuou:

—Esse é o seu bar e Alan seu barman.

Rachel assentiu de novo. O que diabos se supunham que podia dizer? Estava petrificada por ter que enfrentar um trabalho novo e misturar-se com as pessoas estranhas ao seu redor tão extravagante. Ela estava acostumada a trabalhar em um lugar tranquilo e familiar. E ali estava agora, tentando abrir caminho em um local em que as pessoas estavam como sardinhas em latas.

Lucille percebeu que Rachel estava incomodada e sorriu ao mesmo tempo em que lhe piscava um olho com cumplicidade.

—Acostumará — disse dando uma tranquilizadora palmada nas costas.



Rachel não estava muito certa disso. Uma repentina dor de cabeça ameaçava com intensificar sua força.

—Tem muito barulho. Quase não posso pensar.

Lucille assentiu com simpatia.

—Deixará de ouvir quando passar um tempo. Você limita-se a manter a cabeça bem alta, sorrir e levar as bebidas na mesa. Isso é tudo que tem que fazer.

Uma vez disse isso, mandou Rachel trabalhar.

Quatro horas depois, Rachel entrou correndo no quarto onde descansava o pessoal, sorriu debilmente a seus companheiros que estavam tão cansados que somente conseguiu assentir e murmurar alguma palavra. Somente eram às dez da noite e já sentia a feroz necessidade de sentar e descansar um pouco.

Serviu-se de chá gelado e se deixou cair em uma cadeira de metal. Logo tirou um sapato e massageou os pés. Oh Deus meus pés estão me matando! Como conseguiam aguentar aquelas meninas dia-a-dia? Se havia colocado uns sapatos totalmente planos e, contudo, tinha a sensação de que seus pés eram de pluma. Amanhã iria a farmácia comprar palmilhas. Pensou que as meninas se atreviam a passar por ali com saltos além de três centímetros de altura deviam de ter os pés de aço, se não for assim, certo que estariam acabadas quando chegassem aos trinta anos.

Não havia passado por alto o fato de que era uma garçonete mais alta do local. Sentia-se uma autêntica anciã em comparação com aquelas jovens que apenas tinham idade legal para servir álcool. Até o momento ninguém havia beliscado seu traseiro ou metido a mão ao agachar para deixar os copos sobre a mesa. Mas, não tinha nenhuma dúvida de que aconteceria logo. Somente questão de tempo.

Um par de meninas, cujas placas se liam “Tammy” e “Debbie” entraram e se sentaram. As duas eram loiras e peitudas, e davam um novo significado a palavra sexy, embutidas em seus minúsculos uniformes. Já se havia dado conta de que algumas das meninas tinham uma forma particular de inclinar-se sobre os clientes oferecendo aos homens uma boa vista de seus seios e traseiros. Obviamente, essas meninas eram as que iam a casa com as gorjetas mais generosas, com ajuda daquelas manobras conseguiam facilmente que os homens metessem no seu decote notas de vinte e até cinquenta dólares.

Tammy ofereceu um cigarro enquanto acendia um para ela.

—Fuma?

Debbie pegou o que Rachel rejeitou e o acendeu no isqueiro de plástico de Tammy.

Rachel voltou a por o sapato, enquanto negava com a cabeça.

—Obrigada, mas não fumo.

O olhar de Tammy percorreu minuciosamente o corpo de Rachel.

—Assim você é uma das meninas novas?

Rachel assentiu.

—Sim.

Tammy exalou a fumaça por entre os dentes, os usava pintados de um intenso vermelho brilhante.

—Você gosta?

Rachel encolheu os ombros. Não, não gostava. Mas, de nenhum modo ia admitir em voz alta. Aqueles comentários acabavam chegando aos ouvidos do chefe.

—É diferente. Ainda tenho que me acostumar.

Debbie abandonado o voluntário estupor em que havia sumido, interveio na conversa.



—Morro de fome. Será melhor que coma algo antes que acabe o descanso – Levantou-se e saiu.

Tammy olhou a Rachel.

—Você quer comer algo?

Ela negou com a cabeça. Havia comida e refrescos para empregados.

—Estou nervosa demais para comer – Deu um gole no chá. Mas adiante tiraria proveito disso. Uma comida grátis a ajudaria a reduzir a conta do supermercado.

Tammy apagou o cigarro.

—A primeira noite que trabalhei não parei de vomitar. Tem sorte, pelo menos está uma noite fácil.

A Rachel escapou uma risada incrédula

—Isso é uma noite fácil? – perguntou surpresa

—Oh sim – respondeu a menina.

Rachel deixou cair na cadeira, tampando o rosto com as mãos e gemendo.

—Genial.

Tammy deu uma amigável palmada nas costas

—Cada vez é mais simples. Aprende a ignorar a gente e ficar com o dinheiro.

Rachel suspirou

—Por isso estou aqui – Dinheiro. A pedra angular básica para o funcionamento do sistema do livre comércio. Graças a ele, poder ter um teto sobre a cabeça e comida no prato. Ainda não havia tido tempo de contar suas gorjetas, mas já tinha um bom bolo de dinheiro no avental e um monte de moedas, principalmente de moedas de vinte e cinco centavos. Ninguém contava suas gorjetas diante dos demais. Tinha-se sorte, podia ir para com mais ou menos cem dólares.

Capítulo 07

Rachel, destroçada pelo cansaço, se levantou e se dirigiu a porta. Com a intenção de ir para cada com um bom monte de gorjetas e pressionada pela necessidade, colocou seu melhor sorriso e saiu da sala.

Quando voltou a pista, viu seu novo chefe dirigindo-se diretamente a ela. Observou como deslizava entre a multidão, em lugar de andar, parecia que flutuava entre as pessoas. Os clientes esticavam o braço para lhe cumprimentar. Se ele lhes oferecia a sua, se convertia em elogios. Se não, estavam acabados. Uma vida como sua era digna de inveja. Tinha dinheiro, poder, beleza... Tudo.

No começo Rachel ficou nervosa por que tinha medo de ter feito algo ruim, mas o relaxado sorriso de Devon não ocultava nenhum aborrecimento. Parou somente para apertar a mão de alguns clientes preferidos e lentamente foi abrindo caminho até onde ela estava.

Para fingir que estava ocupada, pegou a bandeja de um dos ajudantes do barman e começou a recolher os copos que se amontoavam sobre a mesa. Pôs-se contente quando viu que lhe haviam deixado uma nota de vinte dólares de gorjeta atirada entre a porcaria, os copos vazios e os cinzeiros repletos. Aquela mesa lhe havia ocupado um grupo muito grande, dez pessoas no total e a haviam tido correndo de cima abaixo quase duas horas.



Justo quando se estava colocando o dinheiro no bolso, notou que alguém colocava a mão sobre seu ombro. Arrepiou o cabelo da nuca e teve a sensação de que a eletricidade lhe percorria todo o corpo.

Deu a volta sujeitando os copos com força, o coração lhe golpeava no peito selvagemmente. Rachel olhou o corpo de Devon centímetro por centímetro. Enquanto, observava como o jaleco realçava a sua estilosa figura, uma intensa onda de calor a percorreu. O modo que se preenchiam as calças nos quadros não deixava nada para a imaginação. Advertiu com inveja que nem um grama de gordura estava em sua linda figura.

—Rachel – a cumprimentou alcançando a voz por cima da estridente música e aproximando-se dela para que pudesse ouvir – Somente queria saber que tal esta sendo sua primeira noite.

Ela lutou para manter a compostura e escolheu com cuidado as palavras.

—Bem, obrigada – conseguiu dizer tentando não resmungar demais.

—Fico feliz – Devon deslizou os olhos por seu corpo, seu olhar era mais íntimo que curioso. Finalmente se fixou nos copos que ela tinha nas mãos e um ligeiro sorriso cobriu a esquina de seus lábios – Deixa que os ajudantes do barman limpem as mesas. Esse é seu trabalho, são pagos para fazer isso. Seu trabalho consiste em trazer as bebidas para mesa – Estalou os dedos para chamar a atenção de uma da hostess que passava entre os clientes – Traz alguém aqui para limpar as mesas. Agora.

A hostess assentiu e se apressou em cumprir a ordem o quanto antes.

Rachel engoliu a saliva e voltou a deixar os copos sobre a mesa. Tudo quanto a ele se referia era excitante. Sua presença, tão próxima, a fazia arder da cabeça aos pés.

—Somente tentava me manter ocupada – justificou.

Ele sorriu.

—Terá muitas oportunidades de estar ocupada Rachel. Desfruta dos momentos tranquilos. São escassos aqui.

Ela teve que fazer recolher toda a sua força de vontade para não abanar-se com a mão. De repente se sentia tão quente.

—Lembrarei.

Devon olhou um momento ao seu redor, logo voltou a posar seu inquietante olhar no rosto de Rachel.

—Bom agora que já provou, acredita que gostara de trabalhar aqui?

Na cabeça de Rachel as palavras de Devon soavam da maneira mais sugestiva possível. “Prová-lo? Oh sim. Adoraria prová-lo.”

Com a cabeça cheia de pássaros, Rachel mudou de postura e apoiou em uma cadeira. Oh Deus! Como gostaria de pegar as mãos, guiá-las por suas coxas e sentir seus longos dedos acariciando a umidade apaixonante.

—Acredito que sobreviverei.

Devon inclinou a cabeça de lado, alongou a mão e acariciou com suavidade sua bochecha esquerda.

—Fico feliz. Gostaria de tê-la por aqui durante muito tempo.

Depois de dizer isso Devon não tirou a mão da bochecha. Rachel sentiu o calor de seu corpo, estava muito próxima e tinha uma atitude muito íntima. Um quente rubor subiu pela sua bochecha.

—Obrigada – balbuciou.



Os olhos de Devon se iluminaram. Tudo ao seu redor se desvaneceu. Sua carícia transmitia desejos faltavam palavras.

—Não me gostaria que ninguém lhe afastasse do meu lado – sua profunda e intensa voz sugeria um monte de prazerosas possibilidades.

Rachel sentiu que ficava sem ar nos pulmões, o coração lhe palpitava com muita força. Seus músculos ameaçavam derreter debaixo da maravilhosa sensação de sua carícia. Era impossível que estivesse seduzindo-a naquele bar repleto de gente... Com um único olhar confirmou suas suspeitas. Sim o estava fazendo!

Rachel baixou o olhar até a entre as pernas de Devon e se perguntou como seria empapado. Deus como gostaria de desabotoar os jeans e explorar cada centímetro de seu pênis com a língua. Podia imaginar sua própria mão procurando, encontrando, apertando e arrancando um gemido de prazer. A fruta proibida era o mais doce. Somente uma vez.

Rachel ficou nervosa de novo ao pensar em como seria sentir o pênis de Devon endurecendo contra seu ventre. A luxúria nublava os sentidos. Engoliu com força, enquanto se imaginava fazendo amor com ele apaixonadamente. Sentia dor entre as pernas, seu clitóris, úmido e palpitante, desprendia muito calor. Mordeu a língua para não gemer e fechou as pernas com força. O desejo que ele havia conseguido provocar-lhe simplesmente estando de pé frente dela ameaçava deixá-la louca.

“Isso não pode estar acontecendo.” Dizia-se Rachel uma e outra vez. O ressentimento que sentia rumo aos ombros estava entrando em conflito com a crescente paixão que lhe provocava a presença de Devon.

Devia voltar ao trabalho. Ficando ali parada não ganharia nenhuma gorjeta. Somente lhe pagavam, três míseros dólares por hora e para ela era vital completar essa quantidade com as gorjetas, pois do contrario voltaria para casa com uma grana muito pobre.

Desfazendo-se da carícia de Devon, se afastou da cadeira. O salto do seu sapato enganchou numa dobra do tapete que a fez tropeçar. Perdeu o equilíbrio e caiu.

Caiu justo nos braços de Devon. Ele rodeou sua cintura com as mãos impedindo que caísse. Rachel sentiu o calor de suas enormes mãos através do fino tecido de seu uniforme.

—Cuidado – Murmurou ele, ajudando a ficar de pé. O peso do corpo de Rachel não o fez perder o equilíbrio. Era tão forte e estava tão bem de fato... Somente uns centímetros os separavam. O mundo de Rachel se deteve. Seu coração. Sua respiração. Seu pensamento. Estava presa entre a necessidade de encostar-se a seu peito e sair correndo, mas foi incapaz de fazer nenhum das duas coisas. A confusão se apoderou dela. Fazia muito tempo que não a abraçava alguém grande e mais forte que ela. Estava tão excitada que não podia deixar de tremer, deixar de desejar e... Oh Deus! Realmente pretendia beijá-la? Na frente de todo mundo!

Um pequeno gemido escapou dos temerosos lábios de Rachel.

—Por favor – começou a dizer. Logo, como se de repente tivesse se dado conta de que estava hesitando terminou a frase – Não.

Devon levou para frente imediatamente com os olhos cheios de consternação. Rachel sentiu o calor de seu penetrante olhar.

—Por que não?

Rachel tinha a cabeça a ponto de explodir e era incapaz de pensar em um motivo coerente. Somente lhe ocorreu que mesclar trabalho e prazer seria um erro. Um grande erro. Com total honestidade disse:

—Não me atiro ao chefe – Seu tom seco se debatia entre o medo e a avidez carnal.



Devon arqueou uma sobrancelha, enquanto um sorriso se desenhava em seus lábios.

—É o único motivo que te deteria? – perguntou sem deixar de olhá-la fixamente.

Fez-se um profundo silêncio entre eles.

—Não – A Rachel começou a tremer as pernas, estava a um passo de perder a determinação.

O tremor se estendeu por todo seu corpo; Era mentira, mas não fazia falta que ele soubesse. Nenhum homem a havia feito sentir como ele fazia. Devon a fazia sentir tão bem... Tão desejada... Bombardeava-a com emoções contraditórias. A luxúria lhe destroçava a libido, e a música, a todo volume, parecia soar ao ritmo das batidas de seu coração.

Não seria difícil apaixonar-se por Devon. Nada difícil. Aquele homem tinha os olhos mais sedutores que havia visto. Quando se perdia em cinza profundo, amaciava-se automaticamente e começava a cair, uma a uma, as pedras do muro que tanto lhe havia custado construir para proteger suas emoções. Estava cansada das batalhas da vida, cansada de estar sozinha. Era muito fácil desejar que ele fosse seu cavaleiro em uma brilhante armadura. Ele tinha tudo o que pudesse desejar.

Ela... Não tinha nada. Havia ficado sem a livreria, e estava endividada até a sobrancelha, somente possuía um carro e um gato preto magro. Todo o resto não podia estar mais que hipotecado. Se perdesse seu apartamento, se tornaria uma indigente. O desastre pairando sobre sua cabeça como um pássaro faminto.

Ao olhar Devon pela segunda vez o viu menos atraente. Então entendeu perfeitamente o que ele podia querer com uma mulher como ela.

Somente sexo.

Maldisse sua própria ingenuidade e impulsividade fechou os punhos e cravou as unhas nas mãos. Começou a sentir náuseas e a vergonha grudando em seus sentidos. Como podia ser tão idiota? Ali havia garçonetes para parar um trem, entravam e saíam como se houvesse um fornecedor em alguma parte. Ela não significava nada especial algum ao mundo de Devon, nada novo. Somente era um par de seios e um bom traseiro. Nada mais.

Virou os olhos. Bastaram alguns segundos para entender perfeitamente o motivo que ele havia se aproximado dela essa noite. Acaso acreditava que por haver passado um monte de horas de pé, teria má vontade de baixar a saia e abrir as pernas?

Uma agonizante cólera golpeou justo no centro do plexo solar⁹. Por que diabo era tão fácil tentá-la? Devon podia ter a mulher que quisesse. Uma garçone de seu bar não significaria para ele nada mais que um caso. Mal tudo mal. Por mais que desejasse a esse homem, ainda conservava os escrúpulos e a moral.

“Não seja idiota. O único que quer é gozar rápido”.

A presença da multidão reapareceu, empurravam e reclamavam atenção. De repente voltavam às risadas, o som dos copos e o fedor dos corpos pregados demais um no outro. Todo o local estava em decadência. A sociedade daquele lugar a fazia sentir vulgar e barata. Cada vez sentia mais náuseas e a sensação de ter tanta gente ao redor começou a resultar insuportável. Não podia acreditar que ela e Devon estiveram compartilhando um momento tão particular em um lugar tão público. Pelo visto, ele não se importava em absoluto que alguém pudesse ver como soava as pessoas.

⁹ É um agrupamento autônomo de células nervosas no corpo humano localizado atrás do estômago e embaixo do diafragma.



Rachel levou um balde de água fria mental e recuou até conseguir colocar entre eles um metro de distância. Apenas havia espaço, mas seria suficiente.

—Não sou uma mulher fácil ou vulgar senhor Carnavon – disse mandando uma indireta ao usar seu nome – O fato de que me deu o trabalho não significa que pode tomar liberdades pessoais comigo.

Devon franziu o cenho, o havia pegado com a guarda baixa. Seus olhos, cinza como aço, deixaram de ser quentes. Obviamente a reação de Rachel o surpreendeu.

—Acredita que é isso que estou pensando?

Ela encolheu os ombros. Apertava os punhos com força e franzia o cenho, desconfiada.

—Não é assim? – Reuniu toda sua força de vontade e lhe dirigiu um olhar gelado especialmente desenhado para atrofiar testículos – A menos que desfrute com as denúncias por assédio sexual, sugiro que mantenha as mãos afastadas.

Devon ficou imóvel, sem falar. Se lhe houvesse pegado pelos ovos e os jogado em um ventilador, não teria o surpreendido nem na metade.

Rachel não lhe deu nenhuma opção de refazer-se e lançar um contra ataque.

—Vou tirar um descanso – informou secamente – Por favor, tenta não estar aqui quando voltar.

Enquanto se afastava se perguntou se seguiria conservando o trabalho quando chegasse a sala que descansava o pessoal. Estava surpresa de seu atrevimento, nunca havia sido uma mulher violenta ou agressiva. Estava certa de que era uma das poucas pessoas que havia dito não a Devon.

Quando entrou na sala de descanso, Rachel respirou fundo para tentar acalmar seu agitado coração. Merda! Não podia acreditar no que acabava de fazer. Quando perdeu a livraria, entrou numa fria. Depois de ter dito a Devon que se fosse ao inferno, estava sobre as chamas. Praticamente podia sentir o calor tostando o traseiro.

Os olhos encheram de lágrimas. Não queria chorar.

“O orgulho vem antes da queda” pensou.

Não era um pensamento nada reconfortante. Aterrorizava-a esse constante estado de incerteza em que se encontrava por ter que sempre estar pensando se chegaria ao final do mês ou não.

Franziu o cenho outra vez e voltou a apoderar-se dela essa inquietude sensação de medo.

—Já me colocarei a considerar as consequências que posso ter por mandar as pessoas à merda, quando estiver sentada na sarjeta com meus pertences em uma caixa de papelão.

Capítulo 08

—Deve pensar que sou um canalha – se disse Devon esboçando uma careta de dor.

Ficou diante a grande janela de seu escritório e, com as mãos enlaçadas nas costas, observou a multidão que se aglomerava no piso inferior. Apesar do clube não estava completamente cheio, havia muita gente. Pela enorme janela podia ver até o último canto do clube. Justo como ele gostava. Não lhe escapava nenhum detalhe somente. Nenhum.

Em especial não lhe escapava nenhum detalhe referente à Rachel Marks.



Ao vê-la trabalhar, uma pontada de penetrante antecipação lhe tirou o ar. Estava totalmente encantado, parecia não ser capaz de deixar de olhá-la. O pequeno uniforme que usava não dava espaço para a imaginação. O tecido do vestido estava cheio de lantejoulas que reluziam quando ela se movia e ressaltava os seios, os esbeltos quadris e as longas, elegantes pernas. Era atraente e tentadora, uma mulher com um corpo mais sexy que o pecado e uma boca feita para chupar.

Kipling disse em uma ocasião que as mulheres não eram mais que trapos, ossos e uma longa cabeleira. Deus não! Kipling se enganava. As mulheres eram úmidas e suculentas. E Devon seria capaz de vender sua alma em troca de poder desfrutar uma noite somente dos atentos favores de Rachel.

Tinha os lábios ligeiramente separados e sua respiração acelerou. Afrouxou os botões do pescoço da camisa e suspirou com desejo. Ao imaginar que aquelas preciosas coxas se abriam para deixar passar seu pênis, uma onda de calor instalou em sua virilha. E quando em sua mente a viu disposta, um suor frio embalou o corpo.

A excitação aumentou ainda mais em algumas partes estratégicas de seu corpo. E mais.

Gemeu com suavidade e deixou cair a cabeça para frente, parecia que seu pescoço houvesse perdido a força necessária para mantê-la erguida. Desde o momento que Rachel entrou em sua sala, havia tomado até o último de seus pensamentos, estivesse desperto ou dormindo. Atrevia-se a pensar por quê? "Não. Isso é impossível."

Passou a mão na esta para limpar o suor e tentou afastar esse inquietante pensamento de sua mente. Mas, não ia ser tão simples: aquele sentimento estava cravado no mais profundo de seu ser. A perda de controle que estava sofrendo era tão intensa que chegava a ser vergonhosa. Não havia voltado a sentir-se assim por uma mulher desde...

Uma única palavra escapou de seus lábios, um nome tão lindo que custava em dizer em voz alta.

—Ariel.

O quanto elas eram parecidas era assustador, desde seu cabelo preto como a pluma de um corvo até seus olhos platinados azul. Com somente olhar a Rachel Marks parava a respiração. Havia sido incapaz de tirar os olhos de cima desde o primeiro momento que a viu. Uma instantânea e magnética atração surgiu entre eles. Devon havia sentido como aquela atração se introduzia em seu coportão profundamente que chegou até os ossos.

Não lhe cabia dúvidas de que ela havia sentido o mesmo. A apaixonada reação física de Rachel enviou uma elétrica mensagem a sua mente. Seu corpo havia respondido a suas fantasmais carícias do mesmo modo que responderia as carícias físicas. Estava certo de que não se enganava. Debaxo dessa aparência distante se escondia a alma de uma fera que desejava ser liberada.

Tentadora, misteriosa e erótica, Rachel se comunicava com ele como se de um enigmático sonho de requintado encanto se tratava. O rosto e o corpo dessa mulher já eram o suficiente provocativos, mas sua obstinação entrava em Devon com força que não podia deixar de pensar no que tinha que conseguir provar como fosse.

Queria mais.

O desejo se erguia com força. Quando Devon colocava os olhos sobre uma mulher, jamais se conformava com um não como resposta. Uma negativa era uma patada em seu ego, era uma sensação que não gostava em absoluto. Suspirou profundamente, tentar acalmar sua crescente frustração sexual. Em sua mente se desenrolavam todo tipo de fantasia erótica. Notou que a ereção ameaçava romper as costuras de seus jeans. A necessidade fervia embaixo de sua calma aparência.



Devon meteu a mão no bolso e começou a acariciar a palpitante longitude de seu membro. Imaginou como tiraria o uniforme de Rachel e lhe separaria as esbeltas pernas para poder fundir sua cabeça entre elas e absorver sua essência. Seria doce como o melão? Ou seria como chocolate amargo?

Justo quando começava a pensar em meter-se no lavabo para dar rédea solta a suas fantasias, abriram a porta de sua sala. Uns inoportunos passos soaram sobre o piso e se pararam justo atrás dele. O momento perfeito para interromper seus pensamentos mais carnis.

"Pego". O tinham pegado masturbando-se em sua sala. Se tivesse dado uma última boa sacudida a seu ereto membro teria provocado uma erupção. Rosalie Dayton se aproximou da janela. Era uma volumosa e robusta mulher com ar inflexível e terrivelmente controladora. Somente se preocupava pelos negócios e não gostava nada das brincadeiras. Dizia que a terra tremia a seu passo. Seu semblante pedregoso e severo, e muitos estavam convencidos que fazia xixi de gelo e comia cascalhos.

Devon se virou rapidamente para esconder a embaraçosa evidência de seu apetite sexual. Não teve muita sorte. Sua ereção se mostrava majestosa, de frente e centrada. Um cru protesto escapou de seus lábios.

—Por Deus Rosalie! Não sabe bater na porta? - A humilhação o cortava como faca.

A velha mulher, com os braços cruzados no peito, olhou para baixo. Arqueou uma única sobrelanceira com ar desaprovador.

—Lembre-se da norma - disse asperamente - Não se pode assediar no serviço.

Tinham o pegado com as mãos na massa e o ereto pênis de Devon deflacionou precipitadamente. O bisturi verbal de Rachel já havia cortado alguns centímetros de sua virilidade. Talvez Rosalie quisesse cortar o resto.

—Não estou incomodando as meninas - sua voz profunda e gutural, apenas resultou reconhecível.

Rosalie empurrou firmemente a bochecha com a língua.

—Sim, claro. Então me diga que não te vi antes na pista com Rachel. - Arqueou um pouco a sobrelanceira e inclinou a cabeça ligeiramente para baixo para olhá-lo por cima da grossa montanha de seus óculos - Me pareceu que colocava um pouco de polvo com ela Devon - Franziu o cenho como uma solteirona frustrada - Isso é um não retumbante e você sabe.

Devon protestou em silêncio. Rosalie estava próxima dos setenta, mas o tempo não havia pegado nem um ápice de suas capacidades mentais. Era como um cão de caça seguindo o rastro, não se escapava nada.

—Somente estava preocupando-me como ia sua primeira noite de trabalho - Aferrou-se a essa explicação e rezou para que soasse lógica.

Por nada. Não podia soar menos convincente.

A velha mulher resmungou.

—Isso é mentira e sabe. Sei reconhecer muito bem quando te interessa uma das meninas - Os olhos de Rosalie procuraram a fonte da imediata incomodidade de Devon e franziu o cenho - Você é capaz de obter um traseiro jovem e quente através de uma parede de concreto.

Um sombrio sorriso curvou os lábios de Devon. Sentia as bochechas rígidas e estranhamente tensas. Ainda tinha o pulso acelerado por sua recente excitação e sua pele parecia pequena demais para dar conta de seu esqueleto.

—É alucinante que sempre saiba o que passa pela minha cabeça.

Rosalie não estava precisamente de bom humor, girou um encurvado dedo no ar.



—Pois a mim o que me alucina é o número de vezes que te tenho que lembrar que não misture prazer e trabalho. Uma coisa é que vá por aí com todo tipo de gente impura em procura de uma gatinha. Ninguém se importa com o número de putas que te fodam. Mas, os negócios são negócios. Já deveria saber.

Devon assentiu sem responder. Talvez assim desse a impressão de estar prestando atenção.

Rosalie decidida a não deixar se ignorar não se deteve.

—O Místico é o único que te faz respeitável e não o consegue demais. Quantas mulheres fode na semana? Quatro? Cinco? Mais?

Devon não se incomodou em discutir os números. Rosalie era uma de suas únicas confidentes e sabia muito bem que ele era um hedonista sexual que satisfazia seus caprichos inclusive quando não tinha que fazê-lo. Umedeceu os lábios antes de responder.

—Tem razão. Já conhece as normas.

Rosalie eliminou o aborrecimento de seu tom.

—Então tenta agir como se lembrasse - Se voltou a colocar bem os óculos sobre o nariz e observou o clube na opaca janela - Essa menina é muito boa. Trabalha duro. Acreditei que nem ficaria uma hora.

Devon também olhou. Encontrou facilmente a figura de Rachel entre a multidão. Levava uma bandeja com cheia de bebidas e deslizava pela pista com habilidade, se algum corpo errante tropeçava com ela, não perdia o equilíbrio. Entrecerrava os olhos quando algum homem aproveitava para tocar as coxas ao agachar para servir as bebidas.

O ciúme fizeram Devon sentir a um nó no estômago. Algo que o comia por dentro quando via como os clientes habituais deixavam cair baba por ela. Os homens podiam cheirar a carne fresca. Eram como uma manada de cachorros de caça: provavelmente, todos e cada um dos homens que havia ali tentariam enfeitá-la para poder levá-la para cama. Deu vontade de descer e romper todos os dedos das mãos daquele tipo por tê-la incomodado.

Mas, não foi necessário. Rachel sorriu e afastou a mão daquele homem. Sua mensagem foi clara e cristalina: se quer olhar tudo bem, mas as mãos quietas.

—Tem classe - Rosalie souu muito orgulhosa de sua própria observação, assentiu satisfeita - Seria uma estupidez perdê-la. Maneja muito bem. O cliente não se ofendeu e provavelmente a reação que teve lhe proporcionará uma ótima gorjeta.

O descontentamento rugia dentro de Devon. Ele não estava de absoluto acordo.

—Ela não pertence a esse mundo, não deveria expor-se a essa gente tão vulgar.

—Tem razão. Ela está muito acima do nível da maioria das meninas que temos aqui. Por certo, tomei a liberdade de comprovar suas referências. Realmente precisa do trabalho. Ao perder seu negócio perdeu tudo.

Devon apoiou uma mão sobre o vidro da janela e se aproximou mais. A exigente palpação que rugia em seu peito se negava a aflorar.

—Poderia mudar toda a sua vida - murmurou suavemente - Poderia lhe dar coisas que nunca sonhou.

Rosalie como um cachorro protegendo o osso, o olhou com receio.

—Esta tendo pensamentos muito perigosos. Aviso-te agora: seja o que seja o que esta pensando, não o faça - Olhou-o fixamente desafiando-o a contradizer seu mandato. Ela era uma leal e fiel sentinela, seu trabalho consistia em defender a Devon.

Fez-se um longo silêncio e então disse suavemente:

—Nunca faria nada que pudesse machucá-la.



—Por que ela Devon? Por que ela e por que agora?

Outro silêncio.

Como poderia explicar a atração que sentia por Rachel? Não podia. Inclusive ainda que lhe explicasse até o milésimo de detalhe, Rosalie não entenderia. Os humanos podiam conhecer aos Kynn, mas não conheciam realmente aos Kynn. Até que não entrou no reino oculto, nem tão sequer o compreendeu aquele invisível mundo. Ninguém podia. Não havia explicações suficientes. Somente a experiência podia explicar tudo.

—Tudo quanto precisa saber é que algum dia será minha. Nada o que possa dizer importa.

Ela apertou os lábios com força

—Temia que dissesse isso.

Devon esboçou um curto e incomodo sorriso.

—Parece que esta pensando que vou atá-la e violentá-la - disse quase meia voz.

Voltou a fazer silêncio entre eles.

Finalmente Rosalie pôs a Devon uma amável mão sobre o ombro. Apesar de o mal humorada que era por fora, a maior parte de seu crispado semblante era pura fachada.

—Já sei que não lhe faria mal - Agarrou com mais força, parecia querer imprimir maior ênfase em suas palavras - Mas, às vezes penso que você exige muito de nos, os pobres humanos. Abre os olhos de Rachel ao que realmente é, talvez não goste do que vê - O carinhoso aviso escureceu suas palavras.

Devon pegou as mãos da mulher entre as suas e acariciou a fina pele que cobria as veias azuis. Os olhos de Devon se apossaram então do rosto de Rosalie. Lembrava perfeitamente que houve um tempo em que o que não se desenhava nem uma somente ruga em suas bochechas. O tempo havia passado insolúvel e ele não havia se dado conta.

Uma horrível sensação de depressão e desespero o rondou por um momento. De repente, como um prisioneiro que conta os dias que ficam para alcançar a liberdade se tratara se deu conta de que não havia estado vivendo. Somente existindo.

—Fui humano – Sua voz soou rouca. A emoção ameaçava fazer um nó na garganta e engoliu saliva – E não faz muito tempo como acredita.

O doce sorriso de Rosalie vacilou.

—Então tenta lembrar como é ser humano. Por favor, pensando duas vezes antes de arrastar Rachel a algo pelo que talvez te odeie toda a vida. Ela não merece viver um inferno...

Antes que ele pudesse retrucar, Rosalie afastou a mão. O deixou ali plantado e se foi sem olhar para trás. A porta se fechou atrás dela suave mais firme.

Devon fechou os olhos e se esfregou com força. Sentia-se exausto e desnudo.

—Merda.

Não queria fazer mal a Rachel. Jamais. Antes se cortaria o braço direito que causar nem o mais mínimo dor de cabeça.

Mas, ao mesmo tempo, não queria esquecer-se dela. Resultava-lhe impossível manter uma distância emocional dela. Sobre tudo por que estava desejando pegá-la entre seus braços, apertá-la contra seu corpo e fazer amor longa e pausadamente, enquanto se submergia em seus encantadores olhos.

O cansaço apoderou nele.

Não havia dormido desde fazia dias e apenas havia comido. Tinha que comer, mas já o faria mais tarde. Naquele momento seu apetite o tinha abandonado.



Tirou a jaqueta e a pôs sobre uma das cadeiras para as visitas que havia na frente a sua mesa. Tinha um monte de papel para revisar. Sentou-se e o afastou de lado. De jeito nenhum! Isso teria que esperar.

Inclinando-se para trás apoiou os pés na mesa. Desabotoou o incomodo último botão da camisa e afrouxou a gravata. Tocou a garganta com os dedos. A marca ainda estava ali, aquela pequena cicatriz lhe cruzava a jugular. Não era um corte mortal, somente o justo para marcá-lo.

"Pude encontrá-lo rapidamente inclusive depois de todo o tempo que passou."

Tinha mais cicatrizes embaixo do corpo, todas as evidências das vezes que Ariel se havia alimentado. Tê-la deixado chupar o sangue quando estava dentro dela foi uma experiência incrivelmente espiritual. Quando se uniram como casal, ele acreditou que seria para sempre.

Resultou que esse "para sempre" não durou nem uma década.

—Levava sozinho tempo demais - murmurou para si mesmo - Isso não é natural para um Kynn.

Estar com um humano somente tinha um propósito: saciar o apetite de energia física. Com uma Kynn faminta, as sensações eram muito diferentes. Podia fazer amor dando prazer ao mesmo tempo em que o recebia.

Devon exalou um temeroso suspiro. A lembrança da carícia de Ariel ainda o perseguia. Havia passado tanto tempo desde seu assassinato que acreditava que tinha se acostumado a estar sozinho, que podia aceitar viver sem um casal de sangue. Quando olhava a Rachel, não somente aumentava o vazio em seu coração, mas também que confirmava uma grande verdade: sem sua alma gêmea, seu casal de sangue, o era tão absurdo como um empacotador de um só braço.

Devon desabotoou a camisa. Ao abri-la, seu peito desnudo ficou livre. Justo acima de seu mamilo esquerdo tinha uma marca de nascimento. Rachel Marks tinha exatamente uma igual. Na coxa esquerda. Coincidência?

Ele não acreditava que fosse uma coincidência. Do mesmo modo que não acreditava que Ariel teria voltado a ele. Fez-se um nó na garganta, o embaraço corria por suas veias. Não, sua magnífica senhora havia feito muito mais que isso. Havia-lhe mandado um sinal, um presente... e sua benção.

"Segue em frente - lhe estava dizendo - Vive de novo. Ama de novo."

Havia passado muito tempo desde que se introduziu um humano ao coletivo Kynn, ele foi o último. Muito poucos tinham parecidos dignos como para receber esse presente.

Rachel lhe parecia digna de recebê-lo. Era uma mulher que emitia de intensa sexualidade e tinha uma poderosa força vital. Uma força que estava esperando que o homem adequado a fizesse explodir.

Devon levantou o queixo com determinação.

—Serei esse homem.

Capítulo 09

Quando por fim acabou a noite, a única coisa que Rachel queria era ir para casa. Mas, pelo visto não seria tão simples.

Franziu o cenho e fez girar as chaves pela segunda vez. Com força. O motor emitiu um fraco zumbido. Nem luzes no painel, nem vida de nenhum tipo. Fantástico. Primeira noite de trabalho e



seu carro decide morrer no estacionamento. Olhou ao seu redor. Os demais empregados se dispersavam rapidamente.

Suspirou com frustração.

—Genial, suponho que fiquei presa.

Deveria ter imaginado que, cedo ou tarde, se encontraria nesta situação. Ultimamente, seu carro (que já arrastava vinte anos nas costas) a havia estado avisando. No começo emitia trancos e expelia todo o tipo de gases, além da transmissão que chiava a toda hora. Justo quando mais precisava daquela velha tranqueira, a que havia apelidado de "a puta azul" finalmente passou para uma vida melhor.

Rachel se inclinou para frente e apoiou a cabeça na volante. Esboçou uma careta azeda. "Que sorte tenho" Não havia outra saída a não ser chamar o guindaste. Essa ideia a fez empalidecer. O gasto com o guindaste acabaria definitivamente com suas precisas reservas econômicas. Não queria nem pensar no conserto. Tendo em conta a antiguidade do veículo, provavelmente arrumá-lo seria mais caro que um novo.

Sentia-se exausta.

Alguém golpeou suavemente sua janela.

—Está bem senhorita Marks? - Formal sexy e muito correto, aquele tom de voz era inconfundível.

Rachel se sentia envergonhada. "Os deuses devem me odiar" Nem sequer se perguntou que talvez os deuses estivessem sorrindo. A única coisa que via no final do túnel era um trem aproximando-se a toda velocidade.

Depois de praticamente ter mandado a Carnavorn a merda, tinha tentado manter-se o mais afastada possível dele e havia rezado tudo o que sabia para que não a fizesse subir no seu escritório e a despedisse. Para sua surpresa, ele também havia estado mantendo distância. Rachel deu graças aos céus: havia conseguido acabar a noite conservando seu trabalho intacto e, enquanto saía pela porta detrás, esperava poder escapar sem que ele se desse conta.

Incorporou-se e, rapidamente, colocou alguns fios de cabelo atrás das orelhas e esfregou os olhos: escorreu o rímel. Não lhe importava em absoluto. Sua maquiagem tinha perdido o brilho fazia já muitas horas. Tinha o nariz oleoso, as bochechas pálidas e o rímel feito uma bola. Depois de ter passado oito horas de pé em um local cheio de fumaça podia se dizer que estava linda.

Tampouco, esse assunto lhe importava.

Os pés doíam a cabeça a estava matando e sentia que seus olhos iam saltar. E ainda por cima, seu maldito carro tinha deixado de pegar. Nesse caso, a lei de Murphy estava fazendo hora extra. Rachel baixou a janela. Seus olhos encontraram com os de Devon, ele a olhava com curiosidade, ela com cautela.

—Estou bem. Somente tive um pequeno contra tempo. Meu carro não arranca - colocou a mão no bolso e tirou o celular - Tenho que chamar o guincho e tudo estará solucionado.

Nos lábios de Devon desenharam um irritante sorriso.

—Podem demorar muito para chegar. Por que não me deixa levá-la para casa?

Rachel negou com a cabeça, lembrava perfeitamente o que tinha acontecido entre eles fazia somente algumas horas. Apesar de que não parecia que Devon guardasse rancor, ficar sozinha com ele não parecia ser a opção mais inteligente. E, não por que não confiasse nele, mas sim por que não confiava nela mesma. Aquele homem, magro, forte e com um corpo tão firme que parecia uma estatua, era capaz de colocá-la a mil se somente roçar nela. A primeira vez havia sido capaz de dizer que não. Se acontecesse uma segunda vez, não acreditava que pudesse rejeitá-lo.



O mais inteligente que podia fazer era manter-se fora de seu alcance. Tinha-lhe feito pensar em todos os prazeres relacionados com o corpo de um homem que lhe ocorreram (incluindo alguns que podia imaginar, mas que não havia provado nunca). Fazia um ano que estava preparada, disposta e capacitada... Agora sentia como um cachorro assustado de que havia abusado. Tinha muitas duvidas. Um lindo filho da puta, muito atraente e com um sorriso sensual, havia destruído e queimado todas suas emoções. Aquela experiência havia resultado devastadora economicamente e emocionalmente.

E esta claro que o gato escaldado foge de água fria. A face mais aborrecida de Rachel saiu e negou com a cabeça.

—Meu carro continuara parado aqui. Se o levo para casa essa noite, poderei levá-lo ao mecânico na primeira hora amanhã - Seu carro era um autentico lixo, o para-choque traseira estava prejudicado, tinha mais acido que pintura e o lado do copiloto tinha uma inclinação muito peculiar como resultado de uma reparação um pouco porca.

Ele encolheu os ombros.

—Como quiser.

Quanto antes solucionasse aquele desastre, antes poderia ir para casa. Doíam até as pálpebras e o única coisa que queria era um longo banho quente e apoiar a cabeça em um travesseiro.

Marcou o número da informação e deram o telefone do guincho. Uma voz feminina lhe informou que podiam mandar um guincho, mas teria que esperar pelo menos uma hora ou talvez mais.

Fechou o telefone e o guardou.

—Já estão avisados. Demorará uma hora, talvez mais. Suponho que terei que esperar.

Devon inclinou-se sobre o carro.

—Esperarei com você

Rachel não sabia muito bem que pensar ou fazer. O clube estava fechado o estacionamento deserto. Apesar de que estava bem iluminado, estar a essas horas da noite em um espaço tão aberto resultava muito inquietante. Como o clube estava localizado fora da cidade, quando fechavam, as pessoas iam embora rápido.

Se alguém quisesse pegar uma mulher sozinha, não havia ninguém que o impedisse. Olhou a Devon. Um desejo líquido deslizou lentamente entre as pernas. "E se alguém quiser pegar uma mulher totalmente disposta, tampouco teria ninguém impedindo."

Rachel decidida a não morder a isca, sacudiu a cabeça para esclarecer suas ideias. Definitivamente não era algo em que devia pensar. Passou uma mão pelo estômago tentando aliviar a pressão que sentia. Não funcionou.

—É muito amável de sua parte, mas não tem por que ficar - Esperava que Devon entendesse a indireta e se fosse. Expulsar o dono de seu próprio estacionamento não era simples.

Ele preocupado arregalou os olhos.

—Não posso deixá-la aqui sozinha... - começou a dizer.

Rachel seguia convencida que iria. Pos certo. Nesse momento não tinha muito sentido dado que a janela estava abaixada, mas esperava que não ficasse assim muito tempo mais.

—Posso fechar as portas até que chegue o guincho. E tenho meu celular. Estarei bem. De verdade.

As palavras de Rachel não o fizeram ceder.



—Em lugar de ficar aqui sentada sozinha, por que não me deixa convidá-la para um copo de café? - Assinalou a entrada com a cabeça - tem uma cafeteria a menos de quatrocentos metros daqui. Podemos ir comer algo e estar de volta para quando chegue o guincho.

Justo neste momento o estômago de Rachel soou.

Tinha muitas horas que não comia nada, e uma deliciosa xícara de café com açúcar seria uma maravilha.

Contudo, continuava duvidando.

Não confiava nada nos homens. Sobre tudo os melosos cafajestes com um aspecto tão devastador que podiam fazer que qualquer mulher caísse rendida aos seus pés.

—De verdade não tem motivo para deter-se.

Devon encolheu os ombros.

—Não tenho aonde ir, ninguém sentirá minha falta se não apreço.

Que curioso, ela podia dizer exatamente o mesmo. Rachel se esquivou desse comentário. Não admitiria para ninguém conceituoso que podia desaparecer atrás de uma cortina de fumaça que ninguém sentiria sua falta até que houvesse pagado as faturas. Estar sozinha era definitivamente uma merda, mas que te fodam a vida e logo te abandonam é muito pior.

Se tivesse lançado uma moeda ao ar para decidir, teria preferido ganhar a opção de ficar sozinha e que Devon se fosse. Se estivesse sozinha ninguém a decepcionava, ninguém mentia, ninguém usava discretamente seu cartão de crédito e lhe roubava o computador antes de desaparecer.

—Humm... Ficarei aqui.

Devon, sem desanimar, se agachou. Estava mais próximo dela do que esteve no clube. A sutil essência de sua loção se misturava no cheiro de pele de homem quente. Era um tentador aroma muito sedutor.

Oh Deus! Rachel agarrou o volante com força. Começou a tremer e seus hormônios começaram a animar-se de novo. A força de vontade ameaçava abandoná-la.

—A verdade é que não deveria - E então para ser mais correta acrescentou - Mas, obrigada pelo convite.

Brilhantes faíscas de eletricidade pareciam dançar nas profundidades dos olhos de Devon, que não afastava nem um momento seu inquebrável olhar de Rachel.

—Somente um copo de café. Prometo que voltaremos antes que chegue o guincho.

Ela, quase hipnotizada, piscou com força. Maldito seja ele estava tornando difícil.

—Eu... - incapaz de continuar umedeceu os lábios.

Antes que pudesse acabar, Devon colocou um dedo sobre seus lábios e a fez calar. A eletricidade passava entre seus dedos e os lábios.

—Aceitará se prometo não seduzi-la? - perguntou

CAPÍTULO 10

Rachel sentou em uma mesa que tinha bancos de ambos os lados e colocou a bolsa entre seu corpo e a parede. Poder sentar e relaxar depois de ter passado oito longas horas de pé era mais que um alívio, era uma benção. Teria que acostumar-se a ficar acordada a noite toda.



Normalmente não ia a cama mais tarde do que as onze. Trabalhar no Místico significava ter que estar atenta e preparada para mover o traseiro a qualquer momento.

Devon tirou a jaqueta. A camisa branca que usava embaixo da jaqueta abraçava seus amplos ombros. A tonalidade cinza da pele combinava perfeitamente com o tormento cinza de seus olhos. Afrouxou a gravata e desabotoou alguns botões da camisa oferecendo uma imagem muito sexy de seu peito. Usava uma barba de três dias que escurecia a mandíbula e fornecia-lhe, apesar de sua elegante roupa, uma imagem de um menino mal. Estava relaxado e desprendia um ar informal.

Deixou a jaqueta sobre o banco e sentou na frente de Rachel. Quando deslizou no estreito assento, suas pernas roçaram nas dela.

Rachel lhe lançou um olhar incisivo e clareou a garganta para chamar sua atenção.

—Desculpa.

—Perdão - disse ele esboçando um sincero sorriso.

Ela o olhou. A mesa os separava, mas não parecia ter distância suficiente entre eles. Apesar de que estavam rodeados de gente, teve a sensação de estar sozinha com ele. "Talvez seja por que sou perfeitamente consciente de sua presença" pensou Rachel.

Por educação tentou devolver o sorriso.

—Não acontece nada - Nervosa, dirigiu o olhar para cima. Alguém havia lançado uma faca ao teto e ali havia ficado cravada. Como ninguém se havia incomodado em tirá-lo, imaginou que não seria perigoso.

Olhou ao seu redor. A faca do teto encaixava muito bem com a decoração geral daquele bar de caminhoneiros. O local formava parte de uma popular de cafeteiras, sobre as paredes se desenhavam listas laranja berrantes. Somente a um cego passaria despercebido o piscante letreiro néon da porta, e era impossível não escutar os freios dos caminhões que iam e vinham sem descanso as vinte e quatro horas do dia.

Aquele lugar era para pessoas que estavam de passagem. Logo como um grupo de desempregados desocupava uma das mesas, outro grupo a ocupava de novo, normalmente inclusive antes que tivessem levantado os pratos sujos. A limpeza era negociável e a clientela questionável, mas ninguém se importava. O café se servia quente, a comida era decente e as brilhantes luzes e a agitação garantiam que não se viessem coisas raras no local. Não era nem de longe o tipo de local que frequentaria um elegante homem inglês, era mais um local em que esperava encontrar garçonetes com pouca roupa.

Alguns de seus companheiros de trabalho estavam ali, e também havia vários clientes habituais do Místico. Apesar de que as horas de festa já haviam passado, os saqueadores eram relutantes em finalizar a noite. Rachel tinha colocado um suéter para cobrir seu curto uniforme, e contudo, havia pegado a mais de um caminhoneiro olhando as suas pernas. As meias cor de fumo que usava não eram suficientes escuras e continuava sentindo-se desnuda. Algumas pessoas cumprimentaram a Devon. Ele os tirou de cima para poder concentrar toda sua atenção em Rachel.

—Sobre o que aconteceu antes...

Ela tentou não fazer nenhuma careta estranha ao lembrar, fez um gesto com a mão.

—Esqueçamos.

Os olhos de Devon de um profundo tom cinza metálico se encontraram com os dela.

—Está certa de que é isso que quer fazer?



Significava isso que queria saber se ia a processá-lo por ser muito abusado? Rachel o considerou. Ao lembrar o que havia acontecido, não lhe ficava mais remédio que admitir que Devon não havia feito nada que estivesse tão mal. Não a havia apalpado o traseiro nem havia feito nenhum comentário sexual desagradável. Na verdade, somente tocou a bochecha e murmurou... O que?

Apenas podia lembrá-lo. Que curioso... acreditava que havia memorizado suas palavras. Agora pareciam ter se perdido nas profundezas de seu cérebro. Cansada. Estava tão condenadamente cansada... Manter as pálpebras abertas supunha para ela toda uma batalha. Já pensaria nisso amanhã. Também pensaria na reação que teve quando a tocou, em como estremeceu seu corpo. O mero fato de estar sentada na frente dele já fazia sentir-se...

Um bocejo enorme a fez reagir. Lembrou as últimas palavras de Devon e retomou o fio da conversa.

—Acabou. Já está. Reagi assim por causa do nervoso. Primeira noite, trabalho novo...

—Está certa de que isso foi tudo? - Sua profunda voz escondia uma secreta insinuação.

O coração de Rachel acelerou. Maldito seja! Havia voltado a meter atolada. Devon Carnavorn não parecia entender o conceito "complace o chefe para poder pagar as dividas." Rachel estava começando a aborrecer-se. Provavelmente ele havia nascido rico e não tinha tido que trabalhar nem somente um dia em toda a sua vida. Pelo o que observar no clube, parecia que único o que fazia Devon era passear alegremente pelo local estreitando a mão aos clientes habituais. Se havia alguém ali que trabalha de verdade, era Rosalie Dayton. Quando a velha tirava o chicote, os empregados tremiam.

Rachel engoliu o nó que estava formando na garganta.

—Claro - respondeu sustentando o olhar - Não aconteceu nada - Seu tom gelado encerrou o assunto.

—Claro - disse ele. Logo repetiu as palavras de Rachel como se quisesse reafirmá-las - Não aconteceu nada.

—Bom é verdade - insistiu ela com o cenho franzido.

Ele esboçou um astuto sorriso.

—Está certa?

Rachel rangeu os dentes. Devon flertava e isso lhe dava vantagem. Justo quando ela ia escapar um desagradável comentário de sua mãe, a garçonete chegou.

Graças a Deus! Um descanso. Rachel não tinha nenhuma intenção de comer. Com um copo de café bastaria, quando chegasse em casa comeria algo. Quanto menos tempo tivesse que passar com Devon, melhor. Ainda não sabia se tinha vontade de fugir ou beijá-lo.

O rubor cobriu as bochechas. Por algum motivo que ainda desconhecia, todos os pensamentos que tinha sobre Devon estavam relacionados com sexo. Tossiu tapando com a mão para esconder sua vergonha.

Uma garçonete peituda que usava uns apertados e modernos jeans e uma camiseta ainda mais justa chegou correndo com os menus. O logotipo do bar estava bordado sobre um de seus enormes peitos, era toda sorrisos e cabelos loiros.

Deixou os menus sobre a mesa ignorando completamente a Rachel e comendo Devon com os olhos. Pelo visto as mulheres também tinham carta branca para babar diante de um bom pedaço de carne masculina. Ele parecia não dar-se conta do faminto olhar da menina.

—Devon carinho - A menina se inclinou sobre a mesa para dar uma boa perspectiva de seu colo - Por Deus onde tem estado escondido? Faz muito tempo que não te vejo por esse lugar.



Ele encolheu os ombros e lançou um olhar curioso ao traseiro da menina. A garçonete não pareceu se importar em absoluto.

—Tenho estado trabalhando Jaye - respondeu dirigindo-se a ela pelo nome que parecia na placa para identificá-la.

Ela sorriu nervosa, pôs as mãos sobre o ombro de Devon de um modo muito familiar e lhe lançou uma indireta.

—E não tem tempo para jogar?

—Ultimamente não.

Ela brincou com seu chiclete ao mesmo tempo em que se inclinava diante mostrando bem seus enormes peitos. Como se algum homem pudesse esquecer o aspecto de semelhantes atributos.

—Teremos que fazer algo para solucionar isso. Já sabe onde estou.

O olhar de Devon desceu até sua deliciosa frente.

—Claro carinho.

Coração, carinho? O joguinho que faziam estava deixando Rachel com vontade de vomitar. Hummm. Assim que os rumores eram certos? Devon gostava de flertar com mulheres vulgares.

Rachel observou à loira. Suas coxas eram amplas demais e pareciam que havia aplicado maquilagem com uma espátula, não via o lado atraente por nenhum lugar. Se Devon gostava das mulheres peitudas e descaradas, estava claro que ela ia direto para o banco. Rachel era alta e magra, não podia ser comparada com aquela menina.

Por um lado, sentiu aliviada, e por outro, decepcionada.

Merda.

"Bom, não é como se quisesse envolver-se com ele." lembrou a si mesma. É que não havia aprendido nada depois de seu pequeno romance com Dan Sawyer? Os homens lindos usavam, abusavam e logo a aturavam ao lixo. Havia passado um ano e ainda tinha sequelas de todos os casos em que a tinha metido seu ex-noivo.

Jaey tirou sua caderneta do bolso traseiro do jeans.

—O que vai ser carinho? O de sempre?

Devon cedeu à vez de Rachel.

—Somente café - disse ela.

—Estou certo de que gostaria de algo mais forte que café - disse ele - Temos tempo suficiente para comer algo, e aqui a comida é excelente.

Jaye pareceu sentir a presença de Rachel pela primeira vez. Lançou umas punhaladas com seus olhos verdes. Era obvio que teria gostado ser ela que estivesse sentada naquela mesa, e viu em Rachel uma clara competidora.

—Trabalha para você? - perguntou como se Rachel não estivesse ali para responder.

Devon assentiu

—Sua primeira noite.

—Deveria comer algo, querida. Esse lugar está especialmente desenhado para matar de fome qualquer mulher - Voltou a olhar a Devon - Tenho muito claro o que queria comer...

Rachel apertou os lábios.

—Somente um copo de café, por favor.

—E outra para mim - disse Devon.



—Não irá tomar o de sempre? - perguntou Jaye. Devon deu a Rachel um suave golpe na panturrilha com a ponta do sapato. Isso significava que não estava levando a sério o flerte de Jaye. Rachel pensou que talvez devesse relaxar e comer algo.

—Estou morto de fome, mas odeio comer sozinho - Ela pegou a indireta. A consciência sexual envolveu-a de novo. Decidiu dar-lhe uma pequena réplica.

Devolveu o golpe com a ponta do salto e percorreu a perna de Devon desde o tornozelo até a rodinha, enquanto segurava o sorriso "Já verá." pensou. Os dois podiam jogar com os pés por debaixo da mesa. Quando menos o esperava, o flerte adquiriu uma nova dimensão. Rachel decidiu permitir-se essa pequena licença. "Tranquilo Devon, tranquilo. Pode olhar, mas não pode me ter."

Abriu o cardápio e lançou um olhar as propostas. Um bar de caminhoneiros não oferecia muita comida. A maioria dos pratos estava desenhado para saciar o enorme apetite daqueles homens. Se comesse um daqueles bifos ou um prato de comida mexicana, removeria as costuras do uniforme.

Seus olhos passaram para as saladas. Aleluia! A salada César era implantada, mas poderia comer um pouco de queijo fresco e abacaxi.

—Salada de frutas.

Jaye morta de inveja a olhou de cima a abaixo.

—Grande ou pequena?

Rachel sorriu satisfeita, enquanto lhe devolvia o cardápio. O motivo pelo o que Jaye não trabalhava no Místico era obvio. Não tinha uniformes de seu tamanho.

—Pequena - respondeu docemente.

A mulher pegou os menus.

—O número três carinho?

—Com uma porção dupla de brinde ao lado - Devon não havia olhado o cardápio, Pelo visto havia estado ali as vezes suficiente como para saber perfeitamente o que podia comer.

Jaye anotou o que haviam pedido e desapareceu. Voltou com dois copos de café, água fria e uma caneca cheia de leite em pó. Pôs sobre a mesa e logo acrescentou os talheres e os guardanapos. Era eficiente, mas de repente já não estava tão falante.

—A comida estará pronta em um momento - informou-lhes antes de ir correndo a atender aos outros clientes que apreciassem mais seus atributos. Assim que voltavam a estar sozinhos outra vez. Rachel começou a brincar com seu café sem saber o que dizer. Colocou adoçante e duas colheres de leite em pó. Ao remover, o fragrante aroma do fumegante café penetrou em seus adormecidos sentidos. Deu um grande gole, sentindo seu sabor.

Devon não pôs nada no café, o tomou sem açúcar e sem leite.

—Sente-se melhor?

Ela assentiu.

—Hum, muito melhor - Outro gole - Deus, como precisava um pouco de cafeína.

Ele parecia satisfeito, enquanto tomava o café. Deu outro golpe no tornozelo de Rachel.

—Alguns homens te disseram alguma vez os bonitos que ficam seus olhos por cima de um copo de café? - perguntou com um olhar malicioso.

O desejo também percorreu o corpo de Rachel. Ignorou o rugido de seu próprio sangue e nivelou seu olhar.

—Não, por favor...

—É verdade.



Ela suspirou e baixou o copo. Seus dedos continuavam enroscados nela, com as mãos pegava o calor que desprendia do café.

—Falarei de qualquer coisa Devon menos disso - disse com firmeza.

Ele voltou a tocar seus tornozelos com o pé.

—Falemos de você então. Como acabou em minha sala uma mulher tão linda como você?

Grrr. Estava claro que ia fazer o que lhe desse vontade de fazer.

—Já sabe a resposta.

—Sua livraria fechou.

—Sim, adorava tê-la. Se podia dizer que era meu sonho tornado realidade - Quando era menina passava horas com o nariz metido em um livro, vivia através da vida dos personagens que descobria na letra impressa. Aquele era o único modo, a leitura era a única maneira de escapar da tristeza de sua infância e de uns pais que se embebedavam e brigavam tão violentamente como fodiam.

Ele deu outro gole em seu café.

—Fale-me de seus sonhos.

Ela fez uma careta. Se houvesse sabido que lhe ia aplicar o terceiro grau, teria ficado no carro.

—Quebraram-se. Mais ou menos como minha vida toda.

—Por que pensa isso? - perguntou ele olhando-a fixamente com seus olhos cinza.

Ela encolheu os ombros.

—Esqueça. A vida é uma merda, e quando se der conta, morre.

Devon fez um gesto brincalhão com a mão.

—É linda demais para ser tão cínica.

—Digamos que tenho muita prática - respondeu ela, dando golpezinhos no copo.

—Sendo linda? - provocou-a Devon com um olhar expectante.

Rachel negou com a cabeça.

—Esta fazendo outra vez.

Ele ficou serio e seu sorriso se desfez.

—Desculpe. É difícil controlar - O sorriso reapareceu - Gosto de te olhar - Estava se esforçando tudo o que podia, utilizando seu sentido de humor para conseguir que ela baixasse a guarda. Rachel teria que ir com muito cuidado. O pouco que se descuidasse, acabaria diretamente em seus braços.

Sentia-se muito atraída por ele e ficou mais nervosa. Sacudiu a tensão armando-se mentalmente contra a tentação. Não pensava deixar que Devon rompesse sua resistência.

—Tenho uma regra - Sacudiu a cabeça vigorosamente - Não misturar o trabalho com prazer.

—Já não? - perguntou ele levantando as sobrancelhas - Então houve um tempo em que...

Como não queria falar de seu passado o cortou. Nesse momento já não queria falar de nada. Por que não podia simplesmente deixar desfrutar de seu café em silêncio?

—O fiz uma vez, saiu mal. Fim da história.

—Bem, então conte outra história. Algo sobre sua vida.

Rachel respirou fundo e pôs as mãos sobre o colo.

—Isso também saiu mal - Olhou seu relógio esperando dissuadi-lo. Somente haviam passado cinco minutos. Que curioso, parecia que havia passado muito mais tempo. O guincho demoraria ainda quarenta minutos mais para aparecer.

"Quarenta minutos é tempo demais." pensou ela.



—Onde está essa garçonzete? - Naquele momento preferia brigar com a ciumenta Jaye que deixar Devon mexer em suas emoções.

Ele tossiu para atrair sua atenção.

—Se precisa chorar, posso emprestar meu ombro.

Rachel percebeu a ternura que escondia suas palavras, de repente teve a total certeza de que aquele homem poderia deixá-la louca se se propusesse. Ela ficou olhando fixamente seu copo de café. Estava vazio, não ficava nem uma gota. Que irônico. Sua vida estava tão vazia como aquele copo.

Rachel tampou os olhos com a mão, tremia.

—Já não choro - Respirou fundo de novo e soltou o ar no lugar. A amargura começou a apoderar-se dela - Vale, está e a versão abreviada: nasci, cresci.

Devon parecia desconfiado

—Acredito que prefiro a versão mais longa

Rachel tirou a mão do rosto. Sua expressão endureceu.

—Vale. Meu pai bebia. Minha mãe bebia. Meu pai se foi quando tinha sete anos. Minha mãe quando tinha oito anos. Quando tinha vinte e um anos, meu pai apareceu, ou melhor, dizendo, apareceu seu advogado. Meu pai tinha morrido, mas tinha seguro de vida. Isso me deu o dinheiro necessário para montar minha livraria. Doze anos mais tarde estou outra vez sem nada. Arruinada - O ficou olhando fixamente - Assim que quando digo que prefiro ignorar meu passado, digo serio.

Devon se dirigiu a ela com suavidade.

—Nunca encontrará refugio no esquecimento. Somente dor.

Escapou um sorriso de Rachel.

—Por que os ingleses sempre tem que recorrer a Shakespeare?

Ele sorriu tentando relaxá-la

—Isso era de Wilde acredito.

Roçou de novo no tornozelo de Rachel. Lenta, longa e persistente. Dessa vez foi mais íntimo.

—E como já sabe, Wilde em inglês soa igual a palavra selvagem. Algo que estou convencido de que é na cama.

Rachel não sabia se fugia ou gemia. O olhou com receio. Sem querer, Devon havia acendido um fusível emocional nela, e Rachel suspeitava que estivesse tentando apagar antes que acontecesse uma tragédia. Se sua vida não tivesse sido um monstruoso desastre, certo que sentiria tentada de aceitar sua oferta.

Sacudiu a cabeça para clarear as ideias e afugentar as fantasias que ele lhe provocava com tanta facilidade. Era muito melhor manter sua libido controlada. Devon era seu chefe, pelo amor de Deus! Esse era o motivo mais que suficiente para guardar distância e manter fora de seu alcance.

Havia chegado o momento de acabar com o flerte.

—Isso é algo que não saberá nunca, espertinho.

Ele colocou a mão sobre o coração

—Me fez mal.

—Poderia fazer - mostrou o teto - Vê essa faca?

Devon levantou o olhar. Se astuto sorriso tremeu.

—Sim - disse e baixou o queixo para olhar fixamente a Rachel.

Ela entornou os olhos, somente um pouco. O justo para que ele se desse conta de que estava falando sério.



—Poderia conseguir que seu pênis acabasse cravado ali.

Ele fez um careta

—Isso me doeu.

Chegou a comida e por um momento deixaram de falar. Jaye segurou habilmente uma bandeja cheia até o topo, deixou a comida sobre a mesa. Também havia trazido a cafeteira e encheu os dois copos. Os dois centraram a atenção na comida e na satisfação ambos compartilhavam algo: a fome.

Rachel olhou seu prato. Um monte de queijo fresco rodeado de pedaços de abacaxi, tudo preparado ligeiramente com xarope de abacaxi. Sua escolha parecia fraca comparada com a de Devon. A dele tinha uma verdadeira festa: ovos, salsichas, um monte de croquete e uma porção dupla de torradas de pão integral.

Ela ficou boca aberta vendo como ele untava uma torrada com geleia de morango e logo colocava um monte de manteiga e calda de damasco sobre as panquecas.

—Deve ter um buraco no estômago.

Se ela comesse tudo isso àquelas horas da noite, não somente sofreria uma grave indigestão, mas sim engordaria uns dez quilos.

—Não posso evitar linda - respondeu ele sorrindo - Gosto de comer - Cortou os ovos em tiras usando a faca e o garfo e engoliu o primeiro bocado.

Rachel mordeu um pedaço de seu aborrecido queijo fresco, nem a metade saborosa que a comida de Devon. Não sabia da nada, mas serviria para matar o aborrecimento. Observou a Devon enquanto comia e suspeitou que fodia da mesma maneira. Com enorme entusiasmo e delicadeza. Ficou olhando fixamente durante um minuto e logo disse:

—Não o entendo.

Ele levantou o olhar do prato

—Não me entende?

Sem saber por que, Rachel ficou nervosa de repente. Colocou o cabelo atrás da orelha.

—É uma pessoa muito contraditória. Refiro-me a que não parece o tipo de homem ao que goste de passar a noite em um clube gótico ou que desfrute engolindo o café às três da madrugada em um bar de estrada.

Ele sorriu surpreso.

—Então, o que deveria estar fazendo? - respondeu - Perambulando pelo meu velho castelo tomando chá e bolachas?

Rachel assentiu, mas seus pensamentos eram contraditórios.

—Algo nesse estilo. Quero dizer... Qual é atração levar uma vida que levaria um vampiro?

Devon lhe devolveu o olhar, lhe brilhavam os olhos.

—Bom a resposta e muito simples Rachel.

—A sim?

Ele sorriu abertamente.

—Sou um vampiro.

Capítulo 11



A cara que ficou Rachel não tinha preço, era quase cômica. Arqueou suas torneadas sobranceiras com incredulidade.

—Perdão? - Disse entre um pedaço de queijo fresco - Acaba de dizer que é um vampiro?

A intenção de Devon não havia sido a de admitir sem mais. De algum modo, as palavras haviam escapado da boca. Agora teria que chegar até ao fim.

—Digo totalmente sério.

Rachel comeu o último pedaço de queijo fresco e observou o café de Devon, praticamente acabado. Ela ainda parecia faminta.

—Pensava que os vampiros somente bebiam... - fez uma cara de nojo - sangue.

Ele riu entre os dentes, enquanto pegava uma torrada.

—Isso seria o mais asquerosos - Deu um bocadinho mastigou e logo engoliu - Os Kynn são vampiros sexuais - Como ainda não estava preparado para compartilhar tudo sobre sua espécie, conteve-se e não explicou que os Kynn sim bebiam sangue, mas somente o necessário para conseguir a conexão com a vítima escolhida. Em realidade, formava parte do ritual de estabelecer uma psiconexão, não o faziam para alimentar uma enfermidade como a fome. Já lhe explicaria os rituais mais para frente. Devia ir com calma, os humanos sabiam ser apreensivos.

Produziu-se um incomodo silêncio. Uma conhecida faísca iluminou as profundidades do olhar de Rachel.

—Ah claro - Deu-se um golpezinho na frente com a palma da mão - Já havia ouvido falar sobre seus... Apetites carnis. Isso o explicaria tudo sobre você, senhor Carnavorn. Pensava que somente era um bastardo fora.

Rachel seguia a corrente e a Devon divertiu sua atitude. Ela acreditava que lhe estava aborrecendo. "Se ela soubesse..."

Ele interpretou uma versão exagerada do clássico inglês melindroso.

—Por favor, meus pais estavam legalmente casados. Quando sai, sempre estou interessado...

—Não o duvido - Rachel reanimada pela a comida e o segundo copo de café, arrumou um sorriso. Desta vez foram seus pés que golpearam os dele - E que tem desse assunto de caixão que ouvi falar? É verdade que tem que levar a casa para terra junto com sua tumba?

Tentando ser diplomático, Devon clareou a garganta.

—Nada disso é verdade. Apesar de ter passado pela experiência de morte, durmo em uma cama, igual a você.

Esse comentário fez Rachel voltasse os olhos rumo ao teto antes de olhá-lo como se falasse: "Não é possível que estejamos tendo essa conversa."

Mudou de postura e meteu as pernas debaixo do banco em que estava sentada. Acabou o flerte por debaixo da mesa. Enquanto tomava o café, parecia estar dando voltas àquelas palavras. -Experiência de morte...? Isso sim é novo! - A curiosidade lhe fez perguntar - Então sua vida mortal acabou e começou sua vida imortal. É assim que funciona?

A Devon os pelos se arrepiaram. Nunca havia explicado nada sobre os Kynn em voz alta, e desde cedo, nunca sentiu falta.

—Assim é seu senhor leva a sua vida mortal e a substitui por uma existência coletiva, uma energia muito forte e poderosa que vincula aos Kynn entre si.

O fixo e descarado olhar de Rachel percorreu a Devon como uma sacudida elétrica.

—Coletiva? - Fingiu considerar suas palavras profundas e sérias - Vale, pensava que eram os Borg os do coletivo. Agora descubro que são os Kynn. É muito útil saber.



Ao escutar suas palavras, Devon esboçou um sorriso.

—Acredito que somos um "coletivo" por que o termo "irmandade" já estão usando outros. Talvez os Lycans¹⁰. Teria que comprovar.

Rachel riu e seus olhos azuis brilharam.

—Vale, mas se é um vampiro, onde está seus caninos, Devon? Se quiser me convencer tenho que ver uns caninos em condições - Ao sorrir Rachel mostrava seus perfeitos dentes brancos.

Ele fingiu estar envergonhado. Estalou os dedos como se tivesse esquecido de algo.

—Maldita seja! Tenho que conseguir um par. Terei que enviar uma solicitação ao conselho de vampiros para que me enviem um.

Rachel pegou a espátula que havia usado para untar a torrada e o inclinou tentando ver o reflexo de Devon.

—Diga-me que tipo de vampiro é?

—Pois não sou um vampiro muito bom querida - disse lançando um suspiro. Logo a ficou olhando fixamente, sobrecarregado de novo pela inteligência que havia em seu olhar e o brilho de sua cabeça preta. Quanto mais a olhava, mais se dava conta de que não era somente ela ser parecida com Ariel que o atraía. Rachel tinha um particular brilho em seu interior que parecia iluminá-la por dentro.

Ela lhe lançou um olhar inquisitivo.

—E que é exatamente fascinante na mística vampirica?

Essa pergunta o deixou petrificado. Era difícil explicar, mas tentaria de todos os modos.

—Sabe o tipo de gente que veem ao clube? Os góticos fissurados que ficam nas sombras?

—Como não!

—Por que acha que estão ali?

—Não sei - disse movendo a cabeça negativamente.

—Por que querem um lugar onde estar, um lugar que pertencer. Querem que a fantasia se faça realidade - Não mencionou que esses seguidores da sub-cultura gótica pagavam suas dívidas e o haviam convertido em um homem rico muitas vezes.

—Querem ser vampiros?

—Claro! Pensa. Não tem nada mais excitante que a ideia de ser imortal. Para muitas pessoas, a ideia de conectar com um amante através de sangue é erótica e um poderoso afrodisíaco.

Devon se deu conta nesse momento de que não eram em absoluto contrario a ideia de introduzir Rachel no mundo dos Kynn. Uma onda de sangue quente precipitou rumo sua virilha. A ideia endureceu seu pênis deliciosamente. Não seria essa noite, claro. Já chegaria a oportunidade. Disso não tinha nenhuma dúvida.

Um sugestivo sorriso chegou aos lábios de Rachel.

—Erótica? - perguntou girando os olhos com cinismo - Você acredita?

Devon deu um gole em seu café, que já estava frio por pouca atenção que tinha prestado durante a conversa.

—Sou um Kynn

Ela pôs uma cara interrogativa.

—Kynn? - repetiu - Soa a reunião familiar.

Devon levantou lentamente o olhar até encontrar com o de Rachel.

¹⁰ Lobisomens



—Quando te tiram a vida mortal, o que substitui é muito mais valioso que a alma humana. Ela tratou de compreender o conceito.

—E que é?

Era difícil explicar, mas tentou.

—O coletivo e a base dos Kynn como raça, uma relação de elementos unidos em um todo. Suas propriedades não se podem obter da simples soma das partes. Beber o sangue de outro supõe introduzir em seu corpo a mesma essência da criação.

Rachel abriu muito os olhos.

—E qual seria o ponto de origem? O céu?

—Conta a lenda que os Kynn tem.

Rachel sorriu e acabou a história.

—E então todos se converteram em vampiros e viveram felizes para sempre?

Devon teve que rir.

—Se está deixando limitar pela definição de vampiro que contam os filmes e os livros. Na verdade, não tem nada que ver com o que você imagina.

—Assim que o que está dizendo é que os vampiros existem de verdade? - A dúvida enrugou sua testa.

Devon não se atreveu a rir, apesar de que adoraria fazer.

—Está certa de que não existem?

Rachel parecia estar refletindo sobre o que Devon havia dito. Estava muito séria.

—Claro que não existem - Um ar sonhador assomou a seus olhos. Parecia estar considerando momentaneamente as possibilidades. Um segundo depois suspirou e seu olhar sonhador desapareceu - Se existissem, gostaria de ser um deles.

Justo as palavras que ele queria escutar, mas não era o momento nem o lugar de fazer Rachel ver o que significava. Ainda não. Já lançaria seu anzol e pescaria sua presa. Teria que pegar a vara com cuidado para evitar perdê-la. Mas, se conseguisse introduzir o conceito Kynn em sua mente, talvez ela quisesse explorá-lo mais fundo. Jaye chegou com a conta.

—Os encho outra vez? - perguntou olhando os copos vazios.

Rachel olhou o relógio e logo pôs a mão encima do copo.

—A minha não - Olhou o outro lado da mesa - O guincho chegará logo - Pegou a bolsa e se levantou da mesa.

O tempo havia passado voando e Devon não havia se dado conta. Tinha passado muito (se atrevia pensar?) bem. Fazia muito tempo que não passava o tempo com alguém somente pelo o puro prazer de sua companhia.

—Nos temos que ir - Olhou o total da conta e remexeu no bolso interior de sua calça. Tirou a mão vazia - Oh merda!

Rachel escutou a reclamação que ele havia murmurado.

—Tem algum problema?

A vergonha o inundou.

—Parece que esqueci a carteira.

E, efetivamente, a havia esquecido. Lembrava-se muito bem: seguia sobre a mesa do escritório. Havia saído do clube com a cabeça cheia de fantasias e os olhos cheios de estrelas e a esqueceu. E agora mesmo se sentia como um completo idiota. Não tinha nem um centavo. Nem moedas, nem cartão. Não podia pagar.

—Escuta Jaye... - começou a dizer - Já sabe que te pagarei.



A garçonete fez um gesto com a mão.

—Claro carinho. Pode ficar devendo - Deu-lhe uma palmada no traseiro - Talvez possa me devolver de outro modo algum dia - Piscou um olho - Me deve uma.

Rachel se aproximou. Ainda estava com o avental, colocou a mão no bolso e tirou um monte de notas. Seus olhos se arregalaram um pouco quando viu seu tesouro. Havia umas notas de dez e de vinte. Deixou uma nota de vinte sobre a mesa, era mais que suficiente para pagar a conta e deixar uma boa gorjeta.

—Posso pagar - disse em voz baixa.

Devon tentou devolver o dinheiro. Sentiu o calor da firme mão de Rachel embaixo da sua.

—Não é necessário de verdade - Rachel havia acabado para ganhá-lo. Não pensava permitir que pagasse a conta.

Ela recuperou seu dinheiro e inclinou a cabeça para trás. O olhou com seus preciosos olhos de longos cílios.

—Simplesmente me leva até meu carro e estaremos certos - Deu o dinheiro a Jaye - Fica com o troco, por favor.

A mulher sorriu, sabia reconhecer quando alguém havia sido mais inteligente que ela.

—Suponho que isso significa que ele fica devendo uma a você agora amiga - Piscou um olho e afastou-se rebolando.

Devon engoliu com força e umedeceu os lábios. Merda. A maioria das mulheres não teriam tido nenhum problema em deixar as coisas como estavam.

—Não fazia falta de que fizesse isso... - começou a dizer.

Ela o cortou, enquanto colocava a bolsa nos ombros.

—Valeu a pena pagar o café em troca de desfrutar de sua companhia.

Agora o surpresa era ele.

—Ah sim?

Rachel riu.

—Nunca tinha visto um homem mentir como você faz. Tenho que admitir tem estilo - Sem esperar, se voltou e começou a caminhar rumo a saída. Quando andava, seus quadris se balançavam de um modo muito tentador.

Uma mão deu uma palmadinha sobre o ombro de Devon.

—Será melhor que corra Devon - disse Jaye - Acredito que se foi com suas bolas.

E efetivamente assim era.

Não ficava mais remédio que seguir em frente.

O trajeto de volta ao estacionamento do Místico foi rápido demais. Antes que Devon se desse conta, já estavam outra vez onde haviam começado. O velho carro de Rachel ainda estava ali, sozinho e desamparado. O guincho não parecia ter vindo.

Rachel se jogou no assento e tampou o rosto com as mãos.

—Não veio - Pegou ar seus seios elevaram e logo caíram debaixo do sedoso tecido de seu uniforme. A abertura que tinha o uniforme entre os seios se abriu e a mente de Devon se desencadeou uma multidão de imagens eróticas - Minha sorte chega terrivelmente tarde.

Na verdade, ele estava contentíssimo que o guincho não tivesse chegado. Aquilo lhe deu uma desculpa para oferecer levá-la para casa e poder estar um pouco mais com ela.

Devon tinha o olhar cravado sobre o corpo de Rachel e se perguntava como seria pegar um seio e apertá-lo com suavidade, enquanto lhe acariciava o ereto mamilo com o polegar e se inclinava pouco a pouco sobre ela.



Incapaz de resistir a tentação nem mais um minuto, esticou seu braço e acariciou uma bochecha de Rachel com ternura. Quando ela recobrou o ar, voltou para olhá-lo diretamente nos olhos. A conexão entre eles era eletricidade pura, era tão forte que parecia que alguma força magnética intercedesse para atrair seus corpos.

Um espiral de luz chegou diante dos olhos de Rachel.

—Suas carícias me fazem sentir tão viva. Desejaria... - Um irônico sorriso chegou a seus lábios e deixou de falar.

Devon lhe tirou o cabelo do rosto.

—O que?

—Nada - A briga entre o medo e o desejo cobria suas palavras de chumbo.

Ele deslizou os dedos por seu rosto e acariciou seu queixo. Encontrou seus lábios e percorreu o dedo em seus úmidos lábios. Tocá-la provocou uma explosão na virilha. Seu pênis se enrijeceu palpitante disposto.

—Diga-me.

Ela tremia e forçou uma triste e pequena careta.

—Já não fica nada que desejar.

Devon se aproximou até que seus lábios ficaram a poucos centímetros da orelha de Rachel. Sentia o calor e o desejo sexual que irradiava dela. Um calafrio de expectativa percorreu as costas. Ela queria entregar-se, desejava levar e desfrutar de tudo o que ele tinha que oferecer. Mas, o medo a imobilizava, sua muralha interior seguia firme de pé. Ele teria que encontrar algum modo de atravessá-la.

Devon se aproximou mais e sentiu o calor de seu ar. Um segundo mais e seus lábios certo que deveriam se encontrar

—Acredito que sei o que deseja.

Ela ofegou e se afastou. Pôs os dedos sobre o queixo de Devon. Não o estava afastando, mas, também não estava preparada para deixar seguir em frente.

—Não. Prometeu não me seduzir...

Ele não se moveu. Seus sentidos ressoavam a desejo insatisfeito. Nunca havia desejado a nenhuma mulher daquele modo. Nem sequer Ariel lhe havia provocado um desejo tão profundo. Ficou quieto um momento, deleitando-se em sua carícia. Desejava que ela fizesse mais, mas sabia que não o faria.

"Essa noite não - advertiu a si mesmo - Paciência."

Devon pegou a mão e beijou a ponta dos dedos

—Disso isso?

Rachel engoliu com dificuldade.

—Sim.

—Era mentira.

Capítulo 12

Quando entrou em casa, Rachel fechou a porta e apoiou-se nela. Tinha que fazê-lo. Mantê-la fechada significava que não se sentiria tentada a abri-la e deixar Devon entrar.

Um sorriso se desenhou em seus lábios.



E fodê-lo como uma louca.

Quando escutou o motor de seu carro afastando-se rua abaixo, relaxou. Bem, havia ido. Havia conseguido resistir a tentação pelo menos!

Para assegurar-se de tudo, lançou um olhar para fora. A rua estava vazia. Não tinha nenhuma alma. Olhou o relógio. Tampouco era um horário habitual que alguém rodeasse por ali as quatro e quarenta da manhã. Para ela, continuava sendo muito raro estar por ali essas horas. E sem carro.

Observou o lugar em que deveria ter estado estacionando seu carro, mas não estava. Devon lhe havia prometido que se ocuparia dele pela manhã. Chamaria ao guincho para que o levasse ao mecânico mais próximo.

Contudo, a fatura seguiria sendo coisa sua. Devon se havia oferecido para pagar o conserto, mas Rachel havia negado a aceitar que ele lhe emprestasse o dinheiro. Seu lema deveria manter-se firme: não aceitaria nunca favores dos homens. Estava certa de que se o fazia iriam querer algo em troca. Nunca falhava.

Fechou a porta com chave e assegurou duas vezes de que estava bem fechada e de que a correia estava no lugar. Os homens eram todos uns porcos, dava no mesmo se vestissem a pele com trajes caros de seda.

—Todos o são, maldito seja.

Quando esteve segura no interior de seu pequeno domínio, tirou os sapatos e comprovou que seus pés não estavam destroçados e seus sapatos não estavam cheios de sangue. Não o estavam, mas seguia sentindo-se como se tivessem. Depois de ter passado toda a noite de pé, as batatas da perna doíam muito e lhe pesava tanto as pernas que tinha a sensação de que eram tão grandes como troncos de árvores. Inclusive então seguia sentindo-se como lhe batia os músculos sobrecarregados. "Ao que parece tenho os músculos atrofiados - pensou fazendo uma careta. Deus! Doía todo o corpo. Isso por ter passados os últimos anos sentada atrás de um balcão - Assim é como se sente uma pessoa quando trabalha para ganhar a vida."

Falando de trabalhar para ganhar a vida, quanto havia ganhado de gorjetas naquela noite? Ainda não tinha contado suas notas.

Estava emocionada demais para ir dormir e decidiu tirar uma garrafa de vinho da geladeira. Foi para sala e praticamente se derrubou sobre o sofá. Beber àquelas horas da madrugada não encaixava nada com sua forma de ser, mas precisava relaxar e um copo de vinho ajudaria.

Tirou a tampa da garrafa e bebeu um longo gole. O vinho com borbulhas era refrescante e devolveu um pouco de energia ao seu corpo exausto. Tomou outro gole deixou a garrafa de lado e começou a tirar as notas e as moedas de seu avental. Em poucos segundos tinha quase um tesouro em seu colo. Emitiu um gemido.

—Minha mãe. Acredito que aqui tem mais dinheiro do que ganhava em uma semana na livraria - Com as mãos meio tremendo por causa da excitação, contou o dinheiro, alisando as notas e colocando-as em pequenos montes. Enquanto contava, tirava ligeiramente a língua da boca levantando ao lábio superior.

Duzentos e setenta dólares.

—Isso é alucinante - Não se importava em absoluto estar falando sozinha. Estava emocionada demais por ter ganhado tanto dinheiro fácil em uma noite somente.

Bom, não tão fácil.

Doía-lhe todo o corpo, mas supunha que poderia suportar a dor sempre que fosse em troca de semelhante quantidade de dinheiro. Demônios! Havia trabalhado somente uma noite e quase



podia cobrir todos os gastos de uma semana. Quando trabalhava na livraria apenas podia assinar um cheque de quinze mil dólares por ano. Na Califórnia, isso beirava a pobreza. Para poder manter a frente seu negocio, havia tido que aprender todos os truques para salvar, comer barato, conduzir um carro velho e viver sem seguro médico ou outros benefícios sociais.

Enquanto olhava todo o dinheiro que tinha nas mãos, fez alguns cálculos rápidos. Se trabalhasse no Místico durante um ou dois anos, ganharia dinheiro suficiente para saldar todas as suas dividas e talvez inclusive pudesse abrir uma poupança. A perspectiva era muito emocionante. Por fim, havia encontrado uma forma de sair do buraco.

Talvez essa luz que via no final do túnel não era um trem aproximando-se em toda velocidade.

Mas, teria energia suficiente para aguentar esse ritmo cinco noites por semana? Aquela noite havia se sentido emocionada, complacente, havia sorrido, flertado... Não sempre se sentia assim, não sempre levaria no mesmo que a tratassem como um pedaço de carne. Em seguida, se sentia como uma puta, estava se dedicando a mostrar um poucos os seios e as coxas quando servia as bebidas. Observando as demais garçonetes havia aprendido a inclinar-se mais da conta para agradar os clientes. Contudo, o dinheiro a seguia tentando. Não teria que fazer sempre, somente o tempo necessário para pagar as dívidas. Quando tivesse superado o baque, deixaria o Místico e procuraria algum trabalho administrativo mais cômodo. Os olhos começavam a doer devido ao cansaço e deixou o dinheiro sobre a mesa. Voltou a cozinha e atirou o resto do vinho na pia. Assustou-a um ruído vindo da janela. Apressou até ela e olhou para fora.

—Sleek?

O gato não estava. Como não via nada através da janela. Era tão silencioso como a brisa, tão sutil como uma carícia do mais experiente dos amantes. Acariciou brevemente a parte posterior do pescoço de Rachel e deslizou por suas costas, lhe rodeou os seios, desceu até o seu plano ventre e seguiu entre suas coxas até chegar a suas pernas. Ela fechou os olhos e se deixou levar pela aquela maravilhosa sensação que a rodeava como um quente e carinhoso abraço.

Um golpe no umbral da janela a despertou do estranho sonho em que a havia sumido aquela encantadora sensação. Quase saiu o coração do peito pelo o susto que levou.

—Foda Sleek me deu um susto de morte - Esqueceu-se da prazerosa sensação que acabava de experimentar e pegou o esquelético gato para deixá-lo no chão. Encheu seus pratos de água e comida, apagou a luz da cozinha e subiu ao piso superior, enquanto ia desabotoando o uniforme.

Acabou tirando a roupa no banheiro. Colocou as meias e a calcinha no cesto de roupa suja e colocou o uniforme na barra da cortina da banheira para que o vapor da água quente tirasse as rugas e o cheiro de fumaça. Sentou-se em uma borda da banheira, abriu a água e a regulou até que esteve tanto quente que sua pele poderia suportar.

Enquanto enchia a banheira, colocou lentamente seus doloridos pés na água. Oh Deus que prazer!

Quando a banheira esteve cheia, se enfiou dentro da água quase fervendo e a pele começou a ficar vermelha, parecia uma lagosta dentro do molho. Ficou ali até que a água se esfriou e a pele ficou enrugada como uma passa.

Saiu da banheira relutante, se secou e escovou os dentes. Logo tirou as lentes. Depois de uma noite como a que havia passado, parecia que as tinha soldado nos olhos.

Entrou desnuda no quarto. Seu novo trabalho a havia deixado exausta. A cama era uma imagem borrada diante de seus olhos, um oásis tentador que a convidava a dormir.



Os lençóis estavam frios e apetitosos. Justo o que precisava.

Deslizou-se para baixo deles apagou a luz do abajur. Deixou-se levar pela persuasiva noite e fechou os olhos. O cansaço a venceu e caiu nos braços de Morfeu.

Somente estava alguns minutos adormecida quando voltou a sentir aquela estranha presença, a mesma que tinha experimentado quando deixou o gato entrar. Aquela ligeira pressão pousou sobre seus quadris. Uma deliciosa onda de calor deslizou por todo seu corpo.

Rachel, perdida nas profundidades de seu sonho, entregou-se a deliciosa fantasia. Quase se podia imaginar que estava entre os braços de um homem. As vibrações eram tão intensas que tinha sensação de que quando abrisse os olhos se encontraria com um firme corpo masculino encima dela.

Deus meu!

Aquela suave pressão se movia sobre sua pele, deslizando por suas costas, por debaixo dos braços, por cima dos seios...

A carícia suave e sensual. A inundou uma rajada de calidez sexual. Seus mamilos endureceram. A estranha sensação continuou, sentia como se desenhasse círculos sobre suas rosadas aréolas. Um momento depois aquelas invisíveis mãos desceram. Deslizaram por seu ventre e alcançaram a umidade entre as pernas.

Escapou um gemido claro de seus lábios. Seu clitóris palpitou e os jogos de excitação começaram a umedecer o sexo. Aquela carícia entre as pernas lhe provocava um prazer quase tormentoso. As pontas daqueles dedos invisíveis passaram suavemente por cima dos lábios de sua vagina. Seus seios desejavam ser beijados, lambidos.

A respiração de Rachel cada vez se tornava mais profunda e desigual. Fosse o que fosse que estava acontecendo, era maravilhoso. Tremeu embaixo da avalanche de sensações sexuais que acariciavam sua pele. Uma quente excitação a inundou. Suas terminações nervosas formigavam. A umidade palpitava entre as coxas, estava muito quente, úmida e disposta.

Uma sombra sem rosto ficou diante dela e esticou sobre seu corpo. O ar tremeu ao seu redor. Um delicioso arrepio a percorreu como uma aura de poder e resplandecente calor. Sentiu como se um pênis pressionasse os lábios de sua vagina e a penetrasse. Aquela invisível ereção estava tão dura que Rachel tremeu. As paredes do quarto começaram a girar e fechar ao seu redor.

Sua cabeça, sobre o travesseiro, se voltava para um lado e outro. Levantou os braços por cima de sua cabeça e agarrou ao dossel da cama. A pressão que palpitava entre suas pernas a preenchia, se retirava um pouco e investia de novo. Finalmente, o ritmo que a sombra dava em sua carne se fundiu com o seu e uma rajada de vibrações sônicas a invadiu. A pressão acelerou cada vez mais profunda. A transportou mais além dos limites do prazer até que o clímax a estremeceu. Perdeu o controle e emitiu um grito de prazer que parecia um gemido gutural.

Passaram vários minutos até que a invisível pressão desapareceu. Se foi da mesma maneira que havia chegado, desvanecendo atrás das clandestinas sombras. Rachel abriu os olhos e esvaziou os pulmões.

Tinha os sentidos prazerosamente perturbados e sua mente flutuava nos pedaços do breve sonho.

—Deus, foi tão intenso.

Se não tivesse a absoluta certeza de que estava dormindo, teria jurado que alguém acabava de fazer amor com ela. Esboçou um fraco sorriso. Impossível. Estava completamente sozinha.



Era gracioso. Não se sentia sozinha. Levantou-se e observou as sombras que tinha no quarto. Um ligeiro movimento chamou sua atenção. Tinha a sensação de que havia outra presença no quarto. As intensas sensações a envolviam. Os pelos da nuca se levantaram.

Sentou-se na cama e acendeu a luz do abajur da mesa. Girou os olhos. Tudo ao seu redor parecia borrado e morto. Sem lentes ou óculos não era capaz de ver mais além de uns centímetros. Maldita seja! As tinha deixado no balcão que tinha no lavabo. Nunca usava óculos em público, especialmente diante de um homem. Aquela montagem preta não a favorecia em nada.

Um ruído surdo aterrisou nos pés da cama.

—Sleek

Ao que parecia o misterioso intruso não era mais que um produto de sua imaginação.

Sleek se instalou no seu lugar favorito aos pés da cama e se ajeitou. Emitiu um ronrono de satisfação.

Ela suspirou.

—Fico feliz de que alguém por aqui esteja feliz.

Rachel passou as mãos pelo rosto, se ajeitou junto da cama e colocou um travesseiro entre as pernas. O que havia acontecido somente um momento lhe tinha despertado um incrível apetite sexual. Desejava estar entre os braços de um homem e sentir o peso de seu corpo sobre ela, enquanto a penetrava profundamente com o pênis.

Passou a mão pelo o lado vazio da cama. Seria bonito ter alguém com quem dormir a cada noite e acordar junto. Fazia muito tempo que o corpo de um homem não se juntava com o seu. Ninguém ocupava o espaço vazio. A solidão era a pior enfermidade do mundo. Comia o coração como um ácido.

Seu novo chefe apareceu em sua mente. O desejo a invadiu de novo.

Devon Carnavorn. Inclusive seu nome soava majestoso.

Rachel lembrou como a havia olhado quando estavam comendo, como a desnudava com os olhos e como se havia sentido quando ele tocou a sua mão. Uma eletricidade tinha percorrido seu corpo. Nunca havia esperado nada parecido em toda a sua vida.

Suspirou profundamente. Aceitá-lo. Precisava gozar gostoso. Precisava uma boa dose de sexo selvagem e quente. Seu último pensamento racional chegou, enquanto o sonho se apoderava docemente dela.

—Quer me conseguir Devon? - Sussurrou a seu amante em sonhos - Seduza-me

Capítulo 13

Devon tirou o roupão e o deixou cair no chão. Estava de pé em seu quarto, em sua pele ainda escorregavam algumas gotas de água que lhe dava um aspecto limpo e fresco. Quando pensava em Rachel, sentia sempre uma familiar rajada de calor que se dirigia a sua virilha. Seu membro, como se tivesse vida própria, deu um pequeno salto. Ele sorriu satisfeito.

Ah, Rachel, uma encantadora criatura digna de contemplar. Tinha um corpo espetacular: seus seios redondos e firmes, sua cintura pequena e tinha um traseiro com curvas preciosas. Era tão delicada como uma peça de porcelana. Tinha um corpo para seduzir, provocar e dar prazer.

Uma sombra se moveu atrás dele e se voltou, ao fazê-lo viu a si mesmo no espelho de corpo inteiro. Um ligeiro tufo castanho cobria o peito e os braços e seu pênis se acomodava em um



ninho de cachos púbicos. Seu corpo esbelto e sólido estava deliciosamente malhado. Era a inveja de qualquer homem e o que desejava qualquer mulher. Os Kynn eram criaturas sexuais. Precisavam de sexo. Ansiavam o sexo do mesmo modo que os seres humanos precisavam do ar para respirar. Quando não estava tendo relações sexuais, somente pensava em tê-las. Nesse momento estava pensando em como conseguir que Rachel abrisse as pernas para ele.

Desceu a mão e a fechou em torno de sua crescente ereção. Sentiu seu pênis palpitante, quente e aveludado. Inclusive flácido, era uma imagem impressionante, usava suas calças e dava as mulheres algo pelo que suspirar. Quando estava ereto, tinha uma longitude impressionante, e era grossa e torneada. Fechou os olhos e começou a se masturbar. Respirava com dificuldade.

Apesar de ter possuído muitas mulheres ao longo de sua vida, naquele momento fantasiava com aquela que havia escolhido para que se convertesse em sua companheira. Rachel. Ah! Tinha se mostrado tímida com ele, mas atrás daquela atitude e seu frio olhar fervia uma paixão que esperava ser liberta. Ele sentia, sabia pelo modo em que ela passeava os olhos por seu corpo e pelo prazer em sua virilha. Tinha esse brilho no olhar que destilava curiosidade, dúvida e desejo. Oh, sim ela era definitivamente curiosa.

—Logo será minha Rachel - sussurrou.

Fazia somente umas horas que a tinha visitado, tinha aproveitado para entrar em sua casa quando ela abriu a janela para deixar entrar o gato. Uma das muitas habilidades dos Kynn consistia em poder andar utilizando o vento sem que ninguém pudesse vê-los ou ouvi-los.

Se pressionava com a intensidade adequada e se masturbava com movimentos rítmicos. A imagem de Rachel lhe alagava a mente. Em sua fantasia, ela estava de joelhos e o olhava com fogo nos olhos. Estava ansiosa por possuí-lo e tirava a língua para chupar seu prepúcio. O sabor salgado a excitava e gemia brandamente; metia seu membro na boca centímetro a centímetro e o chupava muito devagar para aumentar sua excitação. Imaginava como guiaria a cabeça de Rachel enquanto transava sua cálida boca.

Sua respiração se tornou pesada e discordante. Masturbou-se com mais força, não se deu nenhuma pausa. Desejava a essa mulher; desejava com tal ânsia que quase podia vê-la nua em frente a ele com as pálidas coxas abertas. Quanto desejava deslizar sua língua por seus clitoris, chupar seu néctar enquanto movia a língua rapidamente e lambia suas delicadas pétalas rosáceas!

Aumentou a fricção sobre sua ereção; cada vez era mais quente.

Brincaria com ela. A prepararia... primeiro com um dedo, logo com dois. Ela se excitaria e emitiria um gemido ao ver sua ereta virilidade, aquela furiosa besta de conquista sexual. Mas ele a tranquilizaria com suaves sussurros e delicados beijos. Ela provaria seu próprio sabor a fêmea dos lábios dele e enredaria sua flexível língua com a sua. Quando metesse dentro de seu corpo de uma única investida, ela chiaria e se arquearia. Arranharia sua pele e gritaria seu nome.

—Mmmm, não há nada mais agradável que ver como seu amo se masturba.

Devon, com o membro na mão, sorriu ligeiramente. Deu a volta mordendo o lábio inferior com os dentes. Julián Wickham, seu último protegido, estava de pé atrás dele. Acabava de sair da ducha. Usava uma diminuta toalha no quadril e ainda tinha a pele salpicada de gotas de água. Caíam-lhe uns negros cachos sobre os ombros e o rosto. Seu jovem e esbelto corpo estava muito bem torneado e tão bem definido e firme como uma escultura de Michelangelo.

—Será muito mais agradável quando estiver utilizando a você para me dar prazer.

—Devon sorriu—. Espero que esteja preparado para uma boa trepada, menino. Esta noite estou particularmente faminto.

Julián o olhou por debaixo de suas largas pestanas.



—Estou preparado para agradá-lo, senhor.

Devon se dirigiu para seu jovem amante. Desde que tinha se apaixonado por Rachel não desejava mais carne feminina que a dela. Queria fazer amor com ela única e exclusivamente. Entretanto, continuava precisando satisfazer seu apetite. Um homem era maravilha para conseguir tal propósito. Com um homem as energias sexuais eram igualmente fortes que com uma mulher, inclusive mais intensas.

Deslizou a mão pelo musculoso abdômen de Julián.

—Assim espero. —Passeou a mão até seu quadril e logo voltou a subir até seu mamilo. Seus dedos examinaram o escuro círculo—. Em todos os sentidos. —Devon sempre era o agressor; não importava que estivesse com um homem ou com uma mulher.

Os Kynn não viam a copulação homossexual como uma ameaça. Qualquer prática sexual era bem-vinda e inclusive se fomentava, não importava que fosse entre dois homens ou entre duas mulheres. Como homem, tinha a vantagem de poder extrair energia de qualquer dos dois sexos. As fêmeas Kynn só podiam se alimentar das energias dos homens.

Certas partes do corpo deviam se encontrar e penetrar (ou ser penetradas) para que se completasse a conexão.

Devon, que tinha sido escolarizado em prestigiosos, mas sombrios internatos ingleses nos que só havia meninos tinha aprendido a uma idade muito nova de sua educação sexual a apreciar os prazeres do corpo masculino. Muitos meninos se entregavam à sodomia livremente durante sua adolescência.

Julián era um de seus favoritos, era um jovem muito bonito, com um brilho especial nos olhos e muita vontade de triunfar na vida. Em um princípio, o contratou como barman no Místico, mas logo ganhou a benevolência de Devon ao lhe deixar claro que estava disposto a vender seu corpo para complementar seu salário. Pouco menos de um mês mais tarde, Julián tinha aberto caminho, não só até a cama de Devon, mas também até o estilo de vida Kynn.

A respiração de Julián se acelerou. Vibrava-lhe todo o corpo e se endureceu. Começou a emanar calor.

—Morria por suas carícias — murmurou com os olhos sonolentos. A luxúria impregnava o ar que rodeava a aquele jovem semental¹¹. Seu interior palpitava com impaciência carnal, definitivamente esperava conseguir o que desejava.

Devon umedeceu os lábios enquanto sua respiração se acelerava. Com uma simples carícia sentiu como aumentava a energia interior de Julián. Seu elétrico pulso o deixou boquiaberto.

—Vou-te foder de todas as formas possíveis —disse ofegando.

Julián, se deleitando naquelas palavras, fechou os olhos enquanto Devon tirava a toalha que tinha atada ao quadril. A deixou cair e pôde ver o grosso membro do menino aninhado em um molho de pelo tão escuro como o de sua cabeça. Escapou-lhe um profundo gemido. Julián esperou sensualmente para se submeter com prazer a seu amo.

Devon deslizou os dedos de ambas a mão pelos contornos de seu corpo e logo se inclinou para frente e pressionou seus lábios contra os do menino para dar início a um enredo de línguas e membros à medida que seus corpos se aproximavam. Agarrou Julián pelos quadris e o guiou até o grosso tapete que tinham aos pés. Por algum motivo sentia que não tinha tempo suficiente para levá-lo até a cama.

¹¹ Semental - garanhão



O jovem gemeu enquanto os lábios de Devon abandonavam os seus para se dirigir a seu peito.

Assumindo a postura dominante, Devon começou a lambar e morder um dos mamilos de Julián.

—Sei que você gosta da dor. —Ao dizer isto se chupou os dedos e logo retorceu com força o outro mamilo do jovem.

Este emitiu um gemido e enredou os dedos no cabelo de seu senhor para aproximá-lo mais a seu corpo. Seu membro, endurecido, palpitava por causa da excitação.

—Meu corpo foi criado para lhe agradecer, amo.

—E o faz muito bem. —Devon brincava com ele lhe mordiscando os mamilos, primeiro um e logo o outro, desenhando círculos com a língua ao redor de cada um deles... —. Quer que pare? —sua provocadora voz era quase um sussurro.

Julián entrecerrava os olhos, morto de desejo.

—Quero mais — murmurou—. Ser, pertencer. Tal como me prometeu. —Procurou o membro de Devon e fechou a mão sobre sua crescente longitude.

Devon, pondo brandamente os limites, apartou sua mão.

—Logo chegará seu momento — disse com certa brutalidade.

Depois de dizer isto, se inclinou para frente e arranhou com força as pontas dos mamilos de Julián os retorcendo sem compaixão. O jovem estremeceu.

—Sim, senhor.

Devon deslizou as mãos por seu liso abdômen. Seus dedos foram encontrando e percorrendo as numerosas pequenas cicatrizes que tinha deixado na flexível pele do menino para se alimentar. Tinha muita vontade de que chegasse a noite em que por fim introduziria Julián no reino Kynn, mas ele só tinha vinte e um anos; ainda era muito jovem. Precisava crescer um pouco, maturar.

No momento, Devon precisava provar aquele firme traseiro.

Ficou de pé e se dirigiu a mesinha que havia junto à cama. Da única gaveta que tinha tirou uma lâmina e um tubo de lubrificante. Tirou o pacote da lâmina e jogou o cartão a um cesto de papéis que havia perto.

Julián ficou automaticamente de quatro patas. Seu ânus, tentador, estava preparado para ser penetrado.

Devon umedeceu os lábios. Não havia nada que gostasse mais que colocar o membro em um buraco bem estreito. Dava-lhe igual se o traseiro que sodomizava pertencia a um homem ou a uma mulher. Não havia nada comparável à sensação dos sedosos músculos anais rodeando com força sua rígida ereção.

—Fique de costas — ele ordenou.

Julián sorriu e obedeceu.

—Seus desejos são ordens para mim.

Devon colocou lubrificante nas mãos e se colocou de joelhos entre as musculosas e fortes coxas abertas do moço. Já podia sentir a palpação da energia de Julián na boca. Sua mão procurou e encontrou seu membro, grosso, duro e quente. Gotas de líquido preseminal brotavam da glândula púrpura; seu amante estava preparado.

Devon lhe acariciou o membro de cima abaixo imprimindo um ritmo lento.

—Eu adoro que esteja tão duro.

Julián gemeu. Sua respiração se acelerou.



—Se continuar me tocando assim não aguentarei muito — o advertiu apertando os dentes.

Devon retorceu ligeiramente a ereção de seu amante.

—Você não gozará até que eu diga que pode fazê-lo.

Julián emitiu um grito sufocado pela dor.

—Sim, senhor.

Devon seguiu acariciando-o enquanto se deleitava nas sensações ferozes que emanavam de ambos os corpos. Fazia dois dias que não praticava sexo e precisava recarregar suas células de energia.

A necessidade açoitava Julián com força. Lutava contra as incansáveis sensações que ameaçavam transbordar cedo e afundou os dedos com força no tapete. Ofegava sem parar e um gemido escapou de seus lábios.

Devon, que seguia acariciando-o com tortuosa lentidão, guiou Julián para que dobrasse os joelhos. Ele respondeu subindo os quadris, se antecipando à entrada.

Devon deslizou os dedos lubrificados pela raja do traseiro e pressionou sobre aquela suave calidez.

O ânus de Julián se contraiu e logo se abriu. Com o corpo avermelhado pelo calor sexual, lutou para conter seus gemidos de prazer.

—Deus, sim! —disse—. Mais dentro.

—Mmmm, o prazer é meu. —Devon introduziu o dedo para dentro e sentiu uma agradável pressão ao redor de sua pele.

Julián emitiu um suave gemido e começou a balançar o quadril se entregando ao prazer.

Devon tirou o dedo um segundo e a seguir lhe investiu com dois. Não se esforçou por ser suave ou delicado; Julián pedia a gritos ser dominado.

O moço estremeceu; ansiava uma penetração mais completa e profunda.

—Te quero dentro de mim.

Devon tragou com força e tentou manter sua respiração constante e controlada. Uma rajada de eletricidade percorreu seu corpo enquanto os músculos internos de Julián se contraíam com poderosa impaciência sexual. Aquela onda de brutal prazer era muito intensa para poder resistir a ela durante muito tempo. Tinha o membro duro e preparado, e a necessidade de chegar ao orgasmo se apoderou de sua virilha com força.

Devon precisava estabelecer a conexão. Precisava se alimentar. Tirou os dedos do úmido núcleo de Julián e agarrou suas nádegas nuas com as mãos. O corpo do moço vibrou e seu ânus se abriu por completo para permitir a entrada do membro de seu amo.

Julián inspirou com força e seus quadris se retorceram diante da invasão.

—OH, Deus! É tão grande... —sussurrou se debatendo entre o prazer e a dor.

Devon parou só um momento e logo empurrou com força. A seguir tirou seu membro movendo o quadril com deliberada lentidão, e justo quando apareceu a glândula, voltou a investi-lo inclusive com brutalidade.

Julián gemeu e, presa do desejo, se abriu por completo a ele. O instinto o empurrou a levantar os quadris; se oferecia, insinuando a Devon que não o satisfaria com facilidade. O êxtase se desenhava em seu rosto; estava se deleitando na apaixonante dor que percorria seu corpo. Uma dor que se projetava no próprio corpo de Devon. A primeira conexão já se estabeleceu. Agora a segunda.



Enterrado até os testículos, Devon se inclinou sobre Julián. Aguentando seu peso com os braços estendidos, agarrou ao moço pelos ombros. Seus corpos estavam totalmente unidos, estavam virtualmente cara a cara.

Julián ofegou e se arqueou sob Devon, ao que dirigiu um olhar que destilava crua e proibida luxúria. Em seus olhos cintilava um feroz apetite e se retorceu com urgência para dá-lo tudo. Seu membro palpitou alimentado pela fricção entre ambos os corpos.

Devon encontrou a lâmina que tinha deixado esquecida.

—Onde quer que o corte? —murmurou esboçando um diabólico sorriso.

O jovem jogou a cabeça para trás para lhe oferecer o pescoço.

—Aqui, senhor. —Não vacilou nem um segundo—. Bebe de meu corpo e de meu espírito para que possa viver.

E assim faria.

Devon deslizou rapidamente a ponta da lâmina pela pele de Julián. O sangue, empurrado pelo batimento de seu coração, brotou imediatamente. Agachou a cabeça e um segundo depois o doce sabor do sangue alagou sua boca.

Bebeu. Suas sacudidas aumentaram em potência e velocidade. Investia no ânus de Julián sem compaixão, introduzindo com força o membro, tirando e colocando de novo até o mais profundo.

As respostas de Julián eram cada vez mais acaloradas e febris. Agarrava Devon pelos ombros e, à medida que as energias de seu interior aumentavam, seu faminto corpo ardia mais intensamente.

Devon, se liberando do abraço, ficou de joelhos. Agarrou ao moço pelo quadril e o aproximou mais de seu corpo. Com a outra mão rodeou o ereto membro de Julián; o palpar daquele sedoso aço parecia ir ao ritmo das sacudidas de seu próprio membro. Apertou os dentes e lhe ordenou:

—Não goze ainda.

O quadril de Julián se agitou; estava à beira do desespero. Sua respiração soava entrecortada e discordante enquanto suplicava:

—Por favor, me deixe...!

—Não. —Devon entrecerrou os olhos e se concentrou para centrar seus pensamentos em permitir que seu corpo extraísse a energia do corpo do menino. Masturbou Julián enquanto introduzia o membro em seu ânus.

A tensão elétrica crepitou ao redor dos dois corpos.

Devon sentiu como as conhecidas sensações o invadiam enquanto seu faminto corpo se alimentava com impaciência das forças vitais de Julián. Aumentou a velocidade do movimento de seu quadril. Começou a masturbar Julián com mais força. Uma palpitante força vibrou ao redor dele. Cegado pelo desejo, sentiu o crepitar da energia em estado puro.

Devon fechou os olhos e se deleitou na avalanche de poder que alagava seus sentidos.

—Goze para mim — ordenou—. Dê-me isso tudo.

Julián obedeceu e rugiu quando um feroz orgasmo o alagou. Movia a cabeça de um lado a outro e sua pele se cobria de suor; um aroma amargo alagou o ambiente como consequência daquele encontro homossexual.

Justo quando Devon estava convencido de que não podia alcançar um plano superior de êxtase, chegou a segunda parte, tão violentamente que ele também rugiu açoitado por um



magnífico prazer primitivo. O prazer trovejou justo no centro de sua espinha dorsal. Afastou o quadril do traseiro de Julián e de seu membro brotou o quente sêmen.

Devon agarrou o membro com a mão e se masturbou até que saiu dele a última gota. Ofegou, tentando recuperar o fôlego e brigando por devolver um ritmo normal a sua respiração. O aroma de sua semente alagou o ambiente.

Os dois homens ficaram deitados um ao lado do outro, estremecendo ainda pelas réplicas de prazer que percorriam seus corpos.

Bateram na porta e a atenção de Devon voltou para o presente. Tinha convidados aquela noite; convidados muito importantes. A introdução de um novo membro ao coletivo Kynn requeria em geral uma reunião com o chanceler do clã local. Como Devon era chanceler, pretendia anunciar sua intenção de escolher um casal de sangue.

Claro que ainda não havia dito a Rachel que tinha sido escolhida...

—Senhor? —A voz de Simpson era um pouco impaciente—. Necessita ajuda para se vestir?

Devon, com a boca seca, passou a língua pelos lábios.

—Estou bem — disse imprimindo um tom seco em sua voz—. Acredito que sou perfeitamente capaz de me vestir sozinho.

—Se estiver seguro, senhor... —respondeu Simpson—. Os convidados desta noite estão começando a chegar.

Devon, mais relaxado graças ao atraente jovem que tinha ao lado, se levantou. Ainda tinha o sabor do sangue de Julián nos lábios. Normalmente, não se alimentava tão cedo da noite, mas ver o menino coberto só com uma pequena toalha era uma tentação difícil de resistir. Teria que voltar a tomar banho, mas rápido. Apressou Julián.

—Se vista preguiçoso. Já me entreteu bastante esta noite.

O menino bocejou e se espreguiçou antes de lhe brindar um lânguido e cristalino sorriso.

—Prefiro ficar nu — disse fazendo panelas. Deslizou a mão por seu próprio corpo e agarrou o próprio membro para dar uma larga carícia.

Devon se sentiu estremecer. Agachou-se e agarrou Julián pelo cabelo. Pôs ao menino de joelhos e o aproximou de seu quadril.

—Se ficar nu — o aviso que o foderei outra vez... repetidamente.

Julián o olhou com seus ardilosos olhos cor avelã.

—Assim espero — respondeu agarrando seu membro. Passou os lábios pela pele ainda dolorida e logo fez o mesmo com a língua enquanto lhe chupava até o último centímetro.

Devon agarrou Julián pelo cabelo e amaldiçoou em voz baixa. Seu corpo ficou ferozmente rígido enquanto a luxúria ameaçava roubar de novo o ar de seus pulmões. Seu quadril se movia com determinação desafiando a seu cérebro.

Maldito seja! Ia chegar tarde a sua própria reunião.

Escapou-lhe um suave gemido. Merda, por que Julián tinha que chupar tão bem?

Tampouco é que lhe importasse absolutamente chegar tarde.



Devon estava perdido em seus pensamentos quando alguém bateu na porta com suavidade. Olhou o relógio que havia em seu escritório. Duas e dez da madrugada. Tinha pedido a Rosalie que mandasse Rachel a seu escritório quando acabasse seu turno.

—Adiante.

A porta se abriu. Rachel entrou no escritório; parecia uma menina a quem iam castigar. Levava os sapatos na mão e andava descalça.

Em seu rosto se desenhou um tímido sorriso.

—Queria me ver? — Não vacilou nem um instante e não deixou de olhá-lo fixamente. Estava com os lábios pintados de rosa pálido e brilhavam um pouco. Seus mamilos marcavam através do muito fino tecido do uniforme. Pareciam rogar que os acariciassem que os lambessem.

A eletricidade percorreu as veias de Devon. A temperatura de seu corpo disparou e apertou os dentes. Umedeceu os lábios enquanto se perguntava que gosto teria a boca de Rachel se a beijasse naquele preciso instante. De morango? De canela? Doía-lhe o membro. O desejo que sentia por ela era inegável. O apetite. A necessidade. Era o ácido que erodia seus sentidos.

Fez-lhe um gesto com a mão.

—Sim, queria te ver.

Ela deu de ombros e se aproximou da mesa.

—Certo. — Os lábios de Rachel estavam um pouco separados, úmidos e suculentos—. Por certo, obrigado por se ocupar de que o reboque recolhesse meu carro e o levasse a oficina.

—Espero que não seja nada importante.

Ela emitiu um pequeno ruído.

—O maldito cabo da bateria estava solto. Só me custou dez dólares arrumá-lo.

Devon uniu suas mãos trêmulas.

—Estupendo. Alegro-me de que não fosse nada mais grave.

Rachel sorriu com pesar.

—Nem sempre será tão fácil de arrumar, mas de momento me alegro. — Cruzou os braços e ao fazê-lo seus peitos deixaram de ser visíveis—. Bom, e o que queria comentar comigo? —Seu tom era despreocupado, distante.

Uma distância que Devon queria reduzir.

—Só queria te fazer uma pequena proposta. —As palavras saíram de seus lábios antes que soubesse exatamente o que ia dizer.

Rachel arqueou suas torneadas sobrancelhas.

—Uma proposta?

Dizer isso tinha sido uma má ideia. Tinha a cabeça feita uma confusão e estava feito um molho de nervos; parecia que tudo estava saindo ao reverso. Levantou as mãos.

—Uma proposta trabalhista — esclareceu —. Sei que está cansada, assim serei breve.

Rachel sorriu envergonhada. Seu olhar se adoçou.

— É obvio. — Apontou uma das cadeiras —. Posso me sentar?

Devon pigarreou.

—Que mal educado sou. Por favor, sente-se.

Rachel se sentou passando a saia por debaixo das pernas. Mudou a postura, incômoda, tentando esconder a marca que tinha na coxa.

—É uma marca de nascimento — explicou —. É muito feia não é?



Suas inocentes palavras golpearam justo na base do pescoço de Devon. Um nó se fez na garganta dele. A marca de Rachel era tão parecida com a sua que tinha que ser algo mais que uma mera coincidência.

—Para nada. De fato, pensava que era uma tatuagem bastante interessante. Muitas garotas as levam. Ela relaxou.

—Pois, na realidade, eu pensei várias vezes em tirar esta marca de algum jeito. Nunca gostei.

Ele reprimiu um gemido. OH, ela não sabia nem a metade do tema.

—Não o faça. É algo pouco comum. Diferencia você do resto.

—Nunca tinha me exposto isso dessa maneira. Obrigado. — Fez uma pausa e logo perguntou —: Bom, e o que tinha pensado me propor?

Devon se inclinou para frente apoiando os cotovelos sobre a mesa e entrelaçando os dedos; era sua melhor imitação da clássica postura de negócios.

—É bastante simples. Gina, quem como já sabe é a chefe de garçonetes, acaba de apresentar sua demissão; nos deixa hoje mesmo. Preciso cobrir seu posto quanto antes. Considero que você está devidamente qualificada, assim que eu gostaria de te oferecer o trabalho.

Rachel abriu os olhos incrédula. Tirou a ponta da língua e a passou pelo lábio superior. Um gesto muito sensual. O desejo reacendeu nele. Uma pequena gargalhada lhe escapou.

—De verdade?

Sua risada contagiou a Devon. O aumento da cor nas bochechas de Rachel e como se iluminaram os olhos enquanto se deixava cair para trás na cadeira lhe pareceram gestos evidentes de que estava encantada com a oferta.

—Sim. Acredito que dirigirá muito bem as responsabilidades que suporta. Trabalhará com Rosalie coordenando os turnos, a ajudará a pagar as folhas de pagamento e fiscalizará as garotas quando estiverem na pista. Como já dirigiu seu próprio negócio, dou por fato que se habituará rapidamente a nossa maneira de funcionar.

Rachel engoliu em seco; seu magro pescoço se contraiu.

—É obvio. Não haverá nenhum problema. — Sorriu encantada.

Devon se esforçou por manter um tom de voz firme.

—Começará cobrando sessenta mil mais incentivos, que variarão em função de como faça seu trabalho. Quanto mais tempo fique comigo, mais dinheiro ganhará.

—Sessenta mil? Dólares?

—Asquerosa divisa americana — confirmou—. Nada de pesos nem ienes. Nem tampouco francos. Autênticos dólares americanos. Darão-lhe um bom maço conforme me contaram.

Rachel piscou. Sua expressão transmitia o que não podiam expressar as palavras: uma profunda sensação de agradecimento.

—Obrigado. Agradeço muito que tenha pensado em mim para cobrir esse posto.

Devon teve que ser sincero.

—É a pessoa mais qualificada que tenho em mãos neste momento — disse tentando se centrar em suas próprias palavras e não nos atraentes lábios de Rachel. Assim me economizo ter que pôr um anúncio e fazer um montão de entrevistas.

—Falando de coisas que mudam para melhor...

—Parece que sua sorte está mudando.

Ela sorriu encantada.

—Graças a você — disse brandamente.



Devon sorriu com pesar e olhou o relógio. A tensa corda com a que tratava de controlar a atração que sentia por Rachel tinha começado a se afrouxar de novo.

—Sei que é tarde, deveria deixar que fosse para casa...

A impaciência acendeu os olhos de Rachel.

—A que hora tenho que vir amanhã?

—Ninguém deve trabalhar aos domingos — respondeu ele sorrindo.

Ela se ruborizou enquanto ria bobamente.

—Claro. Tinha me esquecido. Então, na segunda-feira.

Devon ficou de pé. Rachel também se levantou da cadeira.

—Grande vista que tem daqui — disse se referindo a enorme janela de seu escritório.

—Dê uma olhada — ele a convidou—. A partir de agora poderá desfrutar dela frequentemente.

Rachel se aproximou do vidro que permitia que as pessoas que estavam no escritório pudessem observar o que acontecia no andar de baixo sem que ninguém os visse.

—Isto é incrível — disse entusiasmada—. Não há nenhuma só esquina que não se possa ver.

Ele se colocou atrás dela.

—É uma medida de segurança. Precisamos poder ver tudo o que está ocorrendo em todo momento. Se houver qualquer problema, queremos poder solucioná-lo imediatamente.

—Entendo. — Rachel bocejou; esfregou os olhos que se estavam fechando—. Perdão. Suponho que estou um pouco cansada. Fiquei acordada até tarde ontem à noite. —Não foi graças a mim. — Devon pôs as mãos sobre os ombros de Rachel. Massageou-lhe o pescoço com suavidade. A suave fragrância afrutada que desprendia seu corpo invadiu os sentidos de Devon. Inclusive depois de passar toda a noite trabalhando em um local cheio de gente, Rachel parecia estar tão limpa e fresca como um recém-nascido.

Para a surpresa de Devon, não se sobressaltou ao sentir sua carícia, nem se afastou lhe dirigindo palavras de indignação. Suspirou e se reclinou sobre ele como se quisesse que a rodeasse com seus braços.

Devon lhe murmurou ao ouvido.

—Você gosta? —Continuou massageando seus ombros deslizando os polegares para sua nuca e desenhando lentos círculos. Um pequeno tremor percorreu o corpo de Rachel.

—Mmmm, sim. Não me importaria que me dessem uma boa massagem agora mesmo.

Devon rodeou sua cintura com os braços. Não a agarrou muito forte; se ficasse incômoda podia se liberar facilmente. Entre eles surgiu uma conexão, uma estranha eletricidade que parecia crepitar no ar.

Ele baixou a cabeça. Deu-lhe um terno beijo na nuca, justo onde acabava sua curta juba. Seu olhar posou na curva que havia entre sua nuca e seus ombros. Morria de vontade de passar seus lábios por ali.

—Devon eu...

Sabia o que ela ia dizer. Mas não queria escutar.

Deu-lhe a volta e a agarrando entre seus braços a beijou. Tinha sabor de cereja, azeda e amadurecida.

Suas línguas se encontraram e se encetaram em uma ardente luta. Ele invadiu a barreira de seus lábios com a língua e conseguiu entrar em sua boca. Queria lhe dar prazer em todos os sentidos.



Rachel reprimiu um gemido e rodeou sua cintura com os braços para logo deslizar as mãos por suas costas. Sua carícia foi como uma droga nas veias de Devon. Viciador, mas satisfatória. Venderia sua alma para poder possuí-la.

As mãos de Devon, ansiosas por corresponder a Rachel, tinham ideias próprias. Agarrou os seios dela e rodeou seus mamilos com os polegares até que ficaram duros. Seu membro se endureceu contra o ventre dela. A empurrou contra a grande janela agarrou-lhe o traseiro com as mãos e abriu suas pernas.

A apaixonada reação de Rachel diminuiu. Deixaram de se beijar.

—Eu... Devon... —disse seu nome quase sem fôlego.

Passou a ponta do dedo por seus lábios. O que sentiu ao tocá-la voltou a acelerar sua respiração. Só tinha que olhá-la para que se acendessem as brasas de necessidade que ardiam em seu interior.

—Devon o que? —sua voz era mais quente que a lava.

Rachel estremeceu e suspirou contra sua boca.

—No que estou pensando? —Pôs as mãos sobre o peito de Devon e o afastou.

Ele se negou a ceder.

—Não pense. —A agarrou de novo—. Só atua. —«Como fez na outra noite», pensou, recordando a madrugada que se deslizou em forma de brisa em sua casa e pôde apreciar a paixão que fervia sob seu frio exterior.

—Temos que parar.

Rachel passou por seu lado. Suas palavras foram um autêntico cubo de água fria.

Devon se voltou.

—Por quê? Ela respondeu com uma pergunta:

—Me ofereceu o trabalho para poder se deitar comigo?

Olharam-se fixamente aos olhos. Ele viu a chama da paixão em seu olhar. Ela o desejava. Não havia nenhuma dúvida. Rachel tirou ligeiramente a língua e umedeceu os lábios.

Devon meteu as mãos nos bolsos. Seu coração pulsava com muita força.

—Não pretendo utilizar minha posição como chefe para me deitar com você. — Negou com a cabeça imaginando o pouco sincero que devia estar soando o que estava dizendo—. Minhas intenções como homem...

—Eu gostaria de manter meu trabalho separado do prazer — ela o interrompeu—. Sua voz, quase inaudível, era seca. Destilava angústia... e luxúria.

Devon inspirou com força. Um ligeiro tremor percorreu seu corpo e começou a transpirar. Seu coração ardia e a frustração se apropriou dele; tinha tanta vontade de possuí-la que lhe era doloroso. Ao ter percebido um ligeiro aroma a sexo feminino, seu membro insistia em permanecer incomodamente duro dentro de suas calças. Até o último dos ligamentos de seu corpo seguia rígido, eram como cabos de alta tensão de pura luxúria.

—Isso é o que quer?

Rachel hesitou e logo levantou o queixo. Em sua mente a decisão já tinha sido tomada.

—É melhor assim. É menos complicado. —Seu corpo não estava de acordo. Suas pupilas estavam dilatadas e respirava com dificuldade. Seus mamilos seguiam eretos; se converteram em pequenos, pontos duros de desejo.

Aquelas não eram as palavras que Devon queria escutar.

—Tem razão.

—Continuo trabalhando aqui? — perguntou ela.



Ele colocou uma mão sobre o coração.

—É obvio. Espero que ainda continue querendo trabalhar com um velho lobo como eu.

—Não quererá dizer um velho vampiro? — perguntou ela, trazendo à baila a confissão que lhe havia feito no bar de caminhoneiros. Obviamente, não tinha esquecido.

Devon assentiu esboçando um sorriso forçado. Justamente era o último que gostava de fazer.

—Velho vampiro.

Rachel inspirou com força.

—Bom, está ficando tarde e deveria ir para casa.

—Você está fugindo, senhorita Marks?

Ela negou com a cabeça. Seu olhar não fraquejou nem um momento.

—Quem diz que vou fugir?

Quando fechou a porta do escritório de Devon, Rachel se apoiou na parede e deu um suave golpe na cabeça. Demorou uns dez minutos em estabilizar sua respiração e deixar de tremer. Vá! Como a tinha tocado... O mero fato de pensar nisso lhe provocava calafrios. Passou os dedos pelos lábios. Seguia sentindo o formigamento que Devon tinha provocado com seus beijos. Seu clitóris palpitava grosseiramente entre suas pernas.

—Você disse que não correria — disse sussurrando—. Se me quer, venha por mim.

Embora soubesse que poderiam pegá-la a qualquer momento, deslizou a mão entre as pernas. Esfregou-se por cima do sedoso tecido do uniforme do mesmo modo que teria gostado que o fizesse Devon. OH, sim...!

Fechou os olhos e desfrutou das sensações; sentiu como se umedecia a vagina e molhavam as meias e as calcinhas. Pressionou o clitóris desejando poder meter o dedo no sexo. As meias não permitiam.

Entretanto, seguia necessitando um alívio rápido. Aumentou a pressão com os dedos e seu corpo tremeu quando uma longa onda de calor a percorreu. Fechou os olhos e se deleitou no clímax.

Quando escutou os passos que se aproximavam, abriu os olhos. Recuperou a compostura e ajeitou bem o uniforme e a saia. Inspirou com força justo quando Rosalie Dayton girava a esquina.

—Está aqui — disse a mulher—. Acabam de me dar a notícia. Devon me disse que você aceitou o trabalho. Parabéns.

Rachel sorriu.

—Bom obrigado. Espero que trabalhemos bem juntas.

Rosalie olhou para o teto.

—Estou muito emocionada por poder trabalhar por fim com uma mulher inteligente e não com outra das putinhas de Devon. Acredite em mim, estou cansadíssima de todas as modelos em potencial que desfilam por aqui só para que ele possa se deitar com elas.

Ao escutar estas palavras Rachel sentiu que lhe caía a alma ao chão.

—Então se deita com muitas mulheres? —Não era que não tivesse escutado os rumores. Tinha ouvido. Simplesmente tinha escolhido ignorá-los.

Até agora.

Um brilho de cumplicidade iluminou os olhos de Rosalie.

—Não se deitam exatamente, carinho. Este homem ainda não conseguiu meter uma no saco que já está procurando a seguinte. —A velha mulher alargou o braço e lhe deu um tapinha no



ombro—. Mas você parece uma garota sensível. Já tem uma idade. Não parece o tipo de mulher com a que Devon possa tontear.

Informação procedente da fonte mais fidedigna. Podia estar mais claro?

Rachel tentou manter uma expressão neutra. Durante os últimos três dias tinha estado fantasiando em se deitar com Devon, e no final tinham destruído as ilusões em um minuto.

—Obrigado. —«Suponho», pensou. Rachel tragou o nó que havia feito na garganta. Não fazia nem vinte minutos que Devon a tinha manuseado como se fosse uma parte de carne de primeira. Além disso, ela tinha estado a ponto de deixá-lo seguir adiante. Graças a Deus que não se deixou levar. Se ele tivesse dito que queria transar com ela, teria faltado tempo para tirar a roupa.

—De nada — Rosalie lhe deu uma suave cotovelada nas costelas—. Parabéns outra vez, querida. — se afastou caminhando com a energia que poderia ter uma mulher com a metade de anos que ela.

Rachel cravou o olhar na porta do escritório de Devon. O êxito era como encontrar uma parte de carvão nos sapatos no dia de Reis. Deu-lhe vontade de entrar e atirar a ascensão na cara dele.

Deus. Seu próprio comportamento lhe dava vontade de vomitar. Tinha estado a ponto de se comportar como uma cadela em zelo se esfregando contra sua perna.

Rachel tinha a sensação de ter evitado um grande engano. Graças a Deus, Devon nunca saberia o perto que tinha estado de se deixar levar. Tudo que a ele se referia parecia tão perfeito... E, entretanto, quando o analisava com precisão se dava conta de que tudo estava mau. Para um homem como Devon, ela não significaria mais que uma breve distração. Até que se fixasse na garota seguinte.

Aquela ideia caiu em cheio sobre o maior de seus temores. Não só se sentia barata, mas também fácil. E descartável.

—Estúpida, estúpida, estúpida.

De repente, não suportava continuar no clube.

Descuidando suas tarefas trabalhistas, foi correndo até seu carro. Sentou-se atrás do volante e fechou as portas.

Golpeou a cabeça contra o volante. Ultimamente parecia ser sua forma preferida de se auto-castigar. Era uma lástima que não o fizesse mais frequentemente. Talvez assim conseguisse adquirir um pouco de sensatez.

—Em que diabos estava pensando? — Só tinha tomado o café da manhã com ele e já estava sonhando com uma fantástica aventura. Mais valia tomar cuidado com Devon; era um perigoso demônio carnal disfarçado de homem atraente. Quase tinha conseguido enganá-la para que se metesse em sua cama com sua provocadora mescla de sofisticação e mistério. A luxúria era uma droga terrível; era impossível se afastar dela ou resistir. Ainda sentia um formigamento em todas as partes do corpo que Devon a tinha tocado.

Levantou a cabeça e olhou seus olhos no espelho retrovisor.

—Se mantenha afastada desse maldito homem. Só te trará problemas.

Estremeceu enquanto lutava contra as lágrimas. Era um conselho fácil de dar.

«Difícil de seguir quando está apaixonada.»



Capítulo 15

Rachel era consciente de que cada vez havia menos luz na rua. O perfil da cidade se apagava lentamente à medida que o céu mudava sua cor azul pelo cinza e finalmente se cobria de um sombrio e escuro tom tão negro como a fuligem. A cidade se enchia de luzes. Naquelas horas antes do anoitecer, ela estava sozinha de novo.

Perdida na tristeza, também se sentia murchar, como se estivesse caindo em uma escuridão da que nunca poderia voltar a sair. Em lugar de ter aceitado a deliciosa oferta de Devon, a tinha rechaçado. Ele deixou bem claro que a desejava. Não havia nenhuma dúvida com respeito a isso. Ela tinha conseguido encontrar a força para resistir a ele aquela noite ou, ou melhor, tinha lhe faltado a confiança suficiente em si mesma para seguir seus instintos. «Por quê?».

Era porque tinham feito mal a ela fazia pouco? Uma buzina soou no interior de sua mente. Não era uma desculpa o bastante boa.

Era porque tinha medo? Quente, quente... Talvez fosse porque acreditava que ela não era o suficientemente boa para um homem como Devon? Bingo. Rachel esfregou os olhos.

—Estou cansada de não ser o suficientemente boa — murmurou—. Estou cansada de ser eu. As lágrimas voltaram a aparecer em seus olhos. —Serei uma solteirona. Viveremos meu gato e eu sozinhos, compartilhando comida para gatos. —Esta ideia a deprimiu. Havia alguma surpresa mais para ela na vida ou estava condenada a se sentir como um peixe fora d'água para sempre?

Alguém bateu na porta e se sobressaltou. Olhou para a porta com má cara e amaldiçoou.

—Maldita seja! Quem demônios pode ser? — Ninguém a visitava aos domingos, exceto o menino que entregava os jornais, e já tinha pago o mês inteiro a aquele pirralho mal educado.

Talvez fossem as testemunhas de Jeová que vinham de bíblia na mão para salvar sua alma. Definitivamente, não necessitava esse tipo de salvação. Esperava que não fossem os batistas. Sua igreja estava só a umas quadras mais acima. Não a tinham educado para pertencer a nenhuma organização religiosa e sempre tinha sentido mais atração pelo oculto. Sentia-se mais identificada com o pensamento de Wicca: preferia acreditar na força da natureza e seus elementos que em um Deus que criou o homem a sua imagem e semelhança. Se isso era certo, então Deus tinha escolhido uma imagem muito pobre em que apoiar sua criação. «Coloca seus panfletos na rolha e vá embora!»

O timbre soou outra vez.

—Agora não — murmurou em voz baixa. Estava sentada às escuras, assim que talvez quem estivesse chamando pensaria que não estava em casa e iria. Ficou sentada muito quieta, em silêncio, aguentando a respiração.

Chamaram outra vez. E outra vez. Estava claro que ali havia alguém decidido a não se deixar ignorar.

—Merda. — Era evidente que aqueles malditos demagogos bíblicos sabiam que estava em casa. Seu carro estava estacionado na porta.

«É um fodido gênio, Rachel.»

Quando o timbre soou pela sexta vez já estava histérica.

Ligou a lamparina que tinha junto ao sofá e se dirigiu à porta se armando de coragem para dizer a aqueles pretensiosos religiosos adoradores de Jesus que se fossem já. Girou o trinco e abriu a porta energicamente.

—Já disse que me deixassem em paz!



Quando viu quem era a pessoa que estava diante de sua porta, sua fúria desapareceu. Calou-se de repente e ficou paralisada, olhando fixamente ao homem que esperava fora.

OH, perfeito. Isso era justo o que menos necessitava nesse momento.

—Bom Rachel — disse Devon devagar—, se insiste, suponho que não fica escolha. — Como não estava no clube se vestiu mais informal: calças, camiseta e jaqueta esportiva. Limpo e imaculado.

Rachel gemeu por dentro.

—O que... o que faz aqui? —gaguejou, fracassando estrepitosamente ao tentar manter a compostura. De repente, se deu conta de que seu aspecto devia dar medo. Tinha os olhos vermelhos de ter estado chorando, sua cara estava torcida, e tinha posto um moletom velho e umas sapatilhas.

Certamente nesse momento estava muito afastada do tipo de beleza sexy que deslumbraria Carnavorn.

—Espero que não se importe que tenha me apresentado sem avisar — disse Devon—. Mas não respondia o telefone.

Não respondia por que o telefone estava desconectado. Quando estava em meio de uma boa depressão, não gostava de ter que responder se alguém chamava.

—Eu... Bom, não é um bom momento. —«Não chateie Sherlock.»

Ele a olhou dos pés a cabeça.

—Já vejo. — Arqueou uma sobrancelha—. Não vai me convidar para entrar? —Sem esperar que ela respondesse, cruzou a soleira e entrou no salão como se tivesse estado ali mil vezes.

No apartamento preponderavam as cores escuras, basicamente azul marinho e marrom. Não era o tipo de mulher que gostava dos estampados floreados e coloridos, nem ter as janelas sempre abertas para que entrasse a luz do sol. Preferia ter as persianas baixadas; era sua maneira de manter a distância com o mundo exterior. Sua casa era seu santuário, era um pequeno pedaço do mundo sobre o que tinha absoluto controle. A decoração era uma eclética mescla entre maciços móveis de carvalho e os eletrodomésticos mais modernos.

Rachel era aficionada a fazer ponto de cruz. Tinha alguns quadros de cenas fantásticas. Nas paredes e cuidadosamente emoldurados, penduravam quadros de fadas, unicórnios, bonitas feiticeiras e atraentes magos aos que dava vida com fios de cores graças a seu destro uso da agulha. A maioria os desenhava ela mesma e os costurava a partir dos esboços que desenhava diretamente sobre o tecido. Aquela diversão tão simples era a maneira que tinha de se evadir e conseguir seguir adiante com sua aborrecida e mundana existência. Devon olhou a seu redor; não lhe escapava nem um só detalhe.

—Um apartamento muito bonito, Rachel. Encerrado em si mesmo. Como você. Eu gosto.

Ela o seguia pelo salão enquanto digería seus comentários e pensava no que fazer. Não podia tirá-lo de seu apartamento, e estava convencida de que não podia chamar à polícia para que tirassem seu chefe de sua casa.

Passando a mão pelo cabelo despenteado, deu de ombros.

—Obrigado. Alegro-me de que você goste. Mmmm posso te oferecer algo para beber?

Ele sorriu, por fim uma luz no final daquele escuro túnel. Os joelhos de Rachel fraquejaram alarmantemente.

—Uma taça de vinho seria estupendo, se tiver.

Uma segunda oportunidade. Desta vez Rachel não pensava perdê-la.



—Na realidade, sim tenho. — Ela também tomaria uma taça. Era mal beber sozinho. Assim tinha companhia.

Quando chegou à cozinha, lavou a cara com água fria. Depois de se secar com um trapo, tirou uma garrafa de vinho branco da geladeira. Tinha lhe custado uns três dólares.

Não era o melhor vinho do mundo e provavelmente estava muito afastado das muito caras reserva que ele estava acostumado a beber. Mas era tudo o que tinha. Tirou a rolha da garrafa e encheu duas taças. As levou até o salão e ofereceu uma a Devon.

Ele a pegou enquanto percorria as feições de Rachel com o olhar para finalmente se centrar em seus olhos.

—Esteve chorando — observou preocupado—. Alguém a desgostou?

Ao escutar aquelas palavras, toda a ira, a frustração e a confusão que tinha sentido nas últimas semanas se apoderaram dela e a transbordaram. Queria gritar, chiar, dar patadas de raiva, mas tudo que podia fazer era ver com impotência como a sala se tornava imprecisa enquanto as lágrimas brotavam de seus olhos.

Sacudiu a cabeça e se deixou cair no sofá.

—Não é nada. —Bebeu, enxugando as lágrimas—. Só estava celebrando uma festa de auto-compaixão.

Deu um gole na taça de vinho.

—Acredito que todos têm momentos assim de vez em quando.

Ela suspirou.

—Eu tive muitos desde que fechei a livraria. Sinto-me como uma perdedora. Fechá-la acabou comigo — dizê-lo em voz alta não a ajudou a se sentir melhor. Seguia sentindo uma forte dor no centro do peito. Essa dor provocada pelo fracasso. E pela solidão.

Ele deu de ombros.

—Só é dinheiro, Rachel. Não significa nada.

—É muito fácil dizer quando o dinheiro te sai pelas orelhas, Devon.

Ele riu.

—É verdade que tenho muito dinheiro. Mas não me serve para sentir que minha vida é mais completa. Já sabe o dinheiro não pode comprar o amor.

Ela negou com a cabeça discrepando.

—Não, mas pode comprar muitas coisas. —Rachel bebeu o vinho de um só gole—. E as coisas o fazem feliz. — Os bancos não pisam nos seus calcanhares e sugam até seu último centavo.

—Tenho muitíssimas coisas — disse ele lentamente—. Mas continuo sem ser feliz. Não sou há muito tempo. — Aquela frase parecia absurda.

Por algum motivo, Rachel não acreditou que estivesse brincando. Silêncio.

Ela notou que Devon a olhava, a estudava. Ele se aproximava dela muito devagar, como um depredador rondando ao redor de sua presa.

Rachel ficou tensa. Estava preparada para responder quando ele deixou sua taça de vinho e se sentou junto a ela. Ela tinha a esperança de que a abraçasse e a beijasse febrilmente... E por um momento desejou que a agarrasse, a atirasse ao chão e a transasse até que se derretesse.

— É muito bonita para ser uma mulher infeliz, Rachel.

Ela bebeu e pegou um lenço de papel.

—Sim, e as adulações lhe abrirão todas as portas.



—Não vim para adular. — Devon entrelaçou seus dedos com os dela. Rachel não disse nada, só arqueou uma sobrancelha interrogativa ao mesmo tempo em que olhava a mão de Devon e logo o olhava aos olhos—. Vim para te fazer uma pergunta.

Rachel se endireitou e começou a abrir a boca. Ele não tinha que perguntar nada; ela já sabia.

Devon pôs um dedo sobre os lábios de Rachel.

—O que pareceria a você se nos víssemos depois do trabalho?

Rachel, um pouco desconcertada, lutou por guardar para si mesma tudo o que pensava sobre sua proposta. Se estiver tentando pegá-la em um momento de debilidade para seduzi-la, bom era evidente que tinha escolhido o momento perfeito. Sentia-se vulnerável... e desejava que a enganassem. A lembrança da conversa que tinha mantido com Rosalie Dayton voltou indevidamente para sua cabeça: «Não conseguiu meter uma no saco e já está procurando a seguinte», tinha dito.

Rachel tentou não perder o tato.

—Já lhe disse — começou a dizer — que eu não...

O incisivo olhar de Devon seguia cravado em seus olhos.

—Mistura o trabalho com o prazer? — Ele sorriu ligeiramente—. Sim, já sei. E quero que saiba que eu tampouco me deito com minhas empregadas. É uma norma que Rosalie me faz respeitar religiosamente.

Ela notou um nó na garganta.

—Então, por que está aqui?

Ele sorriu abertamente.

—Para te fazer mudar de opinião e romper uma norma. —A olhou longa e intensamente. Estava tenso, talvez esperasse que ela destroçasse suas esperanças.

Devon entrecerrou os olhos. Ela percebeu que ele estava a ponto de fazer algo.

—E como pretende fazê-lo?

—Assim.

Devon se inclinou para frente e a beijou se recreando em seus lábios. Passeou as mãos por seu corpo. Quando acariciou seus seios, um prazenteiro calafrio subiu pelas costas de Rachel.

Com a respiração entrecortada, ela se apartou.

—Devon, isto está mau. —Seus lábios diziam que não, mas seu corpo tinha ideias próprias. O sangue corria por suas veias a toda velocidade e lhe esmurrava as têmporas com um ritmo furioso; escutava um rugido nos ouvidos, era como uma furiosa onda empurrada pelo vento. Estava segura de que lhe sairia pelas orelhas se empurrava com mais força.

Devon estirou o braço para acariciar seu rosto.

—Não estou de acordo com você. —Seu olhar brilhava de necessidade—. Desde o primeiro dia que a vi senti como seu corpo chama desesperadamente ao meu. Eu só quero te agradar, Rachel. — Um pequeno e sexy sorriso lhe curvou os lábios—. Inclusive neste momento posso ler seus pensamentos.

Pensamentos muito peraltas. Ela quase se esqueceu de respirar.

—Po... p-pode fazer isso?

Ele engoliu com força, seu tom de voz cada vez era mais profundo.

—Está pensando em minhas carícias. Em minhas mãos sobre seus quadris, subindo por seu corpo para acariciar seus seios e agarrá-los com força. — Ele se inclinou para frente e lhe



sussurrou ao ouvido—. Sente esse familiar formigamento entre suas pernas e como se propaga o calor através de seus clitóris? É uma mulher cujos desejos morrem por ser liberados. Eu posso fazer isso por você; posso te ajudar a viver suas mais profundas fantasias sexuais.

A boca de Rachel secou. Quase para seu coração.

—OH, Meu Deus! — Apertou as coxas com força. Definitivamente, escutar como Devon a seduzia com suas palavras a excitava muitíssimo. Sentiu que seu sexo gotejava e umedecia o meio das pernas.

A expressão em seus olhos era impossível de resistir. Tentou se esforçar por levantar, por lhe dizer que estava se comportando como um tolo, mas era incapaz de encontrar as palavras ou a coragem para dizê-las. Tampouco podia rechaçá-lo. Suas palavras tinham incendiado sua mente.

Rachel reprimiu um gemido.

—Eu também o desejo. — Aquela não era a tímida Rachel Marks. Aquela era uma puta descarada que sabia o que queria e ia direto por isso.

Podia lhe custar perfeitamente um trabalho. Podia encontrar trabalho em outro lugar. Mas estava segura de uma coisa: não voltaria a encontrar outro homem como aquele. Praticar sexo com ele estava se transformando em uma obsessão cada vez maior. Quanto mais pensava nele, mais o desejava.

Devon a agarrou pelo queixo e se inclinou para ela.

—Bem.

Rachel aceitou a pressão de sua boca, suave, tal como esperava que fosse.

O beijo se fez mais profundo e a língua de Devon rompeu a barreira dos lábios de Rachel para explorar sua boca. Era um mestre. O melhor beijo que já tinham dado nela.

Devon a empurrou para trás até que conseguiu que se recostasse sobre as suaves almofadas do sofá e colocou uma mão por debaixo de seu pulôver para acariciar as suaves curvas de seus seios. Como ela não protestava, ele continuou avançando em suas carícias e lhe esfregou o mamilo com o dedo indicador e o polegar. Ela se arqueou contra o duro peito de Devon desfrutando da sensação de ter aquele firme corpo pego ao dela. Era tão sólido, tão masculino... Seu aroma era uma mistura de almíscar e suor masculino que era muito agradável e açoitava com força seus femininos sentidos. A mão de Devon abandonou seus seios e descendeu por seu plano ventre até que se internou pelas calças para encontrar o monte de Vênus. Acariciou seu sexo com o dedo do meio.

Desta vez ela não pôde reprimir o gemido.

—Não tem nem ideia de como eu gosto.

Devon sorriu com malícia; mudou de postura e a colocou sobre seu colo de maneira que ficou sentada em cima dele.

—OH, sim que sei. — Sua voz era tão sedutora.

Rachel suspirou de prazer quando a esticou em cima dele para poder deslizar os lábios pelo seu pescoço. Suas tetas, duras e eretas, se chocaram contra o peito de Devon. Não tinha se incomodado em colocar o sutiã quando se vestiu. Seus mamilos estavam duros e desejavam ser mordiscados.

Agarrou uma mão dele e a guiou até seus seios.

—Quero que me aperte os mamilos com força — disse suspirando—. Não há nada que eu goste mais que sentir um membro dentro de mim e uma boca quente me chupando os mamilos. — Certo. A alternância de sensações entre seus seios e seus clitóris a faziam perder a cabeça. Nunca deixava de chegar ao clímax.



O que resultava mais desconcertante era o fato de que tivesse explicado como deixá-la louca de prazer. Esta, definitivamente, não era a tímida Rachel. Havia algo naquele homem que liberava à puta que havia em seu interior. E ela gostava.

Automaticamente, Devon fez rodar a ponta do mamilo de Rachel entre o polegar e o indicador.

—Terei em conta. — se deteve e se retirou o tempo suficiente para tirar sua jaqueta. Tinha um arrepio.

Rachel ofegou quando ele se inclinou para meter seu mamilo esquerdo na boca; brincou com ele utilizando os dentes e a língua. Aquela exótica sensação lhe provocou uma familiar calidez. O batimento de seu coração martelava em seus ouvidos e seus próprios suaves gemidos avivavam o fogo que despertava entre suas coxas.

A ereção de Devon pressionou o meio de suas coxas. As peritas mãos de seu chefe se moveram por suas costas para agarrar seu traseiro enquanto seus lábios serpenteavam pelo vale que havia entre seus seios. Um momento depois a aventureira boca de Devon encontrou o outro mamilo e desenhcou círculos com a língua ao redor dele a deixando louca de desejo.

Rachel ofegou enquanto deslizava os dedos pela espessa cabeleira de Devon e se esfregava com sua ereção que tinha ficado apanhada debaixo de seu corpo.

—A merda com isso de não misturar o trabalho com o prazer — sussurrou ela tirando as sapatilhas—. Acredito que chegou o momento de que nos traslademos a um lugar mais adequado.

O faminto olhar de Devon se encontrou com o de Rachel.

—Estava desejando que dissesse isso.

Capítulo 16

Devon agarrou Rachel em seus braços e subiu pelas escadas; não pesava mais que um menino adormecido. Quando chegou ao final do corredor, abriu a porta do dormitório com o pé. Para surpresa de Rachel, evitou o dormitório e se dirigiu ao banheiro. Parecia estar familiarizado com a casa; conhecia cada canto.

Rachel tinha a cabeça oculta em seu pescoço e rezava para que Devon não caísse e matassem os dois.

—O que está fazendo?

Sem vacilar, Devon a deixou de pé no chão.

—Vou dar os mimos que você merece.

—Vai me mimar? — Rachel procurou ligar o interruptor da luz. Piscou quando se acendeu—. Não como a um bebê, espero...

Ele negou com a cabeça. Inclinou-se sobre a banheira e abriu o grifo. Regulou a temperatura e disse:

—Você tem uma curiosa concepção do sexo se está esperando que lhe ponha fraldas, senhorita Marks. O que eu tinha em mente implica um bom banho seguido de uma longa e relaxante massagem.

Rachel abraçou a si mesma.



—Um bom banho e uma massagem? Meu Deus! Acredito que acabo de morrer e estou no céu.

Ele a olhou e lhe dedicou um sorriso que parou seu coração.

—Apesar de minha duvidosa reputação, não apareço e começo a foder.

Ela o estudou durante um momento. Aquela era uma imagem que jamais teria, esperado ver: Devon sentado no fio de sua banheira, disposto a banhá-la. Não pôde evitar recordar do desejo que sua amiga Frannie pediu para ela: um moreno alto e bonito que a fizesse cair de traseiro.

Parece que por fim tinha funcionado um de seus feitiços.

O único problema era que aquele moreno alto e bonito tinha alguns inconvenientes.

—Ouvi dizer que tem uma boa reputação entre as garotas.

—Seja honesta. Provavelmente ouviu dizer que eu fodo a muitas mulheres.

Rachel cruzou os braços para tampar os seios nus e o olhou.

—É certo?

Ele a olhou por sua vez e respondeu com sinceridade:

—Não vejo que nenhum motivo pelo que deva mentir para você, Rachel. É verdade. Mas não há nada emocional em tudo isso; são relações puramente sexuais.

O sorriso do Rachel se tornou mais fino e cínico.

—E eu também serei uma relação puramente sexual, não?

Como era de se esperar, Devon ficou tenso.

—Não, você é mais que isso — respondeu com suavidade—. Muito mais. Só te peço que me dê uma oportunidade para demonstrar isso.

—Ppor que eu? — ela perguntou.

Devon a olhou de esguelha com sigilo.

—Por que não?

Rachel negou com a cabeça devagar.

—Porque eu não quero ser outro pó fácil¹². Uma mulher a mais da que usar e jogar.

Quando a banheira esteve cheia, Devon fechou o grifo. Ficou de pé e se aproximou dela. Estava muito excitado e a necessidade ruborizava seu rosto.

—Você é muito mais que um pó fácil, Rachel. Dê-me uma oportunidade e lhe demonstrarei isso.

—Me convença.

—Assim, por exemplo? — Devon alargou a mão e descruzou os braços dela com suavidade. Deslizou um dedo por seu seio esquerdo; primeiro rodeou a aureola e logo beliscou o ereto mamilo.

A respiração de Rachel se acelerou. Um prazenteiro calafrio a percorreu.

—Deus, sim — disse ofegando —. Resulta muito convincente.

—Me alegro. — Devon deslizou as mãos até seu traseiro e a atraiu para seu membro ereto. Baixou a cabeça e a beijou enquanto lhe tirava as calças e as calcinhas com habilidade. Caíram ao chão.

Rachel, um pouco incômoda por estar totalmente nua, tirou os pés da roupa que tinha caído. Devon não tirou absolutamente nada.

—Está preciosa — disse sorrindo. Um sorriso de incredulidade escapou dela.

¹² Um pó fácil- ter sexo fácil e ligeiro, sem compromisso.



—Eu?

Devon a guiou até o espelho do banheiro.

—Olhe você mesma.

Rachel tampou os olhos com as mãos.

—OH, não. Estou feita um desastre.

Ele, por trás, a obrigou a baixar as mãos com suavidade.

—Eu vejo uma mulher preciosa.

Rachel se olhou. A primeira vista via dois generosos peitos, um ventre plano e uns quadris que se sobressaíam ligeiramente sobre umas pernas bem torneadas. Tinha os olhos dilatados e iluminados pela espera, e seus lábios estavam um pouco inchados por causa dos famintos beijos de Devon. Apesar de que tinha os olhos avermelhados e o cabelo feito um desastre, pela primeira vez ela pensou que tinha um aspecto... Bom, na realidade, se via resplandecente.

De pé atrás dela, o olhar de Devon se encontrou com o seu no espelho.

—Agora você vê o mesmo que vejo eu. — Suas grandes mãos pousaram possessivamente sobre seus ombros —. Agora vê o que eu quero.

Rachel ficou vermelha e baixou o olhar.

—Tudo ao seu tempo — a tranquilizou.

Rachel passou uma perna e logo a outra por cima da borda da banheira e se meteu na água. A temperatura era perfeita: estava o bastante quente para relaxar seus tensos músculos. Devon tinha escolhido um longo banho quente: o remédio perfeito para aliviar sua confusão emocional. Definitivamente, aquele homem sim sabia como cuidar de uma mulher.

Rachel se recostou para trás e se apoiou na banheira, afundando até que a água chegou a seu cabelo.

—Mmmm..., que bom. — Ela olhou para Devon de relance —. Está seguro de que não quer tirar a roupa e vir aqui comigo?

Ele, procurando uma esponja e umas quantas toalhas esponjosas, negou com a cabeça.

—Eu adoraria, mas esta noite é só para você. — Empilhou as toalhas no chão, se ajoelhou e arregaçou as mangas —. Alcance-me o sabão, por favor.

Rachel lhe deu o frasco de plástico; era seu favorito, uma exuberante mistura tropical. Devon tirou a tampa e percebeu seu aroma.

—Ah! Aí está esse aroma. Todo este tempo tinha estado imaginando que era algum perfume exótico. Ela sorriu contente de que ele tivesse notado. — Água e sabão. E um arsenal de sais corporais... Eu adoro as essências afrutadas.

—Vão muito bem com você. — Devon colocou a esponja na banheira e logo jogou um jorro de sabão—. Se sente e começarei por suas costas. Ela se inclinou para frente.

—Faz muito tempo que ninguém esfrega minhas costas.

Devon começou pela base de seu pescoço e logo foi desenhando pequenos círculos por todas as costas.

—Então deveria encontrar a alguém que o fizesse. — A suave pressão que se estendia por suas costas puxava ligeiramente da base do pescoço. Aquela carícia era deliciosamente pecaminosa.

—O trabalho é seu, se quiser. Mmmm..., é maravilhoso.

Ele riu entre dentes enquanto colocava a esponja na água para enxaguá-la.

—Obrigado. O braço, por favor.

Ofereceu-lhe o braço.



—Relaxe, você não tem por que estar tão rígida como eu...

—Como quer que relaxe enquanto me toca? — ela perguntou se voltando para olhar para ele.

Ele refletiu.

—Pensa em outra coisa. — Fez uma pausa—. Nunca acabamos a conversa que começamos na outra noite. Por que não me fala sobre sua infância?

As sensações eróticas desapareceram. Pensar em sua infância não provocava precisamente pensamentos passionais. Mas sim irritantes. Amargos. E tristes.

—Já o fiz. O ódio. Não se lembra? — respondeu ela franzindo o sobrecenho.

Agarrando o outro braço dela, Devon tentou seguir outra técnica.

—Temos que ir nos conhecendo — explicou com paciência.

Um áspero chiste.

—Não há nada que saber — disse ela sem dissimular seu tom hostil.

Ele mordiscou as pontas dos úmidos dedos de Rachel.

—Façamos um trato. Por cada coisa que você me explique, eu contarei outra sobre mim, de acordo?

Devon passou a esponja por cada um de seus dedos.

—Bem, onde se criou?

Rachel suspirou.

—No orfanato estatal. Não tinha parentes que me adotassem, então que me criei sozinha.

E você?

Ele foi até o outro extremo da banheira, colocou a mão na água e tirou um dos pés de Rachel.

—Em uma enorme e lúgubre mansão na Inglaterra, e logo em escolas ainda mais frias e internatos ainda mais lúgubres.

—De verdade? — perguntou ela começando a rir. Esfregou os dedos de seus pés e seus tornozelos até que saiu espuma.

—De verdade.

Trocou de pé e repetiu suas esponjosas carícias.

—Bom, seu aniversário é...?

—Em dezessete de março. O dia de São Patrício.

Devon sorriu.

—Uma garota irlandesa. — Colocou a mão sob a água e introduziu a esponja entre as pernas de Rachel parando justo quando chegou ao ponto de união entre suas coxas.

Ela abriu as pernas; uma súplica silenciosa para que seguisse nessa direção.

—E provavelmente não haja nenhuma gota de sangue irlandês em mim. E o seu?

Ele resistiu à tentação e passou à zona do ventre. Desenhava espumosos círculos ao redor do umbigo. A água fazia desaparecer as borbulhas tão rápido como se formavam.

—Em vinte e três de julho. — Subiu até seus seios.

Rachel ficou hipnotizada pelo escorregadio percurso que ele desenhava ao redor de seus seios e sua respiração se acelerou ligeiramente. Estava excitada. Seu corpo respondia a aquela úmida e inocente carícia. E não é que a maneira em que ele a tocava se pudesse considerar inocente. Cada uma das suaves carícias de seus dedos fazia florescer a energia erótica de Rachel.

—Quantos anos tem?

Devon beliscou um dos mamilos com seus dedos escorregadios.



—Tenho duas idades: a idade física e a idade Kynn. Segundo a idade humana, tenho trinta e quatro anos. Se tivermos em conta a idade Kynn, tenho cento e quarenta e seis anos.

Rachel não acreditou nem por um segundo, mas gostava do modo em que ele mantinha a fantasia. Demonstrava ter senso de humor e gosto pelo extravagante. E também imaginação. Esperava que fosse tão criativo entre os lençóis como era com suas elaboradas histórias.

Não pôde resistir brincar um pouco com ele.

—Então, é um pouco velho para mim, não acredita?

Ele arqueou uma sobrancelha com ar lascivo.

—Quanto mais velho é o violino, melhor soa querida.

No estômago de Rachel se amontoavam todo tipo de sensações. Sentia um formigamento sobre a pele, quente e vermelha.

—Algum dia eu gostaria de poder escutar como soa.

O sorriso de Devon era uma promessa.

—Já escutará. — se levantou e se colocou no extremo da banheira—. Agora joga a cabeça para trás e coloca o pescoço sobre a borda, por favor.

Rachel obedeceu.

—O que vai fazer?

Devon tirou o cabelo da cara dela e da testa e pegou o gel esfoliante de damasco da prateleira que havia na banheira.

—Prometi te mimar dos pés a cabeça.

—Caramba! Então cumpre o que promete... — disse ela sorrindo.

Devon colocou um pouco de gel na mão e sorriu para Rachel.

—Quero agradecer você.

Ela fechou os olhos enquanto ele estendia o abrasivo produto ao redor de seus olhos, logo por cima de seu nariz e finalmente rodeando sua boca.

—É incrível quão feia tem que se pôr uma mulher para conseguir uma imagem atraente.

Utilizando só as pontas dos dedos, massageou seu rosto desenhando suaves movimentos enquanto estendia por sua cútis aqueles granitos que pareciam de areia.

—Você estaria fantástica sem a necessidade de tudo isto.

Ela riu.

—Diz isso porque me tem nua e a sua disposição.

—Querida, está me acusando de ter intenções impuras? — ele perguntou enquanto deslizava os dedos pelo queixo e mandíbula. Rachel abriu um olho.

—Espero que sim. — Escapou outro suspiro quando a relaxante massagem facial chegou a um lugar especialmente receptivo —. Você nunca falou de sua infância, Devon. Não é justo que não me fale um pouco dela.

Ele suspirou.

—Privilegiada, mas reprimida. Aborrecida e formal. Em meus tempos se via os meninos, mas ninguém os escutava.

—E? —ela espetou.

—Esperei até que meu tio morreu — explicou franzindo o sobrecenho—. Aquele velho miserável me atribuía um pagamento muito pobre. O odiava. Decidi fazer minha própria fortuna.

—E então criou o Místico? Devon negou com a cabeça.

—Na realidade, não. Se poderia dizer que o Místico foi inspirado por uma mulher. Ariel.

—Precioso nome.



—Preciosa mulher. Ariel me introduziu no erotismo e no mistério dos Kynn. Eu queria ser Kynn, pertencer à comunidade. Ela me guiou e me ajudou a me introduzir nela.

Rachel, dentro da água quente, estremeceu. Abriu total e intencionalmente os olhos e olhou para Devon.

—Fala como se fosse real.

Ele a olhou fixamente.

—Para mim, é real. Nunca duvide Rachel.

Ela ardeu de curiosidade. Devido aos anos que tinha passado trabalhando ao lado de uma pitonisa¹³, tinha desenvolvido algo mais que um ligeiro interesse pelo mundo do oculto. O conceito do vampirismo sexual a intrigou.

—Algum dia terá que me mostrar seu mundo. Devon recuperou a esponja e tirou o gel esfoliante do rosto dela.

—Isso pretendo. — Fez uma pequena pausa—. Se sente melhor?

Rachel esfregou a cara com as mãos. Tinha eliminado a pele morta de seu rosto e agora tinha as bochechas tão suaves como o traseiro de um bebê. Um formigamento percorria toda a sua pele, se sentia fresca e limpa.

—Sim. Isto é muito melhor que choramingar às escuras.

Devon ficou de pé e procurou uma toalha. Não pegou uma das toalhas finas e desfiadas que Rachel usava habitualmente. Pegou uma das que tinha reservadas para as visitas, suave e esponjosa. A desdobrou e a convidou a sair da água.

—Você não estava choramingando. Só precisava desconectar um pouco.

—Às vezes eu gostaria de ter mais tempo para estar desconectada antes de ter que enfrentar de novo à realidade.

Ele lançou um olhar inquisitivo.

—Espero não ter quebrado nenhum bom momento de desconexão — disse brandamente.

—Esta noite você é uma rede de segurança — ela respondeu sorrindo—. Algo que nunca tive.

Rachel tirou a tampa da banheira. Parecia incrível que um pouco de água e sabão pudessem chegar a revitalizar tanto os sentidos. Embora não fosse tão raro se um homem de sonho te dava uma erótica massagem por todo o corpo. Nunca tinha estado tão limpa.

Envolveu-se naquele casulo de suavidade. Seguiu úmida e gotejava; estava envolvida pelo abraço do homem com o que tinha estado fantasiando: isso sim que era um sonho feito realidade. Nunca tinha acreditado nos contos de fadas nem nos finais felizes. Certamente, romperia seu coração. Tinha que passar assim.

A lei de Murphy. Era questão de sorte. Talvez de mau carma.

«Talvez se acabe logo — pensou ela—. Mas estou completamente segura de que o desfrutarei enquanto dure.»

—Um homem que só faz três dias que conheço me despiu e me banhou — pensou em voz alta—. Isso me transforma em uma mulher fácil?

Ele percorreu o corpo de Rachel com o olhar enquanto considerava a resposta.

—Predisposta — a corrigiu—. Em uma mulher predisposta.

Ficou vermelha.

¹³ Adivinho que prevê o futuro.



—Não muito predisposta, espero.

Devon arqueou uma sobrançelha enquanto percorria sua úmida pele com a toalha.

—Predisposta a estar comigo, sim. Predisposta a estar com outros homens, não. — Secou cada centímetro de sua pele. Primeiro pela frente e logo por trás—. Quero-te toda somente para mim. — Lhe dava um beijo brincalhão em cada lugar que secava. Não escapou nem um só centímetro.

Honestamente! É o clássico pensamento masculino. Primitiva posse masculina. Ele podia ter dez dúzias de mulheres metidas na cama e não significava nada. Se uma mulher tinha um amante, talvez dois, era uma puta.

Entretanto, Rachel gostava da ideia de que a quisesse para ele sozinho. Isso implicava compromisso.

Algo que ela não se atrevia nem a desejar.

E não era porque não pensasse nisso muito frequentemente. Uma onda de necessidade golpeou seu ventre com força quando Devon passou as mãos por seus quadris. Estremecia cada vez que sentia essas mãos por cima de sua pele.

—Neste momento acredito que tem coberto cada um dos centímetros de minha pele. — Rachel falou com o mesmo tom de voz que adotou naquela manhã que tomaram o café da manhã juntos; uma voz profunda e sensual.

Devon, com as palmas das mãos em sua cintura, se inclinou para frente para morder seu úmido pescoço.

—Sonhava podendo fazê-lo.

O desejo galopou pelas veias de Rachel. A palpitação no meio de suas pernas aumentou quando ele passou as mãos por debaixo de seus braços, agarrou seus seios, os apertou e retorceu os mamilos.

Rachel se arqueou contra ele e ficou sem fôlego. O membro de Devon se endureceu contra seu traseiro. Podia sentir toda sua longitude. Cada comprido, grosso e palpitante centímetro.

—Me dê tudo isso — sussurrou ela. Devon esfregou lentamente seu quadril contra seu traseiro e mordercou sua orelha. Se desabotoasse suas calças poderia...

Esforçou-se por esquecer sua própria necessidade e se separou dela.

—Acredito que é melhor que vamos ao quarto. — Seus músculos se flexionaram quando voltou a levanta-la nos braços.

Rachel, nua e desejosa, não tinha dúvida alguma de qual seria seu próximo destino.

Agora seus nervos estavam à flor de pele; desejava que ele tomasse o controle de seu corpo.

Capítulo 17

Devon a deitou na cama e percorreu todo seu corpo com um olhar descarado, se recreando em seus seios e logo em seu sexo. Um sorriso curvou seus lábios.

—Rachel — murmurou — é deliciosa.

Sorriu para ele; sabia que seu corpo estava muito afastado desse conceito, mas se alegrou de que ele tivesse utilizado essa palavra de todos os modos. Sem maquiagem e com o cabelo feito



um desastre distava muito de parecer uma mulher formosa. Mas o modo em que ele a olhava a fazia se sentir sexy, desejada, fêmea.

Estava deitada e totalmente nua. Ver Devon vestido diante dela não a ajudava a manter seus pensamentos puros. Todas as imagens que lhe vinham à cabeça o mostravam nu e muito suado.

—Certamente diz o mesmo a todas as garotas.

Ele negou com a cabeça.

—Neste momento não existe nenhuma outra mulher no mundo.

Para sua surpresa, Devon não se despiu rapidamente para atacá-la. Sentou-se a um lado da cama e começou a deslizar a mão sobre seu ventre. Deu-lhe um terno beijo.

—Te prometi uma massagem.

Rachel procurou com a mão a proeminente ereção de Devon e gemeu.

—Prefiro praticar sexo com você. — Como pôde acariciou seu pênis de cima abaixo por cima da roupa. Irradiava calor e cada vez crescia mais. Definitivamente, ali havia longitude mais que suficiente para agradá-la.

O prazer e o desejo se desenharam com toda facilidade na cara de Devon, que emitiu um profundo gemido. Seus olhos cinza irradiavam fogo.

—É malditamente tentador.

—Então, o que está esperando?

Um calafrio percorreu o corpo de Devon antes que o desejo desaparecesse de seu olhar e adotasse uma atitude mais séria. Tragou com força e a olhou aos olhos.

—Quero ir com calma com você, Rachel. Quero que esteja cômoda com o que estamos fazendo. — Com suavidade, apartou a mão dela do seu pênis.

Ela morria de vontade de percorrer suas costas com as mãos enquanto lhe acariciava as pernas; olhou para o teto e disse:

—OH, me acredite, Devon, estou muito cômoda. Faz um ano que não pratico sexo. Se me faz esperar muito mais, vou explodir.

Ele pigarreou.

—A paciência é uma virtude — recordou a ela. Rachel apertou os dentes com frustração.

—Um pó selvagem também tem suas recompensas.

—Por que passou tanto tempo entre um amante e outro? — Com suavidade acariciou um mamilo com os dedos e logo o beliscou ligeiramente.

A respiração de Rachel se acelerou e seu sexo se umedeceu. Inspirou fundo e tentou pensar.

—Estava esperando ao príncipe azul, suponho.

Ele sorriu zombador.

—Servirá o sétimo conde de Hammerston? — a beliscou com mais força.

Ela agarrou com força o edredom.

—Perfeitamente.

Devon se inclinou para frente e acariciou os lábios de Rachel com os seus.

—Pois dê a volta e te demonstrarei quão perfeito sou.

—É uma ordem, senhor? — perguntou ela adotando um falso acento inglês. Depois mordeu o lábio inferior de Devon.

Ele devolveu a brincadeira com os lábios.

—É uma petição, minha senhora — respondeu com um tom de voz suave.



—Então não posso resistir...

Rachel se deitou sobre seu estômago e cruzou os braços sob seu queixo, se perguntando com o que Devon a surpreenderia. Ele deslizou os dedos por entre os dedos dos pés de Rachel e os massageou um a um. Quando acabou com os dedos, passou à almofadinha da planta do pé e massageou a suave e vulnerável carne com seus polegares antes de seguir para o tornozelo e logo subir pelas panturrilhas. A sugestiva calidez de sua carícia percorria o corpo de Rachel: seu sangue fervia e não pôde evitar deixar escapar um pequeno suspiro de prazer ao tempo que flexionava os dedos dos pés.

—Você gosta? — a voz de Devon era tão doce como o creme, e a pressão de seus dedos era firme e segura.

Rachel suspirou de novo e fechou os olhos; se deleitou na sensação que lhe provocava sentir aquelas mãos sobre a parte posterior de suas coxas. Devon massageou a parte interior das coxas; se aproximava pouco a pouco ao ponto no que se uniam suas pernas, mas não o tocou. Quando por fim roçou seu sexo com os dedos, Rachel sentiu que a eletricidade percorria todo seu corpo lhe provocando uma agradável sensação de consciência sexual. Seu clitóris começou a palpitar; morria por ser acariciado, chupado...

Ela tentou fechar as pernas e capturar a mão de Devon entre elas, mas ele a tirou rapidamente; pospor o momento a torturava.

—Ainda não.

—Quando? — ela gemeu.

—Logo.

Devon subiu as mãos por seu corpo e acariciou languidamente seus glúteos antes de se centrar na base de suas costas. Percorreu a zona com as mãos pressionando na espinha dorsal, as costelas, os ombros; a sentia através de suas enormes mãos como o faria um homem cego.

Rachel sentiu como deslizava os dedos por sua nuca e logo percorria o mesmo caminho com os lábios. A mordiscou com suavidade e logo beijou e lambeu sua suave pele.

—Dê a volta — sussurrou ao seu ouvido. A espera se apropriou de Rachel e ela deu a volta.

—Encantada.

Devon continuou com a massagem. Começou pelos ombros e seguiu pela clavícula até que os rígidos músculos de Rachel começaram a relaxar. Então começou a baixar as mãos até chegar aos seios.

A acariciou com os dedos, mas não tocou seus mamilos. Logo passou as mãos sobre seu ventre liso e firme. Sua carícia a fez estremecer.

—Maldito seja — murmurou ela enquanto gemia—. A espera está me deixando louca.

Devon finalizou sua sensual massagem acariciando suas pernas e voltando para a ponta de seus pés; acabou justo onde tinha começado.

—A espera está a ponto de acabar. Quando acabou, se deitou junto a ela e se apoiou sobre o cotovelo. Pousou seus olhos sobre o excitado pulso que pulsava na base da garganta de Rachel. Ela tinha uma estranha e rígida expressão no rosto; era uma expressão entre alegre e cautelosa.

—O que? — perguntou ela sorrindo.

—Estava pensando em quão bonita está — sussurrou. Rachel engoliu em seco, afligida pelo elogio. Ele chegou a seu coração de um modo que ele não podia nem suspeitar.



Ela esticou os braços e o agarrou pela nuca. Percebeu o esplêndido aroma de sua loção pós-barba quando ele se inclinou para ela procurando seus lábios com a boca. Ela os separou esperando a mordaz invasão de sua língua. Ele a beijo minuciosamente; guiava os lábios de Rachel com os seus e com sua língua prometia outro tipo de invasão. Ela se arqueou quando ele agarrou um seio com a mão.

Devon rompeu o beijo e deslizou para baixo para meter um dos mamilos na boca e sugá-lo larga e preguiçosamente. Rachel gritou e arqueou as costas para senti-lo mais perto. Deus estava louca de vontade de senti-lo dentro dela; desejava se fundir com seu corpo até alcançar o êxtase.

Enquanto movia a língua sobre o sensível mamilo, Devon utilizou a mão que tinha livre para conseguir, sem mediar palavra, que Rachel abrisse as pernas para ele. Deslizou os dedos sobre os inchados lábios que rodeavam seus clitoris. A consciência de seus próprios fluidos e a pressão que imprimia Devon sobre seu sexo quase a fazem perder o controle por completo.

Um primitivo gemido escapou dos lábios de Rachel enquanto rondava nas portas do clímax, tratando de não saltar ao vazio sozinha.

—Por favor... —sussurrou levantando os quadris.

—Relaxe — a avisou ele —. Temos toda a noite — disse, e aumentou o ritmo de sua carícia, penetrando em seu sexo enquanto lhe chupava o mamilo.

Rachel soluçou seu nome quando apoiou os pés no colchão para poder levantar o corpo. Devon a provocava com um dedo, mas em seguida introduziu um segundo dedo, e enquanto o fazia, acariciava o clitoris com o polegar.

Rachel sentiu uma violenta sacudida quando o orgasmo explodiu em seu interior; seu corpo se sacudia como se um demente estremecimento estivesse movendo os fios. Quando acabou, desabou sobre a cama, ofegando, tentando recuperar o ritmo normal de sua respiração. Um formigamento percorria seu corpo empurrado pelas réplicas do orgasmo. Mas não era suficiente. Queria seu membro.

De repente, Devon se levantou da cama. Deixou vazio o espaço junto a ela e mudou de lugar para se situar entre as pernas abertas de Rachel. Ficou de joelhos e percorreu sua nudez com o olhar.

Rachel, se preparando para se render a um bom pó apesar de que Devon não tinha tirado nenhum só objeto de roupa, passou as mãos por cima da cabeça e se agarrou à cabeceira.

—Te quero dentro de mim. — A lasciva dor que a atormentava cresceu e ameaçava transbordar seus sentidos.

Devon esboçou um sexy sorriso enquanto se deslizava para baixo.

—Pouco a pouco, amor. Quero esperar até que chegue o momento perfeito para que nos unamos. Não será esta noite..., mas será logo.

Desenhou círculos com a língua sobre um de seus rosados mamilos, provocando ondas de deliciosa tortura por todo o corpo de Rachel. Mordiscou-lhe os dois mamilos por igual e logo começou a baixar movendo as mãos possessivamente sobre seus quadris.

Beijou a cálida superfície de sua caixa torácica, sua barriga, a pele que cobria seu dolorido monte de Vênus e logo a parte interior de suas coxas.

Rachel fechou os olhos e suspirou de puro prazer. Não sabia se queria que parasse ou que continuasse. Só sabia que estava no céu.

—Como eu gosto...



Os lábios de Devon queimavam a superfície de seu abdômen como o fogo percorrendo uma pradaria.

—Tento te agradar tudo o que posso. — Deslizou os dedos pelo suave pelo que cobria seu sexo e lhe separou os lábios vaginais para deixar a descoberto seu sedoso clitóris. Então riscou um ardente itinerário, passando sua língua várias vezes pela palpitante carne. O desejo arpoou cada centímetro do corpo de Rachel. Um desesperado gemido precedeu ao grito:

—Não pare... — Faíscas carmesins cintilavam diante de seus olhos fechados e o sangue corria furiosa por suas veias. Tremeu enquanto seus temerários apetites desejavam agradar a Devon tanto como ele estava agradando a ela.

Ele tinha o controle total e não dava sinal algum de querer renunciar a ele. Separava suas coxas com as mãos para fazê-la mais vulnerável a suas lambidas e ter liberdade para chupar e morder o palpitante clitóris. À medida que aumentava a fricção, as reações de Rachel eram cada vez mais e mais acaloradas.

Voltava-se e se retorcia; agarrava com força o edredom e sua cabeça se movia de um lado a outro presa do êxtase. Seu quadril seguia o ritmo que ele marcava com os dedos, aceitando cada investida. Egoisticamente, se perdeu nas doces glórias de um crescente orgasmo.

Sua respiração era entrecortada, arqueava as costas, se sacudia e estremecia. Gritava descarada e ferozmente de prazer. Guiada por Devon, sua necessidade animal interior se precipitou até um abrasador clímax. À medida que o prazer aumentava, seu corpo se arqueava com mais violência. Suas sensações resplandeciam trêmulas ao ritmo do sangue em suas veias, do pulsar de seu coração em suas orelhas. Seus sentidos explodiram em uma harmonia de espetaculares e cegadoras luzes: brilhantes, logo escuras, logo brilhantes outra vez... Um estalo de êxtase sem fim.

Rachel, sem forças, se deixou levar pelas correntes do clímax perfeito. Esqueceu-se do tempo, mas não lhe importava. Uma luz a alagou por completo; uma brilhante teia de delicados fios ondeava a seu redor e a percorria.

—OH, sim!

Capítulo 18

Rachel bocejou e se esticou. Deu a volta na cama e ficou de barriga para cima. As cortinas do sono continuou se fechando em sua mente.

Voltou a fechar os olhos, colocou os lençóis sobre a cabeça e se deleitou no pequeno mundo que tinha criado. Quente. Seguro. Quem queria se levantar da cama?

Especialmente depois daquela noite.

As lembranças se amontoavam em sua cabeça; em sua mente se projetavam lânguidas e eróticas cenas.

Esboçou um sonolento sorriso. Percorreu a pele com seus curiosos dedos. Encontrou seus mamilos e os acariciou. Tirou um pouco a língua e a passeou pelos lábios. Estirou brandamente os mamilos desejando que a boca de Devon estivesse brincando com eles. «OH, ontem à noite...! Mmmm... Como me tocou...!»

«Merda, estou tão quente...»



Sem pensar, separou as pernas; ainda estavam pegajosas devido ao calor da paixão. Deslizou as mãos por cima de seu estômago e acariciou o monte de Vênus. Seu sexo continuava úmido. Passou os dedos brandamente por cima dos lábios vaginais e logo os separou para acariciar o clitóris e voltou a se excitar.

«Merda...»

Meteu um dedo dentro e desfrutou das sensuais sensações que a percorriam. Imaginou Devon em cima dela abrindo suas pernas com as dele, brincando com sua abertura com a ponta de seu membro ereto.

Queria toca-lo. O necessitava desesperadamente; deu a volta para o lado da cama no que estava Devon. Vazio.

«Se foi.»

Olhou o travesseiro vazio. Nele não havia o mínimo rastro de sua cabeça. Não a surpreendia absolutamente.

Devon Carnavorn só tinha tirado o casaco aquela noite. Tampouco a havia fodido da maneira tradicional. Conteve-se e não praticou sexo com ela. Provocou-lhe orgasmo atrás orgasmo, mas não satisfaz suas próprias necessidades.

Recordava com clareza cada detalhe. Como tinha se sentido ele e como se sentiu ela entre seus braços. O que sentiria despertando junto a ele, sentindo seu musculoso corpo? Imaginou como despertaria, tocando o membro dele, sentindo como se endurecia entre suas mãos... O acariciaria brandamente e logo se deslizaria sob os lençóis para acabar de despertá-lo de tudo.

Mas estava sozinha.

«Típico dos homens. Nem sequer esperou para me dar um beijo de despedida.»

Ansiosa por se levantar, jogou a roupa da cama a um lado. Desejava ver seu novo amante mais que nada no mundo; queria persuadi-lo para que tirasse a maldita roupa e se metesse na cama com ela. O que ele havia feito a noite passada foi maravilhoso, mas não era suficiente.

Queria mais.

Não importava ser outra fulaninha descartável. Era adulta, solteira, podia tomar suas próprias decisões e escolher com quem queria deitar. Provavelmente, Devon a jogaria e a abandonaria. Tão mal seria isso? Quem disse que uma mulher tinha que se envolver emocionalmente com o sexo? Por que não podia procurar o prazer como ela quisesse? Era muito adúlador que um homem como ele a tivesse posto no primeiro lugar de sua lista de preferências.

Dirigiu-se descalça ao banheiro. «Desfruta da experiência», disse a si mesma.

Tomou uma ducha rápida, se vestiu e desceu as escadas. Na cozinha preparou umas torradas e tomou um copo de leite desnatado; logo deixou Sleet sair.

Tomou o café da manhã sobre uma bandeja enquanto via as notícias na televisão. Como de costume, no mundo passavam mais coisas más que boas. A economia emprestava, a guerra no Iraque continuava sem trégua e não havia nenhum alívio para o planeta. Parecia impossível viver em um mundo cordato e em paz. Em lugar de nadar, terei que lutar para não afundar.

Justo quando Rachel tomava seu último bocado, bateram na porta. Quem diabos podia ser? Limpou os miolos de pão dos dedos.

Quando abriu a porta, se encontrou diante do maior ramo de rosas que tinha visto em sua vida. Era tão bonito que tirava a respiração.

—Senhorita Marks? — perguntou o mensageiro.

Ela assentiu estupefata.



—São para você — lhe deu as flores—. Assine aqui, por favor.

Deixou o enorme ramo sobre a mesa e escreveu seu nome rapidamente.

—Obrigado. — Agarrou algumas moedas e algum dólar da terrina que tinha sobre a mesa—. Sinto muito, não tenho mais.

O menino sorriu, tocou a boina e meteu a gorjeta no bolso.

—Bom dia, senhora.

Rachel fechou a porta quando o menino se foi. Olhou as flores. Um cartãozinho pendurava do fragrante ramo. Abriu o diminuto envelope e o tirou.

Estava escrito: «Não deixo de pensar no de ontem à noite. Quero mais.» Não estava assinado.

—Devon. — se inclinou sobre as rosas para perceber seu delicado aroma e um sorriso se desenhava em seus lábios. Sim, a noite passada foi incrível. Ela também queria mais.

Capítulo 19

Uma hora mais tarde Rachel deixava seu carro na seção de empregados do estacionamento do Místico. Comprovou sua maquiagem no espelho retrovisor uma vez mais, pegou a bolsa, saiu do carro e se dirigiu à porta pela qual entrava o pessoal. Alguns ajudantes e garçonetes vadiavam na porta traseira enquanto fumavam um cigarro e deixaram de falar quando ela se aproximou.

Um dos meninos alargou o braço e lhe abriu a porta.

—Bom dia, senhorita Marks — a saudou sorridente.

Os olhos de Rachel, protegidos atrás de uns escuros óculos de sol, procuraram sua placa identificativa. Por alguma razão que desconhecia aquele dia estava mais sensível do que o normal a luz do sol. O ensolarado dia estava lhe provocando dor de cabeça; supunha que seria um sintoma da gripe que havia na cidade.

Ela sorriu.

—Olá, Rusty — respondeu despreocupada. Deus, que bem lhe sentava estar trabalhando...! Sobretudo agora que ocupava uma importante posição. Manter as garçonetes à raia e em ordem a ajudaria também a se manter alerta.

—Hoje está muito bonita — respondeu Rusty timidamente.

Rachel sorriu. Estava muito mais que bonita, e ela sabia.

Como já não tinha que pôr o uniforme de garçonte, se vestiu para matar. Deixou-se aconselhar por Gina, quem segundo Rachel, se vestia muito extravagante para aquele posto, e tinha escolhido um traje cinza escuro. A saia tinha um corte em um dos lados e era o suficientemente curta para ser provocadora sem ser ordinária. Deixou um par de botões da camisa sem abotoar, o que permitia entrever um pouco seu decote e a renda do sutiã.

Rachel parou só para pegar uma xícara de café e percorreu o labirinto de corredores saudando com a cabeça e dedicando algumas palavras aos empregados com os que ia se encontrando. Dirigiu-se ao escritório de Rosalie Dayton.

A mulher abandonou sua leitura e levantou a cabeça.



—Me alegro de que já esteja aqui — a saudou enquanto teclava em sua calculadora—. Gina deixou os turnos um desastre e o pagamento das folhas de pagamento das garçonetes sem fazer.

Rachel deu um gole a seu café; tinha colocado leite e açúcar, mas tinha um sabor forte.

—Onde se foi?

Rosalie deu de ombros.

—Não sei. Tem o telefone desligado, assim é impossível contatar com ela. Na realidade, não me interessa absolutamente saber onde demônios pode ter se metido. Ainda tenho trabalho para fazer.

Rachel deixou sua xícara de lado.

—Me explique o que tenho que fazer e me perei a trabalhar.

Rosalie lhe dedicou um agradecido olhar.

—Estupendo. Primeiro temos que pagar as folhas de pagamento. As pessoas se zangam quando não tem a lista de nomes preparada. — Deu-lhe os turnos das duas últimas semanas—. Soma as horas e eu calcularei o salário.

Rachel jogou uma olhada à lista de nomes. Era muito fácil calcular os totais.

—Eu posso fazer também o cálculo dos salários, se quiser.

—Se for capaz de fazê-lo, adiante. Não vai ferir meus sentimentos. —Rosalie lhe apontou a pequena escrivaninha que havia diante dela —. Essa será sua mesa. Terá que compartilhar este espaço comigo. Logo teremos um escritório maior; espero. Está em projeto. Até então, teremos isso que arrumar aqui.

Rachel assentiu, pegou a xícara de café e se sentou em seu novo posto de mando.

—Não parece que Gina trabalhasse muito. — Não quis fazer um comentário malicioso, simplesmente pretendia descrever um fato.

—Para nada — respondeu Rosalie sarcástica —. O único que fazia era passear por aí perdida em seu pequeno mundo. Drogas acredito. O que desconheço é por que Devon a deixou seguir por esse caminho durante tanto tempo. Esse homem é uma parte de pão. Sempre quer dar uma oportunidade a todo mundo. Rachel sorriu e em suas bochechas apareceram covinhas.

—Talvez estivesse se deitando com ela...

Rosalie franziu os lábios; estava desgostada e ao mesmo tempo sentia inveja.

—Se supõe que Devon não pode se deitar com o pessoal. Embora seguro que, se não ignora a norma por completo, a saltou algumas vezes.

Rachel sentiu remorsos de consciência. «Glups, a norma se quebrou», pensou.

—Me diga Rosalie, se tivesse a oportunidade, se deitaria com ele?

Sobressaltada pela pergunta, a mulher tossiu tampando a boca com a mão.

—Me deitar com Devon Carnavorn? Mmm... É uma pergunta difícil. Sabendo, como sei, que se deita com algo que vista saia e que foderia a uma serpente se alguém segurasse sua cabeça, queria ser a seguinte mulher de sua lista? —A pergunta parecia hipnotizá-la e resgatar lembranças muito doces para podê-las saborear.

Rachel pigarreou.

—E bem?

—Se tivesse quarenta anos menos, acredito que sim.

A jovem arqueou as sobrancelhas. Não era a resposta que esperava que desse aquela impassível mulher.

—Inclusive embora soubesse que provavelmente logo se esqueceria de você?



Rosalie arqueou uma sobrancelha com ar desenvolto.

—Só se vive uma vez, querida. Quando a juventude se vai, vai para sempre. Desfruta-a enquanto a tem. Não voltará nunca.

Rachel assentiu com a cabeça a mil por hora.

—Sim, suponho que é certo.

Rosalie tinha razão. A Rachel faltavam só sete anos para chegar aos quarenta. Depois dos quarenta chegavam os quarenta e cinco e logo os cinquenta. Sessenta. Setenta.

«Quero desfrutar agora.»

Rosalie pôs os olhos em branco.

—É óbvio que está apaixonada. Você e ele estiveram flertando às escondidas desde o primeiro minuto.

Rachel suspirou; apoiou os cotovelos na escrivaninha e o queixo em suas mãos.

—Pareço muito pendurada?

Rosalie riu a gargalhadas. Não andou com rodeios.

—Mais que pendurada.

Rachel sorriu.

—Merda.

A mulher tirou os óculos e os limpou com um lenço de renda que tirou de seu abundante peitilho.

—Se for deitar com Devon, adiante; mas seja discreta.

—Bom conselho.

Rosalie voltou a pôr os óculos, se centrou de novo no teclado de seu computador e animou Rachel para que começasse também a trabalhar. Ainda tinha que ganhar a vida.

Pegou uma calculadora que encontrou em uma gaveta e começou a calcular as folhas de pagamento das garçonetes. Conhecia bem os impostos estatais e federais aos que devia se ater, então que foi fácil fazê-lo. Enquanto somava e subtraía, parava de vez em quando e golpeava a caderneta com o lápis.

«Seja discreta.»

Era mais fácil dizer que fazer.

Capítulo 20

Devon estava apoiado no marco da porta do escritório de Rosalie. Normalmente saía imediatamente depois que o clube fechasse as portas; preferia que seus encarregados se ocupassem das tarefas do fechamento. Essa noite estava se recreando. Olhando para Rachel.

Sentou-se junto a Rosalie e a ajudou a contar o dinheiro para o depósito noturno. As duas mulheres, junto com outro dos encarregados, Fred Hawks, guardavam o dinheiro em maletas. Todos trabalhavam com eficiência; eram conscientes da presença de Devon, mas não prestavam atenção a ele.

Ele engoliu com força. Quando olhava para Rachel, se acendiam mil fogos em seu interior. Sua vista se nublava e seu pulso acelerava. Seu único desejo era fazer amor com ela sem nenhuma restrição. Não pensava em outra coisa.



Inspirou com força e emitiu um silencioso gemido. «Devagar — recordou a si mesmo —. Logo chegará o momento em que poderá possuí-la.» Tudo tinha mudado desde que a conheceu. Agora estava planejando uma nova vida..., uma vida junto a Rachel.

Rosalie percebeu que ainda continuava ali e lhe lançou um frio olhar. Obviamente, não aprovava sua presença.

—Necessita algo, Devon?

Ele se envergonhou, mas se manteve em seu lugar. Necessitava muitas coisas, mas não podia pôr as mãos sobre elas nesse preciso momento. Estar tão perto de Rachel e não poder tocá-la parecia um inferno. Estava a ponto de explodir.

—Só passava por aqui antes de ir para casa. — Fingiu desinteresse —. Vim para me assegurar de que tudo está sob controle antes de ir.

A velha mulher soprou. O atravessou com o olhar como se fosse um pedaço de celofane.

—É obvio Devon. Mas por que não ia estar tudo controlado?

Rachel levantou os olhos e lhe dedicou um olhar de cumplicidade.

—Acredito que podemos nos arrumar disse, e seguiu contando dinheiro. Informal e desdenhosa ao mesmo tempo.

A respiração de Devon se acelerou. Apertou os dentes com força tentando frear as imagens que se projetavam em sua mente... Via Rachel nua e excitada enquanto ele a agradava. O trabalho se interpunha no caminho de sua crescente tensão sexual. Teve que usar de toda sua força de vontade para não cruzar a sala, dar a volta à cadeira de Rachel e morder seus vermelhos lábios.

É obvio, não podia fazer isso. Por um momento se propôs atirar pela janela as maneiras e as convenções e deixar que seus empregados vissem como se esquecia de sua faceta de pessoa reservada e proclamava publicamente que aquela era a mulher que desejava. Mas não houve essa sorte.

Fred Hawks fez um sinal a Rachel para que lhe alcançasse a maleta.

—Já acabei e tudo está bem. Já podemos ir.

Deu-lhe a maleta.

—Foi bastante fácil.

—Sim, foi bom ter estudado engenharia de caminhos para fazer isto. —Fred colocou o dinheiro na maleta e o fechou—. Vou ao banco.

Devon o deteve.

—Já explicou a Rachel como se fazem os depósitos noturnos?

Rosalie negou com a cabeça enquanto o olhava incisivamente.

—Não. Esta é sua primeira noite como encarregada...

Devon tomou uma decisão diretiva.

—Precisa saber. Eu ensinarei.

Todos o olharam como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça. Normalmente, ele não se preocupava com esse tipo de ocupações.

Rosalie o olhou friamente enquanto arqueava as sobrancelhas por cima do aro de seus óculos.

—Como? —aquela expressão falava por si mesmo. Obviamente, desaprovava que Devon se metesse em seus domínios e mudasse as normas.

Devolveu o olhar inquisidor. Mandou-lhe um silencioso sinal. «Não penso ceder — estava dizendo a ela—. Deixa de se colocar em meus assuntos!»



Rosalie finalmente se deu por vencida.

—OH, Por Deus bendito, leve isso.

Fred lhe deu a pesada maleta.

—Aqui tem o dinheiro, menino rico.

Devon pegou a maleta.

—E cada vez mais rico — se dirigiu a Rachel—. Não se importa de vir comigo, não é?

Ela se ergueu, jogou os ombros para trás e levantou o queixo. O olhou com afetação por debaixo de suas largas e sedosas pestanas e respondeu muito séria:

—Claro que não.

Ele não deixou que seu sorriso aparecesse em seus lábios. A linguagem corporal de Rachel a delatava: estava encantada de que ele tivesse conseguido que ficassem a sós. Uma evidente capa de nervosismo a cobria; sua pele parecia tremer como um gato ao que despertaram da sesta de repente.

—Estupendo, pois vamos.

Quando saíram do clube, Devon passou uma mão por cima do ombro dela e a levou até seu carro. Ela não protestou com aquele gesto, mas tampouco fez sinal algum de que a agradasse. Andava tão pega a ele que Devon podia sentir o calor que irradiava seu corpo.

—É este.

Devon fez de tudo para que ela tivesse que roçar seu corpo ao alcançar a porta do passageiro. Raquel passou com elegância pela frente de Devon só para que ele fechasse a porta quando ela já se sentou no carro. Logo o seguiu com o olhar enquanto ele rodeava o carro pela frente; a sombra cobria a metade de seu rosto e este era totalmente indecifrável. Devon se sentou atrás do volante e deu a maleta a Rachel.

Ela acariciou o assento de pele; estava impressionada pelo carro: um Porsche novo. Era o último brinquedo de Devon. Um veículo ágil, estável e feito para correr.

—Vá. Que bonito. Este carro está a milhões de quilômetros de meu velho carrinho. — Sua voz não destilava nem um ápice de inveja; era uma simples apreciação.

Devon sabia que Rachel tinha tido problemas econômicos desde que fechou a livraria, mas agora ganhava um bom salário. Ele não era o tipo de homem que acoissaria a uma mulher a ameaçando deixar sem trabalho se não concordava com seus desejos. Fazia muitos anos que tinha aprendido a não se deitar com uma mulher que trabalhasse para ele.

Rachel era a única exceção. Pretendia tira-la do escritório e colocá-la em sua cama assim que fosse possível. Estando junto a ele, nunca teria que se preocupar com trivialidades como a falta de dinheiro.

Colocou a chave no contato e acendeu o motor, que rugiu com força ao ficar em marcha e logo se suavizou lentamente.

—Me alegro de que você goste. —Deu marcha atrás e passou pela frente de outros carros que ainda havia no estacionamento.

—Sim que eu gosto. —Enquanto se dirigiam ao banco, Rachel deixou de olhá-lo e se dedicou a observar pela janela a parte mais moderna da cidade.

Quando ele tirou a caixa de segurança do banco, ela não ficou quieta esperando. Agarrou a chave, abriu a caixa e colocou a maleta dentro. Logo a fechou e voltou para o carro.

—Foi muito fácil. —Tinha os lábios um pouco separados e ofegava, ainda havia neles um brilho muito sexy. Seus seios se elevavam e voltavam a cair por debaixo de sua camisa. Seus mamilos se marcavam por debaixo do tecido.



Devon queria alargar a mão, arrancar sua camisa, agarrar seus seios e chupar os rosados mamilos.

—Isso é tudo o que terá que fazer — disse tentando manter o traço do desejo afastado de sua voz—. Se fizer algum outro depósito no futuro, sempre irá com outra pessoa. Desse modo terá uma testemunha ou alguém que a ajude se por acaso tentam te roubar ou te apossar.

Ela ficou vermelha e o olhou; um sorriso de cumplicidade se desenhava em seus lábios.

—Me apossar?

O espaço que havia entre eles no carro parecia se encolher à medida que aumentava a consciência que Devon tinha da presença de Rachel. Ela tinha adotado uma atitude afetada e tinha as mãos sobre o colo; eram pequenas e delicadas, e luziam uma cuidada boa manicure. Embora sua vestimenta fosse muito profissional, ele sabia que o corpo que havia sob aquela roupa era perfeito em todos os sentidos.

Ansioso, recordou como o tinha explorado na noite anterior. Sob suas carícias ela era muito suave e se mostrou muito disposta e impaciente. Como reagiria se a tocasse nesse momento?

Inspirou profundamente. O aroma do sutil perfume de Rachel ainda se agarrava a sua pálida pele: suave, afrutado e fresco. Ele se imaginou deitado junto a ela, pele contra pele.

—Apossada, como quando alguém pretende fazer amor com você — disse sorrindo.

Rachel fingiu inocência e abriu muito os olhos como se estivesse escandalizada.

—Por quê? Quem quereria fazer algo assim com uma pobre garota como eu? — respondeu brincalhona com um tom infantil.

—Eu. —Devon passou os dedos pela suave bochecha de Rachel, baixou até seu queixo e logo os deslizou muito lentamente por seu pescoço. Sentiu o suave pulso do sangue em suas veias. Aguda consciência sexual se deslizando por cada uma das terminações nervosas de seu corpo; notou uma instantânea carga sexual tão intensa que até resultava dolorosa.

Rachel, hipnotizada por sua carícia, fechou os olhos e se recostou no assento. Tinha um ar frágil e delicado, sua pele era tão pálida que parecia de porcelana.

—Pois então não pare...

—Quanto à outra noite... — ele começou a dizer.

Um suave calafrio percorreu o corpo de Rachel.

—Sei — murmurou—. Quer ir com calma.

Ele ficou tenso.

—Não quer que o faça? —Doeu-lhe perguntar isso.

Rachel suspirou e lhe fez um pequeno nó na garganta. Ele desejava ferozmente poder pressionar seus lábios sobre seu pescoço, prová-la.

—Quero mais — admitiu ela devagar—. Mas não quero que me deixe abandonada quando tiver acabado de transar comigo.

Devon lhe dedicou um cru olhar.

—Acredita que eu faria isso? Ir e te deixar abandonada?

Rachel entrelaçou as mãos sobre seu colo.

—Sei como é com as mulheres, Devon. Rosalie me deixou isso muito claro quando me disse que transaria com uma serpente se alguém lhe segurasse a cabeça.

Ele rodeou o pescoço de Rachel com as mãos e se inclinou para ela.



—Será diferente com você — sussurrou ao seu ouvido—. Te desejo como não desejei jamais a nenhuma outra mulher. —Devon se assustou do instantâneo prazer que sentiu após haver dito essas palavras. Gostava de como se sentou ao pronunciá-las.

Rachel, teimosa, apertou os pés contra o chão do carro.

—Os homens diriam algo para se meter debaixo das calcinhas de uma mulher. Devon teve que rir.

—Eu tirei suas calcinhas ontem à noite, se lembra? E não fui para casa com elas postas.

Ela se zangou e pôs os olhos em branco.

—Já sabe o que quero dizer. —A expressão de Rachel se tornou mais séria—. Te desejo, Devon —hesitou—, mas não quero que me doa quando for.

Ele a segurou pelo queixo e deslizou o polegar por seu lábio inferior; era quente e suave... Tocá-la era como completar a outra metade de sua alma.

—Quem disse que vou? — antes que Rachel pudesse responder Devon a beijou com força. Seu sabor e seu aroma alagaram sua consciência enquanto colocava a língua entre aqueles lábios suaves.

Rachel gemeu e uniu sua crescente paixão a de Devon. Passou a língua pelos lábios dela logo voltou a metê-la na sua boca. Depois mordiscou o lábio inferior e chupou a boca até que os lábios de Rachel estiveram úmidos e inchados. Então colocou a mão por debaixo de sua blusa; precisava tocar sua pele.

Rachel se tornou para trás.

—Aqui? — sorriu surpreendida—. No estacionamento de um banco, nos beijando como adolescentes?

Devon vacilou com o coração acelerado. Nervoso, pigarreou.

—Quer que volte a te levar ao clube?

—Não. —Agarrou sua mão e entrelaçou seus dedos com os dele—. Já se deram conta do que andava procurando... E eu também.

Devon a olhou aos olhos; ficou apanhado por seu ardente olhar. Seu coração pulsava tão forte que lhe pareceu impossível que ela não o ouvisse. O sangue palpitava em seus ouvidos e o ensurdecia enquanto tentava ignorar a dor que sentia no membro apanhado dentro da calça.

—Então, o que quer que façamos?

—Simplesmente conduz — disse ela.

—A qualquer parte? —Girou a chave e arrancou o motor.

—A qualquer lugar que queira. —Ela alargou a mão e acariciou sua coxa aproximando a mão perigosamente a seu palpitante membro.

Devon se sobressaltou por causa da inesperada carícia e quase perdeu o controle do carro. Riscou um rápido giro e esteve a ponto de se chocar contra um poste de concreto enquanto conduzia para a saída do estacionamento. Mais lhe valia se tranquilizar ou acabaria destroçando o carro.

—Tome cuidado — avisou ela sorrindo—. Não quererá danificar a pintura do carro?

«Importa-me uma merda a pintura do carro», pensou ele.



Devon cruzou toda a cidade e se dirigiu à autoestrada em direção ao vale. Em trinta minutos tinham chegado a seu destino. A cidade de Warren possuía um dos melhores parques que se podia encontrar em vários quilômetros à volta. Um imaculado e cuidadíssimo arvoredo rodeava umas verdes colinas que encerravam um cristalino lago. Ao longo de todo o parque havia pequenas zonas de descanso, além de andaimes e mesas de piquenique, para que as famílias pudessem desfrutar do parque.

Devon passou ao largo e se dirigiu para as zonas mais privadas do parque densamente rodeadas por árvores. Era o lugar perfeito para estacionar de noite e... brincar. A noite era clara e cálida, e o céu não estava coberto pela clássica névoa que sempre flutua sobre as grandes cidades. As estrelas que brilhavam no céu se viam tão grandes que parecia que se pudessem tocar com os dedos. Devon parou o carro sobre a erva e apagou as luzes e o motor.

Rachel deixou cair à cabeça sobre o encosto do assento.

—Mmm... Que bonito! — Fechou os olhos e bocejou—. Acredito que poderia inclusive dormir aqui.

—Não durma agora. —Devon saiu do automóvel e o rodeou. Abriu a porta do passageiro, estendeu a mão e a tirou do carro puxando-a até que esteve entre seus braços.

—Sexo agora — disse ele a beijando com força—. Dormir depois.

Queria possuí-la ali, em meio de um nada, sem que ninguém, salvo as criaturas da noite, pudessem interromper. Queria acariciar cada tormentoso centímetro de seu corpo, fodê-la até que estivesse tão cansada que não pudesse se mover.

A beijou uma e outra vez, e com as mãos rodeou sua esbelta cintura para agarrar seu traseiro e apertar sua firme carne enquanto pressionava seu corpo contra o dela. Seu membro palpitava; lutava por se liberar das calças. Doía de necessidade.

Tentou desabotoar os botões da blusa de Rachel com estupidez. Normalmente, não era nem tão torpe nem tão ansioso, mas havia algo nela que o incitava a correr para poder tocar a pele dela o quanto antes. Quando viu que não podia desabotoar todos os botões tão rápido quanto ele queria, agarrou a blusa com as duas mãos e a abriu de um puxão fazendo-os saltar.

Rachel emitiu um grito sufocado.

—OH, Meu Deus!

A respiração de Devon era discordante.

—Não quero esperar mais. — Deu um passo atrás para observar o hipnótico movimento que desenhavam os seios de Rachel ao subir e descer. Cobertas por um sutiã com rendas, aquelas preciosas curvas ansiavam ser acariciadas.

Rachel tirou um pouco a língua e posou a ponta sobre seu lábio superior; um gesto muito sexy e completamente atraente.

—Então não espere mais. Devon a agarrou pelos ombros e a atraiu para ele para beijá-la. Ela aceitou o beijo e não opôs resistência quando ele abandonou sua boca para deslizar a língua por seu queixo e logo por seu pescoço. Mordeu sua jugular com suavidade e com cuidado e chupou aquela vulnerável zona, se deleitando em seu sabor. Se quisesse poderia dominá-la facilmente; poderia fazer um corte em sua carne e beber seu sangue para logo possuir seu ansioso sexo.

Devon se conteve. Ele queria que ela se entregasse a ele de forma voluntária; que tomasse a decisão de se unir ao coletivo Kynn livremente. Quando chegasse o momento adequado, explicaria a ela a verdade sobre a marca que tinha na coxa..., aquela estrela de cinco pontas, aquele símbolo mágico que demonstrava que pertencia a ele.



—Não vou ser suave com você. —A rodeou com os braços, agarrou a parte de trás da blusa rasgada e a tirou da saia para poder deslizar as mãos debaixo do tecido e acariciar sua pele.

Rachel gemeu e pressionou seu corpo contra o de Devon.

—Não seja. —Ela tinha metido as mãos dentro de suas calças e segurava o rígido membro. O acariciou de cima abaixo com a experiência de uma mulher que sabe como deve tocar a um homem—. Toque-me — sussurrou.

Ele sorriu.

—Estou te tocando.

—Por todo o corpo.

Devon a empurrou contra o carro, desabotoou seu sutiã e o tirou; também tirou a blusa, a deixando completamente nua da cintura para cima. Inclinou-se para frente e rodeou um de seus mamilos com os lábios.

Rachel ficou rígida e o agarrou pelos ombros como se fosse empurrá-lo para trás. Mas em lugar disso, agarrou sua cabeça para guiá-lo. Um momento depois ele mudou de lado para proporcionar a ambos os seios a mesma atenção. Ela emitiu um suave som: estava entre a risada e o ofego. O único que importava a Devon nesse momento era lhe dar prazer.

—OH, Devon...! —Gemeu ela, se ruborizando pelo calor—. Que vontade tinha de que chegasse este momento!

—Quero te dar prazer. — A espera se amotinou nas veias de Devon; o sangue palpitava com um estranho ritmo em suas têmporas e em seu membro ereto. Uma labareda de desejo explodiu em seu testículo, que se contraiu. Suas mãos encontraram e brincaram com os mamilos de Rachel, que pareciam cerejas sobre montanhas de baunilha; estavam para comer. Quando ela o olhou, seus olhos transbordavam paixão. Um calafrio de desejo cruzou o rosto de Rachel.

Devon sorriu. Tinha conseguido que ela se rendesse tão facilmente como um gato diante de um prato de leite. Seu membro palpitava com fúria se antecipando ao contato dos carnudos lábios de Rachel.

—Quero ser sua — disse ela entre ofegos—. Só sua.

—Não te farei mal, Rachel — murmurou enquanto acariciava os tenros mamilos e desenhava círculos ao redor de suas aréolas—. Se me pedir que pare, farei. — Lhe custou muitíssimo pronunciar aquelas palavras, mas formava parte da sedução.

Ela ofegou.

—Não pare, por favor.

Devon sorriu e a agarrou pela cintura. Voltou a tomar um de seus duros mamilos com a boca. O beijou e lambeu, e logo fez o mesmo com o outro.

Rachel apertou os olhos com força. A respiração de Devon se entrecortava devido ao sensual movimento de sua boca. Com os dedos e a língua desenhava lânguidos círculos em seus seios; evitava a propósito tocar os sensíveis mamilos. A vulnerável expressão nos olhos de Rachel logo deu lugar a um olhar de lascivo desejo.

Ele acariciou um de seus seios com a mão até que ela emitiu um suave gemido. Devon morria de vontade de abrir suas pernas e encontrar aquele lugar que desejava tão desesperadamente suas carícias.

Os olhos de Rachel descenderam até o duro vulto que havia em suas calças. Devon seguiu seu olhar e agarrou a mão dela para guiá-la de novo até sua ereção.

—Me acaricie — disse ele com a voz tinta de necessidade—. Desliza sua mão acima e abaixo.



Rachel assentiu e obedeceu enquanto o olhava.

—Farei tudo o que me peça.

Devon desabotoou as calças e liberou seu membro. Duro, sensível e ereto. Deixou o botão de cima fechado; não queria que suas calças baixassem até os tornozelos. Era muito humilhante. Não deixava de pensar na possível vergonha que podia estar sentindo Rachel por estar meio nua.

Ela rodeou o membro com a mão imprimindo a pressão justa.

—Está..., mmmm..., muito duro. —Deslizou a mão por todo o membro. Isso tem que doer.

Devon apertou os dentes. Rachel saberia como o estava excitando?

—Mais forte. —Colocou sua mão em cima da dela—. Quanto mais forte melhor — disse, e então começou a guiá-la para que ficasse de joelhos.

As costas de Rachel ficaram rígidas só um momento, mas logo se agachou até ficar frente a seu sexo.

—Nenhuma mulher se sentiria decepcionada com o que há aqui embaixo.

Devon, a ponto de perder o controle por completo, disse:

—Coloque isso na boca, Rachel. Chupe-me o membro.

Pôs as mãos na cabeça de Rachel, tal como tinha fantasiado, e guiou sua boca para seu pênis ereto. Ela tinha fechado a boca; se introduzir entre seus lábios foi como colocá-lo no corpo de uma virgem.

Rachel, brincalhona, resistia.

Ele pressionou com mais força.

Finalmente, ela cedeu.

Ele colocou a ponta do membro em sua boca. Ela brincou com os dentes sobre sua parte mais íntima, acrescentando ao prazer um pouco de dor para alimentar os desejos mais carnis de Devon.

Ele deixou cair à cabeça para trás e moveu com suavidade os quadris para frente para foder sua boca. Já não precisava guiá-la.

Chupou-lhe como uma puta experimentada: movia a língua por cima da ponta e logo a metia na boca até que ele notava o final de sua garganta. Rachel tinha rodeado seu membro firmemente com a mão e utilizava sua própria saliva para fazê-lo escorregar melhor.

Tinha pego seu escroto com a outra mão e apertava, beliscava e manuseava seu testículo.

Um gemido escapou de Devon.

—Merda, como faz bem!

Ela rompeu o contato um momento para responder.

—Obrigado. —Logo sorriu—. Tenho muito material com o que me recrear.

Devon tinha chegado quase ao limite de seu autocontrole. Se não se controlasse, em poucos segundos chegaria ao êxtase e verteria um jorro de quente e cremoso sêmen dentro da boca de Rachel.

Apertou os dentes. Agonia, OH, agonia...!

—Me alegro de que esteja contente. — se sentia como se seu membro fosse derreter; um maravilhoso desfalecimento se arrastava por seu corpo, aliviando seu cérebro, mas aguçando seus outros sentidos. O único no que podia pensar era em ter o predisposto corpo de Rachel debaixo do dele.

Devon se afastou de seus famintos lábios e a pôs de pé.

—Acabou a espera — ofegou com a voz discordante. Sua boca procurou a dela e se uniram em um longo e faminto duelo de línguas enquanto lhe agarrava os seios com as mãos.



—Devon — gemeu ela.

Ele a agarrou pelos quadris, a pôs sobre o capô do carro e tentou abrir suas pernas. Subiu sua saia e amaldiçoou a meia-calça que vestia.

—Deus, por que usa isto?

Rachel levantou a cabeça e o olhou fixamente.

—Para comprovar quão decidido é.

Devon encontrou a borracha da meia-calça em sua cintura e as baixou. Teve que parar um momento para tirar seus sapatos que saíram voando pelos ares.

—Por fim.

Deslizou a mão por cima de seus quadris e deu um suave beijo no ventre. Queria chupar, lambe e provar cada centímetro de sua pele enquanto ela planava em um estado de excitação sexual absoluta. A rodeava um ar pegajoso e perfumado provocado pelo cintilante calor do cru desejo.

Devon deslizou as mãos pela cara interior de suas coxas. Entrou nos grossos cachos de seu monte de Vênus e deslizou os dedos pelo clitóris para acariciá-lo.

—Me alegro de que por fim o tenha conseguido—brincou ela.

—Bem a tempo.

Devon colocou um dedo dentro do sexo de Rachel e o fez girar. Notou a calidez líquida que brotava dele. Separou os lábios vaginais com grande habilidade, utilizando o polegar e o dedo indicador, e encontrou o tenro botão. Moveu então seu dedo indicador por cima dele iniciando uma prazenteira brincadeira sexual.

Rachel jogou a cabeça para trás e gemeu de prazer.

—Vai aproximando.

—Estou entrando. —Devon deslizou um dedo dentro. Os músculos vaginais o absorveram e se contraíram. Estavam lubrificados, quentes e preparados...

Rachel cada vez acolhia as investidas com maior ardor; suas selvagens necessidades aumentavam estimuladas por aqueles movimentos no interior de sua vagina. Seu clitóris palpitava contra a pele de Devon e seus sucos umedeciam sua mão.

Ele se agachou e começou a lambe aquelas pétalas rosa, despertando nela uma fera paixão. Seu membro se arqueou mais, se endurecendo e emanando calor. Ele acariciou o pênis com a outra mão, se dando prazer enquanto a fodia ferozmente com o dedo. Quando em lugar de dois dedos introduziu três, o sexo de Rachel se abriu mais.

Ela, tremendo de desejo contido, apertou as pernas e capturou sua mão com força. Tremeu violentamente e logo chegou ao orgasmo; sua vagina palpitava com avidez ao redor dos dedos de Devon.

Rachel arqueou o corpo quando a percorreu o primeiro orgasmo; seus seios subiam e baixavam ao ofegar. Arranhou o capô do carro e notou o frio metal em sua pele.

—Te odeio por ter conseguido que eu gozasse primeiro.

Ele riu entre dentes.

—Não se preocupe — murmurou—. Conseguirei que goze uma e outra vez. —Afundou ainda mais os dedos.

Ela estava tombada sobre o capô com a saia por cima dos quadris.

—Não posso esperar mais. —Uma ferocidade lasciva fez sua voz tremer.



A necessidade de Devon era selvagem, o ritmo aumentava à medida que o sangue palpitava em suas veias e o ensurdecia. Sua excitação ameaçava estalar como um vulcão cuspidor lava.

Tinha que possuí-la, prová-la, estabelecer a conexão antes de tomá-la e experimentar seu próprio clímax. Já tinha ido mais longe do que pretendia, mas não tinha podido resistir.

Meteu a mão no bolso e tirou uma pequena lâmina; era uma lâmina que saía e se escondia da boca de um lagarto. Cabia na mão, era pequena, silenciosa e estava mortalmente afiada. Para tirar a lâmina só devia apertar um botão.

Deslizou a mão pelo esterno de Rachel e a agarrou pela nuca. Nos olhos da jovem apareceu refletido o medo ao ver aquela lâmina em sua mão.

—Devon! O que...?

Ele a segurou com mais força. Ela começou a lutar, mas ele era mais forte. O medo de Rachel era evidente. Devon sentiu como seu sangue palpitava por debaixo de sua pele, como o selvagem pulsar de seu coração conduzia seu medo e como lhe acelerava a respiração.

—Não resista Rachel — tentou tranquilizá-la com um tom suave.

—Por favor — ofegou ela—. Não me faça mal!

—Não te farei mal. — Ele afrouxou a mão que tinha em seu pescoço—. Confia em mim para que possamos nos unir.

Ela assentiu devagar com os olhos muito abertos e os lábios separados; seus seios se elevavam e caíam. Ele se deu conta de que o perigo a excitava.

—Preciso te provar beber de você para saciar meu apetite — sussurrou ele. Silêncio.

Lentamente, Rachel assentiu.

—Certo.

Devon tirou a lâmina e lhe fez um corte rápido e pequeno. Um líquido carmesim brotou da ferida, escorregando por sua pálida pele.

Um pequeno gemido escapou dos lábios de Rachel, mas não opôs nenhuma resistência quando ele passou as mãos por debaixo de suas costas e a guiou até que esteve sentada.

Ele percorreu sua carne com sua língua e chupou seu sangue. Pressionou seus lábios sobre a suave e palpitante ferida e bebeu dela, introduzindo a vida do corpo de Rachel no seu. O líquido que enchia sua boca era doce e quente.

Os minutos passavam lentamente; só o som das criaturas da noite rompia o suave sussurrar do vento.

Devon, resistente, se retirou; devia tomar cuidado de não se exceder. Sentiu a calidez do sangue de Rachel em seus lábios.

A olhou à cara assombrado por sua beleza. Entre as sombras, podia ver o rubor em suas maçãs do rosto. E sua boca. Cada vez que a olhava sentia a necessidade de beijá-la uma e outra vez. Imaginava aqueles lábios posando sobre sua carne e sugando seu sangue; imaginava enchendo de vida o corpo de Rachel.

«Quando isso ocorra, seremos um e ela me pertencerá por completo», pensou.

Ele dirigiu a boca para a de Rachel.

—Quero que prove a si mesma.

Devon a beijou, profundamente. Quando seu beijo acabou, colocou dois dedos sobre o corte que lhe havia feito no pescoço e murmurou umas palavras curadoras. Quando os apartou, o corte se curou e só ficava uma pequena cicatriz.

Rachel estremeceu enquanto lambia os lábios.



—Isso foi muito intenso.

—Mmm... Você gostou? —O apetite de Devon só estava meio satisfeito. Necessitava algo mais dela.

Ela inspirou profundamente.

—Sim, muito.

Ele inclinou o queixo de Rachel para trás.

—Há mais. Muitas mais coisas que quero compartilhar com você.

Ela riu deslizando as mãos entre seu corpo e o de Devon. Fechou uma mão ao redor do membro e o acariciou de cima abaixo.

—Isso espero.

Devon, que estava entre as pernas de Rachel, deslizou as mãos por seu corpo. Agarrou-a pelos quadris e a penetrou de uma única sacudida.

Rachel apartou a camiseta de Devon e passou suas mãos frias por cima de seus ombros.

—Sabia que encaixaríamos.

Devon tirou o membro de seu corpo até ver aparecer ligeiramente a ponta e voltou a investir.

—À perfeição.

Jogou o quadril para trás e investiu de novo. Os sedosos músculos de Rachel o envolviam com força.

—Muito agradável.

Rachel era por dentro tal como tinha imaginado que seria; seu interior encerrava seu membro como uma boquinha voraz.

Rodeava-lhe a cintura com as pernas.

—A palavra agradável não define nem de longe o que está ocorrendo aqui. —Golpeou o traseiro dele com os pés—. E não chegamos nem na metade.

«Certo» pensou ele.

Devon adotou um ritmo ameno e empurrava seu quadril contra o de Rachel com deliberada lentidão.

Ela deixou cair a cabeça para trás enquanto um novo orgasmo começava a se estender por seu corpo.

—Não poderei aguentar muito mais — disse a Devon.

—Pois não o faça — respondeu ele e inclinou a cabeça para frente para, habilmente, lhe lamber um mamilo. A reação foi instantânea. O gemido de prazer de Rachel alimentou seu próprio desejo até o ponto que não tivesse sido capaz de dizer onde acabava seu corpo e começava o dela. Era incapaz de respirar, incapaz de pensar, só podia sentir as cintilantes contrações da faminta vagina que se movia maravilhosamente ao redor de seu membro.

Devon a investiu pela última vez enquanto notava que seus testículos se contraíam como se alguém os apertasse. O orgasmo o alagou, um violento redemoinho de incrível força e velocidade. Sentiu como explodia com selvagem fúria e seu quente sêmen entrava em Rachel. Ficaram com os corpos pegos pelo quadril e nenhum dos dois se movia. Parecia que, se um dos dois se afastassem romperia o feitiço mágico daquela incrível experiência.

Finalmente, e embora doesse na alma, Devon se retirou e ajeitou a roupa. A noite a seu redor era escura, silenciosa e tranquila.

—Rachel?



Ela se estirou languidamente, se sentou e se aconchegou contra seu peito, apoiando a cabeça sobre seu ombro como uma menina.

—Mmm?

—Está acordada?

—Não — bocejou sonolenta—. Quero ficar para sempre entre seus braços.

A garganta de Devon se encolheu. Merda. Ele também queria. Para sempre.

Capítulo 22

Rachel não estava preparada para confrontar as sensações que a surpreenderam quando se sentou na cama. Sua cabeça dava voltas e tinha a vista nublada e o estômago revoltado. Sentia-se fraca, esgotada, como se alguma criatura tivesse afundado as presas na sua carne e tivesse absorvido a energia.

Pressionou a testa com as mãos e voltou a deitar sobre o colchão. Tinha a pele avermelhada, quente, febril. Ofegava e sentia como seu estômago se revolia as tripas se retorciam. Se fizesse um movimento, vomitaria. «OH, merda, agora não — pensou—. Espero não estar pegando uma gripe ou algo assim.»

Voltou à cabeça sobre o travesseiro e passeou o olhar pelo quarto escuro. Felizmente, as persianas estavam baixadas e não deixavam entrar a luz do sol. A luz que entrava pelas esquinas feria seus olhos. Inclusive até o menor dos raios de luz lhe parecia muito deslumbrante.

Fechou os olhos e colocou as mãos sobre o rosto. As náuseas começaram a desaparecer pouco a pouco e seu corpo se estabilizou até conseguir um estado próximo à normalidade. Sua cabeça doía; se sentia como se alguém a tivesse golpeado com uma barra de metal e tivesse apagado todas as suas lembranças.

Esfregou a têmpora esquerda com uma mão tremula. Não tinha nenhum corte nem nenhum galo, entretanto, sentia como se o crânio fosse se partir pela metade. O coração lhe golpeava o peito com força e o sangue percorria suas veias como uma manada de búfalos selvagens. Tinha a cabeça feita uma confusão e as lembranças da noite passada estavam envolvidas por uma turva neblina.

«Que demônios fiz ontem a noite?» Sabia que tinha ido trabalhar. Isso estava claro. Sua roupa estava jogada no chão; era a maneira habitual que tinha de se despir depois de uma noite de trabalho duro. Entretanto, depois disso não recordava nada. Não se recordava de ter se despido e ter se metido na cama e muito menos como tinha chegado em casa. Frustrada, enrugou a testa tentando recordar algo da noite anterior.

Algumas imagens começaram a aparecer do mais profundo de sua mente. Devon. Sim, agora se recordava. Tinha lhe ensinado onde tinha que fazer os depósitos bancários noturnos. Bom. Ia por bom caminho.

As lembranças começavam a ser muito mais claras. Depois de ingressar o dinheiro foram a algum lugar com o carro. Árvores. Erva. Um espaçoso céu noturno. Devon a beijando com força, com urgência; rompendo sua blusa e deslizando as mãos por seu corpo. Ao recordar aquele abraço, notou que a temperatura de seu corpo aumentava.

Rachel mudou de postura. Estava totalmente nua sob os lençóis. Ela não estava acostumada a dormir nua. Quando estava sozinha, sempre colocava as calcinhas e uma camisola;



só se passava a noite com alguém, dormia nua. Adorava sentir o roce da pele de seu amante contra a sua.

«Fizemos amor ontem a noite?» Rebuscou por todos os cantos de seu cérebro, mas só recordava que tinha colocado a mão em seu membro. Segundo suas lembranças não tinham chegado até o final.

«Bom, isso é asquerosamente mau.» Talvez não tivessem chegado mais longe porque ela tinha se sentido doente. Devon deve tê-la levado para casa e a teria metido na cama. Ao pensar que ele teria tirado a roupa e a teria visto nua, um quente rubor começou a subir por seu rosto.

Fantástico, tinha estado nua com um homem muito atraente e muito doente para fazer algo com ele. «Que sorte tenho! Que grande momento para pegar gripe...»

Suas tripas voltaram a se retorcer, mas desta vez para lhe produzir uma sensação mais agradável. Fome. Talvez pudesse assentar seu estômago com algumas torradas de pão de trigo e um chá quente. Sentiu uma familiar pressão na bexiga, se sentou na beira da cama e logo se levantou. Suas pernas tremiam, mas puderam aguentar seu peso. Podia perder todo o dia na cama ficando doente ou podia seguir adiante com sua vida. Era hora de se levantar e se por a caminho. Não havia nada que pudesse fazer para remediar a gripe, exceto se abarrotar de medicamentos. Teria que chamar o trabalho para dizer que se encontrava mal. Não podia ir trabalhar naquele estado.

Comeu algo e conseguiu assentar um pouco o estômago. Quando deu a segunda dentada, já se sentia melhor. Estava recuperando a força e começavam a desaparecer aqueles estranhos tremores, que, em geral, precediam a uma enfermidade. Rapidamente, a segunda torrada abriu caminho a uma terceira e logo a uma quarta. Pôs um montão de manteiga e geleia de damasco; também tomou um copo de leite e duas xícaras de café muito carregado com leite e açúcar. «Comi muito para estar doente.» Lavou os pratos e as xícaras que tinha utilizado para tomar o café da manhã e os guardou. Pegou o café e subiu para tomar banho. Justo quando estava tirando o penhoar, bateram na porta.

—Mas quem diabos pode ser? —amaldiçoou em voz baixa; colocou uma bata e desceu. Talvez fosse Devon que devia ver como estava. Se fosse ele, estava preparada para lhe dizer que se encontrava perfeitamente bem e o convidaria a se meter na ducha com ela. Mas para sua decepção, não era ele. Era Ginny. Sua antiga empregada levava entre as mãos uma bandeja de bolachas de canela caseiras.

—Como não veio me ver, vim eu — disse alegremente com um grande sorriso nos lábios.

Rachel suspirou dissimuladamente e passou os dedos pelo cabelo despenteado.

—Olá, Ginny. —Era a última pessoa que teria querido ver naquele momento, mas teria sido grosseiro pedir a ela que se fosse.

Ofereceu-lhe um triste sorriso e se fez a um lado.

—Entre.

A mulher pegou a bandeja com uma só mão e alargou o outro braço para rodear Rachel com ele que aceitou o abraço quase a contra gosto e se separou dela rapidamente. Um calafrio percorreu suas costas. Deus, às vezes simplesmente não gostava de nada que a tocasse. Era como se percebesse que as vibrações que emitia o corpo da outra pessoa sujavam sua pele. Talvez a enfermidade a fazia ficar muito sensível.

Levou as bolachas de canela à cozinha.

—Como está?



Ginny a seguiu franzindo um pouco o cenho; parecia que tinha notado a atitude distante de Rachel.

—Estou bem, querida. Quando fechou a livraria, comecei a trabalhar na loja que há em minha mesma rua.

Rachel serviu uma xícara de café e a ofereceu a Ginny.

—Não te resulta muito pesado estar atrás de um balcão todo o dia?

A mulher pegou a xícara.

—Sim, mas já sabe que eu gosto de conhecer gente nova. Eu gostaria que a livraria continuasse aberta.

Rachel se serviu de mais café. Tomaria outra xícara. Não podia passar o dia sem sua dose de cafeína. Pela maneira em que Ginny estava atuando, não parecia que tivesse muita pressa em ir. Tampouco passava nada se dava um pouco de atenção a aquela velha mulher.

Sentou-se à mesa da cozinha e apontou uma cadeira vazia.

—Eu também gostaria, mas...

Ginny se sentou.

—Não vai provar uma de minhas bolachas? —perguntou pegando o leite e se servindo um pouco.

Rachel negou com a cabeça enquanto tomava o café.

—Eu adoraria, mas agora não tenho fome. As guardarei para logo. Você quer uma?

—OH, não, carinho, são para você.

—Obrigado pelo carinho. Estou segura de que eu adorarei, eu e meus quadris. Ginny a percorreu com o olhar. —Parece um pouco magra, céu. Come bem? Está tão pálida...

Rachel brincou com a colher enquanto olhava o café e observava a fumaça que saía da xícara.

—É porque tenho um pouco de gripe, isso é tudo. Além disso, como agora trabalho de noite, não pego muito sol.

Uma interrogação se desenhava no rosto da anciã.

—À noite?

—No Místico.

—O clube noturno?

—Sim. Sou a supervisora das garçonetes e das aeromoças. Contratarem-me faz uns dias. O salário é muito bom. Tentarei cancelar as dívidas da livraria em um par de anos. Acredito que poderei conseguir se investir até o último centavo em pagar faturas.

—Ouvi dizer que é um lugar pouco... recomendável, Rachel.

A expressão «pouco recomendável» não se aproximava nem de longe à realidade.

—Tem seus inconvenientes, mas eu gosto. Produziu-se um incômodo silêncio. De repente Rachel se deu conta de que agora que ela e Ginny já não trabalhavam juntas já não tinham nada em comum. Suas vidas tinham tomado novas direções. Ela já não tinha que se preocupar por como manter a livraria aberta e como conseguir pagar as faturas.

Para variar, sua sorte parecia estar mudando.

Ginny, por outro lado, brigava por chegar ao fim de mês; era uma mulher de sessenta anos que não tinha uma família a que cuidar ou da que depender.

Rachel sentiu lástima por ela. Estava em uma situação em que ela jamais queria se ver: velha, só e procurando companhia.

A voz da mulher interrompeu seus pensamentos.



—Teve notícias de Dão? Rachel negou com a cabeça.

—Se refere a se esse casulo se incomodou em me devolver o notebook? Não - pronunciou as palavras com aborrecimento—. Me fodeu bem.

Rachel lançou um estreito olhar a sua amiga.

—Não era uma boa pessoa — recordou—. O único que fez foi me utilizar e me roubar. Ginny deu um gole em seu café.

—É uma lástima.

Rachel, zangada, agarrou tão forte a xícara de café que seus nódulos ficaram brancos.

—Sim, é uma lástima. —Dão pertencia agora ao passado.

Ginny a olhou um momento e logo negou lentamente com a cabeça.

—É que não quero que acabe sozinha — seu lábio inferior começou a tremer e vacilou um momento antes de acabar a frase—, como eu.

Quando viu aquela imagem de abandono na cara da velha mulher, o aborrecimento de Rachel desapareceu. Como podia se zangar com alguém que estava tão só que procurava a companhia de uma antiga chefe?

Ela e Ginny nunca tinham sido amigas íntimas. Deus, se sequer tinha estado na casa daquela velha mulher. Tudo que sabia dela era pelas conversas que tinham mantido nos dias que tinha havido pouco trabalho na livraria.

Rachel esfregou a cara com as mãos; se deu conta de que estava tão absorta em seus próprios problemas que tinha ignorado totalmente os do ser humano que tinha ao lado. Podia ter sido mais superficial? Em frente tinha a realidade da solidão de uma velha mulher que se afundava lentamente em seu próprio futuro.

Começou a pensar em muitas coisas, mas nada parecia ter muito sentido. A dor que sentia no peito aumentava com cada segundo que passava. Como desejava poder fazer um gesto com a mão e obter que os problemas do mundo desaparecessem por arte de magia.

Pessoas desesperadamente sozinhas, emoções frágeis, vidas diminutas... Todos davam voltas e voltas correndo para nenhuma parte como hámsteres em sua roda. Onde será que estava Deus? Não podia estar sentado tranquilamente em seu céu porque no mundo muitas coisas não iam bem.

—Você não está sozinha, Ginny. Já sabe que sempre me terá —escutou a si mesma dizer—. Prometo que tão logo...

O timbre da porta a interrompeu pela segunda vez naquele dia.

Rachel se desculpou ante Ginny.

—Pode-se saber quando me converti na senhorita Popularidade?

Na porta havia um mensageiro. Desta vez não eram flores. Era um pequeno pacote muito bem envolvido e atado com um laço.

De Devon.

Rachel, esquecendo por completo a presença de Ginny, abriu o elaborado pacote. Era uma caixa que continha uma jóia.

Seu coração quase para. Suas mãos tremiam e lhe custava muito respirar; abriu a caixa. Dentro, um colar descansava sobre uma superfície de veludo azul. Tirou-o da caixa. Era uma delicada corrente de ouro com um pendente. Reconheceu aquele estranho desenho; era o mesmo que havia no anel de selo que Devon levava. Rapidamente abriu o pequeno cartão. «Minha outra metade — dizia misteriosamente—, logo seremos um...»

Leu o cartão outra vez.



—Vá, acredito que eu gosto disto.

—Que bonito! —disse Ginny por detrás—. Deu-lhe de presente isso o novo homem que há em sua vida?

Ela sorriu.

—Sim.

—Quem é?

Rachel admirou seu novo tesouro.

—Devon Carnavorn.

Ginny enrugou a testa.

—Não é o dono do Místico?

—Sim.

A mulher fez uma careta com a boca.

—O que?

—Nada.

Rachel franziu o cenho.

—Me diga.

Ginny parecia incômoda.

—Bom, só são rumores, mas ouvi dizer que é bastante popular entre as garotas... Já sabe ao que me refiro.

Rachel sabia perfeitamente.

—Quer dizer que se deita com muitas mulheres?

—Isso e outras coisas que escutei. Dizem que organiza orgias em sua casa, essa que tem nos subúrbios da cidade, e que pratica estranhos rituais, magia negra.

Rachel entrecerrou os olhos e olhou para o teto.

—OH, bom, suponho que não acreditará nisso...

O timbre da porta soou pela terceira vez interrompendo a conversa.

Quatro pacotes. Grandes, retangulares e também muito bem embalados.

Rachel se equilibrou sobre eles como um menino no Natal. Pegou o pacote maior e abriu as capas de papel de seda branco que havia no interior. Um vestido. Não era um vestido qualquer, era um vestido de um dos melhores desenhistas. Provinha da loja de roupas mais cara da cidade, um lugar pelo que ela não podia se permitir nem passar e muito menos entrar.

Tirou-o da caixa e o pôs por cima do corpo. O vestido era impressionante. O atrevido desenho realçava os seios e as coxas. Era vermelho, quase escarlate, e era feito de seda pura.

Abriu o cartão que vinha com o vestido. Era maior que o anterior e mais direto: «Tem a noite livre. Um carro a recolherá às oito. Deverá estar preparada.»

No segundo pacote havia um par de sapatos combinando. Justo de seu número. No terceiro havia lingerie: um sutiã, uma tanga, uma cinta-liga e umas meias.

«Ponha isto», dizia a nota que havia dentro.

O quarto pacote era o mais surpreendente. Dentro havia uma capa. Era toda de pele cinza. Devia ter custado uma pequena fortuna.

Embora não fosse muito amiga de usar peles de animais selvagens, Rachel se sentia adulada pelo fato de que Devon tivesse investido seu tempo em escolher o melhor para ela.

Flores, um colar, um vestido e uma capa. Tudo era entristecedor. Perguntou-se se seria assim que Devon tratava a todas suas mulheres. Intuiu que não. Já tinha deixado claro que ela era muito mais que um encontro de uma noite.



Ginny olhou todos aqueles presentes com um olhar azedo no rosto.

—Parece que seu jovem pretendente vai a sério com você.

Rachel tentou dar pouca importância a todos os presentes que tinha espalhados pelo salão. Impossível. Estava muito emocionada.

—Realmente espero que sim.

—Acredito que não deveria aceitá-los. Rachel lançou a sua amiga um olhar incisivo.

—Por que não?

—Parece que esteja tentando te dominar — disse Ginny, apontando os presentes—. Que se vista do modo que ele quer.

Rachel se burlou.

—Isso é uma tolice. —Voltou a envolver a muito cara capa e a meteu em sua caixa—. Só está sendo generoso.

Ginny não estava de acordo.

—Está te comprando, Rachel. Está tentando te converter em algo que não é.

Ela se zangou e esqueceu suas maneiras.

—Talvez seja algo que sim quero ser.

Assim que pronunciou aquelas palavras, se arrependeu de tê-las dito. A cara de Ginny dava a entender que aquele comentário lhe tinha sentado como uma bofetada.

—Obrigado pelo café, querida — disse enquanto abria a porta principal.

Rachel, se sentindo como uma completa imbecil correu para fazer as pazes com ela.

—Sinto muito, Ginny. Não vá.

A anciã lhe deu de presente um triste sorriso.

—Tenho que ir. Logo começo a trabalhar.

—Irei te ver — gritou Rachel.

Muito tarde.

Ginny já tinha ido e tinha fechado a porta ao sair.

Rachel correu até a janela e subiu as persianas bem a tempo de ver Ginny dobrando a esquina.

Suspirou e olhou o relógio. Já eram cinco? Seria melhor que se apressasse se queria estar pronta quando o carro fosse recolhê-la.

Um pequeno calafrio percorreu suas costas.

Que mais Devon teria preparado para aquela noite?

Capítulo 23

O carro apareceu as oito em ponto. Não era um carro qualquer, era um Rolls Royce prateado. Era magnífico; parecia que acabava de sair da loja.

Um chofer elegantemente uniformizado saiu do carro e a guiou da porta até o carro.

—Me acompanhe, por favor, senhorita Marks.

—Obrigado.

Rachel, que se sentia como se pertencesse à realeza, pegou sua capa como se a pele fosse a cobrar vida e sair correndo. Definitivamente, Devon estava lhe mostrando tudo o que tinha. Gosto. Encanto. Dinheiro. Se estava tentando impressioná-la, certamente tinha conseguido.



O condutor abriu a porta de trás e a ajudou a entrar no carro. No assento traseiro, que estava separado do condutor por um painel defumado que lhe dava privacidade, havia espaço para seis pessoas.

Rachel não pôde evitar deslizar a mão pela superfície do assento. Era de pele e tão suave e flexível como o bumbum de um bebê. Muito bonito. O veículo tinha todos os complementos que podia necessitar um ocupado executivo para se manter em contato com o mundo exterior e para se entreter dentro do carro: telefone celular, televisão em cores, reproduutor de discos compactos e um pequeno minibar, bem sortido, no que não faltavam as garrafas em miniatura de vinhos e whiskies mais populares.

Sobre o assento a esperava outro presente. Uma dúzia de rosas de cor rosa pálido.

Quase se belisca para se assegurar de que estava acordada e não perdida nas profundidades de algum sonho esbanjador.

—Merda, acredito que morri e estou no céu. O chofer se dirigiu a ela.

—Necessita algo, senhorita? Rachel negou com a cabeça rapidamente.

—Não. Tudo está perfeito. Obrigado.

—Não há de que.

Rachel se reclinou no assento para desfrutar do trajeto e pegou uma única rosa. Era preciosa. Não tinha nenhuma imperfeição. Aproximou a flor do nariz e inalou seu embriagador aroma. Deus! Sentia-se como uma princesa a caminho do palácio de seu príncipe. Quanto luxo.

«Poderia me acostumar a que me tratassem assim», pensou; logo franziu o cenho. Quanto durará? Quanto tempo passará antes que Devon ponha seus olhos em uma mulher mais jovem e mais bonita e se vá atrás de seu novo prêmio? Algumas semanas? Um mês? Seis? Seria o suficientemente afortunada para poder desfrutar dele um ano inteiro? Rachel não sabia.

Mas havia uma coisa que tinha clara. Pensava desfrutar daquela viagem e ir a qualquer lugar que a levasse. Uma oportunidade como aquela só se apresentava uma vez na vida. Carpe diem. Aproveita o momento!

Capítulo 24

O coração de Rachel pulsava com força pela emoção justo quando o Rolls parou ante uma enorme grade de ferro que havia em um muro de pedra de dois metros de altura.

O condutor baixou o guichê e pressionou o botão do interfone. Uns segundos depois soou uma campainha. As portas da grade se abriram de par em par como o mar Vermelho para deixar entrar o carro e a sua única passageira.

Enquanto o veículo se dirigia à casa principal do imóvel, Rachel, ansiosa por ver a mansão em que vivia Devon, se inclinou para frente. Dois anos atrás Carnavorn fez construir aquele lugar desde a primeira pedra e não permitia a entrada de câmaras dentro dos muros que encerravam sua residência privada.

Havia rumores que construir aquele lugar havia custado nove milhões de dólares e que se chamava Hammerston pelo estado que se supunha que ele possuía na Inglaterra.

Rachel não sabia se era de um título familiar ou se o tinha comprado com sua fortuna. Ela pensava que a levaria a um bom restaurante ou ao clube. Não pensou que a levaria a sua



residência privada. Ali não se permitia a entrada de estranhos. Se não entrava com convite, simplesmente não entrava.

Seu olhar passeou pelos cuidadíssimos jardins de frondosas árvores, arbustos e todo tipo de árvores que aquele ano tinham florescido antes do habitual. Era uma noite para se sussurrar, para se beijar..., para deixar que florescesse o amor. Perto dali havia um galpão de madeira. Estava envolvido em sombras, silenciosos sentinelas que jamais revelam os segredos entre amantes.

A casa, se é que se podia chamar casa a um edifício tão imponente como aquele, estava em meio da vasta extensão de grama verde. Era de pedra marrom e as numerosas torres arqueadas que havia no telhado lhe davam um ar medieval que outorgava uma aparência feroz aos três andares do edifício. Parecia que a qualquer momento ia aparecer um cavaleiro com sua armadura montando um valente corcel.

O Rolls se deteve em frente à entrada principal. O condutor saiu do carro e o rodeou rapidamente para abrir a porta para Rachel. Ofereceu-lhe a mão e a ajudou a sair.

Ela subiu pela longa escadaria de pedra que conduzia à entrada agarrada ao braço do condutor.

Pela força que fazia o homem ao agarrá-la pelo braço, parecia que estava tentando retê-la, vigiando que não saísse correndo. Aquela silenciosa intensidade a fazia se sentir incômoda. Além disso, tinha o estômago cheio de mariposas. Apesar de que aparentemente estava tranquila, por dentro era um molho de nervos.

Quando subiu o último degrau, se deu conta de que o brasão da família Carnavorn estava forjado em ferro sobre a porta.

Não precisou chamar para entrar.

Um mordomo perfeitamente embelezado abriu a porta. Quando viu Rachel, lhe dedicou uma cerimoniosa saudação.

—Bem-vinda senhorita Marks — disse com um ligeiro acento inglês—. Lorde Carnavorn a está esperando.

Antes que ela entrasse, o anônimo condutor virtualmente a empurrou até a soleira. Sentia-se como uma mosca que acabava de ser apanhada pela teia de uma aranha.

Rachel lhe deu de presente um ligeiro sorriso e inclinou a cabeça.

—Obrigado. Estou encantada de estar aqui.

O mordomo não esboçou o mínimo sorriso.

—Por favor, me siga — disse.

Rachel pressionou o estômago com a mão para tentar acalmar seus nervos.

—Claro.

Seguiu ao homem até o vestíbulo principal. Era intimidante: estava coberto de painéis de madeira e muito cara cerâmica. Ao se internar em suas volumosas profundidades, Rachel jogou uma olhada às pinturas que penduravam das paredes.

Carnavorn era um colecionador apaixonado e tinha enchido a mansão de uma impressionante seleção de arte: havia alguns retratos familiares, mas também povoavam as paredes algumas obras de autênticos mestres como Poussin, Bourdon e Vouet. Não havia dúvida de que os móveis eram da mais alta qualidade, uma prova inequívoca de sua mais alta posição social e financeira no mundo do jet set.

Seu muito alto salto agulha fazia muito ruído enquanto andava; tentava que não se notasse a pressa que tinha por se encontrar com Devon. Passou os dedos por seu indomável cabelo negro.



O mordomo parou diante de umas portas fechadas e as abriu. Ficou fora e se afastou para deixar que Rachel entrasse sozinha no salão.

Ergueu-se e deslizou no interior do salão principal. Passeou o olhar pelo cômodo. A sala era espaçosa e confortável, e tinha umas enormes janelas das que se podia desfrutar estupendamente da paisagem. O chão estava coberto por tapetes de enorme beleza. Cada um deles foi escolhido minuciosamente.

Sua pressão sanguínea aumentou quando advertiu que toda a decoração girava em torno de um mesmo tema: pessoas fazendo amor em diferentes posições. Era um Kama Sutra virtual de estátuas, pinturas e outros objetos de arte; todos mostravam o mundo do sexo.

O salão estava cheio de gente.

E não estavam precisamente falando e tomando uma taça; se encontravam em diferentes níveis de nudez. Tocavam uns aos outros e alguns faziam amor enquanto outros, ao seu redor, olhavam.

Fachos de luz psicodélica passeavam pelas paredes, pelo chão e pelo teto outorgando ao salão uma atmosfera ultramundana; parecia como estivessem flutuando pelo espaço em uma nave alienígena. O incenso cobria o ambiente de uma ligeira bruma.

Rachel era incapaz de contar o número de corpos que havia ali.

«Deus Santo! Onde me coloquei?»

Inspirou com força e se esforçou por não parecer totalmente perturbada, mas não podia deixar de olhar tudo. Homens com mulheres, mulheres com mulheres e homens com homens... Devon não a tinha convidado a uma noite íntima. A tinha convidado para uma orgia.

De repente, aquelas pessoas deixaram o que estavam fazendo e começaram a olhá-la e a sussurrar.

Rachel quase a supera o impulso de sair imediatamente. Começou a abrir a boca para protestar, mas algo em seu interior a sossegou. Em lugar de sentir rechaço, a imagem que havia diante de seus olhos a fascinava. Percebeu a energia sexual que havia no salão, provou-a, cheirou-a, se empapou de toda aquela atmosfera decadente.

Sua pele estava quente e rígida, e seus sensíveis mamilos se endureceram contra o sutiã de seda que vestia. Em seu estômago se desatou o que parecia uma pequena dança como amostra de apreciação dos preciosos corpos que estavam estirados pelo salão. Não importava que fossem homens ou mulheres, todos eles eram pessoas com uma aparência espetacular. Deliciosa.

Seu curioso olhar se dirigiu ao centro do salão.

Devon, como se tratasse de um rajá entre suas concubinas, estava deitado em um sofá, com duas mulheres meio nuas a seus pés, que seguravam jarras de vinho e se acariciavam uma à outra enquanto davam longos beijos.

Devon arqueou suas escuras sobrancelhas quando a viu. Um sorriso curvou a esquina de seus lábios. Estalou os dedos e aquelas mulheres se afastaram para permitir que ele ficasse em pé. Caminhou por entre aquele mar de corpos.

Devon a olhou; estava contente de que se vestiu como ele queria.

—Está soberba. Justo como eu acreditava que estaria. — A pegou pela mão, a atraiu para ele e acrescentou elevando uma sobrancelha endiabrada—: Está para te comer.

—Obrigado — respondeu ela, que percebeu que ele só vestia umas calças e uma espécie de jaqueta de veludo; não usava camisa.

Devon deslizou as mãos pelas curvas de seu corpo e as passou por debaixo da capa de pele para acariciar suas costas e lhe apertar o traseiro por cima da seda do vestido.



—Tinha vontade de voltar a te ver.

Rachel, totalmente descontrolada, ficou nervosa. Passou a língua pelos lábios.

—Quem são todas estas pessoas? — Nem em suas mais selvagens fantasias teria imaginado que os rumores sobre as festas privadas de Devon eram reais. Não eram ilegais as orgias na Califórnia? Talvez isso explicasse os altos muros de pedra que rodeavam a mansão. Assim era mais difícil que os olhos curiosos pudessem ver o que ocorria do outro lado.

Devon a atravessou com o olhar. Seus olhos tinham um tom mais metálico que cinza.

—São membros do coletivo e seus casais. Por desgracia, nosso número de integrantes diminuiu. Agora só ficam algumas centenas dos Kynn. Os Amhais...

Mais confusão.

—Os o que?

Tirou sua capa dos ombros e a jogou ao mordomo.

—Esquece o que eu disse. Esta noite quero que olhe e desfrute.

As portas se fecharam atrás dela.

Rachel engoliu em seco. O rubor avermelhava suas bochechas.

«Já não há jeito de voltar atrás», pensou.

Capítulo 25

Devon a pegou pela mão.

—Venha se sente. Se una à festa.

Rachel vacilou um momento. Nunca tinha estado em nenhuma orgia. Para ela, aquela era uma nova experiência. E muito excitante. Sentia-se muito atraída por esse conceito de liberdade sexual desenfreada.

—Está seguro disto?

Devon riu.

—Pois claro que sim. Se não pensasse que está preparada, não teria te trazido para o círculo encantado.

Rachel riu com acanhamento.

—Não se parece mais um trenzinho?

Ele a segurou pelo queixo e jogou sua cabeça para trás.

—Este é meu mundo. Quero que o entenda. Que tome parte dele. Se se sentir incômoda, pedirei a meu chofer que a leve para casa. — Apertou um pouco mais forte sua mão—. Mas a aviso, não pedirei que volte.

Fez-se um profundo silêncio.

Rachel já sabia o que ia responder antes que se formasse a palavra em seu cérebro. A ideia de que Devon a pudesse desterrar de sua vida lhe doía muito. A maneira que ele tinha de tocá-la, de olhá-la... a levava até o limite. Era um lugar perigoso, mas também uma experiência muito excitante.

Para Rachel não cabia nenhuma dúvida de que ele falava muito a sério. Talvez seguisse conservando o trabalho, mas... não ter Devon? Isso seria como uma operação a coração aberto sem anestesia.

Muito doloroso para sequer considerar.



O olhou nos olhos e viu compromisso neles. Se ela pudesse ser... Se ela pudesse pertencer... Irresistível.

Não havia mais desconfiança. Não mais duvida.

Rachel separou os lábios e deixou sair suas ásperas palavras:

—Ficarei.

Sua resposta agradou Devon.

—Estupendo.

Agarrou-a pelo braço e a guiou por entre os corpos que se retorciam no chão. As pessoas deixavam de fazer amor o tempo justo para sorrir para Rachel e murmurar palavras de boas-vindas; logo voltavam a retomar suas atividades.

Ela murmurava respostas mais absurdas que sociais e era incapaz de recordar os nomes. Na realidade, não importava. Estava mais concentrada em continuar vestida. Em mais de uma ocasião, estranhas mãos se alongaram para acariciá-la: uma mão tocou sua perna, outra uma coxa, outra o traseiro...

Uma das mulheres que estava sentada aos pés de Devon abandonou a seu casal. Serviu uma taça de vinho e a deu a Rachel.

—Obrigado — disse ela sorrindo educadamente. Provou o vinho. Um delicioso caldo afrutado se deslizou por sua língua. Bebeu outro gole. A calidez alagou seu estômago. A tensão de seus músculos se aliviou um pouco.

Devon estirou seu braço para que se sentasse junto a ele no sofá; era como um rei dominando a seus súditos.

—Obrigado, Jade.

—Sempre é um prazer, senhor — respondeu a mulher com um sorriso.

A segunda mulher serviu uma taça de vinho a ele.

—Tome senhor, apague sua sede.

Devon aceitou o oferecimento.

—Muito obrigado, Gia — disse. Sentiu o desconforto de Rachel e deslizou a mão por cima de suas pernas cruzadas—. Relaxe.

Ela se sentia como um turista que ainda não aprendeu o idioma nativo; reclinou a cabeça sobre o ombro de Devon.

—Estou tentando. — Sorriu de novo nervosa—. Não esperava isto absolutamente. Ele deu um gole a sua taça de vinho. —Ninguém espera a princípio, embora muito poucas pessoas chegam a ver esta parte de meu mundo.

Rachel, com os olhos muito abertos, tentava não olhar diretamente às pessoas nuas que havia no salão, mas não podia evitar. Aqueles corpos eram ímãs que atraíam seu curioso olhar. Viu como um homem praticava delicado sexo oral em uma mulher. Os membros de outro casal estavam entrelaçados na clássica postura 69 perdidos um nas delícias do sexo do outro. Era uma imagem hipnótica; teve a sensação de que não poderia afastar os olhos dela.

A mão de Rachel tremeu. Seu corpo se esquentou; o calor da intensa excitação umedeceu seu sexo.

—Me sinto alagada — disse agarrando a taça de vinho com mais força enquanto pensava que esperava não quebra-la de quão nervosa estava.

Devon passou um braço por sua cintura.

—Estou todo o dia esperando poder te tocar. — Passou a mão por cima de seu ombro e a deslizou por debaixo da alça de seu vestido para invadir a barreira de seu sutiã e lhe acariciar o



seio. As duas mulheres retomaram seu jogo amoroso sobre o tapete de pele sintética que havia aos pés de Devon e Rachel.

A respiração de Rachel se acelerou.

—OH, Meu Deus!

Ele agarrou o mamilo e o fez rodar entre o polegar e o indicador.

—Deus não tem nada a ver com isto. — A beliscou com mais força.

Uma ferroadada de puro calor foi direto ao coração de Rachel.

—Continue fazendo isso e gozarei como uma louca — avisou.

Devon sorriu.

—Sei. — Retorceu-lhe o mamilo com mais força—. Só escuta a música e se deixe levar...

«Música?»

Rachel voltou a cabeça para um lado. Pela primeira vez escutou a estranha música erótica que se ouvia ao fundo, soava a um volume muito baixo, por isso não a tinha ouvido. Era uma estranha melodia; não era uma música que se pudesse assobiar ou cantar, era um som que parecia encaixar com o ritmo do sangue em suas veias.

A bruma do incenso e o aroma de vinho se mesclavam com a transpiração proveniente daquelas desinibidas relações animais.

Devon lhe acariciou o mamilo com mais força.

—OH, Deus...! — gemeu ela.

Embora Rachel jamais acreditasse possível, se deu conta de que ver como transava aquela gente a excitava. Não sentia rechaço. Estava relaxada. Pôs-se muito nervosa pensando naquela noite e agora se sentia acalmada, tranquila.

Sentia-se cálida e confortável observando o estranho arco íris de luz que se movia por cima dos corpos nus como os suaves cheiros do oceano. Deu-se conta com repentina clareza de que ela pertencia a aquele lugar, junto a Devon.

Descruzou as pernas e bebeu vinho antes de se apoiar nos ombros de Devon para lhe facilitar o acesso a seu corpo. Que mais tinha a fazer?

Nada.

Antes que se desse conta, voltaram a encher a taça de vinho. Uma vez. Duas. Três vezes.

Rachel continuou bebendo hipnotizada pelas intermináveis práticas sexuais, sem perceber que os minutos passavam muito lentamente. Escutava vozes, mas não podia entender o que diziam. Parecia que estivessem muito longe. A conversa cedeu a um cômodo silêncio. Estava segura de que não podia ser tão interessante como o que estava ocorrendo ante seus olhos.

Mais que sexo, ali parecia estar se celebrando algum estranho ritual. Muitas das pessoas que estavam ali tinham facas. Faziam pequenos cortes na carne de seus casais e chupavam o sangue que brotava deles.

Em lugar de sentir repulsão, Rachel observava com fascinação como aquilo parecia incrementar o desfrute sexual da «vítima». Ninguém protestava. Ao contrário, pareciam estar agradados, e mais de um ajudava a guiar a lâmina. As línguas lambendo, os lábios chupando e a imagem da cor carmesim se deslizando pelas pálidas peles brancas: tudo era tão excitante...

Devon mudou de postura para ficar de frente para ela.

—É uma mulher especial. — Baixou-lhe os suspensórios do vestido e logo o sutiã, e seus seios ficaram a descoberto—. E quero que tome parte de minha vida.

Rachel, a quem a cabeça dava voltas por causa do vinho, escutou a si mesma dizer:

—Eu também quero tomar parte dela.



Devon sorriu.

—Bom.

Seus lábios se uniram aos do Rachel e logo os deslizou por suas bochechas, por seu queixo e pela base de seu pescoço, onde podia sentir seu pulso. Estava a tocando muito lentamente.

Rachel se reclinou sobre os almofadões e agarrou o rosto de Devon com as mãos para guiar sua boca até seu ereto mamilo. Por cima de sua cabeça, viu um casal que dançava nu; um absorvido pelo corpo do outro. Era uma imagem tão doce. Tão terna.

Tão natural.

—Se una a nós esta noite — sussurrou Devon ao ouvido.

Ela assentiu sem saber muito bem do que estava falando até que notou que uma das mulheres que estava estirada a seus pés alargava o braço e lhe acariciava a perna. Embora em outro seu momento sua primeira reação teria sido se afastar daquela carícia estranha, não o fez.

Devon assentiu e se recostou. A mulher a que tinha chamado Jade se inclinou para frente e começou a deslizar os lábios pelo tornozelo de Rachel. Logo passou por cima dos saltos agulha e beijou sua perna e passeou sua língua pelas meias cor carne. Jade foi subindo pelas pernas de Rachel e, com habilidade, as abriu para beijar a cara interior de suas coxas.

Rachel ofegou. O salão começou a girar. Aquela mulher a estava tocando de um modo tão mágico que não queria que se detivesse. Nunca havia feito amor com outra mulher, nem havia sentido o desejo de fazê-lo. Mas havia algo que a atraía quando pensava na ideia de que uma bela mulher cobrisse todas as suas necessidades sexuais.

—Antes desta noite não existia — Devon sussurrou em seu ouvido—. Esta noite voltará a nascer e o fará em meu mundo.

Ela o olhou; tremia por causa das carícias que os lábios e as mãos de Jade lhe proporcionavam.

—Isto é o que quer? —ela perguntou tentando encontrar as palavras em meio daquela névoa que começava a envolver sua mente.

Como resposta, desabotoou seu sutiã e o deixou cair ao chão.

—Só se deixe levar pelas sensações — disse, e riu suave e profundamente. Era uma risada sexy. Seus olhos ardiam com uma paixão que ela ainda não podia compreender.

—Devon... — começou a dizer, mas foi incapaz de acabar a frase. A segunda mulher, que recordava vagamente que se chamava Gia, estava diante dela e a agarrava pelas mãos para coloca-la em pé. Desceu seu vestido com habilidade e o deixou cair ao chão.

Rachel ficou nua; só usava a cinta-liga, a tanga e as finas meias. Jade a guiou para o tapete. Rachel ficou deitada entre as duas mulheres, que começaram a lhe acariciar o corpo, rígido pela excitação sexual.

Sentiu como uns suaves lábios pousavam sobre os seus. Abriu a boca, fechou os olhos e se deleitou no sabor de um longo e potente beijo com sabor de amora. As mãos de Jade acariciavam seus braços, seus ombros, seus seios... E ela acolhia com agrado cada sensação.

Quando a mulher deixou de beijá-la, Rachel suspirou.

A mulher lhe sorriu.

—Você gosta? — Jade perguntou sorrindo.

—Nunca tinha estado com uma mulher — respondeu ela engolindo em seco.

—Então vai ter uma grata surpresa — adiantou Devon, que continuava sentado no sofá.

—Mas... — ela começou a dizer.

Gia pôs um dedo sobre seus lábios.



—Só se deixe levar e desfruta — disse, e deslizou seus lábios pelo sensível pescoço de Rachel; sua cálida boca tomou logo seu mamilo ereto e o chupou com suavidade.

Rachel, gemendo, se retorcia de prazer e agonia. Era vagamente consciente de que Jade estava tirando a cinta-liga e as meias.

Como um gato rondando diante de sua presa, a garota se situou entre suas pernas e começou a acariciar o interior das coxas; suas mãos e sua boca começaram a subir para sua palpitante vagina.

Jade desenhava lentos e suaves círculos com as pontas dos dedos e pressionou as úmidas profundidades de seu sexo. Logo baixou a cabeça e começou a lambê-lo seu clitóris. Manipulava aquele pequeno e sensível botão imprimindo a pressão justa e provocando ondas de calor que percorriam o corpo de Rachel.

Gia fez o primeiro corte pequeno, no peito direito de Rachel. Logo pressionou seus lábios sobre a branda montanha e com a língua aliviou a dor enquanto saboreava seu sangue.

Rachel, perdida nas prazenteiras sensações que a percorriam, começou a responder às carícias das duas mulheres com um ritmo instintivo. Suas pestanas se agitavam, mordida um lábio como se estivesse chupando e logo abria a boca para deixar escapar outro gemido que brotava do mais profundo de seu corpo. Estava absolutamente perdida nas carícias daquelas mãos, daquelas bocas, e era incapaz de compreender a multidão de sensações que a dominavam. Os beijos, o modo em que aquelas mulheres a acariciavam, os lugares onde a estavam tocando... Tudo formava parte de um baile ao que tinha estado esperando se unir toda sua vida, esse mundo desconhecido que tinha estado esperando que se desdobrasse diante de seus olhos. Só lhe tinha faltado encontrar à pessoa que lhe mostrasse o caminho. Sua mente girava e girava; seu corpo vibrava graças à pressão com a que aquelas mãos a acariciavam, lentamente e com determinação. Sempre tinha acreditado que se sentiria envergonhada, vulnerável e inclusive um pouco aterrorizada deixando que a tocassem uma mulher desconhecida.

Mas nada disso turvava sua mente naquele momento. Sentia-se exuberante!

Gia chupava seus seios, parando de vez em quando para lhe dar longos e lentos beijos. Entre suas pernas, Jade praticava uma devastadora cunilíngua¹⁴, deslizando a língua por seus clitóris uma e outra vez.

Então apareceram dois atraentes homens e levantaram Rachel do chão. Levaram-na até o centro do salão e a deitaram sobre uma chaise longue.

Continuando, ficaram de joelhos como se estivessem lhe rendendo uma silenciosa comemoração e cada um deles se ocupou de um de seus seios, lambendo, beijando e chupando a tenra ponta de seu mamilo.

Rachel lhes segurava a cabeça e sorria acolhendo com agrado seus cuidados. Aquelas pessoas se amavam as umas às outras com tranquila aceitação. Igual tinham feito Jade e Gina, começaram a explorar sua nua pele e a fazer pequenos cortes para chupar seu sangue como se fossem gatinhos lambendo leite.

Percorreram cada centímetro de seu corpo com os lábios, as mãos e os dedos. Era uma dança incrivelmente física, espiritual e instrutiva. Aquelas atraentes pessoas estavam mantendo incríveis relações sexuais e ela estava justo no meio de tudo, era a deusa a que veneravam.

Enquanto se alimentavam dela, Rachel se sentia poderosa, viva, vital, a fonte da criação. Nada do que tinha experimentado antes podia se comparar com esse momento.

¹⁴ Ato de aplicar a língua na vulva e/ou clitóris



Um dos homens colocou seu palpitante membro na sua boca.

Rachel acolheu agradada e chupou a grossa ereção.

O segundo homem se ajoelhou entre suas pernas e as abriu para expor totalmente seus clitóris. Inclinou-se para sua vagina e começou a passear a língua pelos lábios vaginais e a morder com suavidade a sedosa carne rosa.

Rachel abriu um pouco mais as pernas. Necessitava com loucura que a fodessem. O ritmo da música tinha mudado, agora era mais lento, mais erótico; era como o batimento de um coração humano.

Abriu os olhos e procurou Devon com o olhar. Queria que se aproximasse dela e que a fodesse diante de toda aquela gente, que a reivindicasse como dele.

Gia estava entre as pernas de Devon. Tinha baixado o zíper das calças e tinha em suas mãos seu ereto membro. Baixou a cabeça e começou a lambê-lo e acariciar sua longitudude.

Ele olhou para Rachel fixamente; não estava envergonhado de que seus curiosos olhos o vissem em plena recreação sexual. Um pequeno sorriso curvou os lábios de Devon.

Queria que ele visse como ela tomava o controle de seus desejos; se sentou e empurrou ao homem que tinha entre as pernas até o chão. Ele ficou caído sobre o chão esperando que ela se dispusesse dele. Uma silenciosa comunicação surgiu entre eles. O jovem era dela e o podia utilizar a seu desejo.

Rachel, lambendo os lábios e se sentindo como uma puta brincalhona ficou de joelhos e se colocou sobre o quadril do atrativo desconhecido.

Deslizou as mãos pelo peito de seu novo amante, as passou por cima de seu abdômen e logo foi baixando lentamente, tomando o tempo necessário para excitá-lo. Um membro duro recompensou seus esforços. Perfeito.

—Me dê tudo o que tem — disse sorrindo E o fez. Mais de uma vez.

Também o fizeram todos os outros.

Capítulo 26

Rachel, meio adormecida e aturdida, lutava por despertar. Abriu os olhos em um tênue e desconhecido quarto. Deu a volta sobre o travesseiro e continuou lutando contra aquela estranha desorientação.

«Onde estou?»

Olhou a seu redor. «Não estou em casa», pensou.

O quarto em que estava era muito bonito e tinha sido minuciosamente decorado; era o domínio de uma mulher. A cama estava coberta por um dossel carmesim com detalhes em ouro e marfim; combinava com as grossas cortinas corridas diante das janelas, que protegiam o quarto da luz exterior. Havia vasos com flores frescas colocadas estrategicamente sobre várias mesas e sua suave fragrância flutuava no ambiente.

Depois de entrar no carro que Devon mandou a sua casa, tinha perdido a consciência do tempo. Era bastante terrífico se levantar sem saber exatamente o que havia feito na noite anterior.

Por debaixo dos lençóis e o suave edredom, um formigamento percorria seu corpo.



Sentou-se e retirou os lençóis revelando sua nudez. Levou as pernas para um lado da cama e ficou de pé. Sua cabeça pulsava com tanta força que mal podia ver. Colheu-a com as mãos tentando frear aquela agonia.

—Quanto vinho bebi ontem?

Tinha a sensação de que alguém golpeava sua cabeça com um martelo: pum, pum, pum. Estava esgotada, tão vazia como uma das muitas taças de vinho que tomou na noite anterior.

Na noite anterior.

Devon. A orgia. Fez amor hora após hora com homens e mulheres desconhecidos. Imagens de si mesma, nua, desinibida, dançando um sensual balé com outros corpos. Não ficou nada para a imaginação.

Na noite anterior tinha praticado todas as posturas sexuais possíveis. Doíam os músculos de suas pernas de tê-las deixado tão abertas; sentia como se seu corpo tivesse sido amassado pelas mãos de dúzias de cozinheiros.

Deslizou as mãos por ele e se observou: à sua cabeça voltou a lembrança de como a tinham sugado e usado. Sua pálida pele estava coberta de pequenos cortes, vermelhos e inchados; os tinha por toda parte: pelos peitos, pelo abdômen e pelas coxas.

Deixou escorregar as mãos por seu ventre para investigar com as pontas dos dedos os cortes que tinha na pele. Na realidade, não doíam nada. Tinham banhado sua consciência e tinham massagado com um azeite ligeiramente perfumado.

Fechou os olhos e inspirou com força. Seu olfato ainda estava embotado pela mescla de aroma de incenso, de sêmen e do almiscarado aroma de seus próprios sucos sexuais.

OH, não! Pressionou seus frios e úmidos dedos sobre as doloridas têmporas; queria que a dor partisse, desejava que tudo aquilo não fosse mais que um pesadelo. Sentou-se de novo na beira da cama e tentou reunir as peças do ocorrido na noite anterior para conseguir que adquirissem um pouco de sentido.

«OH, Deus! De verdade fiz tudo isso?»

Fez um grande esforço por manter a calma apesar de que as imagens do que lhe tinha passado na noite anterior a estavam pondo doente. Como tinha deixado que Devon a misturasse em semelhante libertinagem? O ressentimento e a fúria alagaram sua mente. Tão fácil era para ele manipulá-la? O que esse homem estava fazendo com ela? Estava tentando lhe fazer mal? Humilhá-la? Levou uma mão à boca.

Ficou tensa.

—Está tentando me fazer as duas coisas, quer me fazer mal e me humilhar.

Lutou contra o pânico e se obrigou a levantar para procurar sua roupa. Estava cuidadosamente colocada aos pés da cama.

Colocou as calcinhas e o sutiã. Naquele momento odiava todos aqueles adornos; desejava ter colocado um moletom e não aquele maldito vestido que Devon tinha lhe presenteado.

«Como ia eu saber o que ia acontecer?» colocou o vestido e colocou os finos suspensórios por cima dos ombros, logo tentou subir o zíper, mas não pôde.

Estava tão zangada que não ouviu como a porta se abria lentamente atrás dela, nem as suaves pisadas de Devon entrando no quarto. Só se deu conta de que ele estava ali quando a abraçou.

—Rachel — murmurou delicadamente ao ouvido, não queria que despertasse sozinha.

Ela o afastou.

—Não me toque! O que me fez ontem à noite é imperdoável.



Continuou se vestindo. Colocou a sexy cinta-liga, as meias e os sapatos; amaldiçoou aqueles saltos agulha quando deu alguns passos e torceu um tornozelo.

—Merda! — As lágrimas brotaram de seus olhos e deslizaram por suas bochechas. Fechou os olhos com força e tratou de convencer a si mesma de que tinha a fortaleza suficiente para sair dali. Mas era fraca, muito fraca... O único que queria fazer era se enroscar naquela cama e morrer.

Devon se aproximou dela por trás e pôs as mãos sobre seus ombros.

—Não fiz nada que você não queria fazer, querida.

Rachel se afastou de suas mãos com repulsão.

—Bebi muito vinho. Não sabia o que estava fazendo, e você e esses pervertidos se aproveitaram de mim. — Suas palavras soaram pouco convincentes. Sabia perfeitamente que estava mentindo, que não tinha resistido a participar da orgia. Tinha estado mais que disposta a se unir a eles, inclusive tinha se sentido ansiosa por fazê-lo. Tinha achado muito excitante se sentir tão livre sexualmente, tão desinibida.

Os olhos de Devon se obscureceram; Rachel nunca os tinha visto assim. Era um tom perigoso.

—Eu não me aproveitei de você — respondeu se defendendo. Seu incisivo olhar explorou as curvas do esbelto corpo de Rachel—. Poderia ter ido a qualquer momento.

—Mas não pude — respondeu ela—. Eu estava... perdida... — ficou rígida —. Sinto-me violada.

Devon a agarrou pelo queixo e levantou sua cabeça para poder olhá-la aos olhos. Sua pressão era tão vigorosa, tão segura que o deixou fazer sem protestar.

—Não se pode violar a alguém que deseja, meu amor. E você desejava, seu corpo pedia a gritos o prazer sexual. — Um pequeno sorriso curvou seus lábios—. Eu queria que entrasse em meu mundo, Rachel, mas não existe uma maneira suave de fazê-lo.

Lançou-lhe um furioso olhar. Não queria suas carícias.

—Entrar em seu mundo? — repetiu secamente—. Em rituais de libertinagem e degradação? —Queria gritar que era um ladrão, uma sanguessuga que acoitava às pessoas e se aproveitava de suas debilidades sexuais—. Pegou algo de mim que jamais poderei recuperar, Devon. Levou minha confiança.

Ele liberou seu aborrecimento.

—Ontem à noite me pareceu que participava muito ativamente do que agora parece te repugnar tanto. Sentiu-se obrigada a fazer algo que não queria fazer?

Ela hesitou um momento.

Armou-se de coragem. Tinha que ser forte. Resistir. Manter a coragem. Seu coração pulsava com muita força e notava um nó no estômago.

Baixou a parte dianteira do vestido e mostrou a ele o pequeno corte que tinha entre a clavícula e o peito.

—Como explica isto? —perguntou ela—. Pelo amor de Deus, cortaram minha pele e beberam meu sangue!

Devon pôs a mão no seu pescoço e ela pensou que ia estrangula-la. Mas ele só deslizou os dedos por debaixo de sua mandíbula e logo por cima de sua jugular.

—Eu também bebi de você, provei suas essências — respondeu ele—. Recorda como fizemos amor, como bebi de você, como a possui? —Sua voz não era mais que um sussurro que a atormentava; trouxe as dúvidas dos cantos mais escuros de sua mente e evocou umas lembranças quase muito intensas para saboreá-las.



Multidões de lembranças alagaram a mente de Rachel, uma corrente de paixão, desejo e, finalmente, consumação. Viu-se de novo naquele parque. Agora recordava com mais clareza; tinham estacionado em um caminho sem saída e se amaram entre as frias sombras da noite.

Rachel, tremendo, tocou o pescoço. Não precisava ver a pequena cicatriz de sua garganta para saber que estava ali, que Devon tinha tomado seu sangue ao mesmo tempo em que tomava seu corpo.

Tirou a língua e a passou pelos lábios. Recordou os deliciosos beijos que lhe tinha dado e como ela tinha provado seu próprio sangue dos lábios de Devon depois que ele tinha bebido da fonte de sua vida. Ao fazê-lo se excitou; tinha provado o néctar proibido e desejou mais. De repente sentiu frio e se deu conta de que tinha tomado parte de um ritual.

Devon a agarrou entre seus braços; a tinha cativa em seu forte e musculoso corpo.

—Pude sentir perfeitamente o muito que desejava que nossos corpos se unissem. —Com ternura, deslizou seus longos dedos por seus ombros até chegar à curva de seus seios. Tomou em suas mãos e a provocou os esfregando por cima do suave e revelador tecido do vestido.

Ela deixou cair a cabeça para trás. Seus mamilos ficaram eretos.

—OH, Deus! Deixa de fazer isso... Não..., pára. —Queria se afastar, mas sabia que não poderia.

Rachel fechou os olhos e se escutou ofegar enquanto ele deslizava a língua por seu corpo lhe provocando uma adormecedora sensação de frouxidão.

A boca de Devon procurou a sua com calculada lentidão e acabou com seus débeis protestos. Ela abriu cegamente os lábios e enroscou os braços ao redor de seu pescoço. Beijou-a até que seus joelhos tremeram. Rachel se deixou levar por aquelas sensações; naquele estado qualquer pensamento racional era impossível.

Quando Devon pegou a alça de seu vestido e o baixou, ela não pôs nenhuma objeção. Deslizou seus provocadores e sensuais dedos por debaixo do sutiã e fez rodar a ponta de seu mamilo entre os dedos indicadores e polegar. Sua carícia provocou sacudidas elétricas que percorreram cada centímetro de seu corpo.

Antes que se desse conta do que ele estava fazendo, tinha tirado seu vestido, que estava a meio fechado, e tinha deixado cair ao chão o sutiã. O sedoso tecido do vestido caiu ao redor de seus pés.

—Não pode lutar contra sua própria natureza — sussurrou ele adotando um tom de voz deliberadamente provocador e a olhando com necessidade e luxúria.

Com surpreendente facilidade, pegou-a nos braços e a levou até a cama. Ela tirou os sapatos e sentiu como se contraíam os músculos de Devon quando a deixou sobre os lençóis; logo se deitou ao seu lado.

Devon passeou seu olhar pelo corpo de Rachel com deliberada lentidão, se recreando em seus seios e logo no V sombreado que havia entre suas coxas e que estava coberta só pela sedosa e fina renda. As profundidades dos olhos de Devon ardiam de desejo. Ele baixou a cabeça e começou a chupar a sensível ponta dos mamilos.

Rachel se enjoou. «minha mãe, não posso acreditar que esteja deixando ele me fazer isto outra vez», pensou.

Devon deslizou a mão entre suas pernas e separou suas coxas. Estava tocando-a onde ela desejava que o fizesse. Ele encontrou e estimulou terminações nervosas de seus clitóris que ela nem sabia que existiam. Rachel se umedeceu, se excitou, morria de vontade de sentir seu membro dentro dela.



—Te desejo Devon — escutou a si mesma dizer. Seu corpo também o desejava e se arqueava contra ele. A prova da necessidade de Devon pressionava seu quadril.

—Tudo ao seu tempo, amor — murmurou ele sobre a palpitante veia do pescoço.

—Por favor — suplicou Raquel—, faça amor comigo. —Não podia acreditar que aquelas palavras estivessem saindo de seus lábios, mas não podia evitá-las.

Ele acariciou sua bochecha com os dedos.

—Para te possuir, devo beber de você. —Seu tom era mais grave e profundo. Tinha adquirido um matiz hipnótico.

Rachel abriu os olhos e procurou os de Devon. Seu olhar parecia mais escuro, estava cheio de estranhas sombras que não lhe permitiam ver o que estava pensando.

—Meu sangue? —sussurrou ela. Sua voz tremia um pouco—. Por quê?

Ele inspirou com força.

—Quero te levar a meu mundo, Rachel. Se renderia a mim? Confiaria em mim?

Havia algo em sua voz que a advertia de que não estava brincando, que estava falando completamente a sério sobre a intenção de voltar a beber de seu sangue. A ideia lhe produziu um calafrio.

Ela se sentou de repente e afastou as mãos de Devon de seu corpo.

—Estou tentando te entender, Devon, mas não acredita que esta tolice do sangue está chegando muito longe?

Ele tocou sua bochecha.

—Não é nenhum jogo, Rachel. Beber sangue é a maneira que temos de conectar com nossos amantes. —Inspirou com força e, adotando um tom mais sério, continuou— Recorda que te falei de minha espécie, os Kynn? —A observou com atenção esperando sua reação.

Rachel o escutava, mas não conseguia entendê-lo. Sacudiu a cabeça incrédula.

—Pensava que brincava que essa história formava parte de seu jogo de sedução. Por Deus, nunca pensei que falasse a sério...

Com medo, se afastou dele. Agora suas carícias a incomodavam. Como podia ter desfrutado ao sentir os lábios de Devon sobre os seus ou com as carícias de suas mãos? Não era um homem! Era um psicopata que apossava as mulheres e utilizava o desejo sexual para saciar seus apetites antinaturais.

Rachel pensou que ia desmaiar até que conseguiu não sentir outra coisa que ira. A ira a mantinha consciente, forte, alerta.

—Se se tratar de uma brincadeira, Devon, é de muito mau gosto e está chegando muito longe.

A reação de Rachel pegou Devon despreparado.

Ficou tenso. Procurou a mão de Rachel e a agarrou, a apertando com força.

—Falo completamente a sério quando te digo que sou um Kynn. Você tem que escolher se aceita ou não os presentes que posso oferecer a você. Não vou te obrigar a cruzar ao outro lado. Supõe-se que deve vir por sua própria vontade; acreditar no que somos e desejar se unir a nós.

Rachel estremeceu ao escutar o rugido que havia na voz de Devon.

—Me unir a vocês? —Repetiu incrédula—. De onde tira a ideia de que eu quero ser uma mulher vampiro?

A resposta de Devon a deixou atônita.

—Você nasceu para ser um dos nossos.



Ela o olhou com receio.

—Como sabe?

—Tem a marca, a marca que acreditava que era impossível que tivesse outra pessoa no mundo. —Acariciou sua perna com a mão.

Rachel seguiu sua mão com o olhar. Posou sobre a estranha marca de nascimento que tinha na coxa.

—Isto? Isto não é um sinal divino. Só é uma marca de nascimento.

Um pequeno sorriso se desenhou nos lábios de Devon.

—Pensa o que queira. Para mim é um sinal. Você nasceu para ser minha, para se transformar em minha alma gêmea, em meu casal de sangue. Acredito que é o destino. —Acariciou sua coxa.

Ela tremeu e afastou a perna.

—Está louco — assim que disse aquelas palavras se arrependeu de tê-lo feito. No que estava pensando ao insultar a aquele psicopata? Sentou-se tensa junto a ele; sabia que se ele o propunha podia deixá-la sem sentido quando quisesse. Estava segura de que ninguém iria socorrer se gritasse pedindo ajuda.

Ele negou com a cabeça.

—No fundo de meu coração, sei que é certo. Posso sentir seus apetites e a angústia que passou porque sempre sentiu que não pertencia ao mundo das pessoas comuns. Sempre teve a sensação de que olhava algo que não podia ter, não é? Invejava aquilo que outros tinham e você não. Eu te posso dar o lar que nunca teve. Posso fazer que por fim sinta que pertence a um lugar.

A voz de Devon retumbava em seus ouvidos. «Que nunca teve...»

—Não — tragou saliva. Tinha a boca inexplicavelmente seca. De algum estranho e inquietante modo, as palavras de Devon pareciam ter sentido. Mas aquilo era impossível. Isso que ele assegurava que era, um vampiro, simplesmente não existia. Ia contra toda lógica e contra a própria natureza.

Devon afrouxou os botões do pescoço da camisa para lhe mostrar a cicatriz de seu pescoço. Pegou a mão de Rachel e a obrigou a deslizar os dedos por cima dela.

—Sempre é difícil aceitar a verdade sobre nossa espécie, mas nunca menti para você. Expliquei-te até onde acreditei que podia entender.

Rachel tentou retirar a mão, mas ele não a soltou.

—Não me explicou tudo isso. —Seu tom era gélido e escapou uma risada seca—. Mas tampouco me importa. —Estirou o braço com mais força e o obrigou a soltar sua mão—. Põe-me merda uma vez, mas duas não.

Ele pigarreou e tentou se explicar.

—Faz muito tempo eu era como você. Mortal. Estava apanhado nas debilidades da carne. Mas você pode escapar dessa prisão, se liberar de suas limitações. Eu posso te oferecer a verdadeira eternidade. Tudo o que tem que fazer é acreditar em minhas palavras e aceitar o que é.

Rachel escorregou lentamente da cama e ficou fora do alcance de Devon. Embora fosse um pouco tarde, a sensatez e uma firme determinação voltaram para ela. Não gostava que a enganassem, não importava a intenção que se escondesse atrás do engano.

—O problema é que não acredito nelas. —Esboçou um pequeno sorriso. As lágrimas escorregaram por seu rosto—. Sinto muito. Não posso jogar mais a este perverso jogo.

Devon se apoiou em um cotovelo.



—Rachel — suplicou estirando a mão para ela—, por favor, tenha em conta que eu jamais te faria mal...

Ela riu. Sentiu que lhe ia seu peito ia explodir pela amarga dor que atendia seu coração.

—Se não quer me fazer mal, se esqueça de mim. Se mantenha afastado de mim. Não posso viver em seu perverso mundo fantástico.

Devon se levantou bruscamente. As palavras de Rachel o enfureceram. Com certo ar depreciativo, voltou a cabeça e riu. O som de sua risada cravou lascas sob a pele de Rachel. Seu olhar de aço se endureceu e seus olhos se entrecerraram sinistros.

—Pertence a mim, Rachel — disse arrastando as palavras—. É só minha. Pode fugir agora, mas não poderá escapar de mim para sempre. Um dia não muito longínquo irei te buscar. E quando o fizer se unirá a mim voluntariamente.

Ela sacudiu a cabeça como se quisesse sair de um transe.

—Não! Você é prisioneiro de seu maldito pequeno mundo, mas eu não! Jamais me unirei a você! Jamais!

Suas afirmações eram tão afiadas como a folha de uma faca. Tinha a amarga intenção de feri-lo, de marcá-lo do mesmo modo que ele tinha marcado a ela. Na realidade, se Rachel tivesse tido uma faca na mão, a teria afundado naquele duro corpo que a tentava com tanta facilidade.

Durante o tenso silêncio que prosseguiu a sua histérica reação, parecia que tudo tinha ficado suspenso, inclusive os batimentos de seu coração.

A estudada pausa de Devon parecia desenhada para desequilibrá-la. Entre eles se abriu um profundo abismo e ela se deu conta de que ele podia afligi-la facilmente, podia alagar seus sentidos se desejava.

—A assusto tanto assim? —perguntou ele com perspicácia e com um frio e cruel sorriso nos lábios. Na realidade, não era um sorriso, mas bem era uma careta zombadora.

Coragem!

Rachel, decidida a romper o estranho pacto que tinham selado, não deixava de pensar nas coisas horríveis e degradantes às que ele a tinha exposto.

Suas bochechas avermelharam; seu rosto ardia. O misterioso e impenetrável olhar de Devon parecia desfrutar de sua luta interna. A tintura de aço em seu tom de voz poderia tê-la matado se tivesse sido um objeto tangível. O coração de Rachel pulsava com uma força selvagem. Ele podia se dar conta de quão aterrorizada estava? Se se aproximasse dela, estava segura de que desmaiaria e morreria. Estava segura de que não poderia suportar suas carícias uma terceira vez.

«Luta contra ele», disse a si mesma. Se não lutasse contra ele, Devon a venceria, possuiria e faria com ela o que quisesse. «Isso é o que está tentando fazer. Me controlar. Possuir-me.»

—Não quero ouvir nenhuma palavra mais. Só quero sair deste maldito lugar. —Aquele crispada e agressiva voz mal parecia a sua.

Agarrou o vestido do chão e o pôs rapidamente; sabia que devia ir ou cairia presa dos desejos de Devon. Tinha que escapar; o amaldiçoava pelo demônio no que queria convertê-la. Queria tirar sua vontade e sua alma.

Rachel, meio nua, fugiu do quarto. Correu cegamente pelo vestíbulo e logo desceu por um comprido e curvado lance de escadas. Não tinha nem ideia de onde ia ou do que ia acontecer a partir daquele momento.



Capítulo 27

A alta figura de Devon, envolta em sombras, rondava diante do apartamento de Rachel. Não havia nenhum carro estacionado por ali; ele não necessitava de tão primitiva forma de transporte, em lugar disso preferia tomar a forma de vento invisível. Os Kynn tinham aprendido a se comunicar com a natureza e manipulavam os elementos com facilidade. Podiam viajar como pássaros e se mover pelas correntes de ar como cometas.

Desde que Rachel o deixou sumiu em um permanente estado de intranquilidade. Estremeceu e voltaram as sinistras preocupações que o tinham atormentado desde que se justificou com ela: temia que ela o rechaçasse, a ele e a sua espécie. Tinha posto tanta fé em que ela o aceitaria que a surpresa e o aborrecimento de Rachel o pegaram totalmente de surpresa.

Amaldiçoou a si mesmo em silêncio. «Teria que ter ido mais devagar, ter dado a ela mais tempo e ter o explicado com mais clareza.»

Em lugar de fazer isso, a tinha introduzido no coletivo a toda pressa e, ao fazê-lo, a tinha perdido.

Ardiam-lhe os olhos de não ter dormido. Franziu o cenho e jogou outro olhar para as janelas fechadas de Rachel; tinha baixado as persianas para isolar do mundo exterior.

Estava encerrada em casa. Depois de sua marcha, Devon tinha vivido algumas das horas mais negras de sua vida desde que os Amhais arrebataram Ariel.

«E agora perdi ao Rachel.»

Sua mente estava envolta por uma névoa invisível. Não havia satisfação nem alegria em seu coração, não se sentia vivo; se converteu em um ser que vagava perdido pelos séculos, igual a muitos humanos passavam seus dias sem rumo. Sem um autêntico casal, a existência lhe parecia muito longa, mal valia a pena viver. Diante dele se estendia um infinito vazio e sem amor.

O pior era que a tinha perdido sem ter chegado a possuí-la de verdade. Ele acreditava que ela se apaixonaria por ele, mas pelo visto isso não tinha acontecido. Olhou no interior da alma de Rachel e pensou que ela estava destinada a ser seu casal de sangue, mas ao que parecia tinha cometido um terrível engano.

Rachel não queria ter nada a ver com ele.

O desespero se apoderou de Devon. Inclusive naquele momento, o fato de que Rachel estivesse tão perto e ele não pudesse tocá-la o frustrava até limites insuspeitados. Propôs-se eliminar as lembranças que Rachel tinha de tudo o que tinha acontecido apagar tudo de sua mente do mesmo modo que o tinha feito a primeira noite que a possuiu por completo.

Mas queria que ela o recordasse, queria que pensasse no que tinha acontecido entre eles. Talvez, com o tempo, chegaria a ver todo o assunto de outra maneira. Do contrário, ele teria que aceitar que lhe tinha escapado de entre os dedos por culpa de quão torpe tinha sido.

Olhou para as janelas de Rachel. Continuavam fechadas. Nem sequer tinha deixado sair ao gato.

—Não aceitarei te perder, Rachel — murmurou—. Se algum dia me quiser, estarei aqui; me dá igual a demore um dia ou um século.

Inclusive naquele momento sabia que a alma de Rachel se colocou dentro da sua para sempre, e sentia os apetites interiores que ela nunca chegou a compreender. Ela estava zangada e frustrada pelo giro que tinha dado sua vida. Tinha tentado se conformar. Tentava fingir que sentia o mesmo que qualquer alma infeliz do mundo.



Mas estava equivocada. O que ela estava procurando ia muito além das batalhas do dia a dia, além da própria humanidade. O apetite de Rachel não podia se saciar com o que a vida cotidiana oferecia aos humanos (ele mesmo tinha vivido essa mesma existência antes de sua própria conversão).

Devon inspirou com força, mas não se sentiu melhor nem mais forte. Sentiu-se tentado a cruzar a rua, chamar a sua porta e suplicar que lhe desse outra oportunidade. Uma vizinha no interior de sua cabeça o avisou de que isso seria o pior que poderia fazer. Já tinha arriscado muito ao lhe revelar o mundo ao que pertencia, e muitíssimo mais ao tê-la deixado partir com todas as lembranças intactas.

Um raio caiu em meio da penumbra e Devon dirigiu seu choroso olhar para o céu.

Ao este, a alvorada abria espaço no horizonte. Dentro de uma meia hora o sol regaria a terra com sua luz e os de sua espécie teriam que voltar a se refugiar nas sombras; esse era seu lugar enquanto era de dia.

Devon não podia se expor à luz durante muito tempo. A exposição prolongada podia ser mortal. Se ficasse sob os raios do sol, seu sangue começaria a arder. À medida que a luz invadissem cada um de seus poros, o fogo cresceria por debaixo de sua pele e o queimaria como se fosse um velho pedaço de papel.

Devon negou com a cabeça, abatido. Indeadidamente, a noite devia chegar a seu fim e sabia que isso significava que sua secreta vigília devia terminar. Entretanto, aquela não seria a última noite que iria à porta de sua casa. Se fosse necessário, iria noite após noite. Esperaria, vigiaria. Finalmente, Rachel se entregaria a ele. De momento, ela tinha levantado uma barreira emocional entre eles. Até que essa barreira não desaparecesse, ele não poderia abrir caminho até seu coração.

Devon suspirou.

—Se desaparecer algum dia...

Não sabia por que se sentia assim com respeito a Rachel. Só sabia que esses eram seus sentimentos. O que experimentou ao fazer amor com ela foi completamente diferente ao que tinha sentido com outras mulheres.

Os beijos de Rachel, a maneira que ela tinha de tocá-lo, os lugares nos que o tocava... Tudo parecia formar parte dos passos de um baile que seus corpos conheciam a perfeição.

Inspirou com força.

—Não posso fazer que me ame, Rachel — balbuciou com o coração encolhido por causa da dor que sentia por tê-la perdido—, mas não me esquecerá jamais.

Depois de pronunciar aquelas palavras, se desvaneceu nos últimos retalhos da escuridão da noite.

Capítulo 28

Rachel esteve chamando o trabalho para dizer que estava doente durante uma semana até que reuniu a coragem suficiente para deixá-lo. Embora se sentisse tentada de fazê-lo por telefone, se deu conta de que fugir como um cachorrinho assustado não faria nenhum bem a sua autoestima. Tinha que ir em pessoa.



O que tinha claro era que queria evitar a todo custo ver Devon, assim foi ao clube em uma hora em que, normalmente, ele nunca estava.

Enquanto conduzia em direção ao clube se deu conta de que esse seria o último dia que veria aquele lugar e se sentiu triste. Realmente desfrutava de seu trabalho e gostava das pessoas com as que trabalhava. Era uma pena que tudo tivesse que acabar por culpa de sua relação com Devon. Deveria ter sido fiel a sua norma. Não se atirar ao chefe. Especialmente se estiver louco.

Estacionou e saiu do carro.

—Aprendi a lição da maneira mais dolorosa.

Dirigiu-se ao escritório de Rosalie Dayton. Em uns minutos teria deixado o trabalho melhor pago que tinha tido em sua vida. Esteve considerando tentar ficar no Mystique e continuar como se não tivesse passado nada entre ela e Devon.

Mas isso não só resultaria incômodo, mas também seria impossível.

Naquele momento, o único que queria era se esquecer de todo aquele maldito assunto. A culpa não era só de Devon. Ela tinha se metido de cheio na armadilha. Com os olhos bem abertos. Ele era atraente, rico e, certamente, um amante excelente. Mas ela duvidava de que pudesse aguentar seu peculiar estilo de vida durante muito tempo. Cedo ou tarde, ele passaria da raia e alguém morreria. Um jogo como aquele era perigoso.

Durante alguns dias, Rachel esteve pensando em chamar à polícia. Mas não teve coragem suficiente. O que exatamente ia contar a eles? Do que podia acusar Devon? Ela era uma mulher adulta e ninguém a tinha obrigado a nada. Embora estivesse um pouco envergonhada, devia ser honesta e admitir que tinha desfrutado da experiência.

Inclusive tinha se sentido tentada pela proposição de se unir ao mundo de Devon.

Mas devia ser sensata e manter a prudência. E isso era justamente o que estava tentando fazer. Supunha que lhe seria muito mais simples se as lembranças e o desejo de voltar a estar com ele não lhe cravassem o coração como um enxame de besouros.

—Já era hora de que voltasse — disse Rosalie quando a viu aparecer pela porta—. Espero que esteja melhor.

Rachel sorriu com tristeza.

—Estou melhor, obrigada — mentiu—. Mas não vim trabalhar. —Deu a Rosalie a carta de demissão que tinha escrito.

A mulher ficou perplexa.

—O que é isto?

Rachel pigarreou.

—OH, é minha demissão. Sairei do Místico.

—Quando? —perguntou Rosalie, que tinha ficado pálida de repente.

Rachel tragou com força.

—Imediatamente.

Rosalie tirou os óculos e brincou com eles.

—Se importaria de me dizer por quê? —quis saber a mulher.

Rachel negou com a cabeça.

—Não posso. —Como podia explicar tranquilamente que não só se deitou com o chefe, mas também se deitou com sua camarilha¹⁵ de fãs e que todos e cada um deles tinham bebido sangue de seu corpo?

¹⁵ Pessoas que cercam um chefe de Estado, ou chefe de serviço, procurando influir indiretamente nas suas decisões.



Ao considerá-lo a plena luz do dia, a ideia de que os vampiros existissem (ou Kynn, como Devon os tinha chamado) era totalmente impossível de aceitar. Se não tivesse o corpo cheio de cicatrizes para demonstrar, nem ela acreditaria. Na realidade, não estava segura de acreditar de tudo. A teoria do joguinho fetichista era uma explicação que parecia muito mais plausível, especialmente em uma sociedade em que a extravagância estava à ordem do dia.

Entretanto...

Como podia explicar que não teve a lembrança de ter praticado sexo com Devon até que ele «permitiu» recordá-lo? E o que passava com a pequena cicatriz que tinha no pescoço? Ele tinha bebido de seu sangue na noite anterior. Ela nunca tinha tido uma cicatriz aí. Teria recordado. Normalmente, um não se cortava no pescoço e logo esquecia. Como tinha se curado tão rápido? Os cortes que lhe tinham feito os outros não tinham cicatrizado tão rápido. Se fosse tão longe para acreditar em suas palavras...

Não, não; nada disso. Não estava preparada para aceitar que entre os humanos viviam seres sobrenaturais, e muito menos que ela tinha algum tipo de sinal sagrado na coxa que a destinava a ser a mulher de Devon. Nas novelas fantásticas tinha capacidade esse tipo de criaturas, mas isto era a vida real. As coisas já eram o suficientemente complicadas para que também a acoisassem pessoas que fingiam ser vampiros.

«E se existirem, que o céu nos ajude. A humanidade não tem nenhuma possibilidade.»

Rosalie deu de ombros. A expressão que se desenhava em seu rosto dava a entender que não estava surpreendida.

—Bom, na realidade este não é meu lugar — Rachel disse finalmente.

—Devo admitir que é uma lástima que vá depois de tão poucos dias. Acredito que tem qualidades para o posto.

Rachel se apressou a explicar; se sentia bastante culpado por deixar Rosalie no toco. Devon se sentava em seu escritório e observava agradado, mas Rosalie Dayton era quem fazia o trabalho sujo.

—Não tem nada a ver com o trabalho. Tenho um problema pessoal. Desgraçadamente, acredito que afetaria a minha capacidade de trabalho.

Rosalie brincou com seus óculos.

—Vá, Rachel, sinto muito escutar isso. Mas não sou cega, sabe? Seja o que for que aconteceu entre você e Devon não é de minha incumbência, mas lamento que sua aventura tenha acabado custando seu trabalho. Se acreditar que deve ir, entendo.

Rachel se sentiu aliviada.

—Obrigado.

Rosalie arqueou uma sobrancelha e lhe lançou um significativo olhar.

—Eu não fui sempre velha, sabe? Sei perfeitamente que certas... atrações podem pôr toda sua vida de pernas para o ar e te fazer infeliz durante o processo. Deduzo por seu olhar que não é feliz. Não há motivo algum pelo que deva conservar este trabalho se for assim.

—Não sou feliz — disse Rachel com gratidão—. Sou mais infeliz do que acredita.

—Se surpreenderia das coisas que sei — comentou a mulher secamente.

Devon teria comentado algo com ela?

Ou Rosalie já sabia de seus outros passatempos?

—Não acredito que deva me dar pistas — disse Rachel lentamente—. Só quero voltar a começar.

Rosalie assentiu.



—Claro.

Rachel tinha uma última petição.

—Se pudesse me escrever uma carta de recomendação, seria estupendo. —Logo se apressou a dizer—: Embora não espero que o faça, tendo em conta que vou desta maneira.

Não acreditava que pudesse esperar que Devon lhe desse boas referências. «OH, vou porque me chupou o sangue. Poderia me escrever uma carta de recomendação?»

Ao pensar em perguntar morria de vontade de rir como uma louca.

Rachel se manteve séria e lutou contra as estranhas imagens que lhe vinham à cabeça. Como ia explica-la a seu novo chefe? Mostrando-lhe as cicatrizes? Sim, claro.

Rosalie assentiu.

—A escreverei encantada. Quer agora ou lhe envio isso por correio eletrónico?

—Me envie isso por correio eletrónico, por favor — respondeu Rachel—. Mande-me também meu último salário se não se importar. Não espero que seja muito dado que trabalhei tão pouco.

Rosalie fez alguns cálculos rápidos.

—Será... adequado.

Rachel não pôde evitar suspirar. «Adequado... Tenho que procurar outro trabalho. Logo.»

—Obrigado — disse—. Agradeço muito.

—Não há problema.

No dia seguinte chegou um grande envelope de carta.

Rachel o abriu e tirou a carta que havia dentro. Leu rapidamente o conteúdo da página. A pesar do pouco tempo que tinha trabalhado no clube, a carta de recomendação estava cheia de elogios.

«Bom, é um princípio. Agora já não tenho que escrever no princípio de meu currículo que sou uma fracassada ex-proprietária de uma livraria.»

Havia outro envelope dentro. Rachel o abriu: era seu necessitadíssimo salário.

Ao ver a cifra suas mãos começaram a tremer. Mal podia acreditar no que via.

Piscou. Tinha lido corretamente? Não podia ser tanto.

Pronunciou os números de novo e contou os zeros.

—Cento e cinquenta mil dólares. —Mais do que o dobro do salário anual. A nota que havia dentro estava escrita por Devon. Salário final mais bonificações.

Vá. Muitas bonificações.

Rachel se sentou com o talão na mão. Sabia perfeitamente o que era aquilo na realidade. Um suborno. Devon a estava subornando para que mantivesse a boca fechada, para que não explicasse o que tinha passado. Naquele momento lhe ocorreu que poderia ter contratado um advogado e o ter demandado por danos e prejuízos e qualquer outra coisa mais que o advogado tivesse querido acrescentar. Se tivesse feito bem, poderia ter sido um caso milionário.

Assinalou o talão.

—Isto o faz para te salvar o traseiro, senhor Carnavorn — meditou—. Pouco importa quem seja; se tiver debilidade pelo perverso, te toca pagar.

Cento e cinquenta mil dólares. Era suficiente dinheiro para que mantivesse a boca fechada?

Rachel olhou o talão outra vez. Se administrasse bem esse dinheiro poderia liquidar suas dívidas e viver comodamente durante um par de anos sem ter que se preocupar com trabalho.

Mmm. Suficiente.



Estupendo. Assim, além de uma mulher fácil, era barata.

Todo mundo tem um preço, especialmente quando se tinha o talão na mão. Tampouco ganharia a muito cara demanda de todos os modos.

Consolou a si mesma pensando que aquilo era melhor que nada. Pega o dinheiro e corre. Com semelhante almofada em sua conta bancária poderia tomar o tempo necessário para encontrar um trabalho que gostasse. Talvez inclusive pudesse voltar para a universidade. Não era uma má ideia.

Um novo começo.

Era justo o que necessitava.

Se sentia como se tivesse ganho a loteria. Estava muito aliviada agora que seus problemas financeiros estavam resolvidos. Olhou o relógio. Eram mais de três. Muito tarde para ingressar seus inesperados lucros. Não importava. O primeiro que faria na manhã seguinte seria cobrar esse talão e ingressar a metade em sua conta de economias e a outra metade na conta corrente. Não duvidava absolutamente de sua autenticidade.

Devon Carnavorn jamais lhe daria um cheque sem fundos.

Escondeu-o cuidadosamente sob a toalha da mesa da mesinha e acabou de revisar o correio do dia. Fatura é obvio. Alguns descontos para a pizzeria local. Mais correio lixo. Logo começou a ler o jornal do dia. Agora não tinha a necessidade de ir diretamente à seção de emprego. Na realidade, ia se permitir o luxo de começar pela capa.

Leu por cima os títulos. A prefeitura tinha emitido algum regulamento sobre os impostos. Aborrecido. Segunda história. Uma mulher baleada em um roubo. Normalmente, também teria passado aquela notícia por alto, mas um nome lhe chamou a atenção. Tratava-se da loja Shop-N-Sack da Quinta Avenida. De repente, as palavras pareceram saltar para ela como peças de um quebra-cabeças gigante.

Ginny Smithers, sessenta e dois anos, baleada em um roubo... O suspeito segue solto... A vítima se encontra em estado crítico no hospital Saint Peter.

Isso foi tudo que pôde ler. As lágrimas nublaram sua vista e começaram a escorregar por suas bochechas. Suas mãos esfriaram e acelerou a respiração.

O jornal escorregou de seus débeis dedos e as páginas caíram a seus pés.

—OH, Meu Deus! —Balbuciou através de seus intumescidos lábios—. Ginny não. OH, Deus, não!

Sem pensar nem um minuto mais, pegou a bolsa e as chaves. Nem sequer se preocupou em fechar a porta quando saiu à rua.

—OH, Deus! Sabia que era muito perigoso que uma mulher de sua idade trabalhasse em um lugar como esse.

Rachel conduziu até o hospital saltando vários semáforos em vermelho e deslizando pelo tráfego da tarde como uma louca. Demorou vinte minutos para chegar ao hospital e outros dez em encontrar um lugar para estacionar porque o estacionamento estava cheio até os batentes. Não pôde encontrar uma praça perto da porta e acabou deixando o carro em cima de um meio-fio.

Amaldiçoando, foi procurar o maldito tique.

Rachel correu até a entrada principal; o ruído de seus saltos ressoava contra o asfalto. Foi rapidamente até o guichê de informação e esmurrou o balcão com as mãos para chamar a atenção da mulher que estava sentada atrás do vidro.

—Onde está a UTI? Por favor, tenho que ir agora!



Ao ver seu olhar de pânico, a mulher respondeu:

—Pegue o elevador até o quarto andar e logo gire à esquerda.

Sem esperar mais instruções, Rachel correu para o elevador e afastou bruscamente às pessoas para poder pressionar o botão.

—Venha, depressa! —amaldiçoou em voz baixa, ignorando os curiosos olhares das pessoas.

Obviamente, muitos deles compreenderam sua situação e a deixaram entrar primeiro e escolher o andar ao que queria ir.

—Perdão — disse Rachel apertando o botão do quarto andar—. Tenho que chegar muito rápido.

«Quarto andar e à esquerda», se repetiu mentalmente.

Quando saiu do elevador, virtualmente atropelou ao pessoal enquanto tentava chegar à zona de enfermeiras.

—Ginny Smithers — disse às enfermeiras que havia ali—. Onde está?

Uma das enfermeiras a pegou pelo braço.

—Se acalme, por favor.

Rachel sacudiu o braço para que lhe tirasse a mão de cima.

—Vim ver Ginny Smithers. Por favor. Onde está?

Uma segunda enfermeira, em cuja placa identificativa se lia «Terry», consultou os arquivos.

—Sinto muito, mas só a família direta pode ver a senhora Smithers.

Rachel mentiu sem hesitar um momento.

—Sou sua sobrinha. —Conhecia Ginny o suficientemente para fingir ser família dela. Poderia responder a qualquer pergunta que lhe fizessem. Sabia quais eram os medicamentos que tomava para a pressão e o que comia para controlar seu diabetes—. Por favor, preciso vê-la. Onde está?

Satisfeita com sua resposta, o rosto de Terry se suavizou.

—Sinto muito, mas está muito grave.

—Posso vê-la?

Terry apertou brandamente os lábios e vacilou.

—Talvez não devesse. Não podemos ser muito otimistas.

Rachel suspirou com força.

—Não me importa. Por favor, quero estar com ela. Não posso deixá-la sozinha.

A primeira enfermeira assentiu.

—Adiante.

Rachel seguiu Terry até um quarto próximo. Sentiu o aroma de hospital. Antissépticos, lençóis sujos e, o pior de tudo, o intenso aroma de corpos doentes. A enfermidade. A morte.

Ginny estava no quarto número seis, atrás de uma grossa parede de vidro. As cortinas estavam abertas para que as enfermeiras pudessem controlá-la a cada segundo.

Rachel se aproximou do vidro e olhou o quarto.

Ginny estava deitada sobre uma cama de hospital e tinha a cabeça enfaixada. Usava uma camisola de hospital e tinha todo tipo de monitores conectados ao corpo, que agora parecia ainda menor e murcho. Rachel recordou vagamente o que leu no jornal: a tinham golpeado e logo tinham disparado na cabeça.



E tudo por quê? Pelos cinquenta dólares asquerosos que ficavam na caixa quando fechavam. Que tipo de pessoa era tão sádica para atacar a uma anciã? Seguro que Ginny não opôs resistência. Não era sua forma de ser. Teria deixado que eles levassem o dinheiro. Era substituível. Mas uma vida humana não.

Rachel tragou a amarga bÍlis que subia por sua garganta.

—Posso entrar?

Terry assentiu.

—Espere aqui. —Um minuto depois voltou com uma bata de hospital e uma máscara—. Coloque isto. —Ajudou Rachel a vestir tudo. Quando esteve vestida, a enfermeira abriu a porta do quarto.

—Pode ficar vinte minutos.

—Obrigado.

Quando esteve junto à cama, Rachel olhou a sua amiga.

—OH, Ginny — sussurrou—. Sinto muito. Deveria ter chegado antes.

Rachel, enxugando as lágrimas, pegou a pequena e fria mão de Ginny. Estava inconsciente e seguia viva só graças às máquinas que a ajudavam a respirar e mantinham o batimento de seu coração. Na habitação só se escutava o suave vaio das máquinas. Todos aqueles monitores e luzes vermelhas que rodeavam a cama pareciam abutres. Esperando. Contando os segundos que ficavam para que o pobre corpo de Ginny deixasse que seu fantasma e sua alma a abandonassem.

Rachel não precisava ser médica para saber que não havia esperança. Uma bala alojada na cabeça de uma pessoa não estava acostumada ir acompanhada de um diagnóstico esperançado. E embora Ginny sobrevivesse, o qual parecia muito improvável, ficaria inválida, viveria como um vegetal.

Apertou sua mão.

«Ela não queria viver como um vegetal. Eu tampouco queria viver assim. Eu desejaria que alguém tivesse a coragem suficiente para desligar essa máquina.»

Ali de pé junto a sua amiga, Rachel se encontrou cara a cara com o espectro com o que ainda não teve que enfrentar de perto em sua curta vida.

A morte.

A sua idade, a morte era algo que as pessoas só consideravam de uma maneira fugaz. No fim de contas, ela era jovem e estava sã. Coisas como acidentes de carro, quebrar uma perna, enfermidades, crimes... se supunha que passavam a outros, a desconhecidos.

Frente a frente com a foice da morte pela primeira vez, adotou uma atitude egoÍsta e ficou a analisar sua própria mortalidade.

O que é a vida?

De pé junto ao corpo inconsciente de Ginny, a hostilidade se apropriou de seu coração. O cinismo que havia em seu interior reapareceu e percorreu sua consciência como um touro zangado. Nasce e lhe tocam uns pais que não pode escolher. Logo o que? Passa toda a infância sendo ignorado e depois, quando cumpre os dezoito, lançam a um mundo asqueroso.

Se não tiver um montão de dinheiro, a necessidade de trabalhar vem indevidamente depois. Assim era para ela e para milhões de pessoas. Trabalho, trabalho e mais trabalho. Estavam obrigados a trabalhar um montão de horas ao dia para poder chegar ao fim de mês. Matrimônio? Amor? Realmente existiam? Normalmente, era algo que se estragava por culpa do inconstante coração humano. Sexo? A atração física diminuía à medida que seu jovem e firme corpo murchava.



A vida. Era tudo ou nada, um ataque sem fim. Física, mental, espiritual e emocionalmente, acaba te destruindo. E no final não ficava nada; tudo escapava como a areia entre os dedos. Pessoas desesperadas com suas pequenas e insignificantes vidas; todos terminarão em um buraco, em uma caixa de madeira que abriga um corpo que se converteria em comida para vermes.

Com esse pensamento amargo e deprimente, Rachel era incapaz de escapar do sombrio destino que algum dia lhe tocava viver.

Fé. Esperança. Acreditar que tudo sairia bem. Naquele momento seu coração não podia abrigar nenhum desses sentimentos, e tampouco podia ficar de joelhos e rezar a um Deus que não acreditava que existisse. Que tipo de deidade permitia que disparassem como a um cão a uma mulher que nunca tinha machucado a ninguém?

Rachel estirou o braço e acariciou o queixo de Ginny. Como tinha toda a cabeça enfaixada, era a única parte do rosto que lhe via.

—Desejaria poder fazer algo por você.

De repente soou um alarme e Rachel esqueceu seus pensamentos. Antes que fora capaz de entender o que tinha acontecido, uma inundação de enfermeiras e doutores a tiraram do quarto.

Rachel os viu trabalhar através do vidro. Esmurrou freneticamente o frio vidro pronunciando palavras incoerentes. Os médicos gritavam uns aos outros enquanto passavam as mãos por cima do pobre e frágil corpo de Ginny. Embora estivessem com ela durante vários minutos, deu a sensação de que só tinham passado uns poucos segundos. E logo tudo acabou. Nos monitores só se viam agora linhas retas e zeros.

Acabou-se.

Ginny tinha morrido.

Rachel se deu conta porque toda a atividade que havia no quarto se deteve de repente; os médicos negavam com a cabeça e franziam o cenho. Um minuto viva, no seguinte, morta. Não houve música, não soaram sinos e apitos, não se pronunciou nenhum comunicado... Só era uma alma que tinha abandonado sua carapaça física.

Ginny Smithers se foi em paz e tão discretamente como tinha chegado ao mundo...

Rachel deteve o primeiro médico que saiu do quarto.

—O que aconteceu?

Ele sacudiu a cabeça.

—Parada cardíaca — disse simplesmente—. Seu coração deixou de pulsar. Sinto muito. Não pudemos fazer nada. —Apertou o ombro de Rachel brandamente e se foi. Já havia feito seu trabalho. Não tinha por que ficar ali.

Ela ficou olhando fixamente a esteira branca que o médico deixou ao partir. Deixou cair os braços, abatida.

Uma das enfermeiras se aproximou dela rapidamente.

—Você é família da senhora Smithers?

Rachel assentiu paralisada.

A enfermeira lhe pôs um formulário entre as mãos.

—Assine aqui, por favor. Se ocupará dos últimos preparativos?

Ela assentiu de novo.

—Sim — murmurou—. Ocuparei-me de tudo.

Rachel assinou os papéis sem tão sequer ser consciente de que tinha a caneta entre as mãos.



Por Deus santo, não iam dar nem uns minutos para chorar sua morte? Necessitavam a cama com tanta urgência que se desfaziam do corpo antes que estivesse frio? Naquele momento dois zeladores passaram a toda pressa com uma maca e levaram o corpo de Ginny coberto por um lençol ao necrotério do hospital.

—Lamento sua perda. —A enfermeira lhe deu um tapinha no braço—. Na realidade, só a estávamos mantendo com vida. Estava cerebralmente morta quando chegou.

—Nunca teve uma oportunidade, não foi?

—Temo que não. Mas fizemos tudo o que pudemos para que estivesse cômoda.

—Estou segura de que fizeram tudo o que puderam — disse Rachel fracamente. Que narizes ia dizer? Quando se escrevia a última palavra na página da vida de uma pessoa, o final era o mesmo para todos: morriam.

Como e quando não importava. Ninguém se ia deste mundo com vida.

Capítulo 29

Três horas mais tarde, Rachel saía do hospital. Totalmente desfalecida foi em busca de seu carro. Como era de esperar, havia um papelzinho rosa no para-brisa: uma multa por ter estacionado onde não devia.

Enrugou o papel enquanto amaldiçoava em voz baixa. «Aí vão outros cento e cinquenta dólares.» Bom, pelo menos o reboque não o tinha levado.

Encerrou-se no interior do veículo e apoiou a cabeça no volante. Passou as duas últimas horas falando com o supervisor da casa de acolhida em que vivia Regina, a irmã de Ginny.

Regina não só não podia se encarregar de um funeral, mas também tampouco podia reclamar os pertences de Ginny. Concordaram que Rachel se encarregaria de recolher o apartamento de Ginny, que venderia o que pudesse e ficaria com o resto.

Rachel recordava vagamente que Ginny tinha mencionado que tinha um seguro de vida. Se fosse assim, suporia uma carga a menos para a única irmã que ficava com vida.

A menos que Ginny tivesse um testamento no que especificasse outras instruções, Rachel já tinha decidido que a incineraria e lhe daria um serviço religioso. Não só porque era mais barato, mas sim porque era muito mais simples. Ginny nunca tinha acreditado em longos e elaborados funerais.

—As flores são para os vivos — dizia frequentemente—. É uma estupidez cortá-las para pô-las em uma tumba. As pessoas deveriam dá-las de presente quando ainda está viva e pode desfrutar delas.

Rachel estava de acordo.

Suspirou e levantou a cabeça para olhar ao céu. Estava começando a anoitecer; a terra começava a se cobrir de um suave tom anil. A escuridão parecia tão tranquila, tão agradável...

Ninguém deveria envelhecer e morrer.

O coração de Rachel se tornou amargo, escuro e duro. Entretanto, vivemos nesta selva urbana infestada de crime, fealdade e ódio, onde há pessoas capazes de matar a uma anciã.

—Como odeio viver aqui! —murmurou—. Se houvesse alguma forma de escapar, faria sem pensar duas vezes.

Oxalá.



Rebuscou na bolsa até que encontrou as chaves e arrancou o carro. Enquanto se dirigia à saída do estacionamento, pensou em ir ao apartamento de Ginny e começar a pôr suas coisas em ordem.

Justo quando estava a ponto de pegar a saída que a teria levado a cidade mudou de ideia. Fez um giro não permitido em meio do tráfico e tomou uma direção diferente.

Sabia a quem tinha que ir ver.

E sabia perfeitamente por que.

Quando chegou ao Místico, Rachel inspirou com força. Estava realmente tão louca para levar em consideração o que Devon lhe tinha dito? Tão desesperada estava que acreditava que o que lhe tinha dito era real?

Se for assim, teria que aceitar que o que ele tinha dito era verdade: que os vampiros existiam. «Está feita para mim, para ser meu casal de sangue — Devon tinha dito apontando a estranha marca de sua coxa esquerda—. É a escolha do destino.»

«A escolha do destino é minha inocência perdida», pensou ela.

Emitiu uma risadinha tola.

—Por que estou pensando nisto? —perguntou a si mesma—. É uma estupidez.

Rachel estava pensando em tudo aquilo porque tinha medo. Tinha medo de que a morte chamasse a sua porta algum dia, medo de morrer sozinha e sem amor, de acabar como uma velha enrugada apodrecendo em alguma casa de acolhida ou, pior ainda, vítima da ira de algum maníaco.

«Eu posso te oferecer a eternidade — ele tinha dito—. O único que tem que fazer é aceitar e acreditar.»

Poderia fazê-lo?

Rachel enrugou a testa e recordou como Devon tinha olhado dentro de sua alma e tinha visto sua infelicidade. Seria porque ele também tinha sentido o mesmo em algum momento de sua vida? Teria se sentido alguma vez como um intruso, sempre muito afastado dos outros para sentir que formava parte de algo? A solidão e a sensação de não ter pertencido nunca a nenhum lugar fizeram que sentisse um nó na garganta; era uma dor tão profunda que ameaçava romper seu frágil coração em mil pedaços.

«Ele tem razão — pensou—. Nunca tomei parte deste mundo, nunca fui como os outros.»

Pela primeira vez se deu conta de que amava a alguém. A Devon. Desde o primeiro momento em que o viu soube que havia algo diferente nele, algo que a atraía de um modo que jamais tinha sentido com nenhum outro homem. E, igual a ela, ele estava na periferia da raça humana, porque tampouco era como eles.

Rachel saiu do carro e correu até a entrada do clube. Abriu caminho entre as pessoas para poder entrar. A noite de quarta-feira não era a mais ocupada da semana e, entretanto, havia um bom número de pessoas.

Passou pela barra principal e cortou caminho pela pista de dança. Quando viu uma das garçonetes se dirigir para ela, a saudou com a mão.

—Onde está Devon? —perguntou sem fôlego.

Tammy deu de ombros.

—Não o vi. —Quando percebeu a cara de preocupação de Rachel, perguntou rapidamente— Acontece algo?

Rachel suspirou com força, as palavras virtualmente escapavam de entre seus lábios.

—Sabe se passou por aqui hoje?



Tammy negou com a cabeça.

—Como já disse, não o vi, mas pode perguntar a Rosalie.

Rachel negou com a cabeça.

—Não. É particular. Tenho que falar com ele de algo importante.

—Foi a sua casa?

—Não, mas o farei. Obrigado.

Rachel suspirou, deu um tapinha no ombro da garota e se foi.

Parecia que a eternidade estava lhe escapando de entre os dedos.

Capítulo 30

Exausta, estacionou o carro no solitário caminho sem saída no que ela e Devon fizeram amor pela primeira vez.

Quando saiu do clube, esteve conduzindo durante horas se perguntando se devia ou não ir buscá-lo em sua casa. No final decidiu não fazê-lo. Tinha os olhos imprecisos e avermelhados do muito que tinha chorado aquele dia. Não se sentia com forças para ir para casa e tampouco para ir ao apartamento de Ginny.

De algum modo, voltar para aquele parque parecia ser a melhor opção.

Apagou as luzes e o motor e saiu do carro. A seu redor o ar era fresco e acolhedor. Uma ligeira brisa balançava as árvores, acariciava brandamente suas bochechas e movia sua roupa. Ouviam-se os grilos e os pássaros noturnos entoavam seus misteriosos cânticos.

Jogou a cabeça para trás e se sentiu sobressaltada pela vastidão do céu, parecia infinito. «Se pudesse voar, quanto tempo necessitaria para chegar ao final do universo?», se perguntou.

Cruzou os braços.

—Também eu gostaria de ser livre.

Rachel estremeceu.

Sentiu como umas mãos posavam brandamente sobre seus ombros e a atraíam para um corpo duro. Uma conhecida voz lhe sussurrou ao ouvido:

—Eu te posso dar essa liberdade.

—Devon? —Rachel não tinha ouvido nenhum carro, não tinha ouvido passos se aproximando por trás e, entretanto, sentia a solidez de seu corpo atrás dela. Sentia-se tão bem, era uma sensação tão familiar... Não queria que seu abraço terminasse. Jamais—. Como me encontrou?

Ele acariciou sua nuca e riu brandamente.

—Eu disse que a encontraria, amor. Só estava esperando que me chamasse.

Ela tremia; estava convencida de que se não fosse porque Devon a estava rodeando com seus fortes braços cairia ao chão.

—Sabia que o estava procurando?

—Sim. —Seu acento soava suave e sexy—. Sentia que me necessitava com cada uma das fibras de meu ser, percebia sua busca... Está a ponto de encontrá-la Rachel, de conseguir o que sempre te escapou. Eu te posso dar isso e muito mais. O único que tem que fazer é acreditar.

Ela se soltou de entre seus braços e deu a volta para olhá-lo à cara. Seu rosto era sombrio, sério.



—Eu quero acreditar... —Rachel sentia que o nó que tinha se feito em sua garganta a estava afogando—. Quero escapar deste horrível e espantoso lugar.

Devon sorriu e lhe apartou as escuras mechas de cabelo que caíam sobre seus olhos.

—Não queria viver sem você, Rachel. —Segurou suas mãos entre as dele—. Você é minha alma, minha outra metade. Se cruzar, não se arrependerá. Não voltaremos a nos separar nunca mais.

Capítulo 31

O quarto particular de Devon estava coberto de mármore e ônix em tons brancos e negros. Era um refúgio envolvido em sombras; a única luz que havia era a do fogo que ardia na chaminé. Era um lugar muito acolhedor, onde só tinham capacidade aqueles que caminhavam na noite. Estava protegido do exterior por grossas cortinas que não deixavam passar a luz e silenciavam os sons do exterior. Uma grossa neblina de incenso enchia o ar; era uma mescla de sândalo e almíscar especialmente desenhada para relaxar e aumentar as sensações eróticas.

Rachel tremeu. Estudou com o olhar até o último canto, atraída pela luz da multidão de velas e do fogo que ardia na chaminé.

—É muito bonito — sussurrou—. Mas horripilante.

Devon a pegou entre seus braços e ela deixou de tremer.

—A assusta?

Rachel assentiu e afundou a cabeça em seu peito.

—Sim.

Ele beijou sua cabeça.

—Não tem nada a temer.

—Como sei que isso é certo?

Devon sorriu. Seu coração se acelerou.

—Deve ter fé. Acreditar em mim. —O alagou uma onda de calidez. Não podia acreditar que tivesse chegado o momento no que por fim Rachel se converteria em algo mais que em sua amante. Seria seu casal, sua alma gêmea.

Ela tragou com força e se separou dele. Cruzou o quarto em direção à janela, afastou as cortinas e observou a escuridão do exterior.

—Nunca mais voltarei a poder me expor à luz do sol, não é? —Sua voz soava curiosamente distante. Todos os músculos de seu corpo estavam em tensão. Mal se mantinha em pé.

Ele se dirigiu para ela e pôs as mãos sobre seus ombros. Rachel tremeu. Devon esperava poder aliviar aquele tremor.

—Não. Embora possamos nos deslocar de um lugar a outro durante o dia, a exposição direta ao sol pode ser mortal para nossa espécie.

Ela suspirou e deixou cair a cortina.

—Suponho que não sentirei muita falta. Tampouco nunca fui uma amante incondicional do sol.

Devon suspirou. Devia ser honesto com ela.



—Temos nossas debilidades — explicou—. Mas também temos muitos pontos fortes. Enquanto os humanos envelhecem e morrem a seu redor, você viverá sem se alterar e sua juventude permanecerá intacta. E não voltará a ser um espírito vulgar nunca mais. Podemos dominar os elementos e utilizar o vento para nos deslocar por todo o planeta. Descendemos de quem, faz muito tempo, viajavam livremente pelos céus.

As lágrimas apareceram nos olhos azuis de Rachel. Mal podia acreditar. Ainda não.

—Parece incrível.

Devon abriu mais as mãos. Sua cabeça começou a palpitar. Estava se enjoando e lhe doía o estômago. Se Rachel mudasse de ideia, não a pressionaria. Tinha que tomar a decisão por si mesma. Não queria que se arrependesse mais tarde.

—Não posso te obrigar a acreditar. Deve aceitar só através da fé.

Ela o olhou fixamente aos olhos; não acreditava muito na fé.

—Você acredita?

—Eu estava preparado para aceitá-lo quando Ariel entrou em minha vida. Para mim o mundo se transformou em um lugar pesado e aborrecido, e o céu não me oferecia garantias.

—Ariel. —Rachel se afastou, mas mal tinha dado alguns passos quando se voltou para olhá-lo de novo aos olhos—. Sua senhora. Já me falou dela.

—Sim.

Rachel sentia curiosidade.

—E realmente aconteceu faz tanto tempo?

—Sim. Não minto quando te digo que tenho quase cento e cinquenta anos.

—Onde ela está agora?

Devon ficou tenso. A ira se apoderou dele.

—Está morta. — antes que Rachel pudesse formular outra pergunta explicou-lhe o resto da história—. Aprenderá que há algumas pessoas que conhecem nossa existência e que não aceitam nosso direito de viver na Terra. Sua sagrada missão é nos destruir. Eles arrebataram Ariel. Foi destruída por esses assassinos como um animal raivoso. Não estivemos juntos durante muito tempo...

Fez-se o silêncio.

Ariel tinha morrido fazia muito tempo, mas a ferida que deixou em seu coração lhe doía como se só tivesse passado um dia. Tinha acreditado que nada poderia aliviar aquela dor. Mas agora tinha a esperança de que isso não fosse assim.

Agora a mulher que tinha estado procurando tão obcecadamente durante tantos anos estava de pé em frente a ele. Em carne, ossos e sangue.

E estava desejando ser dele.

—Sinto muito. Não deveria ter perguntado. —Rachel tremeu e cruzou os braços—. Se não tivesse me encontrado esta noite, não sei o que teria sido capaz de fazer. Não posso suportar mais. Já tive mais que suficiente desta existência. —Começou a soluçar.

Devon acariciou sua bochecha.

—Sua antiga vida está a ponto de acabar. Começará uma nova.

Ela o olhou através das lágrimas.

—Me promete isso?

Devon olhou fixamente seus olhos azuis. Sua íris estava fragmentada por raias prateadas que recordavam ao oceano iluminado pela luz da lua; cada vez que a olhava se perdia em suas



profundidades. Sentiu a dor que tinha no interior de Rachel, sabia que chorava por um mundo que não podia entender porque, na realidade, não tomava parte dele.

—Prometo.

Para tranquilizá-la, jogou sua cabeça para trás e lhe deu um suave e doce beijo. Ela emitiu um sufocado ofego de surpresa e prazer quando ele deslizou os lábios por seu pescoço e lhe lambeu a pequena cicatriz que tinha no pescoço. Devon percebeu os frenéticos batimentos do coração de Rachel e sua respiração discordante. Embora sentisse desejo, ela tinha medo dele e da decisão que tinha tomado.

Devon desabotoou sua blusa e deslizou as mãos por debaixo para acariciar seus peitos.

Rachel pressionou seu corpo contra as mãos de Devon se oferecendo em sacrifício. Ele quase se derreteu quando ela o olhou; a paixão que via em seu rosto provocou-lhe uma conhecida sensação de calor na virilha.

«Ainda não», recordou a si mesmo. Primeiro devia fazê-la cruzar e logo possuí-la. Tinha que centrar suas energias na conversão de Rachel.

Se se desconcentrava, podia perdê-la.

Tirou sua blusa, baixou o zíper da saia e a ajudou a tira-la. Logo seguiu fazendo o mesmo com o resto da roupa até que ficou totalmente nua e vulnerável diante dele.

Percorreu seu corpo com o olhar.

—É tão formosa...

Ela tocou uma das cicatrizes que tinha no ventre e se ruborizou.

—Inclusive com todos estes sinais no corpo?

Ele a agarrou pelos quadris.

—É mais formosa por tê-las suportado tão bem.

Devon a pegou nos braços levou-a até a cama e a deixou brandamente no centro do colchão. Quando ela esteve confortável, ele pegou uma suave correia de pele que estava atada a um dos postes da cabeceira. Atou-lhe o pulso esquerdo com ela e apertou a fivela com força.

Rachel olhou a correia.

—O que está fazendo? —perguntou nervosa. Não tentou resistir enquanto ele atava seu pulso direito. A rigidez na mandíbula de Rachel e o modo em que apertava os lábios denotavam preocupação.

Devon deitou junto a ela se apoiando sobre o cotovelo e acariciou sua bochecha. Ela tremeu ligeiramente.

—Isto é para que não te faça mal quando cruzar.

Rachel emitiu um doloroso suspiro.

—O que é que vai acontecer?

Por seu tom de voz ele sabia que estava assustada, mas que tratava de controlar seu medo.

Devon teve que mentir.

—Será muito prazeroso para você.

Rachel relaxou um pouco. Esboçou um triste sorriso.

—Isso não soa do todo mal. Posso suportar o prazer.

Ele dirigiu sua mão para a suave curva de seu peito e lhe acariciou o mamilo até que se endureceu.

—Primeiro tenho que te levar até o orgasmo. Quando suas energias alcancem o ponto mais alto, beberei de você e introduzirei suas essências no interior de meu corpo.



Rachel tragou com força.

—E logo eu beberei de você?

Devon, lutando por manter um tom de voz acalmado, inspirou com força. Tinha passado muito tempo desde a última vez que introduziu a um membro no coletivo. Alguns Kynn não conseguiam realizar o processo corretamente. Se cometesse um só engano, a alma se desvaneceria como fumaça.

—Sim. Quando tiver tomado meu fôlego e meu sangue, sua conversão será completa.

Rachel se permitiu esboçar um pequeno sorriso.

—Isso não soa tão terrível.

Devon quase teve que morder a língua para não ficar a gritar que a estava enganando e que, embora valesse a pena, a conversão seria dolorosa. Não se atreveu a lhe dizer que tinha que tirar sua vida, matá-la para poder ressuscitá-la.

—Acredita que o que disse é certo?

Ela piscou excitada e assustada; estava intrigada, mas também tinha muitas dúvidas sobre o que estava por vir.

—Sim.

—Bom.

Para relaxá-la, acariciou seu peito.

Rachel ofegou.

—Sempre me toca justo onde deve.

—O prazer é todo meu.

Devon posou os lábios sobre um de seus mamilos. Chupando, lambendo, provocando, agarrou o mamilo entre seus dentes e logo o sugou com os lábios.

Rachel emitiu um gemido.

—Como eu gosto...

Ele mordiscou o pescoço e logo se dirigiu para o lóbulo de sua orelha.

—Para isso o faço. —Passou a língua por trás da orelha iniciando um delicioso jogo erótico.

Rachel gemeu e arqueou o quadril.

—Me toque, por favor. —O brilho de antecipação em seus olhos era inconfundível.

—Paciência.

Devon beijou e mordiscou seu abdômen. Rachel inspirou com força. Ele descendeu, sentindo como tremia. Beijou brandamente seu ventre e, pouco a pouco, foi baixando até as suaves curvas que cobriam seu úmido sexo.

Rachel gemeu e separou as pernas. Tentou pressionar seu corpo contra o de Devon, mas as correias a tinham firmemente segura à cama.

Como recompensa, lhe beijou o interior das coxas. Rachel estremeceu. Quando ele deslizou os dedos por entre suas pernas abertas, sua respiração acelerou. Seu clitóris tremeu sob as pontas de seus dedos.

—Você gosta?

—OH, sim!

Devon introduziu um dedo entre as suaves pétalas de sua vagina. Mais calidez úmida. Abriu seu sexo utilizando o polegar e o indicador. Pôs a boca sobre seus clitóris.

Ela abriu os olhos de repente.

—OH, Deus!



Enquanto o prazer deslizava deliciosamente por seu corpo, Rachel se retorcia e abria e fechava as mãos apanhadas pelas correias. Como não podia se soltar, emitia gemidos e se retorcia tentando pressionar seus quadris contra o rosto de Devon. Ele a lambeu com mais intensidade e conseguiu que o pequeno botão se inchasse e palpitasse ofegante.

Rachel levantou os quadris da cama tratando de encontrar sua boca. Chegou aos limites de seu autocontrole. Seu corpo ficou rígido quando o orgasmo a percorreu e seus seios nus se elevavam cada vez que ofegava tentando respirar.

—Te quero dentro de mim. Por favor... —suplicou-lhe.

Devon lambeu os lábios e se afastou.

—Ainda não.

Ficou de joelhos. Um de seus joelhos pressionava o sexo de Rachel lhe proporcionando uma superfície firme sobre a que poder se esfregar. Seus fluidos deixaram uma mancha úmida nas calças de Devon; a essência dos almiscarados fluidos de Rachel se misturava com o aroma do incenso.

Devon colocou a mão sob o travesseiro e tirou a lâmina.

Ela abriu os olhos desmesuradamente quando a viu e emitiu um ligeiro assobio.

Devon a agarrou pelo pescoço e empurrou seu queixo para cima.

—Sinto muito.

Rachel não teve tempo de chiar.

Com um rápido movimento, Devon lhe fez um corte no pescoço. O cálido sangue deslizou pela pálida pele de Rachel. Ele pressionou seus lábios sobre o corte e bebeu.

A vida carmesim vermelha encheu sua boca de calor.

Quando teve bebido o sangue suficiente, levantou a cabeça. O sangue de Rachel lhe tingia a boca.

Não havia tempo para vacilar.

Posou sua boca sobre a de Rachel e deixou que ela provasse seu próprio sangue mesclado com seus fluidos femininos.

Rachel aceitou o beijo com gula; chupou sua língua e tentou beber até a última gota.

O céu só estava a um passo.

O inferno tinha um preço.

Devon se separou. Voltou a agarrar a lâmina e fez um corte na palma da mão.

—Agora deve cruzar.

Com o braço tremulo, Devon colocou a mão sobre a boca de Rachel e seu sangue gotejou sobre seus lábios.

Ela bebeu.

Devon fechou a mão e cortou o fluxo de sangue. Quando voltou a abri-la, não havia nenhuma cicatriz nela.

Rachel mal tinha tragado, mas seu corpo se convulsionou e seu pescoço se pôs rígido.

—OH, Meu Deus! —Sentiu medo e também se sentiu traída; tinha os braços doloridos por ter tentado se liberar das ataduras. Tinha estirado muito das correias e tinha gotas de suor na pele.

Devon se sentia mal. Não havia nada que pudesse fazer enquanto ela morria. Olhou-a com atenção; conhecia muito bem sua agonia. Ele também a experimentou uma vez.

Um grito brotou dos lábios de Rachel, longo e forte, o pranto agônico de uma alma maldita.



—O que está me acontecendo! Tenho frio... OH, Deus, muito frio... Está me comendo por dentro!

Devon acariciou sua testa tentando acalmá-la.

—Sinto muito. —Ao lhe dar de beber seu sangue, o que tinha feito foi introduzir um vírus mortal em seu organismo. Era como um ácido que percorreria as veias de Rachel; seu sangue a comeria por dentro, mataria suas células e as substituiria por uma mutação alienígena, desumana.

Os minutos passaram com agônica lentidão.

Devon viu como sua carne empalidecia como seu peito caía enquanto seu coração deixava de pulsar. Aquela era a parte mais dura da conversão: a asfixia do próprio corpo matando a si mesmo. Ao ser privada de ar, a química do sangue mudava temporalmente. Quando o cérebro era privado de oxigênio, a vítima experimentava uma sensação de euforia e enjoo e se desinibia.

Rachel se retorceu só uns poucos minutos mais. Logo ficou imóvel, morta. Sua última expressão foi de confusão, como se tivesse ficado perplexa diante do engano de Devon.

Ele suspirou.

—Sempre odiei esta parte.

Capítulo 32

Devon desatou seus pulsos, agarrou seu débil corpo em seus braços e a sentou como pôde. Limpou a umidade da sua testa e pôs sua boca sobre a de Rachel para compartilhar seu fôlego, para obrigá-la a voltar a respirar.

Como Rachel não respondeu imediatamente, ele temeu que não tivesse cruzado intacta.

Devon lhe deu uma pequena bofetada na bochecha para conseguir penetrar em seu estupor.

—Venha maldita seja. Não se vá.

As pestanas de Rachel se moveram. Seu corpo começou a responder e tomava baforada atrás baforada de precioso ar. Emitiu um pequeno gemido. Seus lábios começaram a se mover e lhe escapou um sussurro:

—Devon?

Ele se sentiu aliviado.

—Cruzou amor. Já está. —desabotoou a camisa. Quando seu peito ficou a descoberto, se fez um corte justo por cima do mamilo direito e guiou os lábios de Rachel até ele. Sentiu como ela ficava tensa e tentava se soltar, mas estava muito fraca para resistir.

—Não... Dói muito.

Devon pressionou de novo os lábios de Rachel sobre o corte e a obrigou a beber.

—Agora não doerá. Precisa recuperar as forças.

Rachel vacilou, mas logo se deixou levar pela necessidade e lambeu seu sangue. Ele sentia como a língua suave e cálida de Rachel deslizava sobre sua pele.

Enquanto ela bebia, lhe acariciou a nuca e fechou os olhos se deixando levar por uma suprema sensação de paz.

Quando Rachel se separou dele, sua pele havia tornado a adquirir seu belo tom rosáceo. Seus olhos brilhavam e via o mundo a seu redor com nova claridade.

Devon segurou seu rosto com as mãos e lhe perguntou:



—Como se encontra?

Sem dizer uma palavra, ela tocou os lábios com os dedos. Quando afastou a mão, observou o sangue que manchava as pontas de seus dedos. Logo dirigiu a mão para o corte que ele tinha feito na pele. O sangue estava deixando de brotar e o corte estava se curando. O olhar de Rachel descendeu. Um pequeno grito de surpresa escapou de seus lábios e um ligeiro sorriso curvou seus lábios.

—Tem uma marca como a minha — murmurou.

—Sim. Tenho desde o dia em que nasci.

Rachel a acariciou enquanto a examinava.

—É igual à minha, mas ligeiramente diferente.

Devon levantou a mão e lhe mostrou o anel de selo que usava.

—Ao unir sua marca com a minha aparece este sinal. É um símbolo de equilíbrio, de conclusão.

O assombro coloriu os traços de Rachel.

—Por que não tinha me explicado isto antes?

—Não queria que se sentisse manipulada — disse Devon brandamente—. Mas talvez, se tivesse dito isso antes, teria entendido melhor. Nem todos os Kynn tem a marca, só aqueles escolhidos para um propósito especial.

—Como? —Começou a dizer Rachel—. Que propósito?

Devon negou com a cabeça.

—Como pode um questionar as estrelas do céu ou o nascimento do sol que nos dá de presente um novo dia? Alguns diriam que é a própria mão de Deus, mas não posso lhe assegurar isso. Eu só sei que às vezes encontramos a nosso verdadeiro casal de sangue.

Um ligeiro rubor subiu pelas bochechas de Rachel avermelhando e esquentando sua pele.

—Eu sou isso para você?

—Sim, amor. E muito mais.

Devon se levantou da cama e se despiu. Sua roupa se reuniu com a de Rachel no chão.

Rachel o recebeu com os braços abertos e se aconchegou contra seu peito.

—Bem-vinda de novo.

Devon deslizou a mão pelas curvas de seus seios e finalmente a posou em seu ventre. Seu membro tinha vida própria; se endurecia e desejava ser rodeada pelos deliciosos lábios de Rachel.

Ele sorriu e tocou sua face. Seus olhos brilhavam dilatados pela excitação. A nervosa energia de seu último encontro tinha desaparecido e compartilhavam uma agradável sensação de confiança. Agora que já estavam unidos já podiam fazer amor sem necessidade de que alguém tivesse que debilitar ao outro.

Muito em breve a teria que compartilhar com outros e lhe mostrar como sustentar sua nova vida introduzindo em seu corpo as energias dos mortais.

Não lhe cabia nenhuma dúvida de que seria uma aluna avantajada.

Mas no momento Rachel era dele. Só dele.

Deslizou as mãos por seu flexível corpo nu. Seus mamilos se sobressaíam. Pousou seus lábios sobre o mais próximo.

Rachel se retorceu de prazer.

—Sempre você tem que começar.

Devon lambeu o tenro mamilo com a língua e deslizou a mão para o meio das pernas de Rachel.



—Acaso o direito de um marido não consiste em poder desfrutar do corpo de sua mulher da maneira que queira?

Ela abriu muito os olhos. Incrédula, ficou olhando fixamente.

—Marido?

Devon riu encantado.

—Qual é o problema? Não sou o suficientemente bom para você?

Ela fechou os olhos um segundo. Engoliu com força e lutou contra as muitíssimas emoções que se amontoavam em seu interior. Muitas coisas muito cedo.

—Isto é incrível.

Devon estendeu o braço e lhe acariciou brandamente o queixo e a curva do pescoço.

—Tendo em conta que acaba de entrar em um nível de existência novo, acredito que uma proposta de matrimônio é a parte mais simples de compreender. Quero me casar com você. —Fez uma pausa—. Obviamente, se você me aceitar. —A olhou e esperou.

Esperançado.

Os olhos azuis de Rachel brilhavam com intensidade. Deu-lhe de presente um sorriso; estava tão contente...

—OH, sim! Me casarei com você!

Ele a aproximou para sua ereção. Seu membro palpitava e cada vez estava mais duro.

—Espero que não se importe que celebremos primeiro a lua de mel. Não acredito que possa aguentar nem um minuto mais.

—E o que esperamos então? —disse ela sorrindo.

Claro.

Cegado pela paixão, Devon a beijou. Sua boca rodeou a de Rachel e se deleitou em seu sabor. Ela colocava e tirava a língua de sua boca lhe provocando um agradável formigamento que percorria seu corpo. Deram-se um banquete um nos lábios do outro. O desejo que sentiam aumentou devido a aquele longo e profundo beijo.

Devon a segurou pelo cabelo e lutou por controlar o violento impulso que sentia de penetrá-la de uma só e profunda investida. Introduziu brandamente sua ereção dentro de Rachel, se deleitando no modo em que seu estreito sexo lhe permitia a entrada.

Ela se arqueou debaixo dele.

—Merda, que comprido é! —Seu sorriso se acentuou—. Posso sentir cada um de seus centímetros.

—É tão formosa... —Uma lasciva ferocidade fez tremer sua voz—. A desejei desde o primeiro momento em que a vi. —Empurrou os quadris com mais força.

Rachel arranhou suas costas e seu traseiro com suas largas unhas. Justo como ele imaginava que aconteceria.

—Sou sua para sempre.

Devon sacudiu o quadril.

—Acredita que poderá me aguentar durante um século ou dois?

Ela abriu muito os olhos.

—De verdade viverei tanto que verei passar séculos?

Ele baixou a cabeça até que seus lábios estiveram a só uns centímetros dos de Rachel, cujo olhar destilava emoção.

—Isso e muito mais.



No rosto de Rachel se desenharam centenas de expressões simultâneas. Tinha os olhos nublados pelo prazer e lhe sorriu.

—Sempre que estivermos juntos. —Seus músculos interiores se contraíram e absorveram o membro ereto de Devon.

Suas coxas tremiam e sacudiu o quadril.

—Juntos para sempre. —Um calafrio percorreu suas costas e aumentou o ritmo.

Rachel respondeu a suas sacudidas com um movimento instintivo. Sua cabeça voltou a descansar sobre o travesseiro. Seus lábios colidiram com os de Devon, enquanto aceitava cada um dos centímetros que ele podia lhe oferecer e pedia mais. Suas unhas desenharam vermelhas marcas sobre a pele de seu amante.

Devon sorriu entre dentes, pegou as mãos de Rachel e as passou por cima da cabeça.

—Já sabia que minha gatinha tinha unhas. —Tratando de lhe dar tudo o que tinha a agarrou pelos pulsos com força.

Ela, com as bochechas avermelhadas, se retorceu sob seu peso.

Devon, sem compaixão, empurrou com mais força se introduzindo nela tão profundamente como lhe era possível. Seu quadril roçava o de Rachel; o suor provocado pelo desejo se pegava em sua pele. A tensão em seu interior aumentou. Seus testículos se contraíram e soube que não poderia aguentar muito mais.

Sem prévio aviso, um giro dimensional pareceu tomar o controle. Uma sensação de união e compromisso os fundiu. Suas mentes se uniram em um nível de existência intangível; viajaram mais à frente do plano físico e entraram no astral. Os trouxe um céu infinito, um vasto espaço. Longe, na distância, uma grande bola brilhante irradiava energia.

O núcleo da criação.

Uma dolorosa sensação de reconhecimento percorreu os sentidos de Devon. Ele não tinha medo.

Fechou os olhos, mas podia ver Rachel através das brilhantes cores que envolviam seu corpo. Sua imagem era suave e transparente e brilhava com força. A energia que a rodeava parecia flutuar, palpitar e vibrar, e penetrava os sentidos de Devon do mesmo modo que a suave brisa do verão acaricia a pele.

O brilho do núcleo invadiu seus sentidos.

Intensos. Alerta.

A excitação de ambos cresceu e se expandiu. A energia que os rodeava ardeu.

Seus corpos se separaram e logo voltaram a se unir se fundindo em uma só unidade. Se tocando. Demandando. Respondendo. A cama tremeu sob seus corpos. Logo uma faísca vermelha cobriu o brilhante núcleo de um forro dourado.

Rachel ficou tensa de repente. Estremecida pelo clímax, deixou escapar um grito de puro prazer primitivo. A energia corria por suas veias e provocou uma onda de calor que se deslocou por seu corpo como se se tratasse de fogo puro. Naquele mesmo segundo Devon experimentou, através de Rachel, uma explosão de consciência adquirida quando a alma entrou no coletivo Kynn. O aumento da consciência de reino imaterial era entristecedor e estremecedor ao mesmo tempo.

Devon, entrando e saindo do corpo de Rachel uma vez mais, se abandonou a sua própria necessidade. O orgasmo o deslumbrou: uma explosão de luz e cor. Seu membro deixou sair um jorro de energia líquida. Totalmente receptivo, o útero de Rachel se converteu em seu templo, e sua carne na rica terra que nutriria sua semente.



Quando tudo acabou, ficaram juntos. Só respiravam. Só existiam. Devon tinha mudado de postura e estavam um ao lado do outro com os braços entrelaçados.

Ele saboreou cada curva, cada feminino ângulo de seu corpo, desde seus generosos seios até suas longas e torneadas pernas. O vazio que tinha no coração por fim tinha desaparecido. Voltou a se excitar.

Não podia deixar de tocá-la. Deslizou os dedos por suas bochechas e percorreu seus lábios.

—Como está?

Rachel se removeu sob sua carícia.

—Não estou muito segura. —Um nó se fez na garganta. Um pequeno calafrio percorreu seu corpo antes que uma lágrima escapasse e rodasse por sua bochecha. Um estranho olhar lhe nublou os olhos. Voltou rapidamente a cabeça tentando esconder o rosto.

Devon, preocupado, tirou seu cabelo do rosto, tratando de desenredar-lhe brandamente. A conversão sempre era dura. Às vezes a fusão em corpo, alma e espírito era complicada. Tudo tinha mudado em sua vida. Era normal causar sentir pena pela mortalidade perdida.

—Está bem, amor?

Brandamente respondeu. As lágrimas alagavam seus olhos azuis.

—Não posso acreditar que isto esteja acontecendo. —mordeu o lábio inferior—. Não parece real. Você não parece real. Tenho a sensação de que vou despertar e tudo terá desaparecido.

O coração de Devon se encolheu e a pegou pela bochecha.

—Isto não acabará jamais. Quando um Kynn toma a um casal, é para sempre.

Deu-lhe de presente um tímido sorriso e Devon sentiu o desejo de se entregar a seus deliciosos lábios.

—Para sempre — disse Rachel—. E um dia. Isso é quanto quero que dure. Para sempre e um dia.

Devon agachou a cabeça e passou os lábios por seu pescoço. Seus sentidos estavam a ponto de estalar e seu coração também.

—E assim é como será, amor.

Rachel deslizou a mão e acariciou o ventre; suave. Um tímido sorriso lhe curvou os lábios como se fosse uma menina com um desejo secreto.

—Quando você chegou ao clímax, eu senti que algo ocorria em meu interior, algo que não nunca tinha sentido.

Ele sorriu e arqueou uma sobrancelha.

—Um orgasmo, espero.

Ela suspirou como juntando forças.

—Não, depois disso, senti algo mais. Como uma nova energia, uma nova vida que entrava em meu interior.

—Em essência, assim foi.

Rachel negou com a cabeça; seus olhos azuis o olhavam muito sérios.

—Não, Devon. Foi algo mais, outra coisa. Algo que só pode sentir uma mulher. — se ruborizou um pouco mais—. Dizem que uma mulher sabe quando acontece.

As palavras de Rachel seduziam. A curiosidade se apoderou de Devon.

—Quando acontece?

Rachel, com o olhar cravado nele, assentiu.



—O momento em que concebe — disse muito séria.

Devon negou com a cabeça.

—Os Kynn não podem se reproduzir. —Mas a incredulidade desapareceu quando viu o brilho nos olhos de Rachel. Estava radiante pela possibilidade. As esperanças e os sonhos de uma mulher.

Rachel percorreu a marca que Devon tinha no peito com os dedos e logo tocou a que ela tinha na coxa.

—Você mesmo o disse. Nós dois temos uma marca que completa ao outro.

Devon não sabia o que dizer. Tudo parecia estar encaixando com assombrosa precisão. Como se o destino o tivesse escolhido. Inspirou com força e disse lentamente:

—Nossa espécie está à beira da extinção. A habilidade para se reproduzir brindaria uma nova prosperidade aos Kynn como raça.

A voz de Rachel era rouca e baixa.

—Não posso explicar o que aconteceu, só posso te dizer que foi incrível. —O olhou e sorriu—. Mas eu sei o que eu senti. Eletricidade, como se tivesse me agarrado a um cabo de alta voltagem. Uma explosão percorreu meu útero.

Devon não duvidava do que ela dizia. Em questão de segundos notou um grande nó na garganta provocado pelo amor que sentia por aquela mulher. Tudo parecia ser tão perfeito entre eles... A fusão de duas almas concebidas para estar juntas. Para sempre. Não queria que aquele momento acabasse nunca.

Percorreu-a com o olhar, explorando minuciosamente seus seios, se detendo no monte de Vênus; um passeio sexy e sedutor.

O corpo de Devon se esticou automaticamente. Que aspecto teria Rachel com uma grande barriga? Se aquilo era certo, ambos poderiam vencer a enfermidade que pesava sobre os Kynn desde sua criação.

Não sabia a resposta a nenhuma daquelas perguntas, mas queria averiguar.

Devon a atraiu para si, a acariciou e lhe murmurou ao ouvido:

—Espero que tenha razão. —Se deleitando no contato com sua pele, agarrou-lhe um seio. Pesado, suave e feminino. Seu mamilo ficou ereto quando o acariciou com os dedos. «Feito para amamentar a um menino», pensou.

A antecipação deu a seu corpo renovadas forças. Queriam explodir de desejo. O sangue de sua cabeça se deslocou até seu membro. A firme convicção de Rachel provocava nele a necessidade de insistir na possibilidade.

Rachel esboçou uns sensuais biquinhos e procurou entre as coxas de Devon com a mão.

—Algo ocorreu em meu interior. —Rodeou sua longitude com a mão. Sua carícia queimava a pele de Devon—. E voltará a acontecer.

Seus olhares se encontraram, entre eles se estabeleceu uma silenciosa comunicação e suas mentes se uniram de novo.

—Deveríamos voltar a provar. —Ela o beijou com ternura.

Uma sacudida de necessidade voltou a incendiar o corpo de Devon.

—Não temos nada a perder...

Devon tombou sobre suas costas e pôs Rachel sobre ele. Assim poderia desfrutar da vista enquanto recebia prazer.

—Que vontade tinha de fazer isto...

Rachel sorriu enquanto abria as pernas e se colocava de joelhos sobre o quadril de Devon.



—É insaciável — riu quase sem fôlego enquanto com suas mãos guiava ao membro até sua úmida abertura—. Tampouco é que tenha nenhuma queixa...

Devon gemeu quando ela se sentou sobre seu membro ereto. A conexão entre as diferentes partes de seus corpos se produziu sem problemas.

—Se as tiver, amor, terá que falar com os altos comandos.

Com ao membro totalmente enterrado no interior de Rachel, sentiu como suas úmidas e doces profundidades o rodeavam como uma luva de veludo. Seus quadris se moviam ritmicamente sobre ele, lhe provocando ondas de prazer que percorriam seu corpo. Uma líquida fricção mantinha seu movimento em sincronia. As sensações se multiplicavam. Mais intensas. Mais excitantes.

Em poucos minutos, o prazer deixou de ferver para começar a arder.

Rachel se inclinou para frente. Deu-lhe de presente um encantador sorriso e deslizou as mãos por seus ombros e seu peito. Com suas cálidas mãos brincou e retorceu os pequenos mamilos. Logo retomou o fio do que estavam falando e disse:

—Acredita que estamos fazendo bem?

Devon sorriu desfrutando do prazer que lhes proporcionava a união de seus corpos. Nunca tinha se sentido tão incrivelmente feliz. Nem tão... — se atrevia a pensá-lo?— completo. Seu coração transbordava de uma felicidade que jamais pensou que podia conseguir um homem. A ideia de se converter em pai o assustava e o emocionava ao mesmo tempo.

Embriagado pela emoção procurou o ventre de Rachel com a mão e a posou sobre ele. Ao tocá-la notou algo parecido a uma corrente elétrica. Uma magia tão antiga como o próprio universo tomou o controle. Definitivamente, alguma coisa estava ocorrendo. O clímax reapareceu.

—Não sei — disse ele emitindo um esforçado gemido—. Mas o que está muito claro é que vamos tentar.

